

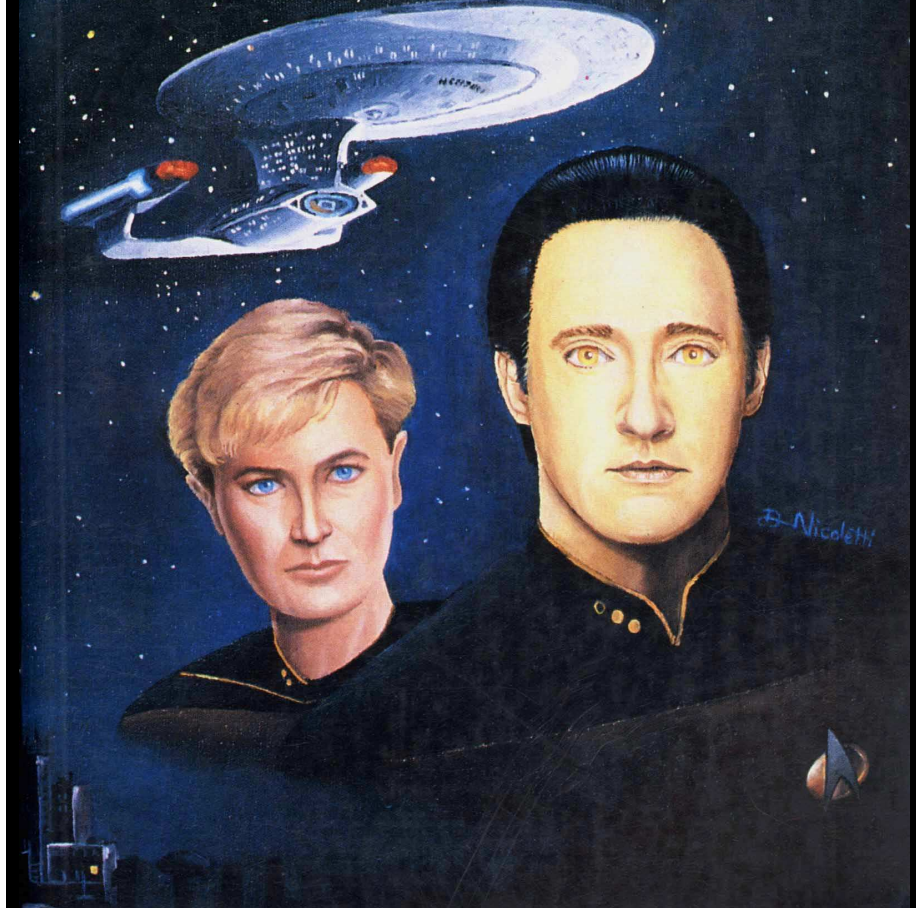
STAR TREK

JORNADA NAS ESTRELAS

A NOVA GERAÇÃO

SOBREVIVENTES

JEAN LORRAH





*Audaciosamente indo aonde
nenhum homem jamais esteve*

SOBREVIVENTES

Treva, uma colônia humana isolada do resto da Galáxia nos limites do espaço conhecido, está prestes a tornar-se um membro da Federação, mas uma surpreendente mensagem é recebida pela Enterprise: Treva está imersa numa violenta revolução e seu líder vem cometendo incontáveis atrocidades em nome da liberdade.

O Comandante Data e a Tenente Tasha são designados para investigar o caso, mas, quando chegam a Treva, deparam-se com um problema muito mais complexo do que uma simples rebelião.

O presidente de Treva quer mais do que conselhos da Federação para lutar contra os rebeldes: quer suas armas. E antes da batalha terminar, fará tudo para conseguir o que deseja, nem que tenha que passar sobre os cadáveres de Data e de Tasha, se necessário...

E mais:

Glossário Jornada nas Estrelas
Glossário Cultural

EDITORA ALEPH

Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3º andar - 05305-711 - São Paulo - 2(011) 843-3202

JEAN LORRAH SOBREVIVENTES

Tradução: Humberto Kawai

Título original: *Survivors*

Copyright © Paramount Pictures Corporation, 1989 Todos os direitos reservados



® STAR TREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation



Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York



Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à
Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Lda.

Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3º and. – Morumbi - CEP 05711 -São Paulo-SP

Tel.: (011)843-3202/ 843-0514

Diretor editorial: Pierluigi Piazzi

Diretora Pedagógica: Betty Fromer

Editor técnico: Renato da Silva Oliveira

Revisão Técnica: Christiano Nunes

Ilustração da capa: Alexandre Camargo

Ilustrações internas: Leonardo Bussadori e D. O. Nicoletti

Assessoria: S. Figueiredo, L. A. Navarro, C Nastasi e I. L. Heinz

Consultoria: Frota Estelar Brasileira



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro,SP,Brasil)

LORRAH, JEAN

SOBREVIVENTES / Jean Lorrah; tradução de Humberto Kawai

São Paulo; Aleph, 1994 - (Coleção Star Trek: v. 17)

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana L Título. IL Série
91-2908 CDD-813.5
813.0876

índices para catálogo sistemático:

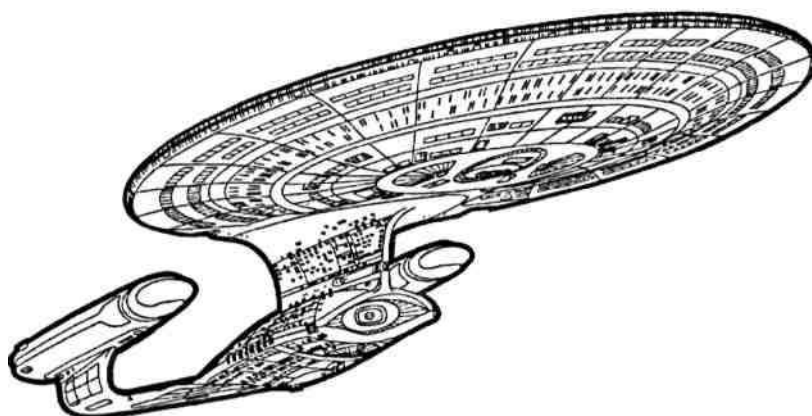
1. Ficção: Século 20 : Literatura norte-americana
813.5
2. Ficção Científica: literatura norte-americana
813.0876
3. Século 20: Ficção : Literatura norte-americana

Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado. Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral. Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance.

STAR TREK

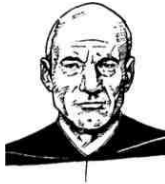
"O Espaço, a fronteira final.

Essas são as viagens da nave estelar Enterprise, prosseguindo em sua missão para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve."



U.S.S. Enterprise NCC-1701-D

A United Space Ship Enterprise, cruzador de exploração da classe Galaxy, é a quarta nave herdeira do número de matrícula, NCC-1 701, maior e mais rápida que suas predecessoras. Sua missão de trinta anos é expandir as fronteiras territoriais, científicas e culturais da Federação de Planetas. Construída nos estaleiros de Marte, seu casco é feito de uma liga especial de tritanium/duranium. Tem um comprimento de 642,5m, largura de 467m e altura de 137,5m. Sua velocidade máxima de cruzeiro é feita em dobra 9. A nave foi construída para que, em casos de emergência, o disco principal -- onde estão as famílias dos 800 tripulantes, cerca de 300 passageiros entre cônjuges e crianças - se separe da seção de batalha.



👤 Capitão **Jean-Luc PICARD**, é o comandante da nova Enterprise. Nasceu na França. Com vasta experiência em missões de exploração e pesquisa no espaço, tem uma extraordinária capacidade de comando. Possui uma lógica clara, muita perspicácia e ação decisiva. Tem um senso de justiça, honra e conduta bem definidos. É sagaz, decidido, romântico e diplomático, além de verdadeiro gentleman.



Comandante **William T. RIKER**, é o imediato da Enterprise. Sua maior responsabilidade é a defesa e proteção da vida do capitão. É de sua competência também, certificar-se que a nave se mantenha operacional e sua tripulação treinada. Lidera os grupos de exploração. Possui inteligência arguta e um senso de humor apurado que o auxilia no relacionamento com seus subordinados.



Tenente-comandante **DATA**, piloto da nave. Por ser um andróide não sente emoções e tem grandes dificuldades em entendê-las. Tem pele dourada, olhos amarelos e enorme força física. É muito literal e se confunde facilmente quando se usam figuras de linguagem. Registra em seu cérebro positrônico tudo o que aprende ou vê.



Conselheira **Deanna TROI**. Nasceu no planeta Betazed, mas é apenas meia betazóide - seu pai é um oficial terrestre da Frota. Possui a

capacidade de sentir as emoções da maioria dos seres vivos da Galáxia herdada de seus ancestrais betazóides. Usa suas e sua empatia para auxiliar o Capitão Picard a tomar decisões.



Tenente **Geordi LA FORGE**, é o navegador da Enterprise Mesmo cego de nascença, consegue "enxergar" graças ao *visor*, um aparelho que funciona como um órgão sensorial capaz de distinguir várias faixas do espectro eletromagnético - luz, infravermelho, ultravioleta, raios-x - além de ampliar as imagens como um microscópio.



O tenente **WORF**, é o oficial de armamentos. É o primeiro oficial klingon nos quadros da Frota. Quando criança, foi o único sobrevivente de um ataque dos romulanos ao planeta Khitomer. Adotado por um oficial da Frota viveu, desde então, entre os humanos. Procura sempre manter o autocontrole, apesar de sua natureza agressiva .



WESLEY Crusher, filho da doutora Crusher, um adolescente superdotado. Possui incrível facilidade para visualizar e projetar sistemas e circuitos eletrônicos. Tem paixão por física avançada, comandos computadorizados das d bras espaciais e tecnologia de raios tratores repulsores.



Doutora **Beverly CRUSHER**, é a médica-chefa. Nasceu na colônia Alveta III, onde apaixonou-se pela medicina após observar sua avó improvisar um tratamento à base de ervas para salvar seu planeta de uma epidemia. Seu marido foi morto numa missão comandada por Picard e, apesar de não culpá-lo, tem emoções conflitantes a esse respeito. Possui personalidade forte e vibrante.



Tenente **Natasha YAR**, é a chefe da segurança. Natural do planeta Nova Paris, onde humanos formaram uma colônia que degenerou em violência e selvageria. Nunca conheceu o pai e foi abandonada pela mãe aos cinco anos de idade, passando a viver nas ruas e aprendendo a defender-se sozinha. Venera a Frota Estelar, por tê-la salvo do caos de seu planeta e ter-lhe dado uma nova oportunidade de vida.

AGRADECIMENTOS DA EDITORA

Agradecemos a todas as pessoas que tornaram possível a publicação desta obra mantendo a máxima fidelidade à série. Especialmente à FROTA ESTELAR BRASILEIRA (Clube de fãs da série Star Trek - CP 14592 - CEP 03698-970 SP.) e também, a Cláudia Ronzi, Sérgio Figueiredo, Luis A. Navarro, Cristina Nastasi, Ivo L. Heinz, Paolo Pugno, Roosevelt Garcia, Silvio Alexandra pela assessoria, Júlio Sirota, Marlene Freitas, Georgia Robles, Michel Friedhofer, pelas revisões, Vivi Humphreys, Cláudia Freitas, Lília Oliveira, Salmy de Lacerda, Humberto Kawai, pelas traduções, Leonardo Bussadori, pelos desenhos dos personagens na apresentação e Christiano Nunes pela inestimável ajuda no trabalho de editoração.

O PLANETA CHAMAVA-SE NEW PARIS porque os emigrantes da Terra que fugiram para o espaço durante o Terror Pós-Atômico desejavam que seu novo mundo fosse um planeta iluminado. Pretendiam fundar uma sociedade na qual as pessoas fossem livres, saudáveis e alegres, onde a arte pudesse florescer, o amor se desenvolver e o ódio desaparecer.

Infelizmente, quando New Paris foi redescoberto pela Federação Unida dos Planetas, no século XXIV, parecia-se mais com a Paris descrita por Victor Hugo do que a de Toulouse-Lautrec. Gerações já haviam se passado desde que o sonho se desfizera. Na luta pela sobrevivência e pelo poder, o povo de New Paris veio a sofrer o mesmo trágico destino do qual seus ancestrais arriscaram a própria vida para fugir em frágeis naves sub-luz.

Numa cidade que já havia sido modelo de beleza e conforto, tanto na teoria quanto na prática, uma garota de quinze anos se aninhava entre os escombros da Guerra Final. Não havia mais guerras em New Paris que pudessem provocar destruição em tal escala. Os líderes das gangues dominavam por meio da força bruta, do número de seguidores, da habilidade na luta e do controle que exerciam sobre as reservas de aumento e droga.

Suja e maltrapilha, a garota aconchegava nos braços o único consolo que tinha em vida: um gato cor de mel com quem dividia a pouca comida que conseguia encontrar ou roubar. Ele, por sua vez, afugentava os ratos enquanto ela dormia. A garota sabia que o gato a acordaria se alguém ou alguma coisa se aproximasse dela durante o sono. Em certa ocasião, ele chegou mesmo a pular no pescoço de um sujeito que tentava matá-la para se apoderar da galinha assada que ela havia surrupiado. Isso lhe deu a chance de apanhar a faca e matar o homem, enquanto o gato o distraía. Não é preciso dizer que o gato recebeu uma porção generosa do jantar que a menina havia roubado.

Mas o gato, que nunca tivera nome, pois ela não conhecia o costume terreno de se adotar e nomear animais de estimação, não podia ajudá-la naquele momento. Ela fora descoberta por uma das gangues de estupradores e sabia muito bem que, desta vez, não desistiriam de persegui-la.

Eles já a tinham agarrado uma vez, quando mal tinha doze anos de idade. Aproveitaram-se e zombaram dela e por fim deixaram-na ir embora. Era muito jovem, magra e faminta.

— Pode ir, garota. Vê se cresce e ganha umas tetas! Daí vai valer a pena encher sua barriga faminta, porque sempre aparece um ou outro velho pervertido disposto a pagar muito dinheiro por um corpo jovem. Você vai

ganhar uma porção de roupas, coisas bonitas e muito pó-de-alegria para lhe deixar feliz.

Fora depois disso que a menina aprendera a lutar. Algumas gangues tinham garotas. Na verdade, algumas gangues eram formadas só por garotas e mulheres. Mas ela não havia nascido numa delas e as gangues não a queriam por ser muito magra, pequena, fraca e faminta. A única maneira de ser aceita em uma delas seria provando que tinha valor. Mas ela não valia nada, como os estupradores tinham deixado bem claro. Apesar de que, obviamente, não queria ter valor para eles! Sua única alternativa era tornar-se forte e hábil, para poder unir-se às guerreiras e nunca mais ter que se preocupar com as gangues de estupradores. Ela transformou o medo e o trauma em raiva e a raiva em determinação.

Mas determinação era uma coisa, obter treinamento outra. A garota não tinha contato com nenhuma das gangues. Fora abandonada pela mãe aos cinco anos e a velha que tivera pena da criança faminta não passava de uma pobre miserável que sobrevivera ao resto da própria quadrilha. Para a velha, a garota era alguém que podia lhe fazer pequenos furtos, aquecê-la nas noites frias e, principalmente, alguém com quem conversar. Ensinou a menina a bater carteiras, abrir fechaduras simples e a muito importante habilidade de se orientar no labirinto de ruínas.

Ensinou um pouco de leitura à menina, para que pudesse decifrar os poucos sinais ainda legíveis nos porões e túneis que haviam sobrado após o holocausto. Para a ralé de New Paris, que constituía a maioria da população, saber ler só servia para se evitar as zonas radioativas e orientar-se nos infundáveis quilômetros de corredores idênticos. Não havia livros naquele mundo. Todos os que restaram já haviam sido queimados como lenha. Ninguém jamais ouvira falar de jornais. Os ricos chefões da droga trocavam recados através de mensageiros ou aparelhos de comunicação. Nos poucos arranha-céus que permaneciam de pé, eles preservavam o que restara da tecnologia. Nenhum dos intercomunicadores de rua funcionava, não havia eletricidade, nem água encanada. Tais luxos eram privilégio de uns poucos poderosos.

Portanto, aos doze anos de idade, a garota não tinha nenhuma habilidade que justificasse o trabalho que uma quadrilha teria para alimentá-la e protegê-la. Por isso, decidiu aprender a se proteger por conta própria. Tinha uma arma, a faca da velha, que fora todo o seu legado.

— É mais do que minha própria mãe me deixou! - dissera a garota ao acordar, certa manhã, e encontrar a companheira morta. Não teve coragem de tirar-lhe as roupas, mas vasculhou seus bolsos. Com certeza, era o que a velha esperaria que a garota fizesse, pois já não poderia usar as duas moedas,

o pedaço de pão, os três alfinetes e a faca de múltiplas utilidades que usara em seus dias de quadrilha e cuja lâmina estava reduzida à metade do comprimento original.

Mas quando a garota foi agarrada pela quadrilha de estupradores, apenas dois dias depois da morte da velha, a faca não lhe foi de grande utilidade. Desatenta por causa da tristeza, não percebeu os movimentos no meio das sombras. A faca foi arrancada de sua mão por um homem que gargalhava e usada para forçá-la a render-se.

Cobriram-lhe a cabeça com um capuz, para que não pudesse ver, nem lutar, nem morder, nem saber o que lhe acontecia, quase a ponto de sufocá-la, enquanto se aproveitavam dela. Depois de tudo, o líder tirou-lhe o capuz e jogou a faca a seu lado, com desprezo, sabendo que a garota estaria muito fraca e assustada para tentar usá-la.

A experiência lhe ensinara uma coisa. Fora apanhada por ter se importado com uma mulher morta. Nunca mais se importaria com quem quer que fosse, jamais. Não procurou fazer amizade com os bandos de moleques que a chamavam de "escrava da velha bruxa". Como nunca seria capaz de vencer um homem, se fosse agarrada, decidiu aprender a arremessar a faca e matar à distância. Era algo que podia aprender sozinha e foi o que fez. Com algumas semanas de treinamento, não errava nenhum alvo fixo e estava melhorando a pontaria para acertar ratos, mesmo quando eles corriam para dentro das sombras.

Dois anos mais tarde, ao salvar o gato de um bando de garotos cruéis que queriam atear fogo à sua cauda, ela obteve um pequeno alívio de sua solidão. Não que se importasse realmente com o animal, mas ele lhe era útil. Tal como sua faca. Isso justificava ter que alimentar o gato, acariciá-lo e sentir-se um pouco reconfortada com seu ronronado ao acordar de um pesadelo.

O modo pelo qual os meninos fugiram correndo, mesmo podendo subjugar-lá só por superioridade numérica, fez com que se sentisse confiante. A cautela que desenvolvera depois de sua dolorosa experiência era-lhe útil ao arrombar fechaduras ou esgueirar-se para dentro do mercado à noite, a fim de apanhar os melhores alimentos, em vez de tentar furtar só o que estava ao alcance da mão durante o dia, como os outros moleques de rua.

As gangues de estupradores nunca mais a agarraram, apesar de a perseguirem sempre. Por duas vezes, depois de despistar a maioria do grupo, percebera que um único membro da quadrilha continuava a persegui-la. Ficando à espreita, matara em silêncio com a faca, jogando o corpo num dos poços sem fundo, que era apenas mais um dos perigos encontrados nas ruínas.

Cresceu e ficou mais forte. Foi, então, traída pelo próprio corpo, que

passou a apresentar curvas, apesar de continuar magro e longilíneo.

Decidiu que era chegado o momento. Falaria com uma das gangues femininas, mostrando-lhes sua habilidade com a faca. Diria que havia matado dois estupradores, oferecendo-se para demonstrar como o fizera, pois as gangues de estupradores eram, sem dúvida, o pior inimigo das gangues femininas.

Interessou-se pelas Gatas do Inferno, que controlavam quatro quarteirões das ruínas e tinham eletricidade no edifício-fortaleza em que moravam. Com certeza, como todos os edifícios das ruínas, a fortaleza devia ter ratos. Ela tinha intenção de oferecer os serviços do gato juntamente com os seus, pois nas ruínas infestadas de ratos, um gato era um item muito valioso. Provavelmente esse havia sido o motivo de os meninos ficarem tão apavorados ao ser apanhados torturando-o. Deviam ter imaginado que ela fizesse parte de uma quadrilha e que os puniria severamente. Ensaiou cuidadosamente sua fala. Diria que o gato era o mascote ideal para as Gatas do Inferno e que ela própria havia desenvolvido a habilidade furtiva dos felinos, podendo assim atacar e matar seus inimigos...

Deitada, com o gato contente a ronronar em seu ombro, ficou imaginando alegremente como seria a noite seguinte. Em vez daquele monte de trapos, poderia ter uma cama de verdade na fortaleza das Gatas do Inferno. Ficou imaginando se elas teriam comida quente todos os dias. Seu estômago roncou e o pensamento a deixou com água na boca.

Não, não devia pensar em comida. Havia pouco para se roubar nos últimos tempos. Mesmo no mercado não havia muito. Alguns itens eram tão escassos que ela nem se atrevia a tentar roubá-los, pois não sobraria o suficiente para arrumar a pilha de modo a esconder o furto.

Passou, então, a imaginar roupas quentes que substituiriam os trapos que mal cobriam seu corpo crescido. Era preciso amarrar a frente e as costas de sua roupa com cordões, mal conseguindo esconder as "tetas" que a tornavam valiosa para as gangues de estupradores.

Fora vista por alguns homens, naquele dia, que a olharam com lascívia, mas desvencilhara-se rapidamente, torcendo para que não fossem estupradores. Ao ver que não era seguida, imaginou não ser esse o caso. Mas, ser encarada daquela maneira a fez lembrar-se de quando fora agarrada...

Virou-se, derrubando o gato do ombro. Ele voltou silenciosamente, assim que ela se acomodou na nova posição, ronronando novamente. A garota acariciou-lhe a cabeça, sentindo-se reconfortada pelo calor do seu corpo, sua maciez e o modo com que se esfregava em sua mão, como se dissesse que cuidaria dela.

De repente, o gato eriçou o pelo e ergueu-se de um salto, sibilando e bufando.

Ela se sentou e viu uma pequena luz no corredor tortuoso à frente.

Contudo, não estava encurralada. Havia aprendido a nunca ficar sem uma via de escape.

Apanhou o gato e entrou correndo no túnel ao lado, onde ficou ajoelhada, tremendo. Tentou acalmar o gato, temendo que ele corresse na direção dos perseguidores e fosse morto. Ao certificar-se de que ele a acompanharia, colocou-o no chão na direção em que pretendia seguir e sussurrou:

— Vai, corre! Aqui não é seguro.

Voltou-se e deu uma última olhada no corredor em que vira as luzes. Ouviu homens chamando-a zombeteiramente...

As ruínas eram uma armadilha mortal durante a noite, mas não havia escolha. Teria que correr, arriscando-se a cair num dos poços sem fundo...

Uma mão a agarrou pelo ombro!

Voltou-se automaticamente, sentindo um frio na barriga ao reconhecer o líder da quadrilha de estupradores que chegara pelo outro lado...

O gato pulou em cima dele!

O homem gritou e os outros se aproximaram correndo, enquanto ela o esfaqueava no ombro.

Imediatamente, percebeu o erro. Devia ter passado por ele correndo. Poderia ter tido um chance nos túneis escuros.

A vingança lhe custara caro. Dois homens a seguraram por trás, enquanto o líder agarrava o gato com a mão musculosa, tomando-lhe a faca e estripando diante da garota o único ser vivo que havia se importado com ela.

Ela gritou, esperneou, mordeu, mas de nada adiantou. Novamente, um capuz foi-lhe colocado na cabeça e amarrado com força no pescoço. Suas mãos foram forçadas para trás e algemadas. Ouviu, então, o homem à sua frente dizer:

— Estivemos observando você, garota. Cresceu bastante e ficou bonita. Vai dar um bom preço, depois que nós próprios tivermos nos divertido bastante.

Ela foi erguida e jogada no ombro de alguém, enquanto o líder prosseguia dizendo:

— Vamos cair fora daqui. Preciso cuidar deste meu ferimento antes de brincar um pouco. E que ninguém pense que vai servir-se dela antes de mim!

Era inútil espernear. Sua única chance era fingir que havia desmaiado. Poupar forças. Mas não aceitou tudo sem luta. Em dado momento, os captores tiveram que colocá-la no chão, para descansar. Mesmo algemada e

encapuçada, pulou e correu, esfolando as canelas em alguma coisa e batendo a cabeça...

A dor não importava! Mesmo que caísse num poço sem fundo, seria melhor morrer do que ficar viciada em pó-de-alegria e suportar uma vida inteira de abuso forçado. Se usasse muito pó-de-alegria, não se importaria mais com nada. Nem com a vida, nem com a própria filha, como acontecera com sua mãe.

Apesar de saber intimamente que tudo era inútil, a garota usou a própria raiva para manter o medo sob controle.

Um pé foi colocado em seu caminho. Ela caiu de cara no chão, sem poder se proteger. Virou a cabeça de lado, mas ainda assim bateu com a maçã do rosto na rocha dura. Quando acordou, estava sendo meio carregada, meio arrastada, sentindo na pele o ar gelado da noite. O sujeito que a carregava estava xingando e suando, mas isso não a aquecia. Apesar de tentar evitar, acabou dominada pelo medo, passando a tremer incontrolavelmente.

— Vamos descansar aqui - ouviu o líder falar. - Que merda! Ainda estou sangrando!

A garota foi jogada no chão. Não viu o chute chegando e não pôde se proteger. Recebeu-o nas costelas. Gritou de dor e sentiu que o tremor piorava.

— Que foi, garota? Tá com frio? Ótimo! Me fez sofrer, agora *sofra*? Não devia ter chutado você. Não quero que fique com marcas que possam estragar seu valor. Mas não vi por que deixá-la confortável.

A garota sentiu que uma faca era passada em seu pescoço, porém sem lhe cortar a pele. Em vez disso, sentiu os cordões que prendiam a parte de cima de sua roupa serem cortados e os trapos lhe caírem do corpo. Sentiu, então, a faca ser passada na altura da cintura, cortando o resto das roupas. Estava sendo despida, do modo como se descasca uma laranja, enquanto os outros homens soltavam murmúrios de aprovação. A lembrança da dor e da humilhação anteriores não lhe saíam da mente. Não conseguiu manter a raiva e passou a tremer, cada vez mais violentamente.

— Que está acontecendo aqui? O que pensam que estão fazendo? - soou uma voz autoritária.

— Quem são vocês? - respondeu o líder da quadrilha. Apesar de dominada pelo medo e desespero, a garota percebeu, espantada, um certo temor na voz do líder.

— Meu Deus! - disse outra voz, feminina. - Eles a estão estuprando! Dare... faça-os parar!

— Ela é minha! - exclamou o líder da quadrilha. - Você já tem a sua!

— Libertem-na - disse a voz autoritária. - Ela então poderá nos dizer se é realmente sua ou não.

Era difícil compreender aquelas vozes estranhas. A garota nunca tinha ouvido alguém falar daquela maneira, apesar de falarem sua língua.

— Olhe! - disse um dos membros da quadrilha. - Eles têm uma mulher bonita, jóias e tecnologia! E são apenas três...

— Cala a boca! Tá querendo enfrentar a vingança dos chefões da droga?

— Joga eles no poço. Ninguém vai ficar sabendo. São só *três*, Hafe! Veja, cara, *é ouro* que estão usando!

Com a cabeça coberta, a garota não podia saber ao certo o que estava acontecendo. Imaginou que a cobiça acabara superando o medo e a quadrilha atacara os recém-chegados, com intenção de roubá-los e matá-los.

Aproveitando a oportunidade inesperada, procurou arrastar-se para longe do som da luta.

Ouviu, então, um estranho zunido de alta frequência, diferente de tudo que já tinha ouvido, e o baque de corpos caindo, seguido de gritos de medo e passos que corriam para longe...

Sentiu que mãos a tocavam. Contorceu-se e esperneou, aterrorizada.

— Ei, está tudo bem! - disse a voz feminina. - Não vamos machucá-la. Você está a salvo agora.

As mãos começaram a desamarrar o capuz e a garota ficou quieta, desesperada para se ver livre dele.

— Oh, meu Deus! É apenas uma garotinha! - disse a mulher. - Querida, você está a salvo - repetiu ela. - Não vamos deixar que a machuquem mais.

Havia luz, não de tochas, mas uma estranha e brilhante luz elétrica que encheu de lágrimas os olhos da garota ao fitar seus novos captores.

A mulher estava bem a seu lado, mas a menina olhou adiante dela, erguendo gradualmente os olhos, vendo as calças pretas que vestiam pernas compridas, a camisa amarelo-esverdeada sobre o peito e, por fim, a face de seu novo dono.

Para a garota aterrorizada, parecia uma face cruel, que a fitava com olhos tão frios e sombrios quanto o céu de inverno. Viu então as feições se abrandarem e se encherem de compaixão, que ela julgou ser falsa. Ele agachou-se a seu lado e disse:

— Pobrezinha! Margie, por que não lhe desamarra as mãos?

— Não estão amarradas - disse a mulher. - Estão algemadas.

— Você consegue falar? - perguntou o homem. - Compreende nossa língua?

— Eu... compreendo - disse a menina, hesitante. Quando seus olhos se acostumaram com a luz, pôde ver pelo menos quatro dos estupradores caídos ali perto. Obviamente, aquelas eram pessoas perigosas. Deviam ser chefões da droga.

— Muito bem - disse o homem, amavelmente. - Vamos tirar essas coisas de suas mãos e depois... Mas, você está com frio! - disse ele, quando uma nova onda de calafrios percorreu o corpo da menina. Ele olhou em volta, apanhou o que restava das roupas dela e largou-as rapidamente, limpando as mãos nas calças. Tocou então o broche dourado e brilhante em seu peito, fazendo-o emitir um chilreio que assustou a menina.

O homem sorriu para tranquilizá-la e passou a conversar com alguém que não estava ali presente.

— Aqui fala Adin. Preciso de um cortador de metal e um cobertor, nestas coordenadas... e depressa. Enviem também um médico, de preferência do sexo feminino. Temos uma garotinha que foi atacada.

— Sim, senhor - respondeu o broche.

— É um ...intercomunicador! - disse a menina. - Dentro dessa coisinha aí!

— Sim, é isso mesmo - disse o homem. - Vejo que conhece essa palavra.

— Sim, mas onde está o fio?

— Que fio?

— O fio que leva o som - explicou ela. Será que ele a considerava tão estúpida a ponto de não saber como os intercomunicadores funcionavam?

Ele deixou cair o queixo, como se tivesse subitamente descoberto algo.

— Então é *por isso* que não recebíamos resposta, em nenhuma frequência! Eles não dispõem de comunicação sem fio. - Olhou adiante da menina, para a mulher, com uma expressão inquiridora.

Ela ergueu o troço tecnológico que trazia no ombro e o apontou para a garota. Este emitiu um zunido e algo se acendeu nele.

— A leitura indica ser humana - disse ela - e o tradutor não foi ativado. É por isso que o que eles falam soa tão estranho aos nossos ouvidos. É nossa própria língua, um pouco modificada, fazendo-a parecer diferente para nós. - Olhou atentamente para as ruínas ao redor. - Obviamente, também já tiveram um nível bem mais alto de tecnologia. Dare, acho que encontramos uma colônia terrestre perdida.

— Graças a Deus - disse ele. - Isso quer dizer que podemos tirar essa pobre criança daqui.

— Dare, você não pode... - começou a mulher, mas foi interrompida por um som muito estranho. Um brilho tremeluzente surgiu a poucos passos daí.

A garota sentou-se, completamente assombrada, enquanto um cobertor e outra coisa tecnológica formaram-se a partir do nada.

O terceiro membro daquela estranhíssima quadrilha apanhou-os e trouxe-os até a mulher, que fez alguma coisa com a coisa tecnológica atrás das costas da menina. De repente, suas mãos estavam livres. A mulher, então, envolveu-a gentilmente com o cobertor, que era maravilhosamente macio, limpo e sem buracos. A garota apertou-o contra o corpo. O brilho reapareceu, formando desta vez uma outra mulher!

— Sou a doutora Munson - apresentou-se ela. - Não vamos machucá-la, criança. - Ergueu um pequeno instrumento prateado - Isso vai me dizer o quanto está ferida.

A garota recuou, pensando que a mulher iria espetá-la com o instrumento, mas ela apenas apontou-o em sua direção. Ele ia emitindo leves zunidos à medida que era apontado para diferentes partes do corpo da menina. A mulher, então, ergueu a cabeça e disse:

— Uma concussão leve, uma costela quebrada, contusões e abalo emocional são seus problemas atuais. Mas, fez bem em me chamar, Sr. Adin. Ela está desnutrida, precisa de cuidados odontológicos e tem parasitas tanto internos quanto externos. Observem que este último item implica que todos necessitaremos passar por descontaminação plena ao subirmos a bordo.

— Sem protestos, doutora - respondeu o homem que, para confusão da menina, foi chamado de "Sr. Adin" por esta mulher, enquanto a outra o chamava de "Dare". Talvez, imaginou a menina, um fosse o nome e o outro o seu título. Ele devia ser o líder da quadrilha.

Ele limpou de novo as mãos na roupa e perguntou:

— Posso fazer algumas perguntas à garota antes de você levá-la para a enfermaria?

— Levá-la para onde...? - a mulher arregalou os olhos, com um protesto na voz.

A outra mulher disse:

— A garota e os homens que a perseguiam falam uma variante de nossa própria língua. Trata-se de uma colônia terrestre, doutora.

A médica olhou em volta. Estava amanhecendo e os raios de sol começavam a iluminar a cidade em ruínas.

— Posso compreender por que seu primeiro impulso seja o de levar a menina para a nave, Sr. Adin, mas devemos pedir permissão ao capitão e aos pais da menina.

Silenciosamente, a menina absorveu os fatos. Aquilo significava que o Sr. Adin/Dare não era o líder da quadrilha. Ele prestava contas a outra

pessoa. Teve que interromper seu curso de pensamento quando a doutora voltou-se para ela e disse:

— Seu pais sabem onde você está, criança? Devem estar muito preocupados.

— Pais? - perguntou a menina.

— Mãe. Pai. Sua família.

— Não tenho família - respondeu a menina, mal-humorada. Na verdade, não sabia sequer se a mãe ainda estava viva, apesar de duvidar muito. Viciada em pó-de-alegria, provavelmente não devia ter sobrevivido mais de um ano após abandonar a filha.

— Quem cuida de você? - perguntou o Sr. Adin.

— Eu cuido de mim mesma!

Ele a observou, obviamente querendo lhe fazer outras perguntas. Porém, disse apenas:

— Meu nome é Darryl Adin. Meus amigos me chamam de Dare. Qual é seu nome?

— Tasha - respondeu a garota. Aquilo soava estranho. Ninguém havia pronunciado o seu nome desde a morte da velha.

— Tasha - disse Darryl Adin. - Um bonito nome para uma garota bonita.

— Não quero ser bonita! - disse a menina com raiva. - Isso atrai as gangues de estupradores!

— gangues de estupradores! - exclamou a médica. - Que espécie de lugar é este?

— Não é exatamente o melhor lugar para se passar as férias - respondeu Darryl Adin. Então, voltando a conversar com a menina:

— Tasha, você tem outro nome?

Tasha pensou rapidamente. Aquela era uma quadrilha muito poderosa, que possuía mais coisas tecnológicas do que ela já tinha visto em toda a vida. E aquele homem, que certamente era muito importante dentro da quadrilha, mesmo não sendo o líder, queria levá-la embora. Ela sabia o que aquilo queria dizer. Soube assim que ele disse que a achava bonita.

Como escapar, se eles tinham armas que podiam derrubar uma quadrilha inteira de estupradores, sem que nenhum deles sequer ficasse ferido? Tasha estava exausta e com frio, mesmo com o cobertor. Não podia lutar com eles. Portanto, o melhor a fazer seria cooperar. Por algum tempo.

Havia mulheres naquela quadrilha e elas pareciam ser tratadas com respeito. Talvez pudesse conquistar o mesmo respeito.

A doutora havia mencionado que os ferimentos de Tasha seriam tratados. E Darryl Adin lhe havia dito para levar a garota a um lugar chamado

enfermaria. Ele talvez não a quisesse com um olho roxo e uma costela quebrada. Lembrou-se do que o líder da quadrilha de estupradores havia dito sobre não deixar marcas. Os chefões da droga eram exigentes quanto às mulheres.

Isso fez com que Tasha tomasse uma decisão. Estava fraca, cansada e ferida. Levaria alguns dias para sarar e, nesse tempo, talvez fosse alimentada e recebesse roupas novas. Eles tinham tudo em fartura. Ela iria aceitar tudo o que lhe oferecessem e recuperar as forças... depois, assim que melhorasse e Darryl Adin estivesse esperando que fosse levada para a cama dele, fugiria.

Talvez fosse impossível fugir. Talvez fosse apanhada e forçada a se submeter, sendo morta caso se recusasse.

Mas com certeza seria morta naquele mesmo instante se não cooperasse, pois estava completamente sem forças. Seria melhor cooperar, procurar se adaptar, ser amável com a doutora Munson enquanto estivesse naquele lugar chamado enfermaria. Talvez pudesse aprender como as mulheres tornavam-se membros da quadrilha, em vez de virarem objeto de prazer dos homens. As duas mulheres vestiam-se como os homens, diferindo apenas na cor da camisa. Isso, com certeza, indicava que eram membros efetivos da quadrilha. Pelo modo como a doutora Munson respondeu a Darryl Adin, certamente *ela* devia ser!

Darryl Adin lhe perguntara se tinha outro nome. Ele tinha dois nomes. A doutora Munson tinha dois nomes. Provavelmente os outros membros da quadrilha também tinham dois nomes. Ela não se lembrava do nome da mãe... e mesmo que se lembrasse não queria ser conhecida pelo nome dela. Assim, apropriou-se de mais um legado daquela velha que havia acolhido uma garota assustada de cinco anos e dividido com ela o pouco que possuía.

— Yar - respondeu com firmeza. - Meu nome é Tasha Yar!

Dois

A tenente da Frota Estelar Tasha Yar, chefe da segurança da U.S.S. *Enterprise*, sentiu grande alívio ao deixar o planeta Minos e ser teleportada para a nave. Chegara a temer ser destruída, juntamente com todas as pessoas sob sua responsabilidade, ao ser implacavelmente perseguida por uma arma fora de controle. Porém, mais uma vez, a cooperação mútua de uma equipe de exploração da *Enterprise* havia salvado a todos.

Contudo, depois de gravar seu relatório e ser liberada, Yar continuou se sentindo tensa e incapaz de relaxar.

Tentou ouvir uma fita-livro e música suave, esperando que isso a fizesse dormir...

A campainha da porta soou.

— Entre - chamou Yar. Não se surpreendeu ao ver sua amiga, a conselheira Deanna Troi.

— Você está preocupada, Tasha - disse Troi sem preâmbulos.

— Está aqui como amiga ou como conselheira? - perguntou Tasha, desconfiada.

— Ambas - respondeu Troi com seu sereno sorriso. - Ou nenhuma delas, se quiser que eu vá embora.

— Não, não. Se já estou até irradiando emoções a distância, então acho que preciso de ajuda - admitiu Yar.

— E você detesta pedir ajuda - respondeu gentilmente a amiga. - Por que não conversamos apenas? Você provavelmente não necessita de minhas habilidades profissionais.

Yar estudou a bela amiga. Também à paisana, Troi vestia uma túnica em tons pastéis de azul, verde e violeta, e trazia os cabelos soltos numa profusão de cachos. Isso a fazia parecer mais jovem do que quando prendia o cabelo em seu penteado austero de costume, e a túnica solta escondia seu corpo voluptuoso, que o uniforme justo deixava tão visível.

Yar percebeu que Troi também notara o que ela estava vestindo: um pijama liso azul e um pequeno e simples casaco azul escuro.

Oh, droga.

Vendo o sorriso de Troi, Yar disse:

— Não precisa fazer essa cara de convencida. Sim, já vi o que estou fazendo. Estou escondendo minha feminilidade, de novo. E você não acha isso normal, já que tenho que usar um uniforme unissex o tempo todo em que estou de serviço.

— Tasha, o termo "normal" não significa nada, como sabe muito bem.

Usar pijamas comuns não é motivo de preocupação. Mas, não conseguir dormir, isso sim, especialmente depois do dia que teve.

— Acho que me cansei demais.

— Talvez. Ou talvez o fato de ter se sentido indefesa lá no planeta tenha despertado suas piores lembranças. Aquelas que você tenta esconder, até de si mesma.

O que estava acontecendo? Estaria com medo de dormir e ter novamente aqueles velhos pesadelos com as gangues de estupradores? Ela os tivera uma vez naquela missão, quando quase fora obrigada a assistir a execução de Wesley Crusher, que tinha a mesma idade na qual Yar fora resgatada pela Frota Estelar.

— Sei que odeio perder o controle da situação - disse para Deanna. - O capitão e a doutora Crusher estavam em perigo, e não conseguíamos *nem sequer encontrá-los*. - Percebeu a tensão na voz e não conseguiu evitá-la. - E aquela... arma continuava aparecendo, cada vez mais poderosa e veloz. Eu não conseguia detê-la.

— Você fala como se a responsabilidade fosse só sua, Tasha. Will Riker estava no comando da equipe de exploração. E Data...

— A segurança é *minha* responsabilidade! Eu estava lá para protegê-los, não o contrário. Se nem posso confiar em mim...

Troi simplesmente ficou em silêncio.

Yar ergueu-se e andou de um lado para o outro.

— Aqui vamos nós de novo. Não posso confiar em ninguém a não ser em mim. - Sacudiu a cabeça. - Mas é o que faço todos os dias. Eu delego responsabilidades. Confio minhas costas a outros membros da equipe de exploração, enquanto protejo as deles.

— Sim, é o que você faz. Por força do hábito e do treinamento. Mas será que, intimamente, você não tem medo de que um deles a deixe na mão?

— Eles são apenas humanos. Exceto Data, é claro.

— Interessante você mencionar Data - disse Troi, convidativamente.

— Esqueça! - disse Yar bruscamente. - Esse é um assunto particular que não quero discutir nem mesmo com você. Não tem nada a ver com meus problemas atuais.

— Tem certeza? - perguntou Troi.

— Absoluta.

— Mesmo que Data seja tudo que você gostaria de ser?

— O quê? - perguntou Yar, totalmente perplexa. Pensava que Troi estivesse se referindo à ocasião em que Tasha havia seduzido o andróide. Mas, como aquilo havia acontecido na privacidade de seu próprio quarto e

como Data havia escrupulosamente obedecido a ordem de que aquilo "nunca aconteceu", não havia absolutamente nenhum registro desse incidente. Nem mesmo a conselheira da nave tinha conhecimento disso. *Oh, droga. Acabei de dizer a ela, com minha reação, que existe algo não resolvido entre Data e eu,*

Mas Troi seguia um curso de pensamento completamente diferente.

— Tasha, você conseguiu recuperar-se incrivelmente bem de seus traumas de infância. Não é de se estranhar que tenha dificuldade em confiar nas outras pessoas e espere demais de si mesma. Você tem inveja da força, rapidez e conhecimento de Data?

— Todo mundo tem, não é mesmo? - perguntou Yar. - Se ele não fosse pre gramado para ser humilde, seria realmente um pé no...

— Ele não foi programado para ser humilde, Tasha - disse Troi. - Data tem inveja de *nós*.

— Isso é ridículo. Ele tem tudo que os humanos têm, e mais. Do que ele poderia ter inveja?

— Não estou traindo uma confidencia, já que ele o declarou abertamente. Você já o ouviu dizer: ele gostaria de ser humano.

Yar franziu a testa. Nunca havia prestado muita atenção naquela particular esquisitice de seu colega andróide.

— Data costuma se *aconselhar* com você?

— Ele faz parte da tripulação. Tem o mesmo direito.

— Mas ele é uma *máquina* - protestou Yar. - Não pode realmente ter... sentimentos, não é?

— Ele pode e os tem. Consulte os registros de seu exame de admissão na Academia da Frota Estelar. Não havia dúvidas quanto à sua inteligência, evidentemente, nem à sua força física. Mas, um dos requisitos de admissão é que o indivíduo seja um ser senciente. Não apenas sapiente, mas sensciente, Tasha. Consciente de si mesmo. Isso implica na existência de sentimentos. Computadores e robôs não são aceitos na Academia da Frota Estelar. Data foi aceito.

Será que ela está percebendo meu sentimento de culpa? perguntou-se Yar. *Isso quer dizer que o magoei, ou pelo menos deixei-o confuso. E já faz tanto tempo. Como posso me desculpar?*

Os enormes olhos escuros de Troi estudaram Yar.

— Acho que você vai dormir sem problemas esta noite.

— Você acha? - perguntou Yar, espantada. - Por quê? Acabei de encontrar outro problema.

— Sim, mas ele se refere a outra pessoa, não a si mesma. E você sabe

cuidar muito bem dos outros, Tasha. Seus problemas aparecem quando exige demais de si mesma. Vou lhe dizer boa-noite, agora. Só mais uma coisa.

— Sim?

— Converse com Data. - Antes que Yar pudesse protestar contra a aparente invasão de privacidade, Troi prosseguiu: - Seria bom para ambos. Tasha, você quer ser uma mulher de aço, capaz de vencer todos os inimigos com armas ou com as próprias mãos, e ter todos os dados importantes à sua disposição. Data tem a força física e o conhecimento amplo que você inveja. Mas ele abriria mão de tudo isso se pudesse tornar-se humano. Converse com ele. Acho que poderão aprender muito um com o outro.

— É uma prescrição médica, conselheira?

— Uma sugestão, minha amiga.

Depois que Troi saiu, Yar descobriu, pela manhã, quando o despertador soou, que havia realmente dormido bem, sem pesadelos.

O tenente-comandante Data estava em seu posto habitual na ponte quando a mensagem de Treva foi recebida. Imediatamente, consultou todas as informações disponíveis sobre o planeta: Classe M, cultura humanóide de origem indeterminada, nível tecnológico comparável ao período pré-atômico da Terra na primeira metade do século vinte, sem viagens espaciais. O planeta já realizava comércio espacial com culturas não pertencentes à Federação, antes de estabelecer contato conosco. Um pedido preliminar de filiação à Federação fora apresentado ao Conselho havia cerca de quinze anos-padrão. O relatório de uma equipe de pesquisa da Frota Estelar aprovou a realização de uma investigação ampla, que poderia resultar na aprovação da filiação com direito à cidadania. Mas Treva nunca formalizara o pedido de investigação e, sendo assim, o potencial do planeta como possível membro da Federação permanecia desconhecido.

Para certo desapontamento de Data, o capitão Jean-Luc Picard não lhe pediu informações sobre Treva. A frustração era um sentimento humano que o andróide conhecia muito bem: tendo sido desenhado para funcionar como um sistema perfeito de processamento de dados, vez após outra era-lhe negada a oportunidade de demonstrar inteiramente essa capacidade.

Em vez disso, o capitão pediu que a mensagem fosse passada na tela principal. Ela mostrava uma mulher, que se identificou como Nalavia, presidente de Treva. Através de uma rápida verificação de dados nos arquivos, Data confirmou a identificação, entre uma palavra e outra de Nalavia.

Não teve dificuldade em registrar o que ela dizia, ao mesmo tempo em que estudava sua imagem, com o intuito de perguntar ao comandante Will Riker, mais tarde, se ele a considerava bonita. Para Data, todos os humanos,

todos os seres vivos, eram bonitos, cada um à sua maneira. Somente começara a ficar intrigado com os padrões de beleza, depois de descobrir que as paisagens marinhas, um pôr-do-sol ou um céu estrelado eram quase universalmente considerados bonitos, mas havia uma grande gama de opiniões diferentes quanto à beleza dos seres sapientes. Percebendo ser inútil comparar as preferências estéticas dos humanos, vulcanos, klingons ou andorianos, ele estava, no momento, procurando compreender a beleza da figura humana, à imagem da qual havia sido criado.

Data não reconhecia nada em Nalavia que a impedisse de ser considerada bonita pelos humanos. A altura era impossível de se julgar numa imagem na tela, mas podia ver que não era nem magra nem gorda e seu corpo era bem proporcionado, dentro dos parâmetros considerados atraentes. Não tinha cicatrizes, nem estrabismo, nem rugas que pudessem diminuir sua aceitação, nem parecia ter passado da idade depois da qual, por razões além de sua compreensão, os homens humanos determinaram que as mulheres deviam ser respeitadas por seu intelecto em vez de admiradas fisicamente.

Pelos critérios que conhecia, Data diria que Nalavia era bela. Mas sabendo que os humanos notavam coisas que escapavam à sua percepção, contradiziam-se uns aos outros e até a si mesmos tão freqüentemente, ainda não fora capaz de identificar os fatores que inquestionavelmente determinavam a beleza de uma mulher.

A mulher que estava na tela tinha cabelos negros e pele clara. Sua característica mais marcante eram os grandes olhos de uma estranha coloração verde, mas Data não tinha certeza se aquilo não seria apenas efeito da transmissão. Já vira olhos humanos verdes antes e não conseguia dizer o que fazia aquele tom de verde parecer tão... pouco natural.

Decidiu consultar Riker mais tarde. Concentrou-se no que ela dizia.

— O planeta Treva está passando por graves dificuldades políticas. O governo democrático legitimamente eleito está sendo ameaçado por suseranos auto-nomeados, que procuram destruir o governo do povo e reinstaurar o antigo domínio pela força. Eles já assassinaram três membros do Conselho Legislativo e ameaçam a todos nós.

— Como presidente de Treva, peço ajuda militar à Federação Unida dos Planetas. O Conselho Legislativo deseja fazer parte da Federação, mas nossos esforços têm sido barrados por tais ataques. Em nome do governo legalmente eleito de Treva, solicito que nos enviem uma nave estelar para derrubar a insurreição dos suseranos, a fim de que o planeta possa ocupar seu lugar na Federação.

— Fim da mensagem - reportou Data. O capitão Picard disse:

— É óbvio que os habitantes de Treva não estão familiarizados com o

modo de agir da Federação. Tenente Yar, envie mensagem à Presidente Nalavia, acusando recebimento de seu pedido e informando-a de que o mesmo será encaminhado ao Comando da Frota Estelar e ao Conselho da Federação. E cuide para que isso seja feito.

— Sim, capitão - respondeu a chefe da segurança com a eficiência costumeira. Data leu as mensagens enviadas com a periferia de sua atenção, como fazia com todas os dados gerados na ponte da *Enterprise*. Seu interesse, entretanto, estava voltado à resposta do capitão.

Data voltou-se de modo a poder ver seu oficial comandante, que, como de hábito, havia se erguido do assento de comando para ver a mensagem da tela. Era uma das idiossincrasias humanas que Data percebia sem compreender. Não havia nada de errado com a visão nem com a audição do capitão. E aproximar-se da tela não o faria parecer mais imponente diante de uma mensagem gravada. Nalavia, na verdade, nem sequer o veria. Ela receberia uma mensagem na voz de Tasha Yar.

Mas o andróide não estava ponderando o hábito do capitão, naquele instante, apenas antecipara que isso faria com que Picard se postasse às suas costas, de modo que pôde perguntar:

— A Federação enviará ajuda a Treva?

— Você enviaria, comandante? - respondeu Picard. O uso do título em lugar do nome indicava que o capitão considerava aquela uma experiência didática. A súbita mudança de oficial comandante para professor poderia ter como alvo qualquer dos membros da ponte, desde William Riker a Wesley Crusher. Data não se importava com aquilo, apesar de saber que alguns ficavam incomodados, às vezes.

Em menos tempo do que levaria para inclinar a cabeça, chegou à conclusão:

— Não há dados suficientes para se tomar uma decisão.

— E com os dados disponíveis, o que acha que vai acontecer? - prosseguiu o capitão.

— Um pedido de socorro não pode ser ignorado. O Conselho desejará obter mais informações e a Frota Estelar enviará alguém para investigar. Como a *Enterprise* é a nave estelar mais próxima de Treva, devemos estar preparados para ser desviados de nossa designação atual.

— Contudo - acrescentou, - nossa presente tarefa é entregar um carregamento de trigo drogheniano a Brentis VI. O trigo drogheniano é resistente à ferrugem fulgiana que vem destruindo suas plantações, já por dois anos consecutivos, mas deve ser semeado nos próximos 17,3 dias. Nossa chegada está programada para daqui a 5,2 dias. O desvio para Treva

reduzirá perigosamente o tempo que teremos após nossa chegada para semeá-lo. A *Enterprise* não poderá ser desviada até termos descarregado nossa carga em Brentis VI.

— Correto - disse Picard, satisfeito. - Contudo...

— ... se o que a Presidente Nalavia diz é verdade - continuou Data, - esses "suseranos" estão assassinando pessoas inocentes. Os registros da Frota Estelar não nos fornecem qualquer informação sobre a polícia ou as forças armadas de Treva. Não sabemos se serão capazes de conter a revolta sem a ajuda da Federação.

Picard deu as costas a Data.

— Tenente Worf, o que a Frota Estelar faria?

— Despacharia um batedor para investigar, senhor - respondeu o oficial klingon. - Comandante Data, existe alguma nave de reconhecimento mais próxima de Treva do que a *Enterprise*?

— Negativo - respondeu Data.

— Então, - prosseguiu Worf, - prevejo que a Frota Estelar ordenará que a *Enterprise* envie uma equipe para investigar a situação em Treva e determinar se a situação realmente constitui uma emergência.

A tenente Yar olhou para Worf com um sorriso de congratulações, dizendo em seguida:

— Mensagem da Frota Estelar, capitão. Devemos enviar uma nave auxiliar para investigar os acontecimentos em Treva e informar a Frota Estelar se a situação exige uma intervenção.

— Diga-lhes que isso será feito imediatamente - disse o capitão. Mas não havia terminado a lição. - Alferes provisório Crusher.

— Quer que eu vá, senhor?

— Não, alferes. - Data percebeu que Picard estava novamente tentando controlar sua irritação com a presença do menino na ponte. - Quero que me diga de que modo a Primeira Diretriz se aplica a esta situação.

Wesley corou. Ele havia "pisado na bola", como os humanos estranhamente costumavam dizer.

— Ahn, não sei, capitão. Qual é a situação de Treva, no momento? - olhou desesperadamente para Data, mas não fez uma pergunta direta, como Worf fizera.

Quando o silêncio parecia prolongar-se interminavelmente, Data respondeu voluntariamente:

— Treva se candidatou a membro da Federação, mas somente uma pesquisa preliminar foi realizada.

— Mmm, se o relatório não tiver sido negativo - Wesley procurou a

resposta -então, a pedido do governo legalmente eleito, poderemos oferecer o devido auxílio.

— Muito bem - disse o capitão. - Da próxima vez, alferes, não hesite em pedir informações ao comandante Data ou ao computador. O computador nunca se oferecerá para responder voluntariamente e tampouco deve esperar que seus companheiros de tripulação o façam. Se estivéssemos no meio de uma crise, sua demora poderia ter sido crucial.

— Sim, senhor - disse o menino, apanhado entre o prazer de ter dado a resposta correta e o constrangimento de não ter feito as coisas da maneira certa.

Enquanto isso, o capitão dizia:

— Comandante Data, tenente Yar, sigam para Treva na nave auxiliar 11. A mensagem de Nalavia é digna de nota especialmente pela *ausência* de informações úteis. Descubram o que realmente está acontecendo lá.

Tasha Yar pensou: passaria vários dias sozinha com Data, confinada numa pequena nave auxiliar. Isso lhe daria oportunidade de conversar com ele, como Deanna Troi havia sugerido. Ela havia inadvertidamente deixado passar muito tempo. Se lhe causara sofrimento, as atitudes de Data demonstravam que tudo já fora superado. Na verdade, a total ausência de reação, mesmo logo após o acontecido, a fez imaginar se sua ordem de que "nunca aconteceu" poderia ter realmente apagado o incidente de seus bancos de memória.

Essa possibilidade era pior do que a idéia de tê-lo feito sofrer. Além disso, Yar não sabia se sua curiosidade seria apreciada, uma vez que Lore havia sido encontrado e Data descobrira não ser o único, tendo sido, na verdade, deliberadamente criado menos humano que seu protótipo.

Além disso, o destino e as ordens do capitão Picard os havia colocado juntos, sem nada mais para fazer além de olhar para as estrelas, depois que a *Enterprise* desaparecesse de vista. Não podendo acelerar além da dobra um, o deslocamento da nave auxiliar não era perceptível de minuto a minuto, a menos que estivessem dentro de um sistema estelar. Yar olhou para o painel de controle.

— Atingiremos impulso total em sete minutos - disse Data, sem erguer a cabeça.

— Você acrescentou a telepatia às suas habilidades? - perguntou Yar. Isso o fez arregalar os olhos dourados, espantado.

— Era... lógico supor que você quisesse tal informação, tenente - respondeu ele. - Naturalmente, poderia deduzi-la por si mesma a partir dos dados na tela do painel.

— Mas não tão rapidamente - disse ela. - Ultimamente, você está com a mania de oferecer informações espontaneamente, Data.

— Sim. Preciso aprender quando isso é apropriado ou não. Não devia tê-lo feito no caso de Wesley, na ponte.

— Ele lhe pediu que fizesse.

— Não diretamente. Percebi que aquela era uma oportunidade didática. Deveria ter esperado, dando-lhe a chance de agir do modo apropriado a um oficial em treinamento da Frota Estelar.

— Por outro lado, - assegurou-lhe Yar - eu já aprendi essa lição há muitos anos. Além disso, aqui nesta ponte, é você que está no comando.

Data deu um discreto e agradável sorriso.

— Você foi um dos oficiais que nunca se opôs ao meu posto.

— Por que deveria? Você o conquistou merecidamente ou não o teria recebido. A Frota Estelar não concede promoções gratuitamente.

— Existem muitos que não pensam assim, no meu caso - respondeu o andróide. Quando ela franziu a testa inquisitivamente, ele acrescentou: - Está nos registros. A questão de minha promoção além do posto de tenente foi realmente discutida numa reunião do Conselho da Frota. E a decisão não foi unânime. Existem aqueles que acham que um andróide não deveria ocupar um posto no qual freqüentemente seria responsável por uma nave estelar, podendo vir a comandar uma, algum dia.

— É o que espera fazer, algum dia? - perguntou Yar, fascinada pelo curso que tomava a conversa.

— Não - respondeu Data. - Esse é o sonho do comandante Riker, não o meu. Não fui programado para comandar humanos. - Ele reclinou-se na cadeira, com o discreto movimento característico da cabeça que, paradoxalmente, indicava que estava tão confuso quanto qualquer humano. - Não posso compreender o desejo pelo poder, Tasha. Por toda a minha vida, desde que acordei pela primeira vez, pensei que um andróide não pudesse sentir tal ambição. Achava que tínhamos sido programados para servir, não para comandar. Então... encontramos Lore.

— Lore foi um erro - disse Yar. - Você foi projetado para ser melhor que ele, Data.

— Talvez. Mas, e se meus erros de programação forem apenas menos óbvios no momento?

— Então você será apenas igual a todos nós - disse "Yar - Alguém que procura vencer as fraquezas e tornar-se melhor. - Vendo seu olhar surpreso, ela riu. -Sei que quer tornar-se humano, Data...

— Não - disse ele.

— Não? Mas pensei que tivesse dito...?

— O comandante Riker expressou-se dessa maneira e, na época, não achei apropriado corrigi-lo. Eu gostaria de ser humano - corrigiu Data. - Querer o impossível já inclui em si mesmo a própria derrota e só pode causar frustração. Desejar um objetivo inatingível, contudo, pode ajudar a pessoa a atingir outras metas que nem havia concebido.

Yar assentiu com a cabeça.

— Gostei dessa. Vou me lembrar disso, Data, porque o que você disse é algo que aprendi por experiência própria e não tinha conseguido exprimir em palavras. Por várias vezes pus em dúvida meu próprio objetivo de me tornar... uma oficial perfeita da Frota Estelar. Perfeição. Nunca tomar uma decisão errada, nunca quebrar minha palavra. Não existe ninguém assim, mas por algum tempo pensei que fosse possível.

Data novamente exibiu seu sorriso, porém dessa vez com ironia.

— Ninguém... é perfeito?

— Não, nem mesmo você - ela riu. Mas Data não riu. O humor leve, especialmente o irônico e até mesmo o extravagante faziam parte do âmbito de emoções de um andróide. Mas o humor indefinível que fazia as pessoas gargalharem ainda estava além de sua compreensão. Yar, porém, não tinha dúvidas de que a experiência um dia daria a Data o dom de rir... e então ele seria tão humano quanto qualquer pessoa que ela conhecia.

Data apreciava a companhia de Tasha Yar. Por muito tempo, desde aquele evento que "nunca aconteceu", ele se perguntava se ela estaria deliberadamente evitando sua presença. Ele compreendia que os humanos às vezes experimentavam um sentimento desagradável chamado "constrangimento" relacionado à atividade sexual, mas essa era outra emoção que ele apenas podia observar sem participar ou compreender.

Entretanto, Tasha parecia estar à vontade com ele, naquele lugar, por isso concluiu que sua falta de interesse em conversar devia-se unicamente ao fato de terem deveres diferentes que os mantinham afastados um do outro, exceto na ponte e em algumas missões atarefadas.

Passado algum tempo, Tasha ficou com fome e consultou um menu das opções disponíveis a bordo no painel da nave auxiliar.

— Que é isso? Vinho de Aldebaran? Pudim Quetzi? Mariscos?

Data ficou preocupado ao perceber raiva em sua voz. Ele voltou-se para ela e explicou.

— Todos os programas padrão estão incluídos. Simplesmente acrescentei estes itens por saber que eram pratos que você gostava.

Ela ficou olhando para ele, por um instante, lutando entre a raiva e o espanto, cuidadosamente controlada. Então, subitamente, o humor prevaleceu e ela riu.

— Claro, Data. Você não poderia saber a conotação desse tipo de alimentos.

— Conotação? - perguntou ele inocentemente. Tasha corou, mas continuou.

— Você instalou no programa os itens que eu tinha em meu alojamento quando... o convidei para entrar. Você não tinha como saber que eles têm a reputação de ser... afrodisíacos.

Se Data pudesse corar ele o teria feito.

— S.. sin to muito - gaguejou ele.

— Está tudo bem - disse Tasha. - Você gosta de alguma dessas coisas?

— Não sei. Nunca experimentei... - Data se calou novamente, sem jeito. Percebeu subitamente que estava constrangido. Talvez mais tarde pudesse sentir prazer por ter compreendido mais essa característica humana. Mas, naquele momento, não contava com nenhum programa que o fizesse lidar apropriadamente com aquela sensação, que era realmente desagradável. Tudo o que conseguiu fazer foi imitar o que ouvira William Riker dizer, mais para si mesmo do que para a mulher que estava a seu lado, numa ocasião semelhante.

— Que merda.

Tasha arregalou os olhos, por um instante, então caiu na gargalhada. Rapidamente ela se forçou a ficar sóbria e o consolou.

— Está tudo bem. Foi culpa minha. - Ela suspirou fundo. - O que posso programar para você?

— Qualquer combinação de proteínas, carboidratos e eletrólitos apropriada aos humanos pode ser utilizada pelos meus fluidos nutritivos.

— Mas você não tem nenhuma preferência? - insistiu Tasha.

— Um sanduíche de galinha, uma maçã e um copo de leite - respondeu ele, voltando à velha combinação que aprendera a pedir havia muitos anos, na Academia da Frota Estelar, para não chamar a atenção dos colegas.

— Mmm-hmm - disse Tasha. - Camuflagem padrão da Frota Estelar.

— O quê?

— Quando alguém é tão estranho como você ou eu, precisa fazer todo o possível para não chamar a atenção - respondeu ela.

— Agora é você que está usando telepatia - observou ele. - Mas, - acrescentou — você não é estranha, Tasha.

— Eu era, naquela época - explicou ela. - Quando entrei na Academia da

Frota Estelar, tinha dezoito anos de vida, mas apenas três de civilização. Nem isso. Era um varapau magricela. Ensaquei uma educação inteira naqueles três anos, sem ter tempo para atividades sociais.

Data piscou os olhos.

— Por quê? - perguntou ele. - Quero dizer, conheço seus registros. Você foi resgatada de New Paris quando tinha quinze anos... mas por que achava que tinha que aprender tudo tão rápido?

— A Frota Estelar - respondeu ela - era tudo o que eu queria, Data. Certamente você conhece o sentimento. Você também foi resgatado pela Frota Estelar. Deve ter querido fazer parte dela tanto quanto eu.

— A Frota Estelar é o único local onde sinto poder usar todo o meu potencial — disse ele.

— Sim - concordou Tasha com a cabeça, mas Data sentiu que ela queria dizer outra coisa, muito mais profunda e não o fez. E não era de se admirar que levasse tanto tempo para programar a refeição. Aquilo realmente não era "um sanduíche de galinha, uma maçã e um copo de leite"!

— Decidi experimentar algo diferente - disse Tasha. - E você? - Ela franziu a testa. - Nem tudo é igual para você, não é, Data?

— Oh, eu posso distinguir os diversos sabores, consistências e aromas - respondeu ele. - Provavelmente melhor que você. Mas não tenho preferências inatas. Simplesmente procuro equilibrar os nutrientes.

— Oh. - Data percebeu que Tasha ficara desapontada, mas procurava esconder.

Portanto, acrescentou.

— Descobri, contudo, que com o tempo passei a associar certos alimentos a certas ocasiões. Lições estimuladoras, problemas intrigantes, companhias agradáveis. Quando, mais tarde, encontrei sabores semelhantes, descobri que tinha adquirido uma preferência por eles. - Ele sorriu. - Espero desenvolver uma preferência por toda esta comida aqui.

Tasha deu-lhe um sorriso agradecido e começou a comer.

Mas, para o desapontamento de Data, ela mudou o assunto das preferências individuais referentes à Frota Estelar para falar de generalidades sobre a região do espaço em que se encontravam. Ali no espaço, aquilo era o equivalente de se "falar do tempo" num planeta: um assunto neutro que nem provocaria emoções, nem atrapalharia a digestão.

Curioso. Data permitiu que sua atenção divagasse, enquanto beliscava a comida. Ele precisava de poucas calorias para manter os nutrientes orgânicos que lhe serviam de sangue, mas considerava as refeições uma atividade social.

Data não tinha emoções fortes com relação à Frota Estelar ou aos anos que passara na Academia... apesar de que se tivesse, naquela época, tanta percepção do sarcasmo humano quanto tinha naquele momento, provavelmente as teria desenvolvido. Era o que tinha acontecido com Tasha, obviamente. Data pensava que as experiências dela haviam sido completamente positivas. Ela sempre contava como havia sido resgatada pela Frota Estelar e sua lealdade para com os ideais da Frota se assemelhavam à devoção do verdadeiro crente a uma religião profundamente compensadora.

A curiosidade era o grande defeito de Data. Logo que se tornou consciente, não discriminava as informações. Quatrocentos anos de estatísticas sobre baseball eram-lhe tão fascinantes quanto os dados de uma estrela prestes a se tornar uma nova.

Com o tempo, porém, aprendeu a dar prioridades ao que aprendia. E, recentemente, uma de suas prioridades pessoais era compreender as pessoas que passara a chamar de amigos. Ele percebia haver algo que jamais imaginara entre Tasha e a Frota Estelar... e imediatamente quis saber do que se tratava.

Por isso, assim que ela terminou de comer, ele recolheu os vasilhames, colocou-os no lixo, e disse:

— Apesar de muito apropriada, do ponto de vista nutritivo, esse tipo de refeição certamente atrairia os olhares de todos, no refeitório da Academia.

— Isso não me incomodaria, agora - respondeu Tasha descontraidamente. -Eu era meio selvagem quando fui admitida, Data. Estava apenas em período probatório e, pensando bem, nem sei como consegui não ser expulsa no primeiro ano. Fui reprovada no curso de Princípios Éticos e Morais, é claro. Simplesmente não podia aceitar, nem mesmo como hipótese teórica, a crença de que a vida é sagrada, sempre.

Data ficou espantado, inclinando um pouco a cabeça.

— Também fui reprovado nesse curso, na primeira vez - respondeu ele. - Achei impossível negar tal afirmação, mesmo quando o instrutor me designou para o lado oposto do debate.

Tasha franziu a testa.

— Você foi ensinado a se opor a essa afirmação?

— Opor-me, sim. Pois a oposição apenas fortalece a verdade. Somente depois que compreendi isso é que consegui passar no curso.

Tasha assentiu com a cabeça.

— Comecei a compreender quando deixei de lado as idéias pré-concebidas e passei a questionar. Onde fui criada, a vida certamente não era

considerada sagrada. É difícil abandonar crenças aprendidas por experiência própria na infância.

— Eu não saberia dizer. Simplesmente fui programado com tal crença. - Data franziu a testa. - O que não aconteceu com o meu irmão. Lore achava... que isto o tornava mais humano do que eu.

— Ele estava errado! - disse Tasha veementemente. - Quando fui resgatada de New Paris, até o final de meu primeiro ano na Academia, era menos humana do que você, Data. Se não fosse por Darryl Adin... - Calou-se com um sorriso torto, ficando um pouco pálida. Cerrou os punhos. - Ainda não aceito...

Mas as palavras morreram-lhe na boca e Data percebeu que ela não pretendia prosseguir.

Mas ele tinha examinado os registros de toda a tripulação, assim que subira a bordo da Enterprise, e por isso sabia:

— Darryl Adin, Chefe da Segurança da USS *Cochrane*, a nave exploradora que redescobriu a colônia terrena perdida de New Paris. Ele estava no comando da equipe de resgate que a salvou. Ele a devolveu à Terra e cuidou para que fosse cuidada e recebesse educação, enquanto servia em outra missão. Você estava no último ano da Academia quando ele voltou à Terra para um curso sobre os mais modernos avanços na área de segurança de uma nave estelar. Você...

Ele parou, quando as informações cruas começaram a fazer sentido: uma tragédia de amor e traição, que se tornava ainda mais triste porque a personagem principal era a mulher que estava à sua frente, uma pessoa que ele considerava sua amiga.

Interiormente, ele amaldiçoou seus ávidos bancos de memória, que lhe forneciam informações sem nenhuma consideração com o impacto emocional que causavam. Pois, sem nenhuma intenção, havia reunido e despejado informações que somente trariam lembranças dolorosas a Tasha.

Quando ela mudara de assunto, por que ele não havia respeitado suas óbvias intenções e evitado o assunto? Ou ao menos mantido silêncio, até ter consultado completamente todo o arquivo a respeito do relacionamento dela com Adin? Assim teria sabido ser melhor não dizer nada.

Já não podia fazer nada a não ser parar de falar e murmurar um pedido de desculpas.

Tasha estava piscando os olhos, tentando conter as lágrimas

— Não é culpa sua, Data. Eu devia saber que você dispunha de todas as informações. Agora sabe por que evito falar de meus dias na Academia. Lá tudo era tão maravilhoso. Estava aprendendo a viver um ideal que nem sonhava ser possível... pude então quebrar com segurança a casca de cinismo

e desilusão que criei para poder sobreviver em New Paris. E depois, tudo acabou, quando a própria pessoa que me fez desejar ser membro da Frota Estelar ... o homem que era a personificação da Frota para mim... traiu tudo aquilo em que eu tinha aprendido a acreditar.

Ela se calou. Data voltou-se para Tasha, vendo-a fitar as estrelas... mas percebeu que ela via outra coisa. Algo que acontecera muito tempo atrás.

Três

A Cadete da Frota Estelar Tasha Yar estava deitada de bruços sobre a lama, ao lado de um rio caudaloso. A poucos metros, podia ver algo que não devia estar ali: um barco. Não uma piroga ou uma canoa de madeira, mas um grande, moderno e ultraleve barco sintético com um poderoso sistema de propulsão automático.

Não existia tal coisa em Priam IV. Sua presença entrava em conflito direto com a Primeira Diretriz.

O que indicava não ser propriedade da Frota Estelar... mas, por ordem do Conselho da Federação, somente observadores científicos bem documentados e disfarçados eram permitidos em Priam IV. A lista de visitantes autorizados não incluía uma cadete ferida, exausta, faminta e toda picada por insetos, mas Yar não estava ali por escolha própria.

Quando a nave de reconhecimento USS *Threnody* foi avariada por uma tempestade iônica, ela havia sobrevivido com dois outros cadetes num salva-vidas. Mas, quando os sensores de navegação falharam, eles caíram a mais de cem quilômetros do local de pouso no qual a Frota iria procurá-los, se sua última mensagem desesperada tivesse sido recebida.

T'Pelak e Forbus morreram na queda do salva-vidas. Somente Yar sobreviveu... e tentou encontrar o local em que a Frota procuraria os sobreviventes. Para piorar seu isolamento, o transmissor do sinal de socorro também fora destruído com a queda, bem como todos os outros instrumentos eletrônicos. A explosão final, que tinha lançado Yar para longe da nave, também havia destruído a bateria principal. Forbus havia sido esmagado, T'Pelak fora eletrocutada e todos os phasers, intercomunicadores, tricorders, rádios e todo o equipamento de sobrevivência mecânico tinham se transformado em lixo inútil com a última descarga elétrica. Yar estava sozinha e desarmada, contando apenas com uma faca... mas de modo algum estava indefesa.

O ambiente era outro, mas estava numa situação não muito diferente da que enfrentara em New Paris. Yar não tinha dúvidas de que sobreviveria, mas o que a preocupava é se conseguiria fazê-lo ainda como membro da Frota Estelar. Sem o comunicador, a única chance de ser resgatada seria alcançar o ponto de pouso. Se ela perdesse o veículo de busca, não se formaria com sua turma no semestre final do curso.

Se isso acontecesse, precisaria, então, procurar os cientistas da Federação que haviam se disfarçado de nativos de Priam IV. Ela conhecia a frequência de rádio que silenciosamente colocaria uma mensagem no painel oculto, que

eles supostamente tinham que verificar todos os dias... mas tal conhecimento era inútil sem um rádio que funcionasse! Sendo assim, ela teria que identificá-los de algum modo e fazer os acertos para ser resgatada com eles, provavelmente dali a alguns anos.

Até lá, teria que viver como eles, entre os primitivos povos da selva. Numa existência do tipo sobrevivência-do-mais-forte e valorização-do-poder que tinha deixado em New Paris.

Não. Estava determinada a alcançar o ponto de pouso, que era uma área deserta, nunca visitada pelos nativos devido ao alto nível de radioatividade natural, que lhes era lesivo, se expostos por vários dias, mas inofensivo aos humanos.

Contudo, sua determinação fraquejava a cada dia, com os obstáculos que lhe surgiam pelo caminho. Passados seis dias do planeta, ainda estava a meio caminho de seu destino. E se a nave de busca já tivesse passado e partido? Tinha perdido horas escondendo-se de animais predadores, dois dias vomitando os intestinos, pois, apesar de todas as vacinas de rotina, seu corpo havia reagido contra os germes do planeta. Não sabia dizer quanto tempo havia perdido devido à fraqueza depois daquele ataque.

Por fim, alcançou o rio que a levaria até o ponto de pouso. Mas havia aldeias nativas ao longo do rio e a Primeira Diretriz dizia que uma humana loira não podia ser vista em sua forma original pelos nativos de pele branca e cabelos verdes. Além disso, com ou sem a Primeira Diretriz, os nativos estavam a tal nível cultural, que provavelmente a matariam assim que avistassem uma criatura tão estranha.

Por isso, ela havia passado os dois últimos dias descansando, enquanto os insetos locais tentavam comê-la viva, rastejando-se à noite ao longo das vilas, amaldiçoando a própria sorte por o rio estar em cheia, impossível de ser navegado em qualquer barco com qualificações inferiores às daquela maravilha tecnológica que ela estava admirando... e cobiçando, naquele instante.

Quem mais podia ser, se não membros da Frota Estelar procurando sobreviventes?

Não. Se a Frota Estelar enviasse uma equipe de busca, viriam disfarçados de nativos. Mas, em vez de se arriscarem a ser expostos, seria mais provável que entrassem em contato com os cientistas disfarçados de nativos, pedindo-lhes que procurassem os sobreviventes.

Então, que barco seria aquele?

Yar arrastou-se pelo chão. Estava tão coberta de lama que, se encontrasse alguém, naquela fraca luz da alvorada, poderia simplesmente "desaparecer" apenas ficando imóvel, tornando-se apenas outro monte de

lama junto à margem do rio. Lentamente, aproximou-se pelo lado oposto ao das cabanas dos nativos e subiu no barco, escondendo-se sob o toldo.

Os controles eram semelhantes aos encontrados em qualquer carro terrestre da Federação. Havia um pequeno computador de bordo, que mostrava um mapa do rio. O ponto de pouso estava claramente demarcado. Mas as poucas palavras visíveis não estavam em inglês, nem em nenhuma outra língua conhecida. Havia três menus, presumivelmente com a mesma informação. Uma escrita assemelhava-se vagamente com o vulcano, outra lhe era totalmente desconhecida e a terceira estava em klingonaase.

Bem, os klingons tinham se tornado membros da Federação.

Mas eram membros recentes. O barco ou o programa de computador podia ser anterior à aliança.

E os klingons costumavam ser aliados dos ...

Yar subitamente percebeu que estava em jogo mais do que apenas sua sobrevivência. Não se tratava somente de um livre mercador desafiando o sinal de aviso. Era uma invasão de seres estranhos à Federação. A Frota Estelar precisava ser avisada! Ela tinha, então, um motivo maior para alcançar o ponto de pouso a tempo... e sua melhor esperança estava naquele barco. Afinal de contas, os nativos já o tinham visto.

— Computador... - sussurrou ela.

Não houve resposta. Mas ela reconheceu a grade ativada pela voz. Mas, que diabos?

Oh, droga... era óbvio. Seu tradutor universal havia se danificado juntamente com o comunicador e todo o equipamento eletrônico. O computador somente responderia a uma das três línguas apresentadas na tela. A língua quase vulcana devia ser romulano, mas até mesmo seu vulcano era execrável, na melhor das hipóteses. Murmurando uma prece para o espírito do inventor do tradutor universal, ela tentou recordar o suficiente do klingonaase aprendido durante o sono para se fazer compreender.

Teve que fazer três tentativas antes que o computador respondesse, dizendo o que ela esperava ser o equivalente a "ativado" em klingonês.

— Não tão... - Oh, que inferno, qual era a palavra para "alto"?

Enquanto ela quebrava a cabeça tentando se lembrar, o computador repetiu a pergunta ainda mais alto.

— Shhh - disse Yar.

E foi premiada com uma sirene estridente e luzes piscando. As cabanas da margem fervilharam de nativos de pele branca e cabelos verdes!

— Khest! - exclamou Yar, com tanta fluência quanto qualquer klingon. Aquela interjeição era um termo klingon que todo cadete conhecia e usava diariamente.

— Dê-me controle manual! - ordenou ela, não obtendo resposta pois havia falado em inglês.

Lanças começaram a bater no toldo e na lateral do barco.

— Parem seus idiotas! *Vão* abrir buracos no barco! - gritou alguém numa voz gutural e sibilante.

A voz sibilante mostrou a Yar o que tinha feito de errado. A língua que não reconheceu era orion e o sinal de perigo dos orions era sibilar como uma serpente!

A adrenalina estimulou seu raciocínio. Subitamente, lembrou-se do termo klingon para "Controle Manual". Apertou o botão de partida e os motores foram ligados.

A leve embarcação ergueu-se quase acima da água, respondendo maravilhosamente a seu controle, mas fez um arco e encalhou na margem.

Yar agarrou sua faca e engatinhou para fora do toldo...

... no mesmo instante em que o dono do barco a alcançou e subiu a bordo!

Era um enorme orion do sexo masculino, com uma ameaçadora face cinzenta de pele reptiliana e olhos amarelos brilhando sob o capacete chato. Ele agarrou Yar pela perna antes que ela conseguisse cortar as amarras.

Yar contorceu-se, tentando levar a faca a uma posição em que pudesse feri-lo.

Mas, apesar de todo o seu tamanho, ele era ágil. Puxou-a para perto de si, agarrou-lhe o punho com uma mão de ferro e apertou com força.

Yar libertou uma perna e o deixou sem fôlego com um chute no plexo solar.

Mas ele não a largou! Ao cair para trás, continuou segurando o calcanhar e o punho dela. Numa onda de dor excruciante, ela sentiu o punho quebrar-se sob a força da mão do orion. A faca caiu no convés com um barulho surdo.

Ela havia cometido o erro fatal de um lutador pequeno contra um oponente maior e mais forte: deixara que ele a agarrasse.

Mas, no pouco espaço que havia naquele barco...

Não. Sem desculpas. Havia perdido a rodada, mas a luta não terminara. Ela simplesmente devia fazer o orion pensar que tinha vencido.

Gemeu e fingiu desmaiar, caindo para a frente.

Ele não se deixou enganar, ou então não estava deixando margem para erros. Antes de largar o punho quebrado, transferiu a mão para o braço intacto dela. E algemou-lhe a mão ílesa numa das muitas argolas presas ao casco do barco: era um barco de escravos! Só então a largou.

— Computador - grunhiu ele. - Ancore o barco e desligue o maldito motor! Yar compreendeu as palavras. O tradutor universal do orion estava

funcionando.

O orion jogou um balde de água na cabeça de Yar que, com um resfolegar, foi obrigada a demonstrar que estava consciente.

— Que é isso? - perguntou ele. - Uma humana? Que está fazendo em Priam IV, mulher?

Ela estava tão coberta de lama que seu uniforme devia estar irreconhecível.

— Sou uma livre mercadora. Minha nave se espatifou aqui - respondeu ela. - Quando vi seu barco, pensei que pudesse me ajudar.

— Então decidiu roubá-lo?

— Assim que descobri que pertencia a um mercador de escravos orion. Ele assentiu com a cabeça.

— Esperta. Pena que não conseguiu. Azar o seu. Para mim, vai ser um prêmio extra. - Ele agarrou o rosto dela e o virou de um lado para o outro. - Depois de limpa você é suficientemente bonita. E deve ser mais forte do que parece, ou não teria sobrevivido. Deve haver algum mineiro de dilítio que pague um bom preço por uma mulher bonita que tem costas fortes.

Ele apanhou um caixa de primeiros socorros, fez uma leitura do punho, alinhou os ossos, pouco se importando com o grito de dor dela, e colocou-o num imobilizador-regenerador. A dor começou a ceder.

O barco já estava de volta ao porto e três nativos curiosos olhavam para ele.

— Oh, meu Deus - disse um deles. - Um dos cadetes sobreviveu!

— Cale a boca! - rugiu o outro, mas era tarde demais.

Yar pensou em dizer o mesmo a si mesma, ao perceber que exclamara, com choque e espanto:

— Vocês são da Federação!

Oh, droga, droga, droga. Por que não tivera o bom senso de fingir estar desmaiada ou que não compreendia.

— Mate-a! - disse o primeiro "nativo", erguendo a lança. O orion o empurrou para trás.

— Deixe-a! Vou vendê-la onde a Federação jamais a encontrará novamente... não se preocupem. Tenho tanto interesse em que a Federação não descubra nosso acordo quanto vocês.

— É mais seguro matá-la - disse o segundo nativo.

— Toquem num fio de cabelo dela e eu mato vocês - disse o orion. - Ela vale tanto quanto um barco cheio de priamitas.

— Mas você disse que...

— Eu disse que iríamos experimentá-los como escravos. Eles são fortes,

estúpidos, submissos e férteis... aqui em seu planeta natal. Se não adoecerem e morrerem em outro ambiente, voltaremos para comprar tantos quantos puderem nos fornecer. Então, se vocês mantiverem a Federação longe de nós, os orions farão com que fiquem ricos. Agora, temos que nos mexer... têm certeza que a patrulha da Federação não vai voltar?

— Nós lhes dissemos que os cadetes estavam mortos... pensamos que estivessem. Não cabia mais que três naquele salva-vidas e encontramos dois corpos. Não se preocupe, nenhuma outra nave vai aparecer por aqui agora e a Frota Estelar somente enviará outra nave daqui a três anos. Até lá, já teremos juntado bastante dinheiro traficando com vocês para nos aposentarmos em grande estilo.

Yar ficou desanimada. A nave de resgate da Frota Estelar já tinha vindo e partido sem ela. Foi forçada a observar indefesa o barco ser carregado de nativos algemados e ver o orion pilotá-lo rumo ao ponto de pouso... onde presumivelmente uma nave esperava para levá-la juntamente com os priamitas para uma vida de escravidão.

Mesmo naquele barco poderoso, passaram-se dois dias. *Yar* tentou conversar com os priamitas, mas com o tradutor quebrado não conseguiu se fazer entender. Eles conversavam pouco entre eles. Só ficavam deitados no fundo do barco.

Quando a noite chegou, o mercador de escravos orion ancorou o barco e alimentou os cativos com uma pasta insossa. *Yar* estava deitada com os outros, com um braço desconfortavelmente preso ao casco e o outro cocando e doendo enquanto se regenerava. Estava faminta, ferida e coberta de lama ressecada.

Apesar de exausta, não conseguia dormir. Assim, quando o orion pareceu adormecer, ela sentou-se silenciosamente e examinou as algemas que a prendiam ao casco do navio. Sem uma chave magnética, não havia esperança de conseguir abri-las.

Em fútil frustração, puxou bruscamente... e a argola que a prendia ao casco do barco saiu do soquete.

Ela ficou ali parada.

Sorte. Pura, estúpida e cega sorte.

Aparentemente, o parafuso que prendia a argola tinha sido pregado torto e não atravessara a placa de metal que ficava sob o laminado do casco... quando ela puxou forte, o material leve do casco cedeu.

Antes que a maré de boa sorte virasse, *Yar* silenciosamente escorregou pela lateral do barco, entrando novamente na lama, e arrastou-se para dentro da floresta.

Estava novamente num dilema.

Não havia um meio de escape imediato... a nave de resgate da Federação já tinha vindo e partido. Os cientistas da Federação a matariam assim que a vissem. Se não fizesse nada além de tentar escapar, o mercador orion voltaria em um ano e levaria mais priamitas passivos para a escravidão.

Mas se ela se aproximasse dos priamitas - que, depois de conhecê-los melhor, não pareciam dispostos a matá-la - estaria quebrando a Primeira Diretriz. Ao aprender a língua deles, involuntariamente deixaria escapar fatos a respeito do mundo de onde viera. Seria capaz de resistir à tentação de mostrar-lhes alguns avanços, mesmo o de um simples arco e flecha? Ela precisaria construir armas para si mesma. O mercador de escravos orion certamente avisaria os cientistas traidores da Federação de sua fuga e eles passariam a procurá-la.

Sua própria presença ali já era uma violação passiva da Primeira Diretriz. E se tornaria uma violação ativa se ela entrasse em contato com os priamitas.

Mas, se não o fizesse e não aprendesse a se comunicar com eles, como poderia avisá-los dos mercadores de escravos orions?

Três anos, os cientistas haviam dito. Com certeza, ela seria capaz de sobreviver sozinha na floresta por três anos. Os traidores teriam mais dificuldade de encontrá-la no meio da floresta do que junto dos nativos. Ela poderia segui-los até o ponto de pouso, quando fossem partir, e delatá-los à equipe de resgate da Federação que viesse buscá-los.

Mas, em três anos, quantos priamitas seriam vendidos aos orions? Força e passividade: escravos perfeitos. Ela não podia excluir a possibilidade de que os orions explorassem sua sensibilidade à radiação, usando-os como detectores vivos.

Sentiu-se enojada.

A Primeira Diretriz ou a vida de seres sencientes e sapientes...

O que seria pior, interferir no desenvolvimento de uma cultura inteira ou permitir que alguns membros dessa cultura fossem levados como escravos? A sabedoria da Frota Estelar declarava que toda a tentativa histórica de interferência com raças subdesenvolvidas terminou em desastre... por isso a Primeira Diretriz vinha em primeiro lugar.

E se sua interferência benigna tornasse os priamitas dependentes de outras raças? E se o fato de descobrirem que haviam sido traídos por um povo que se parecia tanto com eles trouxesse guerra a um povo que nem tivera razão para inventá-la? E se, depois de a Primeira Diretriz ter sido violada, os recursos naturais de Priam IV comesçassem a ser explorados por interesses comerciais?

Além disso, as vacinas de amplo-espectro que Yar havia tomado não evitaram que ficasse doente em Priam IV. Os cientistas da Federação haviam

passado por descontaminação total antes de pousar no planeta, mas ela não. E se fosse portadora de vírus e bactérias letais aos priamitas? E se ao tentar salvá-los ela os estivesse matando?

Todos esses cenários trágicos já haviam acontecido, mais de uma vez, na história da Federação.

Mas se ela salvasse somente a si mesma, centenas, talvez milhares de pessoas pacíficas seriam levadas como escravos antes que a Federação tivesse chance de ficar sabendo e pudesse impedir os orions.

Era melhor impedir um horror atual do que preocupar-se com possíveis horrores futuros.

E se como resultado da exploração de Priam IV, sua cultura fosse destruída? E se os nativos morressem de uma doença benigna aos seres humanos por causa da interferência dela?

Mas os orions já estavam interferindo.

Um erro não justifica o outro. E os mercadores de escravos estavam tomando todas as precauções para não espalharem sua influência, para que as tribos distantes do ponto de pouso não fossem avisadas previamente.

Dentro da floresta, "Var sentou-se desconsolada, com o punho ferido doendo e a mente em torvelinho, perguntando-se por que havia desejado fazer parte da Frota Estelar.

Diante de seus olhos cansados, a floresta oscilou, transformando-se num estranho padrão de pequenos quadradinhos coloridos. Os quadradinhos, por sua vez, transformaram-se em duas grandes portas de metal, que se abriram, fazendo aparecer um corredor e três pessoas: uma mulher vulcana, um homem com o uniforme médico da Frota Estelar... e o mercador de escravos orion!

Yar ficou olhando incrédula e emudecida. Aquilo não podia estar acontecendo!

— Tasha - disse a mulher vulcana. - Terminou. Pode sair agora. A palavra é "exercício", Tasha. Você agora está desperta e consciente da realidade.

Ao redor de Yar, a floresta de Priam IV dissolveu-se num holodeck vazio.

Ela estava sentada no chão, em seu uniforme de cadete. Não estava ferida, apenas molhada de suor, com o coração palpitando pelo esforço e stress emocional.

Esfregando lentamente o punho, que realmente não estava ferido, Yar lembrou-se de que tudo não passava de um teste e havia acontecido no holodeck da Academia. O médico humano ajoelhado a seu lado, que fazia a leitura de um sensor sobre seu corpo, era o Dr. Forbus. A vulcana que a

fizera despertar era T'Pelak. Através de hipnose, eles haviam criado em 'Var a crença absoluta de que tudo estava realmente acontecendo, tornando-a incapaz de dizer para si mesma: Oh, é apenas um exercício de treinamento que parece real por que estou no holodeck. O médico e a vulcana facilitaram a ilusão, aparecendo em sua ilusão como colegas cadetes, que foram mortos na queda do salva-vidas.

Mas... e o orion? Não havia orions na Frota Estelar. Orion não era membro da Federação e nunca seria a menos que seus habitantes mudassem completamente o estilo de vida.

Yar encolheu-se quando o orion agachou-se a seu lado, dizendo:

— Você realmente entrou em seu sonho, mocinha. Aquela voz!

Ela conteve o instinto de atacar, pois não se tratava da voz sibilante do mercador orion do teste. Era uma voz de seu passado...

Ele retirou a máscara reptiliana para revelar olhos castanhos que lhe sorriam, um nariz inconfundivelmente grande e reto, e uma boca sensual que se abria num sorriso deliciado com a surpresa dela.

— Dare! - exclamou Yar, erguendo-se nos joelhos para dar-lhe um abraço. -Darryl Adin! Por que não me disse que estava aqui?

Somente depois de seu abraço entusiasmado é que ele colocou os braços em torno dela.

— Cheguei esta manhã. Quando descobri que você estava fazendo um teste, fiz de tudo para saber como você estava se saindo e acabei convocado a participar. - Ele a ergueu, dizendo:

— Você cresceu! Estou tão orgulhoso de você, Tasha.

Saber que seu mentor, o homem que havia mudado toda a sua vida, estava orgulhoso dela, aqueceu-lhe o coração... mas ainda assim...

— Eu não pude vencê-lo, mesmo estando armada e você não.

— Não era esse o teste, Tasha - disse T'Pelak. - O cenário estava programado para que o orion a atacasse quando estivesse indefesa.

— Você lutou maravilhosamente - disse Dare. - Mas, isso você sempre fez. Este teste, contudo, era para saber o que faria depois de ter vencido.

— Vencido? - perguntou Yar. - Eu não venci. Escapei por pura sorte. Era um cenário bem estúpido, pensando bem. Uma coincidência atrás da outra.

O Dr. Forbus riu.

— Tivemos que juntar tudo que tínhamos para colocá-la nessa situação.

— E então - disse T'Pelak, erguendo uma sobrancelha na expressão mais próxima que os vulcanos têm de um sorriso... - meus estimados colegas perceberam que tinham chegado a um beco sem saída, como creio que os humanos costumam dizer. Eles tornaram sua fuga virtualmente impossível.

— E quando a conselheira nos mostrou isso - disse Dare. - Sugerir que um cenário com alguns parafusos de menos pudesse ser resolvido justamente por um parafuso solto.

Yar respondeu a seu sorriso com um grunhido. Oh, era tão maravilhoso vê-lo novamente. Aquele homem forte, rijo e com um ultrajante senso de humor. Era como se eles nunca tivessem se separado... e ao mesmo tempo, era como vê-lo pela primeira vez.

Haviam se passado sete anos desde a última vez que vira Darryl Adin. Durante todo esse tempo, ela podia contar as comunicações que recebera dele nos dedos da mão. Mas... parecia que ele não havia se esquecido dela.

Ela certamente não poderia esquecê-lo! Depois de tê-la resgatado de New Paris... pois Yar sempre pensava nele como seu salvador, esquecendo-se do restante da equipe... Dare havia tomado para si a responsabilidade de civilizá-la em sua viagem para a Terra.

Ela tivera sorte de ser encontrada pela *Cochrane* no final de sua missão, pois isso permitiu que passasse dois meses a bordo, em vez de ser deixada na base estelar mais próxima. Durante esse tempo, descobriu que Darryl não tinha interesse em seu corpo, mas estava muito interessado em sua mente.

A princípio, desconfiara de tudo e de todos a bordo da nave estelar. Mas, ao se ver limpa, com a barriga cheia, uma cama macia e uma tripulação inteira que a encorajava a aprender e a descobrir, aos poucos, foi abrindo brechas em sua armadura emocional... especialmente com relação a Darryl.

Seu medo e desconfiança se transformaram em adoração e idolatria. Quando Dare quis que ela aprendesse a ler mais do que as poucas palavras que sabia, ela se empenhou em fazê-lo. Quando ele quis que ela utilizasse utensílios estranhos para se alimentar, ela aprendeu a fazê-lo. Quando ele quis que ela passasse várias horas contando a história de sua vida ao tricorder e depois conversasse com o conselheiro da nave, ela o fez apesar de toda a dor que as lembranças geralmente lhe faziam evocar.

Em troca, ele a levou a todas as áreas não restritas da nave, explicando seu funcionamento, ensinou-lhe a nadar e, por insistência dela, deu-lhe aulas de combate corpo-a-corpo, o qual, segundo Dare, não lhe seria necessário como cidadã civilizada da Federação.

Mas, a Federação era um conceito por demais amplo e diferente para significar muita coisa para uma garota de quinze anos com pouco conhecimento da história da galáxia. A Frota Estelar era o que havia cativado a imaginação de Tasha Yar. No final de sua jornada para a Terra, ela havia descoberto o sentido de sua vida. Nunca havia conhecido pessoas que trabalhavam juntas sem a motivação básica da pura sobrevivência. E nunca havia sonhado que a lealdade pudesse basear-se em algo que não fosse

a necessidade ou a cobiça.

Quando chegaram à Terra, Yar sabia que seu futuro estava na Frota Estelar... e sonhava em um dia se tornar chefe de segurança de uma nave estelar... exatamente como Darryl Adin.

Dare havia ouvido seus sonhos e planos, e a encorajara a tentar alcançar o que desejava, insistindo que uma boa educação seria fundamental para conseguir entrar na Academia da Frota Estelar ou qualquer outro futuro que aspirasse. Ele cuidou para que fosse submetida a testes vocacionais e de inteligência, e matriculou-a numa escola especializada, que iria procurar compensar os anos de atraso.

Em seguida, ele foi designado a novas missões, na nave estelar *Copeland* e depois na *Seeker*. E Yar não o viu novamente, até o dia de seu teste para o grau de candidata. No deleite pelo seu súbito reaparecimento, ela se esqueceu, por um instante, de que seu desempenho no teste determinaria se seria enviada a outra instituição para obter um diploma universitário ou se teria o privilégio de terminar o curso na Academia e formar-se como Oficial da Frota Estelar.

O Dr. Forbus disse:

— Deve estar cansada e faminta. Por que não come, lembra os bons tempos e tira uma boa noite de sono? Cadete, a entrevista será amanhã, às 9 horas.

— Sim, doutor - respondeu ela, com um frio na barriga. Ela não havia chegado a uma decisão sobre o que fazer em Priam IV. Eles deviam ter-lhe dado o tempo permitido e depois a acordado. Isso queria dizer que não havia passado? Era por demais indecisa? Mas qual seria a resposta correta? Como podia um ser humano decidir entre deixar seres inteligentes serem levados para a escravidão ou quebrar a Primeira Diretriz?

Não haveria respostas naquela noite. Mesmo que Dare as soubesse, ela sabia que ele não lhe diria. Era melhor esquecer o teste e desfrutar a companhia dele enquanto pudesse.

Dare tirou o restante do disfarce, deixando aparecer o uniforme da Frota. A primeira coisa que Yar notou foi que ele se tornara comandante pleno, com a terceira faixa nova e brilhante.

— Parabéns, comandante Adin - disse ela, então riu da incongruência de Dare ter feito o papel de um orion. Recebera a promoção por causa do papel que ele desempenhara na *Seeker*, dismantelando um cartel orion que operava secretamente em diversos mundos afastados da Federação.

Ele tirou as botas pesadas de mercador orion.

E, subitamente, ficou tão pequeno!

Não. Não ficou pequeno, mas apenas da altura média para um humano,

ainda bem acima da pequena estatura de Yar.

Mas ela lembrava-se dele como um gigante.

Percebeu que ela havia crescido em sete anos. Seu herói já não era maior que a vida... mas ainda era seu herói.

— Que está fazendo aqui? - perguntou ela. - Está de licença entre uma missão e outra?

— Curso de atualização - respondeu ele. - Enquanto estive fora, do outro lado da galáxia, a Frota Estelar desenvolveu novas técnicas de segurança. Por isso, estou aqui para aprender os últimos avanços, antes de partir para uma nova designação. Estarei no campus durante todo o semestre. - Ele exibiu aquele maravilhoso sorriso caloroso que tornava suas feições potencialmente ameaçadoras não apenas agradáveis, mas definitivamente belas. - Estarei aqui para ver minha protegida se formar. Estou tão orgulhoso do que você conseguiu fazer de sua vida, Tasha.

Yar sentiu-se enrubescer.

— Não fale tão cedo - avisou ela. - Posso não ter passado no teste de Priam IV.

— O que a faz pensar assim? - perguntou ele, curioso.

— Eu não sabia o que fazer! - disse ela, frustrada. - Dare, não conseguia decidir. Grande oficial da Frota Estelar vou ser, se nem consigo tomar uma decisão...

— Calma - disse ele. - Esqueça, por enquanto. Falaremos sobre isso na entrevista de amanhã. E pare de se preocupar. Se ainda for viciada em trabalho como costumava ser, então chegou até aqui por estudar muito... e isso quer dizer que está mais do que preparada para tudo que a Frota Estelar tiver para lhe dar.

Ele estava certo. Na manhã seguinte, Yar descobriu que o dilema ético era exatamente o que o teste de Priam W pretendia causar. Depois de contar o que havia pensado, após ter escapado do mercador de escravos orion, a conselheira T'Pelak lhe disse:

— Você considerou todos os indícios, até mesmo sua doença. Cadete Yar, você assimilou completamente a filosofia dos cursos que tanto lhe trouxeram problemas. Você os incorporou nas aplicações práticas, nas quais você sempre demonstrou resultados excelentes.

— Não compreendo - disse Yar sem expressão, olhando para Dare, que participava da entrevista por ter feito parte da encenação. Os homens que haviam encenado a parte dos traidores também estavam lá. - Não fiz nada. Não cheguei a uma decisão do que deveria fazer.

— Nem poderia, no tempo que lhe concedemos e com a informação que

dispunha - assegurou-lhe T'Pelak. - Você teria fracassado, Cadete, se tivesse certeza do curso certo a tomar.

— Quer dizer que qualquer decisão teria sido errada? - perguntou ela assombrada.

— Não. Não qualquer decisão - respondeu o comandante Erdman, um dos "cientistas". - Apenas as decisões apressadas, desinformadas ou tomadas sem qualquer reservas. Numa situação real, você acabaria tendo que tomar uma decisão, mas seus instintos a alertaram para não fazê-lo, enquanto estivesse ferida e exausta. Paramos a encenação, naquele ponto, por que já dispúnhamos de toda a informação de que necessitávamos. Você passou, com uma nota excelente. Cadete Yar, está oficialmente admitida na classe de formandos.

A entrevista terminou e as pessoas vieram cumprimentá-la, mas Yar ainda se sentia tonta ao deixar a sala de conferências. Dare a seguiu.

— Foi o último teste - disse ele. - O que vai fazer agora?

— Tenho uma semana de licença antes do início das aulas. Acho que vou dormir a maior parte do tempo.

Ele riu.

— Não conseguiu dormir muito na noite passada, não foi? Sinto muito, Tasha. Eu podia ter-lhe dito que você passaria assim que me disse que não conseguira chegar a uma decisão. Mas você tinha que dizer exatamente como se sentia... ou T'Pelak teria descoberto que eu lhe dera uma confirmação.

— Não é isso que me confunde. - disse Yar. - É claro que você não podia me dizer nada. O que não compreendo é o teste. Que valor tem um oficial de segurança que não sabe o que fazer?

— Tanto quanto um que age precipitadamente, como imagino que tenha feito muitas vezes em seu treinamento.

Ela assentiu tristemente.

— Oh, sim. Meu erro mais freqüente.

— Bem, na maioria das situações, você pode corrigir o erro, mesmo depois de tê-lo cometido. O que você provou, Tasha, é que quando não há chance de mudar as coisas depois de agir, você não se precipita, mas pensa primeiro.

— Mas, e se tivesse sido real?

— Sim, e se fosse real? - ele devolveu-lhe a pergunta.

Por fim, sob o olhar penetrante daqueles olhos castanhos e cálidos, ela foi capaz de sobrepujar a frustração de sentar-se na selva, coberta de lama e dolorida, incapaz de fazer qualquer coisa. Se tivesse sido real...

— Eu acho... não, eu sei o que faria... eu procuraria alimento e abrigo, e pensaria um pouco mais, enquanto meu punho sarava. E me manteria longe dos traidores, que estariam tentando me matar. Se não me matassem, provavelmente observaria os nativos, por algum tempo, e depois tomaria uma decisão.

— É isso mesmo, minha garota esperta - disse ele. - Sobreviva, pesquise e, só então, aja. Entende porque estou tão orgulhoso de ter contribuído para trazê-la para a Frota Estelar?

Enquanto o último semestre prosseguia, Tasha Yar percebeu em Darryl Adin um orgulho paternal pelas realizações dela. A princípio, isso a agradava, mas aos poucos ela começou a se sentir incomodada.

Eles estavam na mesma classe em dois cursos: Técnicas Avançadas de Segurança, seminário e prática. Na sala de aula, Yar era, como de costume, a primeira da turma. Dare fazia anotações, fornecia informações de sua experiência pessoal quando o instrutor pedia, mas não se voluntariava. Yar ficou assombrada ao descobrir, na metade do curso, que ainda era a primeira da classe. Darryl Adin era o segundo.

— Por que? - perguntou ela. - Ninguém se oporia, se você falasse mais na sala de aula. E sabe que gosto quando você me desafia... você certamente o faz, nas aulas práticas.

— Não se trata disso, Tasha. Os jovens precisam discutir as teorias até compreendê-las plenamente, o comandante Zarsh sabe que já passei por isso. Posso aprender coisas novas sem levar tanto tempo quanto os cadetes.

— Então, por que minha média é três pontos acima da sua? - perguntou ela. - Você é um oficial experiente; deveria superar qualquer cadete.

Ele riu.

— Eu poderia, se todos os testes fossem objetivos. São os trabalhos, Tasha. Simplesmente não consigo escrever tão bem quanto você. Devia me envergonhar, suponho, - acrescentou ele, com uma piscadela, demonstrando não estar nem um pouco envergonhado por isso - já que tive uma educação apropriada e você não. Mas, tirar um B+ nos trabalhos é o suficiente para mim... somando com a parte prática, ainda fico com um A de média. Na segurança, a parte prática é que conta, não a prosa melíflua na qual você escreve seus relatórios.

— É por isso que você dá tudo de si na parte prática? - Nas aulas práticas, as posições se invertiam. Pela primeira vez, Yar não era a primeira da turma nas atividades físicas.

— Tenho que fazê-lo se quiser que este velho corpo acompanhe os jovens.

— Dare! Você não é velho!

— Tenho mais de trinta - disse ele.

— Nem chegou aos trinta e dois!

Ele sacudiu a cabeça num sorriso triste.

— Em nosso serviço, a idade ataca muito cedo, se você não se mantém em forma a todo momento. Meus reflexos são tão bons quanto os seus, Tasha, e ainda posso atirar melhor que você...

— Estou treinando!

— ... mas, mesmo com a moderna medicina, os ferimentos inerentes ao trabalho cobram sua parte. Nunca mais serei tão flexível quanto costumava ser, pois quebrei as costas em Twenginian.

— O quê? Você nunca me contou. Ele deu de ombros.

— A medula espinal não ficou lesada. Eles me levaram para a enfermaria, e em um mês eu estava de volta ao serviço. Posso passar em todos os exames médicos, com boa vantagem. Mas sei que já não posso mais atingir minhas marcas anteriores. E a menos que continue praticando diariamente, contra oponentes mais fortes e desafiadores, minhas habilidades irão degenerar. - Ele ficou olhando para o vazio, por um instante, vendo algo que não estava presente. - Eu já vi isso acontecer. Não vou deixar que aconteça comigo.

Apesar de Dare mudar rapidamente de assunto, Yar ficou interessada e, mais tarde, aproveitou a liberdade que tinha como cadete da segurança em véspera de formatura para examinar os registros da Frota Estelar e descobrir o que tinha acontecido a Dare em Twenginian. Todos sabiam que a *Seeker* havia extirpado um ninho secreto dos orions naquele planeta da Federação, mas os detalhes eram secretos.

Apesar de ter sido chefe de segurança da *Cochrane*, que era uma pequena nave de exploração, Dare tinha sido chefe assistente em suas duas missões seguintes, em naves cada vez maiores. Em cada missão bem sucedida, ele recebia mais subordinados e responsabilidades. As designações, apesar do título, eram promoções.

Em Twenginian, a equipe de exploração fora chefiada pelo chefe de segurança Venton Scoggins, um homem com mais de vinte anos de experiência na Frota Estelar. Os registros mostravam claramente que quando os problemas começaram, ele não chegou a tempo de evitar que seu assistente fosse ferido. Não houve qualquer reprimenda, nada que indicasse que o homem havia sido responsabilizado de qualquer forma.

A *Seeker* continuou sua missão contra os orions. Quando chegaram em Conquidor, Dare já estava de pé novamente. E Scoggins o designou a

liderar a equipe de terra que libertaria mais de duzentos cidadãos da Federação da escravidão orion, tornando Darryl Adin um herói. Quando a missão terminou, Scoggins pediu demissão e aposentou-se da Frota Estelar, com todas as honras.

Yar leu nas entrelinhas. Scoggins se sentiu responsável pelo ferimento de Dare e demitiu-se antes que outra pessoa se ferisse sob o seu comando.

Mas Yar era muito jovem para se preocupar com reflexos lentos. Quanto a Dare... bem, qualquer homem que conseguisse vencer uma classe inteira de cadetes seniores, no mais duro treinamento prático jamais desenvolvido, certamente não tinha nada com que se preocupar.

Ainda assim, o assunto da idade continuou a aparecer nas conversas de Dare.

— Vocês jovens - ele chamava seus colegas de classe, até que um dia, quando trabalhavam juntos numa lição de casa em tática teórica, Yar devolveu.

— Está bem, ó homem sábio e velho... mostre-me, com sua vasta experiência, como tomar esta montanha com dezessete mercaptanos agressivos e bem armados de guarda, quando você conta com apenas três seguranças.

Não existiam guerreiros mercaptanos. Os seres impiedosamente hostis eram criaturas totalmente imaginárias, que aumentavam em ferocidade e excentricidade à medida que os cadetes passavam pela Academia lhes acresciam características. Naquele momento, tinham três metros de altura, escamas, pelos, garras, caninos e torpedos fotônicos de mão.

— Faça como no xadrez - respondeu Dare ao desabafo de Yar.

— Xadrez? - perguntou ela, confusa. Ela não gostava particularmente de xadrez, mas Dare era hábil em praticamente todos os jogos já inventados e jogava todos para ganhar. Contava-se, inclusive, que ele teria vencido um torneio de *klin zha* no qual todos os outros jogadores eram klingons.

— Não precisamos de todo o nosso pessoal para ganhar. - explicou Dare. - Só temos que criar uma armadilha para o rei.

— Os mercaptanos não têm um rei - disse Yar.

— Mas, têm algo muito semelhante, Tasha - disse ele.

— Oh, está bem - disse ela, relutante, admirando a analogia. - Eles seguem as ordens do Controlador da Tropa. Mas também o protegem a todo custo.

— Então, como chegamos até ele?

— Parece-me que você sabe como, - respondeu ela - mas eu não. Ele está cercado de todos os lados por guerreiros. E tem um campo de força pessoal à

sua volta. Não há como alcançá-lo.

— Não precisamos chegar perto dele. Apenas temos que armar-lhe uma cilada.

— Mas, como?...

— Pense, Tasha. Sem a direção do Controlador da Tropa...

— Os guerreiros mercaptanos ficam loucos... como seja não fossem maus o suficiente sem isso.

— É isso mesmo. E o que eles atacam, então?

— Tudo que lhes passar pelo caminho, incluindo uns aos outros. É um truque velho, Dare... Mas não temos bastante pessoas para forçá-los a formar um círculo ou duas frentes voltadas uma para a outra, e mesmo que tivéssemos, não temos força de fogo suficiente para destruir o Controlador da Tropa, para que eles ataquem uns aos outros.

— Você não estava escutando, Tasha. Eu disse que faríamos uma armadilha. Ela desviou o rosto da tela brilhante para o rosto dele.

— Como? Não vejo nenhum poço de mina no qual pudéssemos fazê-lo cair.

— Ao menos, você está na pista certa - disse ele. - Queremos separá-lo de seus guerreiros... mas primeiro, temos que posicioná-los de modo que, quando os comandos do Controlador da Tropa forem cortados, o alvo mais próximo de cada guerreiro seja outro guerreiro.

Yar voltou a olhar para a tela. O que Dare teria em mente? Somente três seguranças. Como poderia?...

Subitamente, sua mão pulou para o painel e ela solicitou uma descrição do pessoal da segurança. Então, sorriu.

— Thonis, um andoriano... mas, formado na Academia vulcana de Ciências. Aí está: formado em tecnologia de computação, aluno de Sarek de Vulcano. Primeiro aluno em todos os cursos. Com essas qualificações, Thonis poderia enganar qualquer computador já inventado... inclusive o do Controlador da Tropa. Tudo que precisa é um tricorder... sim, aqui está, na lista de seu equipamento. Então, fazemos com que Thonis engane o computador, ordene que as tropas se posicionem da maneira desejada e depois cortamos os circuitos de comunicação do computador do Controlador da Tropa, antes que ele possa dar uma ordem contrária!

— Você conseguiu - disse Dare presunçosamente.

— Você já tinha visto esta designação! - acusou Yar. Dare sacudiu a cabeça negando.

— Não. Simplesmente sei como é importante conhecer as habilidades especiais de uma equipe de terra. Lembre-se disso, Tasha. O pessoal de

segurança não é composto de guerreiros mercaptanos. Eles não são seres sem face, descartáveis, armados com phasers.

— Sei disso - disse ela. - Sou um deles, lembra-se?

— Mas, quanto você sabe sobre seus colegas estudantes e suas habilidades especiais? Além de seu desempenho na classe, numa aula especificamente desenvolvida para seguranças em treinamento? Que instrumento Johnson toca?

— Ah, eu sei lá - admitiu Yar.

— Piano - respondeu Dare. - E Pringle ... por que ela é tão hábil com um processador de textos?

— Ela é?

Dare sorriu.

— Ela escreve artigos, Tasha. Na verdade, ela já publicou mais de meia dúzia de artigos em diversas revistas de horticultura, enquanto esteve na Academia.

— Horticultura? Não é a toa que eu não sabia disso - disse Yar. - Nunca me interessei por hortas.

— Mas se você estivesse numa equipe de terra com Pringle e, de repente, ficasse sem comida concentrada.

Yar assentiu com a cabeça.

— Ou se houvesse plantas carnívoras ao nosso redor... sim, Dare, percebo o que quer dizer. Conhece todos os membros da classe?

— T'Keris é especialista em arquitetura. A graça e disciplina de Jessamin vem de uma vida inteira dedicada ao bale. Wokonski faz esculturas. Por-prenicle é arqueólogo. Verne...

— Pare - protestou Yar. - Já me envergonhou o bastante. Conheço essas pessoas há três anos e nunca pensei em descobrir o que fazem quando não estão trabalhando em designações da Academia ou saindo com a turma. Você está absolutamente certo, Dare. Vou procurar conhecer o máximo possível sobre meus colegas de tripulação, antes que sejamos designados a uma mesma equipe de terra na qual uma habilidade especial possa salvar o dia.

Ele sorriu consoladoramente.

— Não se sinta mal. Ainda é muito jovem, Tasha. Com o tempo...

— Pare com isso! - disse ela com raiva. Ele franziu a testa, confuso.

— Parar com o que?

— Pare de falar como se fosse um velho. Você não é meu pai, Dare!

— Não - disse ele com brandura. - Não sou seu pai, Tasha. - Ele a fitou nos olhos, que refletiam o brilho da tela do computador. - E não posso

continuar fingindo por muito tempo que meus sentimentos por você são paternais.

Algo vibrou dentro dela, uma estranha combinação de dor e prazer.

— Estou crescida agora, Dare - disse ela, deliberadamente aproximando-se dele. Ela não lhe disse que era a primeira vez que reagia aos perturbadores desejos que, depois de sua brutal iniciação sexual, somente puderam ser trazidos à tona depois de anos de terapia com conselheiras da Frota Estelar.

O coração dela palpitava ao penetrar no espaço pessoal dele. Ele não podia deixar de perceber suas intenções, nem fingiu que não compreendia.

— Tasha - sussurrou ao envolvê-la naturalmente em seus braços.

Ela ergueu o rosto, deixando que o instinto lhe mostrasse o que fazer. Dare exibiu aquele maravilhoso sorriso que tirava toda a seriedade das feições severas que a natureza lhe concedera. Inclinou um pouco o rosto para que seus narizes não colidissem e a beijou.

Com Dare, tudo foi fácil, natural... e também excitante, à medida que o beijo se tornava mais intenso. Ela passou da cálida e doce sensação de ser bem-vinda ao lar, que sentira ao pisar pela primeira vez na Academia da Frota Estelar, para um novo mundo de sensações, algo que jamais sentira antes.

E quando seus lábios se separaram, ele não a largou, mas a manteve gentilmente apertada contra o peito e sussurrou em seus cabelos:

— Oh, sim, Tasha... Você está mesmo bem crescida.

Quatro

—Tasha?

O tenente comandante Data estava preocupado. Sua companheira já estava fitando as estrelas por muito tempo. Mas, quando Tasha voltou-se, havia um resto de sorriso em seus lábios. Quaisquer que fossem seus pensamentos, deviam ter sido agradáveis. Ele ficou feliz ao ver que seu desastrado "bisbilhotamento" não tinha trazido apenas lembranças tristes.

— Estou bem, Data - disse ela. - O tempo cura todas as feridas.

— Isso me parece...

— Um aforismo. Sim. Mas comentários transformam-se em aforismos de tanto serem repetidos, e isto acontece porque são verdadeiros. Nunca poderei perdoar Darryl Adin por trair a Frota Estelar... mas ele não era de todo ruim, Data. Ninguém o é, como você sabe. Eu me lembro dele do modo como o conheci pela primeira vez: forte, corajoso, inteligente.

— E bonito? - perguntou Data. - Um cavaleiro numa armadura brilhante? Ela riu.

— Não exatamente. Na verdade, ele se parecia com você - depois acrescentou. - Oh, não fui feliz no comentário.

Data ficou curioso com a reação dela.

— Pelo que posso determinar, minha aparência é uma aproximação do que seria o padrão normal para um ser humano do sexo masculino: altura, estrutura facial, cor de cabelo, uma mistura das muitas raças humanas. Entre os seres puramente orgânicos, naturalmente, ninguém atinge esse padrão de normalidade. E, obviamente, não fui desenhado para enganar ninguém, fazendo-me passar por humano. A cor de minha pele é a mais apropriada para a absorção de energia e meus olhos são claramente... - Ele parou. - Perdoe-me. Estou divagando.

Mas Tasha estava sorrindo.

— Você não está tão na média quanto pensa - disse ela. - Ou talvez eu pense assim porque você se parece um pouco... com o primeiro homem que amei. O primeiro amor nunca é esquecido, Data.

Ele teve a nítida impressão de que ela ia dizer "único" em vez de "primeiro". Mas isso estava muito próximo do assunto que ele não queria voltar a discutir. Por isso, disse apenas:

— Não sou bonito.

— Pelos padrões convencionais? Não... mas isso não o incomoda, não é mesmo?

— A pessoa se faz bela - respondeu ele. - A beleza é só aparência. A

beleza está nos olhos de quem ...

Parou quando Tasha, como ele esperava, deu uma risada. Quando Data percebeu que tirar uma lista de definições ou exemplos de seus bancos de memória provocava riso nos humanos (a menos que a situação fosse tensa, quando, então, provocava irritação), passou a estudar o humor e descobriu algo que não compreendia: a repetição de um padrão logo se torna engraçada aos seres humanos, a familiaridade traz tranquilidade e descontração. Assim que percebeu isso, passou a utilizar freqüentemente essa técnica a fim de aliviar situações incômodas.

Desta vez, porém, aquilo não chegou a distrair Tasha. Ela continuou com o mesmo assunto:

— Por que você ficaria incomodado por não ter sido desenhado como um cartaz de propaganda da Frota Estelar, se há mais mulheres se jogando a seus pés do que aos de Will Riker?

— As mulheres não...

— Ora vamos, Data, não finja que não percebe!

Não sabendo como lidar com aquela situação, ele disse apenas:

— Não creio que as mulheres julguem os homens pela aparência tanto quanto os homens julgam as mulheres.

— Como de costume - disse Tasha - sua observação está muito correta, ao menos no que se refere aos humanos. Lembra-se do que disse sentir ao encontrar novamente alimentos cujo sabor você associou a situações agradáveis?

— Sim - disse Data, com incerteza, tentando correlacionar alimentos/afrodisíacos/beleza, o que não parecia lógico. Tasha prosseguiu e ele percebeu que ela tinha em mente algo totalmente diferente.

— Isso se parece um pouco com o modo pelo qual as mulheres vêem os homens. Acharmos bonitos aqueles que se parecem com o homem que amamos. Os psicólogos dizem que as mulheres gostam de homens que se parecem com o pai. Bem, eu não tive pai, por isso suponho que sempre acharei atraente todo aquele que se parecer com o primeiro homem que foi para mim. - Ela deu um sorriso malicioso - Sinto dizer que você terá que se conformar com o fato de eu o achar bonito, Data.

— Eu... vou considerar isso um elogio - respondeu ele e aproveitou o momento para discutir o tema em debate. - Entre os humanos existe maior concordância nos padrões de beleza para as mulheres do que para os homens.

— É verdade - disse ela.,

— Você é bonita - disse ele. Ela pareceu surpresa.

— Algumas pessoas acham que sim.

— É de consenso geral entre o pessoal da ponte. Mas você é bem diferente da conselheira Troi, que também é admirada por todos. O capitão Pi card acha a Dra. Crusher bonita, enquanto o filho dela acha esse fato ao mesmo tempo incompreensível e perturbador.

— Data... o que andou fazendo? - perguntou consternada - uma pesquisa?

— Sim - respondeu ele honestamente. - Queria compreender os ideais humanos de beleza.

— Você realmente acredita em querer o impossível, não é? Ele inclinou a cabeça.

— E algo impossível? Concordo que nunca possa haver total concordância no que se refere ao julgamento estético, mas certamente existe uma fórmula pela qual eu possa dizer que, digamos, a maioria dos humanos consideraria uma determinada pessoa bonita. Considero o comandante Riker um bom termômetro da beleza feminina. Até hoje, não encontrei uma maioria, nem mesmo uma minoria significativa, que discordasse de seu julgamento. Infelizmente, não tive a oportunidade de perguntar-lhe o que achava a respeito da presidente Nalavia. Tasha riu.

— Oh, eu posso lhe dizer o que ele diria a respeito dela, Data... e se você perguntasse a todos da Enterprise, encontraria uma minoria bem pouco significativa que discordaria dele.

— Não compreendo - disse Data.

— Todo homem a bordo diria que ela é bonita e toda mulher diria que não é. Além disso, todas as mulheres estariam mentindo!

— Tasha, você está me confundindo - objetou Data.

— Nalavia é o tipo de mulher - explicou Tasha - que por natureza atrai a atenção dos homens humanos. Ela... é praticamente o arquétipo da mãe-terra, porém, jovem e sem as marcas da preocupação e da dor. E ela se aproveita disso. Essa é a diferença entre Nalavia e Deanna, que também tem uma beleza semelhante. Deanna combina a atitude séria de uma oficial da Frota Estelar com o sentimento maternal que faz parte do seu trabalho. Juntos eles desarmam a ameaça de sua beleza física.

— Ameaça? - perguntou data.

— Deanna é quase bonita demais - explicou Tasha. - Isso poderia fazer os homens terem medo de se aproximar dela. Ela contorna esse fato sendo cordial e eficiente. É por isso que as mulheres da nave gostam dela e confiam tanto nela, assim como os homens. Nalavia, porém... lançou um convite a todos os homens da Enterprise, bem na tela da ponte.

Data repassou a cena em sua mente. Sim... os homens humanos ficaram todos numa espécie de atenção pasmada.

— Porém nenhum deles aceitou o convite - apontou ele.

— A Frota Estelar treina seus oficiais, tanto homens quanto mulheres, a nunca pensar com os hormônios. Mas, você se lembra de ter visto Wesley Crusher tão alvoroçado numa situação não crítica? Pobre garoto, não recebeu treinamento e ainda está no meio da puberdade. Não teria a mínima chance.

— Ah - disse Data, intrigado. - Agora compreendo. Nunca pensei que Wesley faria uma suposição tão improvável quanto achar que o capitão o enviaria numa equipe de terra, a um planeta desconhecido.

— Oh, Wesley queria ir! - disse Tasha. - E simplesmente não sabia por que... mas todos os homens na ponte sabiam e, na verdade, o capitão Picard não precisava ter sido tão severo com ele. Wesley vai ser um bom homem, algum dia, se apenas conseguir sobreviver até lá.

Data ia protestar que o capitão Picard jamais enviaria um alferes provisório a uma situação de perigo, quando percebeu que Tasha estava fazendo uma piada. Ele passou algum tempo analisando o que ela havia dito, e aproveitou a oportunidade de discutir os sentimentos humanos com uma amiga do sexo feminino.

— Você quer dizer que sua combinação de juventude e intelecto é mal vista, e que alguma pessoa ou pessoas a bordo poderiam pensar na possibilidade de livrarem-se dele, por considerá-lo um estorvo. Entretanto, você fez tal sugestão em tom de brincadeira.

— Isso mesmo, Data - disse ela. - Mas esse tipo de análise tira a graça da piada, que nem era muito engraçada, por sinal.

Ele concordou.

— O humor já é bastante complicado, sem se fazer distinções do nível de graça.

Tasha sorriu.

— Você aprenderá, Data - disse ela. - Por experiência, como todo mundo. Agora, quanto tempo falta até começarmos a captar as transmissões de Treva?

— Não menos que dezesseis horas, a não ser que nos enviem uma mensagem subespacial. - Ele franziu a testa. - Do que você suspeita, Tasha?

— Nada muito específico. Pode chamar de intuição. Não creio que Nalavia nos tenha contado toda a verdade.

— Obviamente não poderia fazê-lo numa mensagem tão curta.

— Não... Não é isso que quero dizer. Eu diria que é intuição feminina, mas o capitão Picard percebeu o mesmo. Há algo em Nalavia que não inspira

confiança.

— Pode determinar precisamente o que seja? - perguntou Data.

— Ela espera que a Frota Estelar aja sem uma investigação plena, para começar.

— A cultura de Treva é muito primitiva - disse Data. - Suseranos protestando contra o avanço de uma forma representativa de governo. Mesmo um político experiente desse planeta poderia ser considerado pouco sofisticado para nossos padrões. Ou podemos estar deixando passar algum dado... existem culturas nas quais o grito de socorro de um fraco impele o mais forte a ajudá-lo.

— Camelot - disse Tasha, assentindo com a cabeça, referindo-se ao planeta fundamentado nos princípios da cavalaria medieval, os quais, segundo conhecimentos históricos, jamais foi praticada amplamente fora das lendas. - Sim, eu poderia estar deixando de lado alguma suposição básica dos trevanianos, mas se você não conseguiu encontrar nada nos relatórios da equipe de pesquisa da Federação, então não faço idéia do que se trata.

Sem descobrir mais nada, nas dezesseis horas seguintes, Tasha se exercitou, dormiu e fez mais uma refeição. Data não tinha necessidade de mais nutrientes orgânicos. Conversaram um pouco e ficaram sentados um ao lado do outro em silêncio, no restante do tempo. A nave prosseguiu no curso. A cada doze horas, Data enviava a mensagem de rotina "seguindo conforme programado" para a Enterprise.

Por fim, ultrapassaram o limiar das transmissões de rádio de Treva, que Data passou a captar. Transmissões sonoras por todo o continente principal era uma tecnologia já bem conhecida ali. A novidade era a transmissão de imagens juntamente com o som. Quando Data testou as frequências e as configurações, rapidamente descobriu:

— Estão usando técnicas de teletransmissão ferengi!

— Os ferengis estão por toda a parte - lembrou Tasha. - Até que se unam à Federação, não há por que os trevanianos não possam fazer negócios com eles.

— Mas, se fazem comércio tanto com os ferengis quanto com a Federação, não poderiam ter pedido socorro a ambos?

Data viu Tasha endurecer o queixo.

— Cuidaremos de qualquer situação com que nos defrontarmos, depois que chegarmos lá. Os ferengis provavelmente não verão vantagem em ajudar os trevanianos em seus assuntos internos. Se era por causa das restrições quanto ao comércio com os ferengis e outras culturas não pertencentes à Federação que os trevanianos hesitavam em se unir à Federação, poderemos

torná-los mais favoráveis se os ajudarmos a resolver seus problemas.

— A diplomacia não é uma das minhas áreas programadas mais fortes - disse Data.

— Certamente não é o meu forte também! - respondeu Tasha. - Pensando bem, somos uma equipe de terra bem estranha para esta missão.

— Nunca vi o capitão Picard escolher com pouco critério - disse Data.

— Nem eu. Vamos dar uma olhada nessas teletransmissões. Talvez nos dêem uma pista do que está acontecendo.

Foi o que fizeram.

Os ocupantes da nave auxiliar passaram as duas horas seguintes ignorando a beleza das estrelas a seu redor, olhando fixamente para a imagem que gradualmente se tornava mais nítida na tela principal da nave.

A princípio, assistiram apenas a teletransmissão de programas de entretenimento: uma apresentação de dança, um evento desportivo e alguns dramas que não faziam muito sentido, uma vez que eram apenas trechos tirados do contexto. Todas as transmissões eram interrompidas por anúncios que instigavam os espectadores a comprar diversos produtos. Data reconheceu o sistema de "livre iniciativa" no qual os anunciantes "patrocinam" o programa, pagando os custos da preparação e da transmissão em troca do direito de alardear as vantagens de seus bens de consumo

— Parecem-se com as transmissões de Minos... - ele começou a explicar. Tasha assentiu com a cabeça, interrompendo-o com impaciência.

— Eles provavelmente o adquiriram dos ferengis, junto com o equipamento de transmissão - disse ela.

Data experimentou várias frequências, mas encontrou somente um pouco mais do mesmo, até o final de um evento desportivo. Nesse momento, houve uma interminável série de anúncios de entorpecentes, armas, cosméticos, roupas e transportes particulares. Depois, mais entorpecentes: bebidas, inalantes, tablets, todos prometendo felicidade imediata. Data percebeu que subitamente Tasha tinha ficado calada. Olhou para ela e a viu com a testa franzida.

— Isso a perturba?

Ela desviou a atenção da tela

— Será que a vida aqui é tão ruim assim? Data, eu sei quão ruim pode ser. Minha própria mãe tomava drogas porque a vida era dura e sem esperança. Essas pessoas, contudo... têm trabalho honesto, o suficiente para comer, casa e família. As drogas somente arruinariam tudo isso.

— Ampla dependência de substâncias químicas não constava no relatório da equipe de pesquisa da Federação - indicou Data, juntando a declaração de

Tasha sobre a mãe com o fato de ela ter abandonado a filha de cinco anos de idade.

Mas Tasha claramente não estava disposta a discutir seu passado.

— Aí vem uma transmissão de notícias, finalmente - disse ela, voltando a atenção para a tela.

A reportagem relatava a chegada, no dia seguinte, dos representantes da Federação, que ajudariam a debelar a insurreição dos rebeldes.

— Insurreição dos rebeldes? - perguntou Data.

— O que aconteceu com os suseranos? - perguntou Tasha.

Não havia qualquer menção a suseranos na transmissão. Mas foram mostradas várias cenas da "Frota Estelar em ação": uma velha nave da classe Constitution explodindo um planeta inteiro, pessoas em uniformes de um século atrás utilizando armas terrestres contra os klingons, um antigo filme da primeira guerra com os romulanos, mostrando um cruzador de guerra da Federação destruindo uma Ave de Rapina.

— Eles estão nos fazendo parecer agressores - exclamou Tasha. - Valentões e assassinos!

— Tudo é muito real - assegurou Data - mas muito fora de época e editado de modo a fazer a Frota Estelar parecer uma frota de guerra.

A voz do anunciador continuou:

— Esta é a potência que virá em nosso auxílio, se persuadirmos seus representantes da justiça de nossa causa. Exortamos a todos que façam a Federação se sentir bem-vinda. Os principais representantes de sua delegação são o comandante da Frota Estelar Data e a chefe de segurança YAR.

— Somos os únicos representantes - murmurou Tasha - Você notou como ele mencionou nossos títulos, Data? Fez-nos parecer membros do Comando da Frota Estelar. - Ela engasgou subitamente. - Onde eles conseguiram isso?

Na tela, uma versão mais nova de Tasha Yar aparecia na ponte de uma nave, com um phaser na mão, segurando um atacante muito próximo da camera para ser visto claramente.

— Isso aconteceu na *Starbound* - sussurrou Tasha. - Meu cruzador de treinamento. Meu Deus, onde eles conseguiram essa cena?

— Para a jovem Tasha Yar - dizia o anunciador - sua primeira designação tornou-se uma oportunidade para o heroísmo, salvando seus colegas tripulantes de cruéis inimigos que atacaram e invadiram sua nave.

Tiros de phaser explodiram à sua volta, mas Tasha permaneceu de pé, com firme determinação, sem qualquer sombra de medo em seus olhos

jovens. Os invasores a atacaram e ela disparou. A cena inteira terminou num clarão.

— Eles não mostraram o restante da tripulação da ponte da *Starbound* caindo a meu lado - disse Tasha sombriamente. - Salvei meus colegas tripulantes, pois sim. Foi Dare que...

Ela interrompeu bruscamente. Data anotou o comentário para futura consideração, enquanto permanecia atento ao restante da transmissão das notícias de Treva.

Tasha, então, foi mostrada em registros recentes, exercendo suas funções na Enterprise.

Surgiram, então, imagens de Data, num teste feito na Academia da Frota Estelar. Ele aparecia erguendo três, quatro e depois cinco de seus colegas de classe, parecendo confuso e sem compreender por que lhe era solicitada tal demonstração. Ele se lembrava: estava mesmo confuso com a experiência tão pouco científica, uma vez que já havia sido testado por aparelhos que mediam precisamente sua força e resistência. Mais tarde, ficou sabendo que essa cena tornou-se parte da informação que a Frota Estelar distribuía a seu respeito aos não cientistas, especialmente para escolas. Uma de suas primeiras designações, antes de servir a bordo de uma nave estelar, foi como representante educacional da Frota Estelar nas escolas de todo o sistema solar.

— Pelo menos, sei de onde obtiveram essas informações - disse ele para Tasha. - A Frota Estelar provavelmente ainda distribui esse filme a todas as pessoas que perguntam a meu respeito. Ele já tem muitos anos e... não sei por que vê-lo novamente me perturba.

— Porque nele você aparece mais como objeto e não como pessoa - respondeu Tasha instantaneamente. - E por sinal, a Frota Estelar não distribui mais esse dossiê atualmente. Nunca o tinha visto. Deve estar enterrado em algum arquivo, como um embarço que o Comando da Frota Estelar deve preferir esquecer. Você é hoje um oficial de valor e não um equipamento curioso que eles não sabem como utilizar.

Mas o restante da transmissão sobre Data não era melhor que o de Tasha. Mostraram-no também lutando e atirando... sempre parecendo agressivo e extremamente perigoso.

— Com a ajuda da Frota Estelar - continuou o locutor - livraremos nosso pacífico planeta dos rebeldes que se opõem ao nosso estilo de vida e tentam tomar o poder. Hoje mesmo, em Tongaruca, os rebeldes atacaram aldeões reunidos em um mercado semanal...

A cena mostrava um mercado lotado que era subitamente devastado por uma explosão. As pessoas fugiam, gritando, para dentro de um círculo de

homens e mulheres pesadamente armados que pareciam ter grande prazer em agredir e esfaquear os cidadãos desarmados, disparando phaser naqueles que tinham disposição de lutar.

Data franziu a testa.

— Os rebeldes têm phasers. Por que Nalavia não dispõe de forças armadas próprias para proteger o povo de tais ataques?

— É apenas uma das coisas que temos que descobrir - respondeu Tasha. - A outra é: como foi que os suseranos subitamente se transformaram em rebeldes? Contra o que você acha que eles estão se rebelando?

Tasha ficou sem resposta à sua pergunta, mas Data teve a sua resposta quando soldados bem armados avançaram em veículos terrestres para dentro do mercado devastado e afugentaram os rebeldes. Contudo, nenhum de seus tiros parecia acertar o alvo. Os atacantes escaparam e os soldados passaram a ajudar os sobreviventes.

Data desviou a atenção da transmissão.

— Se estas notícias locais tiverem sido tão bem editadas quanto aquelas a nosso respeito...

— As palavras que você está procurando são - disse Tasha sombriamente - "tendencioso" ou "distorcido". Duvido que Treva tenha liberdade de imprensa.

— Eles dizem que tem - disse-lhe Data. - Acha que os jornalistas se opõem ao auxílio da Frota Estelar e estão tentando nos mostrar como representantes de uma potência militar?

— Talvez - disse Tasha. - Quem quer que tenha preparado esses relatórios imagina que os espectadores *desejam* que alguém destrua seus inimigos. - Ela deu de ombros. - Talvez seja isso mesmo o que eles querem. Seus próprios soldados parecem muito ineficientes.

— Mas os jornalistas são admiravelmente eficientes - observou Data. - Eles estavam preparados para registrar o ataque, antes mesmo que ele começasse.

Tasha arregalou os olhos.

— Tem razão, Data! Não faz sentido, a menos, é claro, que os jornalistas estejam do lado dos rebeldes e queiram nos mostrar que são invencíveis... não. Eles não iriam querer aparecer como terroristas. E mostrar-nos algo também não faria sentido. - Ela suspirou. - Não sei do que se trata.

— Nem eu. Dados insuficientes. - Ele deu as costas à tela. A transmissão passara a mostrar a previsão do tempo, seguindo-se outro programa musical de entretenimento. As outras frequências traziam o mesmo, com exceção de uma lição de botânica acrescentada ao programa. Ele desligou a tela.

— Acho que não vamos descobrir muito mais até chegarmos a Treva.

No dia seguinte, ao se aproximarem de Treva, a tenente Tasha Yar ligou as transmissões na tela novamente. Havia os mesmos programas de entretenimento. Apenas o noticiário era diferente. Tudo estava preparado para a chegada deles. Fortes medidas de segurança foram implementadas, pois os inimigos do povo poderiam tentar atacar os representantes da Frota Estelar.

— Interessante - observou Data. - Nem suseranos, nem rebeldes. Agora são inimigos do povo.

Além disso, ao repassarem os velhos filmes de Data e Yar, em vez das imagens dos dois em batalha, na sequência foram mostrados registros recentes na base estelar 74. Yar aparecia vencendo um jogo de esgrima.

Data apareceu demonstrando, com paciência sobre-humana, o funcionamento do computador educacional da *Enterprise* para quatro criancinhas das famílias da nave.

— Este material - disse Yar - é provavelmente o que a Frota Estelar enviou-lhes a nosso respeito. Um quadro bem diferente do de ontem.

— Realmente - respondeu Data. - Ou não esperavam que estivéssemos captando suas transmissões ontem...

— Ou não achavam que fôssemos capazes de fazê-lo - sugeriu Tasha.

— Esta nave não seria capaz de captar - confirmou Data - os fracos sinais emitidos por Treva. Eu os ampliei. Na distância atual, contudo, eles já esperam que estejamos assistindo. - Ele olhou para ela com curiosa inocência. — Por que motivo a imprensa de Treva apresentaria uma imagem nossa distorcida, ontem, e uma imagem correta, porém incompleta, hoje?

— Uma imprensa livre certamente não o faria - respondeu Yar. - É uma evidência, mas não uma prova absoluta, de que Nalavia controla as transmissões.

Data acenou a cabeça afirmativamente de modo mecânico, indicando que estava armazenando informações que ainda não tinha analisado e voltou a atenção para a tela. Vendo-o de perfil, Yar notou novamente a semelhança com seu antigo mentor... mas, até o dia anterior, ao mencionar o fato, não tinha percebido isso. Mesmo que a pele de Data fosse de coloração normal, ninguém o confundiria com Dare. Mas tinham o mesmo tipo físico: ambos eram de altura média, magros e com notáveis semelhanças físicas. Ambos tinham a testa angulosa, olhos com bastante cílios, um nariz grande e reto, e um queixo firme, apesar de o queixo de Data ser menos forte que o de Dare. A boca era completamente diferente. A de Dare era seu grande charme. Os

lábios carnudos podiam exibir um sorriso tão devastador que nenhuma mulher resistiria... mas, quando irado, contribuía para uma expressão que fazia homens corajosos procurarem se esconder.

Data não tinha nenhuma daquelas expressões. Seus lábios eram pálidos e finos, apesar de Yar saber por experiência que eles podiam ser estranhamente sensuais quando tocados. Mas o andróide nunca dava um sorriso amplo, nem arreganhava os dentes. A experiência de vida ainda não ensinara a Data os sentimentos que produziriam tais expressões. Além disso, ela nunca tinha visto Data mais do que ligeiramente irado ou talvez apenas discretamente perturbado. Ninguém podia olhar para o rosto de Data e considerá-lo assustador ou ameaçador. A raiva de Darryl Adin o era. A lembrança daquela expressão estava gravada na mente de Yar, pois ele a exibira tanto na primeira vez em que o vira quanto na última. Na primeira vez, sua raiva estava dirigida à quadrilha de estupradores de New Paris. Na última, estava dirigida a ela.

Data voltou-se, curioso, e Yar percebeu que o estivera encarando por bastante tempo. Seus grandes olhos dourado claros eram sua característica menos humana. Ela ficou imaginando se, na sua busca pela humanidade, eles viriam a perder aquela aparência um tanto insossa e desenvolver a profundidade daqueles olhos castanhos que tanto a perseguiam em sonhos. Seria possível a um andróide erguer-se a tais ápices emocionais e mergulhar em profundezas tão devastadoras? Ela suspirou. Provavelmente, sua programação o impediria, para evitar que se tornasse tão perigoso, traiçoeiro, desonesto e indigno de confiança quanto seu irmão.

Ou Darryl Adin.

—Tasha?

— Sim? Já calculou o tempo estimado de chegada?

— Uma hora, dezessete, vírgula, três minutos - ele fez uma pausa e depois acrescentou: - Você está preocupada. Devemos enviar uma mensagem à *Enterprise* sobre o que observamos?

— Com certeza - respondeu ela, feliz por ele ter confundido sua introspecção. Não precisariam comunicar-se novamente com a *Enterprise* até depois do pouso... mas, naquele momento, tinham tempo de compor uma mensagem detalhada. Data incluiu as duas mensagens teletransmitidas, e ambos tentaram explicar suas suspeitas.

Quando se deram por satisfeitos, Data enviou a mensagem. A *Enterprise* já devia estar se afastando em dobra espacial, naquele instante, e, portanto, a mensagem levaria mais tempo para alcançar a nave. Até então, tinham recebido duas "mensagem recebida" de rotina em resposta a seus relatórios. Provavelmente um dia se passaria antes que recebessem uma resposta a essa

última mensagem. Como não estariam a bordo da nave auxiliar, o computador de vôo simplesmente arquivaria a resposta até que um deles subisse a bordo.

Era hora de entrar em contato com o espaçoporto da capital de Treva e aterrissar a nave auxiliar. A nave foi rapidamente conduzida a um hangar. Data e Yar saíram da nave e viram-se cercados de homens e mulheres em uniformes pretos com grandes porções de vermelho, azul e verde-dourado. Não eram cópias exatas dos uniformes da Frota Estelar, mas à distância, percebeu Yar, aquelas pessoas pareciam um pelotão da Frota Estelar. Os nativos seriam tão estúpidos a ponto de imaginar que todos haviam chegado naquela nave tão pequena?

Havia um multidão contida por soldados, atrás de tapumes. Data e Yar, contudo, foram levados apressadamente, a uma certa distância da multidão, para um carro terrestre que os esperava. Seguiram por ruas obviamente interditadas, seguidos por outros veículos que levavam as pessoas que encontraram ao sair da nave auxiliar. Atrás dos tapumes, as pessoas estavam enfileiradas para assistir a passagem dos visitantes.

O Palácio Presidencial ficava a pouca distância da cidade, localizado entre belos jardins. O carro foi rapidamente liberado no perímetro de segurança. Yar automaticamente tomou nota do desenho do mesmo. Ela conhecia uma dúzia de maneiras de burlar aquele tipo de segurança. Para sua surpresa, seus phasers não foram confiscados, nem ali, nem na entrada do palácio.

Nalavia os esperava na sala de recepção, estendendo-lhes a mão de modo bem humano... diante de uma porção de cameras. Era uma encenação, percebeu Yar. Ela procurou lembrar-se das regras de protocolo, que nunca foram muito de seu interesse, com exceção dos protocolos militares da Frota Estelar. Os trevanianos estavam passando de uma espécie de ditadura benevolente para uma democracia parlamentar, que teve início duas gerações no passado. Como consequência, as classes sociais estavam se desfazendo, assim como os costumes. Não havia regras definidas pelas quais interpretar o comportamento de Nalavia.

Exceto uma: fosse por herança ou eleição, aquela mulher estava à frente do governo do planeta. Mesmo assim, tinha esperado por eles, em vez de fazer com que fossem levados à sala de recepção e depois aparecido. Ela os recebeu como iguais, o que não correspondia com a verdade. Isso significava que ela queria que seu povo acreditasse estarem no mesmo nível.

A presidente de Treva usava um traje cor de vinho que se moldava ao corpo, semelhante a um uniforme militar, com dragonas e vários broches dourados no corpete esquerdo. O traje tinha duas peças, a parte de cima

afivelada na cintura a uma saia com um corte que subia bem acima dos joelhos. Nalavia calçava botas de cano longo, com salto alto e fino que a fazia ficar da altura de Data. Yar ficou se perguntando como ela conseguia se equilibrar neles.

Preso numa faixa larga, trazia ao pescoço uma insígnia, o símbolo da presidência... mas o comprimento da fita fazia com que a insígnia balançasse bem no meio dos seios, cuja curvatura generosa era exposta pelo decote acentuado do corpete, sob o qual ela não vestia nem blusa, nem camisa.

A cor, notou Yar, combinava com a pele clara de Nalavia e seus cabelos negros, mas não com seus olhos. Aqueles olhos inexpressivos e verdes, apesar do termo "reptiliano" vir-lhe à mente, não era essa a descrição certa. Certamente não eram olhos de gato, não possuíam a claridade dos olhos grandes dos felinos. Algo naqueles olhos incomodava Yar, mas ela não conseguia precisar o que estava errado com eles.

O encontro foi breve e muito formal. Nalavia havia preparado uma saudação; Data havia preparado uma resposta. Yar estava contente por ele ter patente mais alta e, portanto, tivesse que cuidar daquela parte do protocolo. Ela odiava falar em público. Isso também lhe deu a oportunidade de perceber algo em Nalavia que bem poderia ser frustração. Mas, qual seria o motivo?...

Tasha, então, compreendeu o que o capitão Picard havia feito. Para enfrentar uma mulher tão voluptuosa, cuja sensualidade era sentida até mesmo em uma mensagem gravada, a ponto de acionar todos os hormônios masculinos na ponte da *Enterprise*, ele havia enviado uma mulher e um andróide! Yar disfarçou um sorriso pela perspicácia do capitão.

Quando o encontro público terminou, Data e Yar foram levados a seus alojamentos. Cada um recebeu uma suíte de dois cômodos e banheiro, em lados opostos de um amplo corredor que exibia pinturas, estátuas e guardas fortemente armados.

Yar descobriu que seus pertences já haviam sido colocados nas gavetas, no guarda-roupa e no armário do banheiro. E provavelmente cuidadosamente vasculhados no processo. Mas, nada havia para ser encontrado. Ela carregava consigo o phaser, o tricorder e a insígnia de comunicação.

O jantar com Nalavia estava marcado para dali uma hora e meia. Yar tomou um banho e vestiu seu uniforme de gala, despendendo tempo para passar maquiagem, tendo em vista a formalidade da ocasião. Estava contente por não ter que usar um vestido de gala, apesar de saber que Nalavia certamente o faria.

Poucos minutos antes do horário, Data apareceu à sua porta para acompanhá-la até a sala particular de jantar, onde esperavam poder descobrir

mais sobre o que realmente estava acontecendo em Treva. O andróide também estava em seu uniforme de gala.

— Suponho que seja seguro deixar nossos phasers nos quartos - disse ele.

— Você parece ficar tão desconfortável sem ele quanto eu - observou Yar. - Verificou se havia aparelhos de escuta em seu quarto?

— Não há nenhum. Contudo, gostaria que a conselheira Troi estivesse aqui conosco - respondeu ele. - Até mesmo eu posso sentir que não estão nos dizendo toda a verdade... nem ao povo de Treva. O que você acha, Tasha?

— Sinto o mesmo. E também, que você frustrou Nalavia hoje.

— Frustrai?

— Você não correspondeu ao charme dela. Hmmm. Data, sabe flertar?

— Tenho em minha programação uma grande variedade de técnicas de como agradar. Entre elas há 234 formas de flerte.

— Então sugiro que utilize algumas delas em Nalavia. De-lhe um pouco de seu próprio remédio e veja o que acontece.

— O que acontece? Tasha, se eu o fizer, ela sem dúvida irá esperar que...

— Não! - disse Tasha incisivamente. Depois acrescentou: - Quero dizer, não esta noite. Se você lhe der o que ela deseja, imediatamente, não haverá razão para ela lhe dar o que você deseja.

— E o que seria isso?

— A verdade. O que realmente está acontecendo em Treva. Compreende que não podemos lhe fazer uma pergunta direta?

— Sim, Tasha - respondeu ele, com seu sorriso discreto. - Até mesmo eu não sou tão ingênuo. Vivi entre os humanos por vinte e seis anos.

Yar não pôde resistir.

— Você já deu várias voltas no quarteirão, não nasceu ontem, não é mais um bebê - e ficou encantada ao ver o sorriso de Data se ampliar.

— Por favor, não roube meu ato - disse ele brandamente. - Por enquanto, é o único que tenho.

— Oh, não é não - disse ela e beijou-lhe a face. Ele havia sido desenhado para ser agradável ao tato, como ela bem se lembrava: cálido, macio e forte por baixo. Até então, Yar estava arrependida de ter seduzido Data, sob a influência do vírus desinibidor. Talvez, ela devia se arrepender era de sua ordem de que aquilo "nunca aconteceu".

Afinal de contas, quando a missão estivesse terminada, haveria uma nova longa jornada na nave auxiliar, só os dois, juntos...

Ela afastou esses pensamentos da mente e voltou a atenção ao jantar com a Presidente de Treva. Nalavia os recebeu numa pequena sala, oferecendo vinho e coquetéis. Yar aceitou uma taça de vinho, Data não. Aquilo era

estranho. O álcool tinha pouco ou nenhum efeito sobre ele.

— Agora que estamos a sós, - disse Nalavia - podemos conversar como amigos. Meu planeta está em sérios apuros. Certamente sabem que a guerra mais triste é aquela que leva um povo a lutar contra seus próprios irmãos. É o que está acontecendo em Treva.

— Guerra civil - disse Yar. Ela sabia muito bem quão horrível a guerrilha constante podia ser. Era algo comum no lugar onde crescera. - A Federação lastima saber que isso esteja acontecendo entre um povo que esperávamos poder ser aceito entre nós.

— Então, certamente a Federação nos enviará ajuda! - disse Nalavia. - O povo quer a paz e uma participação no governo... mas os terroristas estão assassinando os oficiais eleitos pelo povo. O legislativo foi obrigado a suspender as reuniões, bem no momento crucial em que a nova constituição deveria ser testada e receber emendas.

Foram interrompidos pelo anúncio de que o jantar estava servido: um banquete suntuoso, durante o qual Nalavia mostrou ser uma boa anfitriã, recusando-se a discutir o propósito da visita, até que estivessem novamente na sala de visitas, bebendo conhaque sauriano.

— Que querem esses terroristas? - perguntou Data.

— A volta dos velhos métodos, com suseranos governando pela força, em vez de pessoas eleitas pelo povo.- Suseranos? - perguntou Yar com suspeita.

— Eles agora se uniram sob o comando de um único homem - explicou Nalavia. - Rikan. Muitos dos habitantes do campo se alistaram em seu exército. Talvez por medo das mudanças ou por saudade dos velhos métodos... ou talvez porque acham que Rikan vai vencer e têm medo das represálias contra eles ou suas famílias.

— Mas esse é um assunto interno - disse Data. - O que a Frota Estelar poderia fazer?

Nalavia inclinou-se para frente com avidez.

— Sabemos onde fica a fortaleza de Rikan! Nossas forças terrestres tentaram tomá-la, por diversas vezes, mas Rikan tem uma posição inexpugnável. Para nossas armas. Mas para as suas... teriam apenas que enviar uma única nave estelar para fazer sua fortaleza ir pelos ares! Ele não poderia derrubar uma nave estelar, como faz com nossas pequenas aeronaves. Em minutos, vocês poderiam nos livrar desse suserano. Ê Treva ficaria eternamente agradecida e rapidamente se uniria à Federação.

— Não é assim que a Frota Estelar opera - disse Yar. - Acreditamos em prevenir a guerra. Ser forçados a usar armas seria por si só uma espécie de

derrota.

Nalavia a encarou com mal-disfarçada frustração.

— Querem, então, que nos curvemos como cães e deixemos que esse suserano nos domine? - Seu peito arfava com a emoção. - É porque não viram o que ele faz com pessoas inocentes. - Ela se ergueu e caminhou até uma tela na parede. Tocou alguns controles e fez com que surgissem imagens. Primeiro, a cena da bomba no mercado, que eles haviam visto no noticiário. - Isso aconteceu há apenas um dia - disse Nalavia.

— Seu exército parece muito ineficaz - observou Data.

— E que exército poderia lutar contra um inimigo que ataca civis? - replicou Nalavia. - Nossas tropas não podem estar em todo lugar ao mesmo tempo. Se ao menos Rikan lutasse limpo, teríamos uma chance. Mas são esses os seus métodos.

Outra cena apareceu. O que parecia ser um ônibus lotado de pessoas locais passava por uma rua movimentada da cidade. De repente, de dentro do ônibus, saíram homens fortemente armados atirando a esmo nas pessoas que passavam. Em outra cena, mais homens armados invadiram uma escola e forçaram as crianças a sair sob ameaça de armas, sendo escoltadas até um veículo terrestre. Quando uma delas tentou fugir da fila, foi alvejada. Outras começaram a gritar. As que entraram em pânico e tentaram fugir foram alvejadas a sangue-frio.

Yar desviou a atenção da cena de carnificina, no mesmo instante em que Data perguntava:

— Como foi que as cameras...

— Como foi que seu exército não se encheu de voluntários - falou Yar mais alto que Data - quando há um inimigo tão terrível atacando seu povo?

Data olhou para ela e assentiu com a cabeça. Ele não insistiria na pergunta e Yar somente podia esperar que ele não voltasse a repeti-la mais tarde. Eles não podiam permitir que Nalavia soubesse que haviam percebido que aquelas "atrocidades" tinham sido editadas ou mesmo inteiramente encenadas.

Mas a mulher estava um passo adiante deles.

— Desde que os ataques começaram, instalamos cameras de vigilância em toda a capital, para poder mobilizar nossas forças o mais cedo possível. Quanto aos voluntários, os cidadãos de Treva somente se tornaram inteiramente livres há menos de uma geração. A tradição reza que os governantes devem cuidar deles. Estamos tentando, meus amigos, tentando desesperadamente... mas precisamos de sua ajuda ou iremos sucumbir novamente à ditadura dos suseranos e sofreremos uma guerra sem fim. -

Nalavia falava como se estivesse lutando para conter as lágrimas.

Yar olhou para Data e disse com os lábios: "Agora". Ele ficou em dúvida, por um instante, e depois fez que sim com a cabeça.

— Um argumento muito sensibilizador - disse o andróide, indo até Nalavia e tomando-lhe a mão, como para lhe dar alento. - A Frota Estelar terá muito interesse pelo que nos contou hoje e pelo que encontramos aqui. Mas, nada podemos fazer esta noite. Tire estas imagens de tragédia da cabeça. Você nos chamou de amigos, Nalavia. Espero que tenhamos a oportunidade de lhe provar quão bons amigos podemos ser.

Yar piscou os olhos. Meu Deus, Data era bom! Nalavia tomou-lhe a mão entre as suas, bravamente lutando para conter as lágrimas. Yar disfarçou um sorriso torto. A presidente de Treva também tinha seus talentos no flerte. Depois de observá-los em ação, por cerca de meia hora, Tasha sentia como se estivesse afundando num mar de creme e começou a se preocupar um pouco. Certamente, Data não podia estar caindo naquela de desamparada, com olhares pestanejantes e peito arfante...?

Não. Data era uma máquina. Nunca deixaria os sentimentos sobrepujarem a razão.

Contudo, estava agindo como se tivesse sentimentos.

Ora, caía na real, Tasha... ele teve que perguntar sua opinião para saber se Nalavia era bonita ou não - lembrou-se ela. Depois do conhaque, pediu licença para se recolher, justificando ter sido aquele um dia longo e ela ter por hábito, quando estava na superfície de um planeta, acordar cedo para se exercitar ao raiar do sol.

Nalavia graciosamente desejou-lhe uma boa noite, mas sua atenção estava obviamente voltada para Data. Eu realmente devo experimentar por mim mesma o programa de flertes de Data, pensou Yar enquanto caminhava pelos longos corredores até seu quarto. Sua mente de oficial de segurança percebeu, divertida, que o guarda sentado à porta de seu quarto estava cochilando em serviço, mas resistiu à tentação de acordá-lo. Deixaria que seu substituto ou seu chefe o descobrissem daquele jeito.

Abriu a porta e tocou no interruptor... mas nada aconteceu.

Imediatamente virou-se para voltar ao corredor, sem nem mesmo parar para somar um acontecimento estranho com o outro ...

Era tarde demais.

Mãos fortes a puxaram para dentro do quarto novamente.

Sua reação foi instintiva. Percebeu haver dois atacantes, pois alguém fechou a porta atrás dela ao mesmo tempo em que Tasha desferia um chute no sujeito que a agarrara, ouvindo, com satisfação, um gemido de dor, ao atingi-lo no joelho.

As cortinas, que tinham estado abertas, estavam fechadas. Por um instante, ela esteve em desvantagem, enquanto seus olhos se acostumavam com a escuridão, tendo vindo do corredor bem iluminado. Mas ela freqüentemente treinava com os olhos vendados.

E eram apenas dois. Normalmente não teria problemas para vencê-los, mas aqueles dois se moviam como lutadores treinados e eram ambos maiores do que ela.

Mas, Tasha não parou para pensar. Virou-se, depois de desferir o primeiro chute, e acertou o homem junto da porta nas costelas.

— Diabos! - gemeu ele e Yar sorriu na escuridão.

O segundo chute deixou o oponente sem fôlego, mas ela ficou sem equilíbrio e o primeiro sujeito chutou-lhe a perna de apoio.

Tasha cambaleou mas conseguiu manter-se de pé.

Recuperando-se, sentiu os braços serem agarrados por mãos fortes. Antes de poder se orientar e libertar-se, uma mão forte agarrou-a no ângulo entre o pescoço e o ombro.

Só então, ela se lembrou de gritar. Era tarde demais. Conseguiu apenas emitir um leve gritinho e desmaiou.

Recobrou a consciência dentro de seu pior pesadelo. Estava amarrada pelas mãos e pés, sendo carregada rudemente no ombro de alguém e com um capuz na cabeça.

Por um terrível momento, pensou estar de volta a New Paris, nas mãos da quadrilha de estupradores!

Logo em seguida, o presente lhe voltou à mente. Havia sido raptada no palácio de Nalavia.

Droga! Se ao menos tivesse tentado acordar o guarda, descobrindo que estava frio! Não. Conjecturas de nada valiam.

Quanto tempo teria se passado? Estaria ainda nos jardins do palácio?

Ao testar as cordas que a prendiam, chamou a atenção do sujeito que a carregava.

— Está voltando a si.

— Ele disse que ela era dura na queda - disse a outra voz. - Droga! Vou ficar mancando por uma semana.

— Sei. Mas, eu estou com uma grande marca nas costelas e nem estou reclamando.

— Você está sempre se gabando das suas marcas.

O sujeito que carregava Yar riu e a mudou de posição.

— Ela é pesada para uma coisinha tão pequena.

— Quer que eu a carregue? - o outro homem não parecia muito

entusiasmado.

— Não. Já estamos chegando.

Poucos passos adiante, Yar sentiu que fizeram uma curva acentuada e entraram numa sala.

— Nós a pegamos! - disse o captor alegremente e derrubou-a sem cerimônia no chão.

— Tirem essa coisa da cabeça dela! - gritou uma nova voz, furiosa. Porém, não era uma nova voz...

— Está bem, está bem. Mas você não queria que ela visse o caminho todo até aqui, queria? - protestou um dos sujeitos que a carregaram, tirando o capuz que cobria a cabeça de Yar.

Com uma inacreditável sensação de déjà vu ela se viu diante de botas negras brilhantes. Conseguiu virar-se de costas, elevou o olhar, subindo pelas longas pernas, passando pelo corpo vestido de negro e cinza, até o rosto cruel e irado que a fitava. A expressão era a mesma que ficara gravada em sua memória, na última vez em que vira...

... o rosto de Darryl Adin.

Cinco

A alferes Tasha Yar não podia imaginar alguém no universo mais feliz do que ela. Havia se formado na Academia da Frota Estelar com honras. E sua primeira viagem de treinamento fora tão bem sucedida, que a *Starbound* recebera uma designação genuína e importante em seu retorno à Terra: transportar um carregamento de cristais de dilúcio da estação de extração, em Tarba, até os estaleiros da Frota Estelar, em Marte. Mas não era apenas o sucesso na nova carreira que fazia Yar sentir que a gravidade artificial deixara de funcionar.

Depois dos primeiros miseráveis quinze anos de sua vida, nem bem tinha se acostumado com a idéia de um futuro esperançoso, quando o departamento de imigração da Federação ameaçou enviar-lhe de volta para o inferno do qual havia escapado. Os historiadores descobriram nos registros que o ponto de transição em New Paris ocorreu quando o planeta se separou da Federação, acusando-a de ter abandonado a colônia. Sem saber das guerras e retrocessos tecnológicos que aconteciam na Terra, o governo de New Paris declarou independência, para não se sujeitar às mesmas leis que, ao serem violadas, provocaram a pior guerra da Terra e o horror pós-atômico. Por ironia, New Paris levou mais tempo que seu planeta de origem para degenerar-se... mas o resultado final foi semelhante e New Paris jamais se recuperou, como fez a Terra.

Mas Dare procurou um advogado da Frota Estelar para defender o caso de Yar. No final, não foram as habilidades do advogado, nem a eloquente descrição da vida da qual Dare havia salvado aquela "criança" que lhe deram o direito de permanecer na Terra. O mais poderoso chefe da droga de New Paris, que a Federação foi obrigada a reconhecer como representante de seu planeta, simplesmente não a queria de volta!

— De que nos serve outra garota faminta? Se a querem, fiquem com ela. Na verdade, podem levar todas as outras crianças abandonadas que quiserem acompanhá-los!

Somente depois de sentir-se segura em sua nova vida, Yar começou a tornar-se um pouco civilizada, alcançando seu sonho de frequentar a Academia da Frota Estelar. A luta pela sobrevivência estava terminada. Novos horizontes se abriram para ela.

Parecia que o destino finalmente havia voltado sua face favorável para a jovem que tanto havia desprezado até então. Quando Darryl Adin retornou à Academia da Frota Estelar para um curso de atualização nas mais avançadas técnicas de segurança, foi colocado na classe de Yar, que estava no último

semestre, e ambos se redescobriram. A diferença de idade, tão importante quando ele era um oficial da Frota Estelar e ela apenas uma adolescente aterrorizada, tornara-se insignificante, pois Yar já estava com quase vinte e três anos. Sem poder evitar, eles se apaixonaram.

Não podiam ter escolhido melhor ocasião. No passado, um casamento entre membros da Frota era um empreendimento arriscado, sendo frequentemente desfeito na tentativa de se conciliar as duas carreiras. O casal era forçado a escolher entre recusar promoções ou enfrentar longas separações. De qualquer modo, as pressões domésticas, somadas a um estilo de vida estressante, resultava num índice inconcebivelmente alto de casamentos desfeitos.

Mas, naquela época, reconhecendo a necessidade humana de formar família, a Frota Estelar estava construindo novas naves estelares da classe Galaxy, destinadas a longas viagens de exploração, nas quais famílias inteiras viajavam juntas. Darryl Adin e Tasha Yar haviam requerido permissão para se casarem e serem designados a uma dessas naves. O primeiro pedido havia sido aprovado. Eles se casariam na Capela da Academia, assim que voltassem à Terra. Era muito cedo para comemorar o segundo, mas amigos de Dare no Comando da Frota Estelar tinham lhe assegurado que, apesar de a competição para outros postos ser a mais acirrada que já tinham visto, havia poucos pedidos para os postos de segurança. Para pessoas aventureiras que escolheram uma carreira na Segurança da Frota Estelar, uma nave tão segura a ponto de levar crianças a bordo parecia pouco interessante.

Por isso, Yar tinha esperanças que os dois não apenas poderiam servir juntos, mas também criar uma família com ambos os pais dentro da grande família da Frota Estelar... a única família ela conhecia.

Como era costume nas viagens de treinamento, a *Starbound* estava quase que exclusivamente tripulada por cadetes recém-formados da Frota Estelar, tendo apenas alguns oficiais mais velhos para guiá-los. Sua missão era bastante real: transportar víveres para alguns planetas ao longo das rotas estelares mais trafegadas. Mas não era nem perigosa, nem crucial. Enfrentaram tempestades iônicas, aprenderam a cumprir a programação prevista e visitaram planetas muito diferentes daqueles nos quais haviam sido criados. Aprenderam a servir nos vários postos, cuidar da nave e trabalhar em equipe, através de experiências do dia-a-dia. No final da viagem de treinamento, partiriam para suas primeiras designações em naves ou bases estelares, estando qualificados para trabalhar lado a lado com o pessoal experiente da Frota Estelar.

Dare era um dos oficiais experientes da *Starbound*, servindo no cargo de

chefe da segurança. Algumas das amigas de Yar a haviam alertado das dificuldades que enfrentaria por ter o noivo como superior, mas seria melhor aprender naquela ocasião do que depois de casada. Quando as sombrias previsões não se concretizaram, imaginou que tudo não passava de inveja. Na metade final da viagem de seis meses, receberam a carga de cristais de dilítio, na base estelar 36, e rumaram para a Terra com orgulhoso sentimento do dever bem cumprido.

Certo dia, Yar estava na sala de tiro, tentando igualar a pontaria de Dare com uma pistola de tiro único. Um phaser, ou qualquer outra arma de tiro contínuo, não desafiavam a habilidade do atirador. A pessoa podia mover o tiro até o alvo, com o gatilho apertado. Treinar apenas com esse tipo de arma tendia a deixar a pontaria desleixada e induzia ao hábito de se desperdiçar a carga da arma, algo crítico numa situação em que fosse impossível recarregá-la.

Por esse motivo, o pessoal da segurança treinava com armas que disparavam curtos feixes luminosos, em alvos sensíveis à luz. Yar era a melhor de sua turma... mas a pontaria de Dare era lendária. Ele tinha sido campeão da Frota Estelar, nos últimos nove anos, e ninguém chegava sequer a ameaçar sua posição.

A pistola de luz emitia um discreto zumbido e o alvo fazia soar sons diferentes, de acordo com o ponto atingido. Os tiros de Yar faziam soar um monótono "bonk", ao acertar repetidas vezes o círculo de dez centímetros, a trinta metros.

Daquela distância, não podia enxergar suficientemente bem para saber de que modo seus disparos estavam atingindo o alvo, mas ainda pareciam estar um pouco dispersos. Deu um passo para trás e olhou o monitor acima de sua cabeça. Realmente, seus tiros estavam espalhados pelo círculo central. As pessoas diziam que Dare conseguia acertar quinze tiros, um em cima do outro, bem no centro do alvo, fazendo parecer que havia disparado um único tiro.

Yar respirou profundamente, espreguiçou os dedos e tentou de novo. Seis tiros fizeram soar a mesma nota, mas o sétimo provocou um som mais grave.

— Droga - murmurou Yar. Estava piorando.

— Está muito tensa, querida.

Ela fechou os olhos, cerrou os punhos e a boca, e falou por entre os dentes:

— Vá embora, Dare. Sabe que odeio quando você chega de mansinho desse jeito.

— E por que foi que eu consegui?

— Por que não estamos num treinamento de sobrevivência no holodeck. É um treino de tiro-ao-alvo e estou tentando me concentrar. Existem lugares nos quais a pessoa não precisa ficar se preocupando se vai ser atacada.

— Que me diz do meu alojamento, depois do próximo turno?

— Está combinado. Agora, vá embora e me deixe trabalhar.

— Isso é trabalho, Tasha? - Ele se aproximou por trás, colocando as fortes mãos nos ombros dela, aliviando-lhe a tensão. - Sim. Você está se esforçando demais. Relaxe. A pistola é uma extensão da sua mão. Aponte-a como se fosse um dedo. O tiro-ao-alvo é apenas um jogo...

— *Apenas* um jogo? Nem parece o sujeito que ficou três dias resmungando só porque foi derrotado no xadrez pelo computador da nave.

— Alguém da última tripulação o programou para roubar no jogo - disse ele com firmeza. - Sestok teve que reprogramá-lo. Não mude de assunto. Você não precisa de tanta pontaria para derrubar um inimigo. Só está afiando sua habilidade aqui.

— Mm-hmm. Você não quer que eu fique melhor que você. - Ela disse com brandura, mas por mais de uma vez ficara ressentida com a natureza competitiva de Dare, especialmente quando entrava em choque com a dela. Ela não conseguia fazer com que ele entendesse a diferença entre eles: Dare jogava para ganhar. "Yar lutava para sobreviver.

Mas seu noivo entendia seus desejos, apesar de não compreender suas motivações. Dare ainda estava com as mãos nos ombros de Yar. Fez, então, com que ela se virasse para encará-lo.

— Tasha, - disse ele - eu *quem* que você seja tão boa quanto eu.

— Mas não melhor, não é? Ele sorriu ironicamente.

— Quer ser mais do que perfeita?

Ela riu.

— Ninguém é perfeito.

— Não. Não em tudo. Mas em algumas coisas... Tasha, por que você acha que eu faço você se esforçar ao máximo? Porque quero que seja feliz e, para você, isso significa aperfeiçoar suas habilidades como oficial de segurança.

— Isso não é tudo. Tendo você... - ela deixou a frase inacabada.

O sorriso de Dare foi doce e amplo, e ele a beijou. Ela derreteu-se feliz em seus braços. Quando se separaram, ele murmurou:

— Está relaxada, agora? Está se sentindo bem?

— Mmmmmmm.

— Tente atirar agora.

— Dare! - ela enrijeceu o corpo, ultrajada.

— Vamos - instigou-a. - É uma ordem, alferes.

— Vá se danar - murmurou ela, não alto o suficiente para que seu oficial superior a ouvisse, apesar de tratar-se de Dare. Ela voltou-se e acertou quinze disparos bem no centro do alvo.

Dare estava olhando o monitor quando ela se virou para encará-lo. Ele sorriu.

— Foi a sua melhor marca.

Ela olhou para cima. Realmente. Todos os tiros estavam agrupados num raio de cinco centímetros. Quando ela olhou para Dare, vendo-o tão superior e satisfeito consigo mesmo, a raiva que sentiu dele e a satisfação de ter se saído tão bem a impediram de falar.

— Agora - disse Dare - diga-me que não fingiu estar atirando em mim. Yar engasgou, surpresa.

— É claro que não! - acrescentando em seguida: - Não que você não merecesse.

— É isso aí, minha garota esperta - disse Dare com aprovação. - Use seus sentimentos, não deixe que eles a controlem. Vejo você depois do turno.

Ela a deixou ali, meio indignada, meio excitada, meio encantada, meio confusa... sem se preocupar quantos meios isso somava, já que tinha emoções suficientes para duas pessoas dentro de si.

Mais tarde, quando ambos estavam fora de serviço e descontraídos no alojamento de Dare, ela lhe perguntou:

— Você usa aquela mesma técnica com todo mundo? Ele riu ao responder.

— Acho que isso não ia funcionar muito bem com o Henderson, não acha? Jack Henderson era uns vinte centímetros mais alto que Dare e tinha o corpo de um estivador. O que lhe faltava em agilidade, sobrava em peso e força muscular. Quando ele conseguia se firmar, ninguém do pessoal de segurança conseguia derrubá-lo, nem mesmo Darryl Adin.

— Com todas as outras novatas em treinamento, então?

— Já me apertaram o nervo do pescoço, uma vez, estando em serviço, Tasha. Não quero provocar esse tipo de reação, sem querer - respondeu ele.

Oh, claro. T'Seya.

— Além disso, - continuou Dare - ensinar técnicas de segurança é como estar em campo: a gente usa o que está à mão, adaptando o que temos ao objetivo em vista.

— Então você me considera um *objetivo*!

Ele não respondeu imediatamente, ficando a estudá-la por um instante. Ele estava em seu roupão de meditação, sentado de pernas cruzadas no leito.

A *Starbound* era uma nave pequena. Apesar de haver uma cabine privativa para o chefe de segurança, não era nem espaçosa, nem luxuosa. Havia apenas dois lugares para se sentar: uma poltrona confortável, onde Yar estava sentada, e a cadeira de espaldar reto da escrivaninha.

Yar ainda estava de uniforme, pois tinha vindo direto do turno. Tinha passado o dia na entediante tarefa de vistoriar o estoque de armas. Surpreendentemente, havia encontrado sete phasers desregulados e os enviara à manutenção.

Dare a observou por alguns momentos, com seus olhos escuros, que se tornavam indecifráveis naquela suave luz da cabine. Seu cabelo castanho claro tinha uma aparência fofa e suave, indicando que acabara de ser lavado, e caía em franja sobre a testa de Dare, sem estar repartido, como o de um garotinho, suavizando-lhe as feições duras. O que Yar realmente queria fazer era pular para junto dele e correr os dedos pelos seus cabelos, deixando que Dare a fizesse esquecer de tudo. Mas algo a impedia de sair da poltrona. Talvez o olhar penetrante de Dare.

Por fim, Dare falou:

— Está brava comigo, Tasha?

— Não sei.

— Parece-me uma resposta sincera. Mas você *está* brava.

— Não banque o conselheiro da nave, Dare. Não está mais qualificado do que eu para esse cargo.

Ele arregalou os olhos e exibiu um discreto sorriso de desculpas. Ele ficava lindo em momentos como aquele, quando suas feições se abrandavam.

— Então é isso. Desculpe, Tasha. Achou que eu estava brincando com seus sentimentos, hoje à tarde.

— E não estava?

— Não. E sim.

— Essa *não* me parece uma resposta sincera.

— Sim, considerando que eu queria aliviar sua tensão e estimular seu espírito competitivo, como faria com qualquer pessoa em situação semelhante. E não, considerando que apesar de ter exercido meu direito de tocá-la... - ele sorriu novamente - ...meu desejo de tocá-la, usei uma abordagem individual, sem ser pessoal.

— O quê?

— Eu a incentivei a usar sua própria autodisciplina. Tasha, não admira que se irrite tão facilmente, considerando o que passou na infância. Mas você aprendeu a usar essa raiva de modo positivo, sem qualquer ajuda

minha. Quando eu a deixei na Terra, você era como um míssil armado, pronto a disparar em qualquer direção, à mínima provocação. Quando voltei, encontrei uma jovem forte e bonita, que sabia agir com sabedoria.

— Não é o que meus instrutores diziam - lembrou Yar.

— É só uma questão de estilo, Tasha. Seu estilo é agir rapidamente. Como o meu. Ambos somos sobreviventes, meu bem. É por isso que formamos uma equipe tão formidável.

— Eu pensei que os opostos é que se atraíam.

— Bem... acho que somos suficientemente diferentes para tornar a vida interessante - respondeu ele, com seu tom de voz mais sedutor.

Yar não pôde deixar de rir. Dare sempre conseguia derrubar suas defesas. Era por isso que ela o amava tanto! Ergueu-se da poltrona e caiu em seus braços cálidos.

Darryl Adin podia ser competitivo em todas as outras áreas, mas era muito generoso na intimidade, dando a Yar todo o carinho e calor que ela tão desesperadamente precisava. Ele era seu primeiro amor e primeiro amante, pois mesmo tendo superado, depois de anos de aconselhamento recebido na Frota Estelar, o medo e a desconfiança dos homens que sua vida em New Paris lhe incutira, seu relacionamento com o sexo oposto nunca passara da amizade, até Dare reaparecer em sua vida.

Era inacreditável pensar que havia hostilmente imaginado, ao ser resgatada, que ele se aproveitaria dela. Sentiu-se ao mesmo tempo aterrorizada e atraída por ele. Seu medo cresceu, no decorrer da viagem, à medida que recebia roupas limpas, era alimentada adequadamente e recebia tratamento dos dentes. Temia que quando estivesse à altura de suas exigências, ele poderia lhe cobrar o que quisesse, pois ela havia aceitado tudo que Darryl lhe dera, inclusive sua própria atenção pessoal.

Por fim, não podendo mais suportar a tensão da espera, desabafou, ao ser dispensada de uma aula de matemática:

— Quando é que vai acontecer, afinal? Quando vou começar a pagar pelas roupas, os remédios e as aulas? Ainda não estou suficientemente limpa e sabida para seu gosto?

Ele a encarou com tal surpresa, com uma expressão tão verdadeiramente perplexa, que, pela primeira vez, ela soube, ou melhor, acreditou, que Dare não esperava qualquer pagamento.

Ao perceber o que ela queria dizer e quais temores vinha escondendo, ele deixou cair o queixo, horrorizado e penalizado:

— Oh, Tasha - sussurrou ele. - Oh, minha menina, não! Ninguém vai machucá-la de novo daquele jeito, jamais. Pensei que você compreendesse.

Não somos como eles. - Ele começou a se aproximar dela. Percebendo que o gesto poderia ser mal-interpretado, afastou-se. Mas não sem que ela percebesse a dor que sua acusação infundada lhe causara.

Ela ficara tão perplexa quanto ele, não compreendendo seu próprio sentimento de rejeição.

Somente anos mais tarde, quando se encontraram novamente como adultos, ela pôde compreender plenamente quão injustas suas acusações tinham sido. Elas continuaram a ecoar através dos anos, mesmo quando se encontraram novamente, impedindo-o de manifestar seus sentimentos, a menos que ela tomasse a iniciativa. Mas, nessa época, iniciativa era uma qualidade que Tasha tinha em abundância.

Outra de suas qualidades era a responsabilidade. Foi por esse motivo que, naquele dia na *Starbound*, apesar de desejar muito passar a noite inteira da nave com Dare, ela partira cedo, porque no dia seguinte, a mudança de horários a colocara no turno da manhã. Ao se arrumar para sair, ela comentou:

— Tenho mais vistorias amanhã. Todos odeiam fazer isso. Mas, ao menos hoje a vistoria foi justificada.

— Hmm? - perguntou Dare, obviamente mais interessado em olhar para ela do que em ouvir o que dizia.

Quando ela lhe contou sobre os sete phasers defeituosos ele, subitamente, passou a prestar muita atenção.

— *Sete!* Tasha, é demais para ser apenas coincidência. Alguém não está cuidando deles direito!

— Como? A maioria nem sequer foi usada.

— Eles foram guardados de maneira incorreta, então.

— Não, não foram, Dare. Estão guardados da maneira adequada, nas unidades recarregadoras. - Ela piscou. - Será que as unidades estão *com* defeito? Não pensei em me adiantar na lista de itens a serem vistoriados. Para falar a verdade, nem imaginei que houvesse algo errado em encontrar sete phaser defeituosos no meio de cinqüenta. Quero dizer, é para isso que servem as vistorias, afinal de contas, não é? Encontrar os itens defeituosos e consertá-los, certo?

— Certo. Mas somente por experiência você saberia que encontrar um ou dois já seria bastante estranho, tendo partido da Terra há apenas quatro meses. É por isso que estou aqui, Tasha. Daqui a dois dias, você teria terminado e me entregado o relatório da vistoria. Eu, então, descobriria o erro. Amanhã, vou examinar a sala de armas pessoalmente.

Na manhã seguinte, Dare encontrou-se com Yar e os outros dois novatos

da segurança para fazer a vitória. Quando terminaram, ele estava pálido e com os lábios apertados. A mal-disfarçada raiva tinha transformado seu rosto numa máscara tão assustadora, que os outros dois novatos estavam tremendo de medo. Mas Yar sabia que a raiva não era dirigida a eles, mas, sim, à causa da devastação ocorrida na sala de armas.

Não apenas encontraram cinco outros phasers danificados, como também quase todas as coronhas de carga estavam descarregadas e inutilizadas. Dare fez a vitória pessoalmente, ficando com a voz mais e mais anasalada e dura a cada nova descoberta. A coisa mais surpreendente era que tudo estava perfeitamente em ordem.

— Tasha - ordenou ele - verifique a lista de turnos para saber quem trabalhou aqui desde a última vitória. Reúna todos na sala principal de instruções às 0900 horas de amanhã. Enquanto isso, temos que recarregar todas as unidades que pudermos. Chame Bosinney da engenharia. Quero saber *o que* fez com que as unidades descarregassem e queimassem. De nada adiantará carregarmos as unidades se elas descarregarem de novo.

— Ahm, comandante - disse Yar, hesitante. Ao ouvi-la usar seu título formal, Dare ergueu a cabeça abruptamente. - Devo fazer isso, *depois* de informar ao capitão, certo? - perguntou ela.

Por um momento, sua raiva se dirigiu a ela. Mas Dare tinha anos de experiência em controlar as emoções, por isso disse, quase imediatamente:

— Sim, pode ser uma quebra de segurança, alferes. Informe o capitão Jarvis. Vou chamar a engenharia.

Yar não se surpreendeu por Dare preferir chamar o jovem novato Bosinney em vez do engenheiro-chefe Nichols. Aquela designação para uma viagem de treinamento era um modo gentil de consolar alguém que já não era tão capaz, nos poucos meses que precediam a aposentadoria plena. Bosinney era um gênio em mecânica e eletrônica. Como a engenharia não fazia parte dos quadros de comando, não havia qualquer risco nessa particular gentileza da Frota Estelar.

Quando Yar relatou a emergência ocorrida com as armas ao capitão Enid Jarvis, ela insistiu em acompanhar a alferes até a sala de armas. George Bosinney já estava lá, desmontando uma das unidades recarregadoras e iniciando a verificação. Bosinney era um daqueles jovens amaldiçoados não apenas com uma inteligência extraordinária, mas também com uma aparência mais jovem que a idade real. Com pouco mais de vinte anos, era o mais jovem de sua classe, mas ninguém que o visse de uniforme lhe daria mais que dezesseis, no máximo. Ele era desajeitado e magro, ainda tinha espinhas no rosto e a voz ainda não mudara completamente, mas suas mãos trabalhavam nos painéis e conectores com firmeza e precisão.

— Que aconteceu? - a capitã Jarvis perguntou a Dare.
— É o que estamos tentando descobrir.
— Comandante Adin! - a voz de Bosinney estava ainda mais aguda do que de costume, devido à excitação. - Olhe este disjuntor!

Dare olhou, perplexo. Yar também não conseguia ver nada de anormal naquela peça que o rapaz tinha retirado da unidade. Foi Jarvis quem exigiu uma resposta:

— Bem... o que está errado com ele?
Bosinney engoliu em seco, mas não perdeu a pose:
— É da potência errada. Muito baixa para esta conexão.
— Quer dizer que queimaria e teria que ser substituído - disse Jarvis.
— Mas *nesta* viagem - disse Dare - os encarregados pela sala das armas mudaram quase que diariamente.
— É verdade! - disse Yar. - Eu tinha dois turnos neste posto e depois passaria à sala de força auxiliar.
— De quanto em quanto tempo o disjuntor queimaria? - perguntou Jarvis.

— Sempre que houvesse sobrecarga - respondeu Bosinney. - Deve estar no diário... - Caminhou até o terminal do computador, consultando gráficos e tabelas rápido demais para que Yar pudesse compreendê-los.

— Em média - disse Bosinney - o disjuntor foi substituído a cada dois, vírgula, seis dias. Na verdade, trata-se de um padrão aleatório, variando de zero, vírgula, oito a cinco, vírgula, quatro dias. E aqui - disse ele, apontando para uma depressão após um pico num dos gráficos, com uma mão, e os dados do diário da sala de armas, com a outra - ele queimou duas vezes no mesmo dia, com diferentes encarregados de turno.

— Mas, de que modo uma perda de força a cada dois dias pode danificar tantas armas? - perguntou Yar. - Elas estão todas ligadas ao circuito de recarga.

— Acho que sei - disse Bosinney, e começou a consultar outros gráficos. - Sim. É isso. As flutuações de força diminuíram a vida útil das baterias. Elas descarregavam parcialmente, até que alguém percebia e trocava o disjuntor, mas nunca descarregaram completamente antes de serem recarregadas. Uma ou duas vezes não teria importância, mas este padrão de descarga parcial seguido de recarga ocorreu repetidas vezes. Por fim, acabou estragando as baterias, permitindo que as coronhas de carga descarregassem.

— Substitua as baterias danificadas - disse a capitã Jarvis. - Sr. Adin, quanto tempo levará para recarregar as coronhas de carga?

— Não mais que...

Foi interrompido quando as luzes começaram a piscar. O intercomunicador apitou.

— Alerta amarelo. Nave não identificada se aproximando. Não responde a nenhuma frequência. Capitão, venha para a ponte, por favor. Alerta amarelo! - a voz era feminina e jovem, alterada pela tensão.

Darryl Adin e Enid Jarvis, os oficiais experientes, entreolharam-se por um instante. Dare tinha uma expressão sombria e assustadora.

— Não acredito em coincidências. Aconselho verificação de todos os sistemas de armamentos.

Jarvis caminhou até o intercomunicador.

— Jarvis falando. Passe para alerta vermelho. Erguer todos os escudos. Verifique todos os sistemas de armamentos. Estou a caminho.

Antes da porta da sala de armas se abrir com a aproximação da capitão, as buzinas começaram a soar e as luzes piscantes tornaram-se vermelhas. A voz no intercomunicador da nave era trêmula, mas transmitiu a mensagem:

— Alerta vermelho. Todos para seus postos de combate. Não é um treinamento. Alerta vermelho.

Dare, então, caminhou até o intercomunicador:

— Pessoal de segurança para a sala de armas. - Voltou-se para Yar. - Alferes... assuma o posto da segurança na ponte. Preciso selecionar as armas que estão funcionando. Quem está lá em cima agora?

Yar deu uma olhada para a lista de turnos na parede.

— Henderson.

Dare entregou-lhe dois phasers.

— Ele não é nosso melhor atirador, mas é forte e não entra em pânico. Fique junto dele. Pode sempre se esconder atrás dele, se precisar.

— Dare... não pode estar pensando que existe risco de sermos abordados! -exclamou Yar.

— Devemos estar preparados para tudo. Já tem suas ordens, alferes.

O que aconteceu na hora que se seguiu sempre parecerá um pesadelo para Yar, muito mais do que a ilusão a que foi induzida no teste de Priam IV. A *Star bound* era uma pequena nave de treinamento, não uma nave de combate. Apesar das suspeitas de Dare serem infundadas e as armas externas da *Star-bound* funcionarem perfeitamente, elas destinavam-se à defesa contra os pequenos perigos geralmente encontrados no espaço da Federação. Apesar de uma geração inteira de paz e fartura, as lutas políticas e religiosas ainda ocasionalmente irrompiam em forma de guerra ou terrorismo. Mas a rota da *Star-bound* a mantinha afastada de territórios em disputa.

Havia também os contrabandistas. Era só proibir algo em determinado

planeta, que alguém começava a trazê-lo de outro. "Livres mercadores", é claro, eram encontrados em qualquer lugar, mas geralmente usavam naves muito pequenas e rápidas, que não podiam transportar armamento capaz de atacar uma nave da Frota Estelar, mesmo tratando-se de uma pequena nave de treinamento.

Portanto, não deveria haver nada naquela região do espaço que fosse hostil à *Starbound*. Quando carregaram o dilítio, um mês antes, a segurança da Frota Estelar lhes assegurara que ninguém sequer tinha conhecimento da preciosa carga. Mas, então, o que fazia aquela nave de espaço profundo rumando em direção da *Starbound* em dobra espacial, recusando-se a responder aos pedidos de identificação?

Quando Jarvis e Yar chegaram à ponte, a jovem tripulação já estava tensa. Jarvis sentou-se na cadeira central, para visível alívio do novato que ocupava aquela posição. Yar dirigiu-se para o posto de segurança. Jack Henderson passou-lhe o posto, contente, dando-lhe espaço para estudar o painel, dizendo:

— Acha que devemos chamar o Sr. Adin?

— Ele está ocupado na sala de armas - respondeu Yar. - Pegue. Trouxe a sua. Ele olhou para a arma.

— Ele acha que vamos precisar...?

— Esteja preparado - respondeu Yar. O painel à sua frente mostrava o pedido de identificação enviado à nave que se aproximava transmitido em todas as frequências, com os circuitos tradutores ligados, de modo que pudesse ser compreendido em praticamente todas as línguas. - Nenhuma resposta em qualquer das frequências, capitão - relatou ela.

Em outra tela, os sensores mostravam a imagem tridimensional da outra nave, cada vez com mais detalhes, à medida que a distância diminuía.

— Pode ser que estejam sem comunicações - disse Jarvis, calmamente. - Leme, mude o curso para zero, zero, sete, marco, seis.

— Curso estabelecido.

— A nave não identificada mudou de curso para compensar - relatou Yar, assim que a informação surgiu em sua tela. - Ainda rumo em nossa direção.

— Pode identificá-la? - perguntou a capitão.

— Não traz nenhuma identificação - respondeu Yar. - Seu formato indica tratar-se de uma veículo padrão de espaço profundo, aproximadamente três vezes maior que a *Starbound*. Nenhuma característica visível que possa identificar sua origem. Sra. Sethan - disse à pequena oficial de ciências hemanita - Pode detectar formas de vida?

— Muitas formas de vida - relatou Sethan. - À esta distância, os instrumentos não conseguem distinguir...

— Estão atirando em nós! A gritos veio do leme.

— Erguer escudos - disse a capitã Jarvis. - Armar torpedos fotônicos. Envie um pedido de socorro a qualquer nave da Frota Estelar que estiver ao alcance: Nave de treinamento *Starbound* atacada por nave não identificada.

Yar declarou "mensagem enviada", pouco antes de serem atingidos pelo primeiro disparo. A nave oscilou com o impacto, mas os escudos resistiram... por três vezes.

A *Starbound* respondeu ao fogo, mas os torpedos dissiparam-se inutilmente contra os escudos da nave atacante.

— Capitã - relatou Yar - estão provocando interferência nas comunicações pelo subespaço!

— Continue enviando a mensagem, alferes - disse Jarvis, com tranquilidade. Yar deixou o sinal no automático.

— Escudo dianteiro de estibordo a trinta e cinco por cento - avisou ela.

— Mudar curso - ordenou a capitã. - Um, zero, três, marco, dezessete, dobra três. Vamos ver se conseguimos deixá-los para trás.

A manobra colocou os escudos intactos de popa entre a *Starbound* e a nave atacante. Entretanto, a nave inimiga a perseguiu e alcançou facilmente, passando por dobra quatro... cinco... cinco, vírgula, oito...

— Motores de dobra em sobrecarga! - soou a voz de advertência de Nichols, do posto de engenharia. - Bosinney, que diabos está...?

— Bosinney está na sala de armas, senhor - disse Yar.

— Droga! Envie-o lá para baixo para cuidar dos motores! Se existe alguém que pode tirar dobra seis desses motores, é ele.

Quando Yar se voltou, a capitã já a encarava.

— Faça o que ele disse.

A nave foi abalada por outro impacto.

— Temos somente mais três torpedos - relatou o timoneiro com a voz assustada, enquanto Yar transmitia a mensagem ordenando Bosinney a se apresentar na engenharia.

— Pode ir, rapaz! - ouviu Dare dizer a Bosinney. Com a voz um pouco mais clara por aproximar-se do intercomunicador, Dare disse: - O pessoal da segurança recebeu armas e foi enviado ao transportador e ao hangar da nave auxiliar, com pelo menos um phaser em cada departamento. Estou a caminho da ponte levando armas para todos que estão aí.

A *Starbound* era muito pequena para ter um turbo-elevador. Quando Dare chegou à ponte, Jarvis tinha lançado o último torpedo e somente os

escudos os protegiam do inimigo.

Uma das telas de Yar brilhou em sobrecarga. Quando voltou a funcionar, ela relatou:

— Perdemos os escudos traseiros, capitão.

— Capitão - reportou Sethan, que vinha trabalhando em seu painel até aquele momento - Consegui a identificação das formas de vida a bordo da nave inimiga. Sangue à base de cobre. A julgar pela altura, temperatura corpórea, atmosfera da nave e padrão de ataque... - ela virou-se com a cadeira, como uma boneca proferindo palavras do destino - ... só podem ser orions.

Isto não pode estar acontecendo, pensou Yar. É outro teste, só pode ser! Os orions nunca entrariam tão profundamente no espaço da Federação...

Mas enquanto uma parte de sua mente tentava negar a situação, o restante mantinha toda a eficiência da Frota Estelar.

— A engenharia relata que o motor de dobra de bombordo foi danificado com o último impacto, capitão. Estamos perdendo potência.

— Estamos perdendo velocidade - relatou o leme. - Dobra quatro, vírgula, seis. Dobra quatro. Dobra três, vírgula, cinco... e mantendo.

— A nave inimiga está se aproximando! - relatou Yar.

— Vamos nos render - disse a capitão Jarvis.

— Capitão? - disse Yar, sem pensar.

Jarvis virou a cadeira, ficando de frente para Yar.

— Vamos nos render, alferes! Estamos sem armas, nossos motores estão danificados e nosso pedido de socorro está bloqueado em todos os canais. Se os orions nos levarem vivos, a Frota Estelar terá uma chance de negociar nosso resgate.

Yar cerrou os dentes para conter a resposta automática: *Se puderem nos encontrar.*

— É melhor permanecermos vivos - disse Dare, apesar de sua terrível expressão mostrar o quanto odiava ter que admitir a derrota. - Sempre é melhor permanecermos vivos.

É claro que ele estava certo. Só havia uma razão para os orions terem corrido um risco tão incrível: deviam saber sobre o dilítio. A busca de escravos não justificaria uma incursão tão profunda no espaço da Federação... o que indicava que as pessoas a bordo não eram importantes. Se não se rendessem, os orions podiam simplesmente reduzir a *Starbound* a pó e recolher os cristais indestrutíveis de dilítio dos destroços.

Antes de pensar seriamente a respeito, Yar relutantemente apertou o controle de transmissão do sinal de rendição.

— Não estão respondendo! - disse, surpresa. - Capitão, não aceitaram nossa rendição!

— Mas, que diabos?! - exclamou Dare, empurrando Yar do posto de segurança. Ele verificou duas vezes o sinal. - Está sendo transmitido e o sinal de luz está ligado, caso a interferência os impeça de receber sinais de rádio. O que mais podem querer além de nossa rendição?

Aparentemente, os orions queriam deixar a *Starbound* completamente inutilizada. Lançaram outra saraivada de torpedos contra a indefesa nave de treinamento. Depois, emparelharam as naves e passaram a abordá-la pelo tubo de desembarque do hangar da nave auxiliar. Já que a rendição não fora aceita, o pessoal da segurança e os outros tripulantes armados os enfrentaram ali. Com apenas um phaser por departamento, tinham pouca chance contra os disruptores, phasers e desintegradores dos orions.

— Dare - disse Yar, ao assistir o massacre nos monitores da nave - não deveríamos enviar para lá o pessoal que ficou na sala de transporte, agora que...

— É justamente o que eles querem que façamos, alferes! - interrompeu ele. - Lá vêm eles...

Realmente, os orions estavam se teleportando a bordo. Os novatos da segurança que Dare havia enviado à sala de transportes os alvejaram antes que se recuperassem o suficiente para se moverem.

— Bom trabalho! - disse ele, através do intercomunicador. - Fiquem aí, por enquanto...

— Dare! - exclamou Yar, olhando para a tela que mostrava o caos que imperava na engenharia. Os orions estavam se teleportando para lá. Obviamente, já haviam feito a leitura completa da *Starbound*, uma vez que os escudos tinham caído, e não precisavam usar a plataforma de transporte.

— Formem um círculo! - ordenou Dare, imediatamente. Nem mesmo a capitão Jarvis questionou a ordem. Estavam todos ao redor da ponte quando um punhado de orions apareceu no meio dela. Com um frio sorriso, Dare foi o primeiro a atirar, mas o resto da tripulação da ponte não esperou muito. A equipe de abordagem caiu assim que se materializou.

Por alguns instantes gloriosos, Yar imaginou que a tripulação da *Starbound* conseguiria expulsar os piratas.

Mas os orions começaram a se materializar por toda a parte e continuavam a entrar pelo hangar da nave auxiliar. E onde apareciam, eles matavam.

Pelos monitores, a tripulação da ponte acompanhou o progresso de um grupo de orions que avançava em direção à ponte. À medida que o inimigo

se aproximava, os membros da Frota Estelar se preparavam. Naturalmente, tinham trancado as portas que davam acesso aos corredores, mas não se passou muito tempo até que os disparos de phasers e disruptores conseguissem derreter as portas. Os orions irromperam na ponte.

Escondendo-se atrás dos painéis centrais, a tripulação da ponte fez um bom trabalho, mas sem o armamento completo, não tinham qualquer chance. Henderson caiu, depois a capitã Jarvis. O engenheiro-chefe Nichols berrou um palavrão, enquanto atingia um orion bem no meio de seu peitoral, mas sua voz foi cortada por um disparo que lhe arrancou metade da cabeça, espirrando tecido cerebral e sangue em Yar e Sethan.

Dare estava atirando friamente, derrubando um a cada disparo... mas de que adiantava?

O phaser de Yar descarregou. Ela o largou, vasculhou o corpo da capitã e apanhou o phaser que ela derrubara.

— Dare, cuidado! - gritou ela, quando um dos orions caídos no centro da ponte se mexeu e apontou um disruptor para o chefe de segurança.

Dare voltou-se, derrubou o orion, mas se expôs a um dos que estavam junto à porta, sendo atingido nas costas.

Ao ver o noivo cair, Yar sentiu algo gelar dentro de si. Ergueu-se nos joelhos, fez mira no orion que havia atirado em Dare, atingindo-o no meio da testa. Continuou atirando até que aquele phaser se descarregou também. Foi a última tripulante da ponte a cair, sendo golpeada pelo orion que finalmente a agarrou. Foi lançada de encontro à parede e mergulhou numa abençoada inconsciência.

Tasha Yar acordou na enfermaria da *Starbound*, com a pior dor de cabeça da sua vida. Tivera uma concussão, informou-lhe o Dr. Trent, enquanto aplicava um instrumento atrás de sua orelha, que fez a dor de cabeça desaparecer.

Mas não a dor que sentia no peito.

— Doutor, o que aconteceu? - perguntou ela.

— Os orions se foram - disse o médico, soturnamente. - Levaram os cristais de dilitio. Parece que estávamos transportando um carregamento que o Comando da Frota Estelar julgou estar seguro em nossas mãos, já que ninguém esperaria encontrá-lo aqui. Malditos sejam seus corações de metal.

— Mas... eles nos deixaram aqui?

— Membros da Frota Estelar não dão bons escravos - disse o médico, com amargura. - São por demais decididos e teimosos.

— Quantos sobreviveram? - perguntou Yar, com as cenas do massacre

retornando relutantemente à sua mente.

— A maioria dos novatos, se isto é algum consolo.

— Estamos vivos - disse Yar, afastando da mente o fato de que Dare não estava. - Ainda podemos voltar à Terra. - Ela se sentou - Quem está no comando? A capitão...?

— Está morta. Eles mataram todos os oficiais experientes, com exceção de Adin e eu. Como ele está inconsciente, acho que isso me coloca no comando.

Yar ouviu apenas parte do que o médico lhe dizia.

— O comandante Adin está vivo? Onde está ele?

— Ei... você não devia se levantar ainda! - o médico começou a dizer. Depois acrescentou: - Bem, que importa. Vamos todos estar mortos daqui a alguns dias, de qualquer modo. Adin está ali...

Yar encontrou Dare deitado em uma das macas de suporte à vida da enfermaria, pálido e quase sem respirar. Uma das enfermeiras lhe disse:

— A arma dos orions mata instantaneamente, se o alvo for a cabeça. Mas se atinge outra parte do corpo, a pessoa pode ser reanimada com aparelhos de suporte à vida... se valer a pena. - Ela olhou com tristeza para outros pacientes na mesma condição de Dare. - É a mentalidade dos mercadores de escravos, eu acho. Depois de vinte ou trinta minutos a vítima entra em morte cerebral. - Uma lágrima escapou-lhe dos olhos. - Perdemos dez pessoas por não termos mais macas de suporte à vida, nem pessoal para cuidar delas!

Mas as mortes recentes não eram o pior de tudo. Depois de se certificar que Dare não recobriria a consciência nas próximas horas, mas que sobreviveria sem danos, Yar procurou descobrir as condições da nave. As poucas pessoas que se moviam tinham ficado conscientes até o final, e seu relato era realmente sombrio.

Os orions haviam deixado a maioria do pessoal médico ileso, mas era uma gentileza brutal. Eles removeram não somente os cristais de dilitio do carregamento, mas também os que estavam nos motores de dobra da *Starbound*. Passaram então a destruir meticulosamente os motores de impulso, a nave auxiliar e os salva-vidas. Removeram também peças insubstituíveis do rádio subespacial, para que a nave não pudesse pedir socorro. Por fim, examinaram todas as vítimas atordoadas e atiraram na cabeça de todos os oficiais, com exceção do oficial médico e duas enfermeiras experientes.

Quando os piratas partiram, os médicos trabalharam com todo o empenho para salvar todas as vidas que puderam... mas descobriram que haviam apenas adiado sua sentença de morte. Sem motores de dobra ou de

impulso funcionando, os sistemas de suporte à vida esgotariam as baterias em seis dias. Quando a Frota Estelar começasse a estranhar a demora da *Starbound* para chegar ao próximo planeta, todos a bordo estariam mortos.

Yar percorreu os corredores, procurando ansiosamente alguém, quem quer que fosse, com alguma idéia de como salvá-los. Mas os novatos estavam muito atordoados para pensar e não havia nenhum oficial experiente para orientá-los.

Exceto Dare.

Como ele havia sobrevivido? Tudo que Yar conseguia lembrar era que ele havia sido atingido nas costas. Ele caíra para a frente, sobre outros membros da tripulação da ponte. Talvez os orions não tenham visto seu rosto ou sua insígnia. Seja como for, havia acontecido, e Yar murmurou uma prece de agradecimento a qualquer deus que tivesse ajudado a salvá-lo. Mesmo que fosse apenas para que os dois morressem juntos.

Mas Darryl Adin não era um homem que aceitava a morte sem lutar. Repetidas vezes Dare havia dito aos novatos:

— Aprendam a sobreviver. Seu trabalho é proteger as outras pessoas. Que proteção pode oferecer um oficial de segurança morto?

Yar estava sentada ao lado do leito quando Dare finalmente recobrou a consciência. Apesar das advertências do Dr. Trent de que precisava descansar, Dare conseguiu obter deles a informação sobre as condições em que os orions haviam deixado a *Starbound*.

— Quem está no comando? - perguntou ele imediatamente.

— Acho que é você - disse-lhe o Dr. Trent.

— Mas quem está pilotando?

— Ninguém, para dizer a verdade - disse Yar. - Karin Orlov e Brian Hayakawa estão na ponte tentando improvisar algum tipo de transmissor de rádio, mas sem comunicação subespacial a chance de o sinal alcançar outra nave antes de...

— Alguma chance é melhor que nenhuma! - disse Dare - Quem mais está fazendo algo?

— Ahn... o que mais há para se...?

Dare ergueu-se e sentou-se com as pernas balançando ao lado do leito.

— Você não está em condições de levantar-se! - protestou o Dr. Trent, quando Dare piscou os olhos com força.

Dare abriu os olhos e lançou um olhar sombrio para o médico.

— Se eu não fizer algo, quem fará? Eles precisam de você aqui e os novatos não têm experiência. Quem sobreviveu da engenharia?

— T'Irnya, Zkun, Donal e Bosinney, mas...

— Onde está Bosinney?

— Sr. Adin - disse o Dr. Trent - o Sr. Bosinney está ferido. Não poderá trabalhar nos motores, se é o que tinha em mente.

— Por que não? Está inconsciente?

— Não, mas tive que sedá-lo. Quando os orions invadiram a engenharia e os phasers dos tripulantes descarregaram, eles usaram as ferramentas como armas. Bosinney tinha uma chave inglesa na mão. Um dos orions tentou derrubá-la de sua mão com um disparo... e acabou destruindo a mão direita de Bosinney.

— Oh, meu Deus - disse Dare, olhando para as próprias mãos que descansavam no colo, por um instante. Depois ergueu a cabeça - Se não puder fazer o trabalho, ainda pode orientar os outros. Não há nada de errado com seu cérebro, não é?

— Ele está em estado de choque - disse Trent, com raiva.

— Bem, a melhor coisa para ele sair desse estado - disse Dare - é voltar a trabalhar. Ele pode se locomover?

— *Sr. Adin!* - protestou o médico.

Dare insistiu, cambaleante porém determinado.

— Se há uma maldita chance de restaurar a potência de impulso, George Bosinney é o único que pode fazê-lo. Sinto muito se ofendo a sua sensibilidade, doutor, mas se não restaurarmos a potência, todos iremos morrer de qualquer maneira. Agora, deixem-me falar com Bosinney.

O jovem engenheiro estava deitado inerte em um dos leitos de tratamento, com dois eletrodos tranqüilizantes grudados na testa. Tal como Dare, ele vestia a camisola azul da enfermaria. O braço direito de Bosinney estava envolvido até o cotovelo em uma unidade regeneradora. Os olhos estavam abertos, mas ele fitava o vazio.

Sem esperar pela permissão do médico, Dare retirou um dos eletrodos. Bosinney piscou os olhos e tentou focalizar a visão em Dare.

— Sr. Adin - disse ele, um pouco grogue. - Fico feliz... que tenha sobrevivido, senhor.

— E todos estamos felizes que você também tenha sobrevivido, filho. - Era a primeira vez que Yar o ouvira dirigir-se a um novato com tanta intimidade, com exceção dela, naturalmente, e mesmo assim, somente quando estavam a sós. - Precisamos de sua ajuda, George. Se não conseguirmos fazer com que os motores de impulso funcionem, todos vamos morrer.

— Gostaria de poder... ajudar, senhor. Mas... minha mão...

— George, - disse Dare - você não pode raciocinar direito sob o efeito

desse tranquilizantes. Se eu remover o outro, você terá que enfrentar o que lhe aconteceu. Será que pode suportar... pelo bem de seus colegas?

O olhar vago nada dizia. Mas, aparentemente, Bosinney apenas levou mais tempo que o de costume para reunir seus pensamentos, sob o efeito do tranquilizante, pois assim que Yar concluiu que ele havia apagado, Bosinney disse:

— Por ...meus colegas. Vou ... tentar, senhor.

— Muito bem - disse Dare, e removeu o outro eletrodo.

Os olhos de Bosinney entraram em foco imediatamente e ele piscou. Olhou para o braço direito e disse:

— Posso sentir minha mão. Ela coça.

— É o processo regenerativo de seu braço - disse o Dr. Trent. - Se quiser... -Fez um gesto na direção dos eletrodos que Dare tinha colocado na mesa de cabeceira.

— Não! - Bosinney voltou o olhar para Dare novamente. - O senhor disse que todos iríamos morrer.

— Não, se conseguirmos fazer os motores de impulso funcionarem.

— Como vou fazer isso? - perguntou Bosinney, com a voz estridente de angústia. Lágrimas rolaram do canto dos olhos.

— Sua mente é o seu ponto mais forte, Bosinney, não suas mãos! - Disse Dare. - Estou certo que o Dr. Trent já lhe disse que muitos membros da Frota Estelar usam próteses mecânicas. Você vai ganhar uma mão que funcionará tão bem quanto a original... mas só se conseguirmos fazer a *Starbound* chegar até a base estelar 18. Ela fica a trinta e cinco dias de distância, viajando em impulso... e contaremos com o sistema de suporte à vida, assim que o motor começar a funcionar.

— Mas como?

— Você vai ficar sentado e dar as ordens, filho. Como capitão interino da U.S.S. *Starbound* eu o nomeio engenheiro-chefe interino. Você conhece os outros novatos. Quem é o mais habilidoso nesse tipo de serviço?

— Não saberei até analisar os danos - respondeu Bosinney.

— Muito bem. - Dare voltou-se para Trent. - Quando ele poderá começar a trabalhar, doutor?

— Em algumas horas...

— Vou causar algum dano a meu braço que me impeça de utilizar uma prótese, mais tarde, se me levantar agora? - perguntou Bosinney.

— Ainda vai doer, cocar... e há a possibilidade de você entrar em estado de choque...

— Não foi isso que perguntei - disse o rapaz, de repente parecendo bem

mais adulto.

O médico lançou um olhar incomodado para Dare e respondeu:

— Não, não vai causar maior dano a seu braço, a menos que caia em cima dele.

— Então, por favor, remova a unidade regeneradora, doutor.

Nas poucas horas que se seguiram, Yar observou o homem que amava conduzir um grupo aterrorizado e desesperançado de novatos de volta à disciplina da Frota Estelar. Uma nova tabela de turnos foi afixada e todos os departamentos foram preenchidos, com menos pessoas que o normal.

Tudo que Dare fez foi seguir os protocolos da Frota Estelar, mas emitir ordens, ameaçar, persuadir e manipular os novatos e a relutante equipe médica custou-lhe um esforço imenso. No primeiro dia, Orlov e Hayakawa conseguiram fazer o sinal de pedido de socorro funcionar, mas este somente podia ser transmitido por meio de tecnologia pré-dobra espacial. Levaria meses para atingir a base estelar 18. A única esperança estava na possibilidade de uma nave passar suficientemente próximo para recebê-la, antes que a *Starbound* ficasse sem energia.

Não obstante, a notícia de que o sinal estava sendo transmitido trouxe a primeira réstia de esperança.

Dare realizou o funeral coletivo dos tripulantes mortos no massacre orion.

Era parte do regulamento da Frota Estelar, mas Yar ficou horrorizada quando Dare reuniu todos que não estavam em serviço para a cerimônia padrão da Frota Estelar, transmitindo-a por toda a nave para aqueles que não puderam comparecer. Quando Dare se empenhava, era capaz de falar de modo tocante e eficaz. Ao ouvir pela primeira vez a leitura daquelas palavras de esperança e consolo por seus amigos mortos no cumprimento do dever, todos os jovens tripulantes choraram copiosamente.

Os corpos, então, foram lançados na vastidão do espaço, à exploração do qual tinham dedicado suas vidas. Não havia corpos de orions. Os piratas haviam levado seus próprios mortos, algo surpreendente para um povo reconhecidamente despojado de honra ou lealdade.

Tão surpreendente quanto terem deixado alguém vivo a bordo da *Starbound*.

Foi somente quando a cerimônia chegou ao fim e Yar enxugou as lágrimas e voltou a seu serviço na ponte com um novo senso de dedicação, que ela compreendeu que Dare estava certo. Em vez de aumentar a depressão, o funeral funcionou como catarse.

Nos três dias que se seguiram, Yar não viu Dare dormir. Ele visitou cada setor da nave, inspecionando os reparos, dando alento, não apenas ordenando

que as pessoas trabalhassem, mas também que fossem comer ou descansar. Quando não estava percorrendo os corredores, estava na engenharia, dando forças a George Bosinney, que se torcia de frustração por não poder fazer o trabalho com as próprias mãos. Bosinney teve, então, a idéia de amarrar uma ferramenta no toco do punho direito, para realizar uma tarefa delicada que nem mesmo T'Irnya conseguia desempenhar a contento.

O que ele fez, explicou depois, foi construir um motor de impulso a partir dos destroços de três outros. Não produziria muita potência além de um mínimo de suporte vital e movimento... mas se conseguissem chegar até a base estelar 18, isto lhes salvaria a vida.

No dia em que finalmente o testaram e a nave começou a se mover, os corredores da U.S.S. *Starbound* encheram-se de gritos de alegria.

Assim que se puseram a caminho e o motor demonstrou que agüentaria bem, a viagem até a base estelar 18 tornou-se rotineira. A dois dias de distância da base, o rádio respondeu subitamente. Uma nave estelar foi enviada para rebocar a nave de treinamento avariada. A tripulação feliz foi levada a bordo, recebeu vinho, um jantar e apresentou o relatório da jornada. Mencionou-se a entrega de medalhas e menções honrosas, e Yar encheu-se de orgulho de seus colegas e principalmente de seu amado.

Poucas horas depois, foram teleportados para a base estelar. Yar, que estava agindo mais ou menos como segundo em comando, postou-se à direita de Dare e George Bosinney à esquerda, no último grupo a ser transportado. Quando se materializaram na plataforma, Yar ficou surpresa por não encontrar nenhum de seus colegas ali. Nenhum almirante, nem mesmo um comodoro, esperava os heróis.

Em vez disso, um contingente da Frota Estelar deu um passo à frente. Seu líder encarou Dare.

— Darryl Adin - anunciou - eu o prendo em nome do comando da Frota Estelar. Está sendo, neste momento, afastado do serviço e destituído de seu posto. Permanecerá confinado em uma área de segurança até que uma junta de inquérito decida se existem bases para que seja levado a corte marcial, sob acusação de conspiração, traição e assassinato.

Tasha Yar e os outros sobreviventes da *Starbound* não puderam falar com Darryl Adin, por vários dias, até que a junta de inquérito terminasse seu trabalho. Ficaram horrorizados ao descobrir que a junta tinha encontrado suficiente evidência para enviar à corte marcial o homem que lhes dera força, coragem e orientação para sobreviverem, depois que os orions os deixaram à beira da morte.

Depois de tal decisão, Yar recusou-se a responder às perguntas do advogado de defesa, até que ele providenciasse para que ela se encontrasse

com Dare.

Ela já sabia que Dare fora acusado de conspirar com os orions para roubar os cristais de dilítio, em troca de uma fortuna em contas bancárias numeradas em Oriana. O comando da Frota Estelar descobriu que o vazamento de informações para os orions ocorrera na base estelar 36, onde os cristais foram carregados. A cumplicidade de Adin explicaria por que havia sido deixado vivo, quando os orions mataram todos os oficiais.

Yar queria que George Bosinney também conversasse com Dare, mas ele se recusou. A princípio, Bosinney tinha defendido Dare tão veementemente quanto ela, até ser lembrado das baterias descarregadas dos phasers descobertas pouco antes do ataque. O jovem engenheiro contou à junta investigadora a respeito do disjuntor errado nas unidades de carga. Era evidente, para Bosinney, que Dare havia instalado o disjuntor certo, após terem recarregado as baterias, e registrado a ação. Mas, o que os investigadores encontraram no diário, foi que o disjuntor correto havia sido instalado no início da viagem, sem qualquer registro de que tinha sido trocado.

O Chefe da Segurança tinha acesso à sala de armas, a qualquer momento. E... fora ele que montara a tabela de turnos do pessoal da segurança.

— Ele espçou os inventários da sala de armas, no limite máximo permitido pelo regulamento da Frota Estelar, depois de pararmos na base estelar 36 -disse Bosinney para Yar. - Eu não faço parte da segurança, mas todos sabem quem são os mais inteligentes e conscienciosos de cada departamento. Ele a colocou por último na lista dos que fariam a vistoria, Tasha... porque você é quem teria a maior probabilidade de descobrir a sabotagem. Meu palpite é que os orions se atrasaram. Se tivessem aparecido doze horas mais cedo, ninguém, a não ser Adin, saberia do disjuntor, e na confusão da batalha, ele os substituiria, sem que ninguém soubesse.

— Como se atreve!? - exclamou Yar. - Depois de tudo que ele fez para salvar nossa vida, acha mesmo que Dare seria capaz de uma traição dessas?

Bosinney ergueu o toco onde costumava ficar sua mão.

— Se ele fez o que dizem, então é responsável por isto. Vou superar, mas uma prótese nunca vai ser a mesma coisa, apesar do que dizem os médicos. E sou um dos que tiveram sorte, Tasha. Quatorze de nossos colegas de classe e sete bons oficiais da Frota Estelar estão mortos. Se Darryl Adin nos traiu, ele merece morrer! Uma colônia de reabilitação é bom demais para alguém que trai seus companheiros de nave.

— Não foi ele! - insistiu Yar. - George... ajude-me a provar que não foi ele! Ao menos fale com ele.

— De que adiantaria? - perguntou ele. - Se for culpado, vai apenas mentir. Pense como oficial da Frota Estelar e não como uma adolescente apaixonada, Tasha. Espero, para o seu bem, que Adin consiga provar sua inocência, mas até agora, não estou vendo muita chance de que consiga. Assim que os fatos forem mostrados, a verdade aparecerá.

Por estranho que pareça, quando ela finalmente conseguiu encontrar-se com Dare, ele lhe disse a mesma coisa, mas estava confiante que seria inocentado. Parecia magro e pálido, e tinha olheiras. Vestindo um macacão marrom, parecia menor do que ela se lembrava. Ela teve vontade de tomá-lo nos braços e protegê-lo dos que lhe queriam fazer mal, mas estavam separados por um campo de força.

— O que devo fazer? - perguntou ela. - Dare, eu testemunhei tudo que aconteceu. Estava lá quando George encontrou o disjuntor. Eles continuam me perguntando a respeito das conversas que tivemos em particular. Que devo fazer, Dare?

— Diga-lhes a verdade! - insistiu ele. - Tasha, *não fui eu*. A verdade vai apenas provar minha inocência. Não tema, meu amor. Confie nos investigadores da Frota Estelar, são os melhores que existem. Você pode ter percebido alguma pista que eu deixei passar. Diga-lhes tudo que sabe. É a única maneira de me libertar.

Mas na corte marcial, a verdade apenas condenou o seu amado. Havia mensagens suspeitas registradas na base estelar 36, transmitidas de comunicadores públicos do hotel em que a tripulação da *Starbound* ficou hospedada por alguns dias de licença. Apesar de terem sido pagas com fichas, conseguiram provar que o código de crédito de Dare foi usado para comprá-las.

Isto foi apresentado no começo do processo, quando Dare ainda estava extremamente confiante. Quando a promotoria lhe perguntou a respeito das fichas, ele disse:

— Eu não as comprei. Se estivesse cometendo traição, acha que seria tão estúpido a ponto de usar meu próprio código de crédito? Eu teria usado moedas.

— As fichas foram compradas do outro lado da base, longe do hotel - disse o promotor.

— E é claro que nenhum oficial da Frota Estelar sabe como é fácil localizar a origem de algo que tenha sido registrado no computador - respondeu Dare, sarcasticamente. - Alguém usou meu código para comprar as fichas do comunicador público. Não seria necessário apresentar identificação para um valor tão pequeno. O que está provando, senhor, é que

alguém tentou sistematicamente me incriminar com relação ao ataque à *Starbound*.

— Sim, Sr. Adin - disse o promotor - vamos provar que foi exatamente isso que aconteceu.

Lenta, mas implacavelmente, o promotor montou a tese de que os orions haviam visado Darryl Adin, depois de ele ter liderado a equipe da segurança da Frota Estelar que os derrotou em Conqiidor. Em vez de matá-lo, resolveram desacreditá-lo. De acordo com essa hipótese, os orions entraram em contato com Dare, numa ocasião não especificada, e lhe ofereceram dinheiro. Dare era um notório jogador. Provavelmente devia dinheiro a organizações do submundo orion.

Apesar da veemente objeção do advogado de Dare, o promotor continuou a sugerir que os orions haviam descoberto a fraqueza de Dare e a usado contra ele. Mas isso não seria possível sem que ele cooperasse. Provavelmente, Dare devia ter fornecido a informação sobre o diltio e o plano de invasão da *Starbound*, acreditando que os orions não feririam a tripulação e que estaria a salvo, pois um informante dentro da Federação sempre lhes seria de valor.

Mas, de acordo com a tese da promotoria, o verdadeiro propósito dos orions era destruir Darryl Adin, fazendo, ao mesmo tempo, que a Frota Estelar pusesse em dúvida a confiabilidade de todos os membros de sua equipe de segurança. Em essência, a hipótese da promotoria afirmava que os orions precisavam da cooperação de Dare para alcançar seu objetivo.

A resposta de Dare foi uma risada sarcástica.

— Só um louco faria acordo com os orions!

Infelizmente, as evidências pareciam mostrar que o promotor estava certo.

Os recados registrados no comunicador público marcavam encontros com outros hóspedes do hotel da base estelar 36. Mas, quando a Frota Estelar investigou a identidade desses hóspedes, descobriu que não existiam. Os documentos de identidade foram forjados. Suas contas bancárias eram reais, mas haviam sido abertas pouco tempo antes e imediatamente fechadas assim que as despesas da viagem até a base estelar 36 foram pagas. Além disso, todas as transações financeiras foram feitas de um planeta um tanto quanto antiquado, através de computadores de acesso por teclado, não havendo qualquer imagem ou registro de voz gravados.

Dare também não conseguiu comprovar onde esteve em cada momento que passou na base estelar 36. As supostas reuniões aconteceram quando ele estava dormindo sozinho, ou em algum lugar da base, desacompanhado. Yar corou ao imaginar que haviam sido tão intimamente observados, a ponto de

quem quer que fosse que conspirara para incriminar Dare saber exatamente quais noites haviam passado juntos e quais foram as duas noites que estiveram separados, durante um seminário para os novatos, a bordo do cruzador da Frota Estelar ancorado na base. O seminário não podia ser considerado secreto, mas o fato de Dare admitir espontaneamente que havia passado as duas noites jogando, algo em que Yar jamais o acompanhava, não lhe foi muito favorável.

E havia a tarde em que ela quis explorar o famoso museu sensorial com os outros novatos e Dare lhe disse que podia ir, pois ele já o havia visitado diversas vezes e queria fazer algumas compras.

Dare lhe dera muitos presentes, quando se encontraram de novo à noite... mas com a apresentação das evidências, Yar não pôde deixar de pensar que se passara tempo suficiente para que ele também pudesse se encontrar com outra pessoa para uma breve reunião estratégica.

O testemunho de Yar foi ouvido bem no final da corte marcial. A essa altura, Dare estava sentado, inexpressivo como um vulcano, ouvindo as malditas evidências que o incriminavam. Ainda assim, ele conseguiu dar um sorriso encorajador para Yar. Obviamente, esperava que o testemunho dela o inocentasse da acusação de sabotagem na *Starbound*.

Mas... o que ela podia dizer? Tinha que dizer a verdade. Ele havia insistido que ela assim fizesse. Sem dúvida, sua certeza de que a verdade o livraria era a maior prova de sua inocência!

Sim, respondeu ao promotor, ela fora a primeira colocada em sua turma de formatura no curso de segurança. Sim, Darryl Adin estabelecera os quadros de turnos a bordo da *Starbound*. Sim, a vitória das armas fora postergada até quase o limite de trinta dias, depois de deixarem a base estelar 36.

— Você descobriu o defeito nas armas assim que começou a vitória dos phasers?

— Sim.

— O que fez então?

— contei para Dare... para o comandante Adin, naquela mesma noite.

— Este é o procedimento padrão?

— Não. Eu podia ter enviado os phasers defeituosos para a manutenção e não pensado mais no assunto - disse ela triunfantemente. - O Sr. Adin não tomaria conhecimento de que havia algo errado, até o final do dia seguinte, quando eu lhe faria um relatório completo da vitória. Mas, nós tínhamos um... um compromisso naquela noite. Assim, por ter me designado para o serviço de vitória, ele pôde ser informado e teve que consertá-las antes do

previsto.

— E foi o que ele fez? - perguntou o promotor.

— Consertá-las? É claro. E o que estávamos fazendo quando os orions nos atacaram.

— Não, alferes... O Sr. Adin iniciou os consertos dos phaser defeituosos *antes* do previsto? Sua declaração anterior indica que apesar de você ter-lhe relatado os defeitos naquela mesma noite, ele não fez nada até o dia seguinte.

— Está certo - admitiu ela, sentindo que os olhos de Dare a encaravam, não sendo capaz de olhar em sua direção. - A primeira coisa que fez, no dia seguinte, foi ver o depósito de armas. Os phaser estavam apenas desregulados. Não sabíamos que havia algo muito errado com eles, até descobrirmos as baterias descarregadas. Não pode culpar o Sr. Adin de não procurar solucionar uma emergência, se não sabia que havia uma.

O interrogatório prosseguiu e Yar foi forçada a relembrar as horas que passaram na sala das armas, enfatizando que Dare havia agido de acordo com os procedimentos da Frota Estelar, a cada passo, incluindo o fato de chamar as pessoas mais qualificadas para descobrir o defeito e efetuar os reparos.

— Tenho comigo o diário da sala das armas - disse o promotor. - Vamos rodar a parte em que descobriram o problema com as baterias.

Uma visão panorâmica da sala de armas apareceu na tela.

Yar e Adin descobriram que as baterias dos phaser estavam descarregadas. Adin realizou a vistoria pessoalmente, ficando com a voz mais anasalada e tensa a cada nova descoberta.

— Tasha - ordenou ele - verifique a lista de turnos para saber quem trabalhou aqui desde a última vistoria. Reúna todos na sala principal de instruções às 0900 horas de amanhã. Enquanto isso, temos que recarregar todas as unidades que pudermos. Chame Bosinney da engenharia. Quero saber o que fez com que as unidades descarregassem e queimassem. De nada adiantará carregarmos as unidades se elas descarregarem de novo.

— Ahm, comandante - disse Yar. Dare ergueu a cabeça abruptamente. A camera apanhou seu rosto de um ângulo frontal, mostrando que seus lábios se contraíram, como se quase prestes a emitir um rosnado.

Yar estava atrás dele e não viu a expressão raivosa. - Devo fazer isso, depois de informar o capitão, certo? - perguntou ela.

Dare voltou-se subitamente para ela, com uma expressão nitidamente irada no rosto, apenas um momento, antes de controlar-se. Disse, então, calmamente:

— Sim, pode tratar-se de uma quebra de segurança, alferes. Informe o

capitão Jarvis. Vou chamar a engenharia.

A tela se apagou.

O promotor se aproximou de Yar.

— É procedimento da Frota Estelar informar o oficial comandante a respeito de uma quebra da segurança?

— É claro, respondeu ela. - Mas nem sabíamos se havia uma quebra da segurança. De fato, ainda não sabemos se o defeito nas armas não foi apenas uma terrível coincidência.

— Ora, faça-me o favor, alferes Yar ! - disse o promotor. - Sabemos a *causa*: um disjuntor indevido, cuja instalação *não foi registrada* no diário. Pessoas que conhecem o assunto testemunharam que a perda de força e a sobrecarga decorrentes da queima e substituição repetidas do disjuntor por trinta dias danificaram as unidades de carga. Assim que estas se danificaram, os phasers começaram a deteriorar. Seria necessário aproximadamente vinte e cinco dias para se ter certeza de que as unidades de carga estariam em ordem. O Sr. Adin não marcou uma vitória na sala de armas até vinte e sete dias depois da partida da base estelar 36. Você descobriu alguns phasers defeituosos no vigésimo oitavo dia e o restante no vigésimo nono dia.

— E os reparos foram iniciados imediatamente! - insistiu *Y&t*.

— E foram interrompidos com a chegada dos orions. Agora, alferes, muitos de seus colegas testemunharam que, depois da batalha, os orions carregaram os corpos de seus companheiros e os removeram da *Starbound*. É verdade?

— Eu estava inconsciente - respondeu ela. - Tudo que sei é que não havia nenhum corpo de orions a bordo quando acordei.

— E sabe por quê?

Yar não tinha idéia de aonde aquelas perguntas a estavam conduzindo, por isso, tudo que pode responder foi:

— Não, senhor.

— Quantas pessoas a bordo da *Starbound* tinham conhecimento do carregamento de cristais de dilítio?

— A capitão, o primeiro oficial e o pessoal da segurança.

— Por que *você* sabia a respeito dele, alferes? É apenas uma novata.

— Com exceção do comandante Adin, o pessoal da segurança era totalmente formado por novatos. Para poder cumprir nossa obrigação, precisávamos saber a respeito dos cristais de dilítio.

— Mm-hmm. O Sr. Adin então julgou ser necessário suspender a restrição de segurança, que era o procedimento adequado nas circunstâncias. Mas, é interessante notar que não lhe transmitiu outra informação que obteve

na base estelar 36. Alferes Yar, se esperasse encontrar orions hostis, com que tipo de armamento você equiparia seu pessoal?

— Pelo menos Phaser Dois, senhor.

— Por que não usar simples phasers manuais?

— Os orions do sexo masculino dificilmente são mortos com um phaser de mão. É preciso atingir um órgão vital, caso contrário, o orion ficará apenas ferido. Apesar de sermos ensinados a evitar a batalha, sempre que possível, às vezes somos obrigados a ameaçá-los. E precisamos de Phaser Dois para deter os orions. Se eles começarem uma batalha, estarão arriscando a vida, caso recebam um impacto direto de uma arma ajustada nesse nível mais alto.

— Sendo assim, o fato de vocês estarem limitados aos phasers manuais deu aos orions uma grande vantagem. Mas será que todos a bordo da *Starbound* têm uma pontaria tão ruim, de modo que nenhum orion tenha sido atingido em um órgão vital?

Yar lembrou-se de ter pessoalmente acertado alguns disparos certos.

— Não, senhor. Não creio.

O promotor sorriu-lhe com satisfação.

— E está certa, alferes. A informação que o Sr. Adin não lhe contou foi que os orions desenvolveram uma nova armadura individual. É extremamente leve, tão flexível quanto um tecido grosso e absorve e difunde tanta energia, a ponto de fazer com que um tiro de phaser manual certo no coração consiga, no máximo, atordoar por alguns momentos. Qualquer outro ponto atingido nem chega a derrubar o indivíduo. A armadura confere até mesmo alguma proteção contra Phaser Dois, mas os piratas orions se certificaram que nenhum dos tripulantes da *Starbound* estivesse armado com Phaser Dois ou qualquer armamento mais pesado. Em outras palavras, não havia corpos de orions depois da batalha porque nenhum orion foi morto.

Yar ficou olhando alternadamente para o promotor e para Dare.

— E... o senhor alega que o comandante Adin sabia disso? - perguntou ela.

— Ele ficou sabendo disso ao receber as instruções de segurança na base estelar 36. Pode imaginar algum motivo por não ter transmitido essa informação ao pessoal de segurança da *Starbound*!

Dare pareceu ter sido atingido por um raio. Seu advogado de defesa o encarava, com um misto de surpresa, desprezo e raiva no olhar. Yar não teve como responder ao promotor, mas fez-lhe uma pergunta.

— Quer dizer, que foi tudo inútil? Não havia como detê-los?

— Oh, vocês *conseguiram* deter alguns. De fato, um número

surpreendentemente grande. Os registros mostram uma admirável pontaria dos novatos em seu primeiro teste de fogo. Mas os orions ficaram apenas atordoados. Com aquela armadura e o capacete que sempre usam, os orions somente poderiam ser mortos com um tiro certo nos olhos. Um alvo muito pequeno.

— Oh - disse Yar, debilmente.

Dare sabia: não podiam matar os orions, mas os orions podiam matá-los.

— Devíamos ter nos rendido! - exclamou ela. Olhou para Dare, que a encarou pálido e atordado. - Oh, Dare... por quê? Por que deixou que lutássemos? Os orions não teriam motivo para nos matar, se os deixássemos subir a bordo e não tentássemos detê-los! Pode ser que... talvez ainda assim tivessem matado os oficiais, mas não haveria motivo para atirar nos novatos.

Dare sacudiu a cabeça lentamente.

— Não - disse ele. O advogado de defesa pôs a mão em seu braço, mas Dare o repeliu. - Não! - insistiu ele. - Não recebi essa instrução na base estelar 36... e se houve uma reunião de instrução, não fui notificado. Verifiquem os registros! Se houve uma sessão de instruções, eu não estava presente. Eu *não* sabia!

Ele caiu direitinho nas mãos do promotor. Os registros foram apresentados. Houve uma reunião secreta, onde informações altamente confidenciais foram discutidas. Por esse motivo, nenhuma ata de reunião registrada em computador podia ser apresentada em corte aberta. Mas a agenda da reunião podia ser mostrada, com partes apagadas da tela, por questões de segurança. O assunto da armadura orion, contudo, não era secreto e estava bem no início da agenda.

Havia também uma lista de presentes. Quase no alto da página, entre os nomes que começavam com A, estava o nome de Darryl Adin.

— Era uma reunião altamente secreta - disse o promotor. - Todos os participantes foram identificados por registro vocal, impressões digitais e visualização da retina. Como podem ver, Darryl Adin *estava* presente.

O promotor voltou-se para os almirantes que compunham o corpo de jurados.

— Sendo assim, senhoras e senhores, se não for considerado culpado de conspiração, traição e assassinato, Darryl Adin ainda estaria sujeito à acusação de séria negligência do dever, primeiro, por não ter informado os oficiais e o pessoal da segurança da *Starbound* a respeito dessa informação de vital importância, e segundo, por permitir que seus colegas tripulantes enfrentassem os orions apenas com phasers manuais, resultando em lesões corporais e mortes desnecessárias.

Daquele ponto em diante, Yar mal ouviu o desenrolar do julgamento. Era

previsível concluir que Dare seria considerado culpado... pois ele era. A única razão possível para ter deixado que lutassem era poder encenar o momento em que foi alvejado, obviamente por uma arma ajustada para atordoar. E ela o considerava um herói!

Havia confiado completamente nele... com todo seu coração.

Em certos momentos, *Yar* sentiu que Dare a encarava. Quando voltou-se em sua direção, viu que o olhar de Dare era frio, duro e acusador. Ele sussurrou algo para o advogado de defesa, que sacudiu a cabeça negativamente, mas terminou pedindo um recesso. Quando voltaram, Dare estava com o rosto fechado e seu advogado estava sério e contido.

A defesa fez nova tentativa, mas as evidências contra Dare eram inegáveis.

O veredicto foi dado rapidamente. Decidiu-se que Dare seria enviado a uma colônia de reabilitação, onde médicos e conselheiros tentariam descobrir o que havia tornado um leal oficial da Frota Estelar num traidor. Se pudessem, eles o curariam e o devolveriam à sociedade. Se não conseguissem, seria confinado ali para o resto de sua vida.

Dare ouviu o veredicto e a sentença suficientemente calmo, apesar da fúria ter deixado suas feições as mais terríveis que *Yar* já tinha visto.

Para sua surpresa, foi chamada pelo advogado de defesa, naquela noite. Dare tinha pedido para vê-la.

— Não precisar ir, se não quiser - disse ele. - Na verdade, meu conselho é que recuse o convite.

— Não - disse *Yar*. - Eu quero vê-lo. Preciso perguntar-lhe por quê. Mas foi Dare que lhe cobrou uma explicação, quando se encontraram.

— Por quê, *Tasha*? Por que você me traiu?

— Como? - perguntou ela, confusa.

Ele estava vestindo o uniforme da prisão novamente, mas não mais parecia frágil e vulnerável. Sua raiva lhe dava forças.

— Só pode ter sido você - disse ele. - Onde eu estava quando chegou a mensagem a respeito da sessão de instruções? No chuveiro? Tinha saído para comprar uma garrafa de vinho? Era uma mensagem da segurança da Frota Estelar do tipo que se apaga logo após ter sido lida. Os registros do hotel apenas mostram que houve tal mensagem, não o que ela continha.

— Dare, eu não poderia ter acesso a uma mensagem endereçada a você!

— Por que não? Você tinha minha voz gravada no tricorder e sabe meu número de identificação. Foi por curiosidade? Maldade? Você não me contou a respeito da reunião porque estávamos nos divertindo e você não queria que nossa licença fosse interrompida uma segunda vez?

— Dare... - protestou ela inutilmente. Apesar de querer desesperadamente provar que os registros estavam errados, simplesmente não conseguia lembrar se tinham estado juntos no horário da reunião da segurança e, portanto, não podia negar a evidência de que ele estivera presente. - Dare, o detector de mentiras...

— Você sabe como enganar a droga do detector de mentiras! - disse ele asperamente. Sua voz, apesar de baixa para não fazer com que os guardas intervissem, era rude e carregada de emoção. - Eu mesmo lhe ensinei. Eu acreditava mesmo que você me amasse. Nunca pensei que usaria o que lhe ensinei, o que a Frota Estelar lhe ensinou, para me trair! Nós estávamos juntos na hora em que a reunião aconteceu. Por que não lhes disse isso? Era a *minha vida* contra uma repreensão por me fazer perder uma reunião.

— Dare... esperava que eu mentisse por você? - disse ela, surpresa. Os olhos deles quase se enegreceram de fúria.

— Quanto lhe pagaram, Tasha. O que os orions poderiam lhe oferecer que superasse o que você encontrou na Frota Estelar?

Atordoadada com a acusação, ela contra-atacou.

— Foi isso que eu vim perguntar a *você*!

Ele endureceu o queixo e depois exibiu os dentes num sorriso que mais parecia um rosnado.

— Sua ordinária insensível. Não vai parar de fingir? Mas, é claro, estamos sendo filmados, não estamos? Você está se fazendo de inocente na frente das cameras. - Mas Tasha podia ver nos olhos dele que, apesar de considerá-la capaz de cometer a tremenda estupidez de fazê-lo perder uma reunião, ele realmente não acreditava que ela seria capaz de cometer uma traição.

Seria um indício de que ele era inocente? Ou apenas não podia parar de fingir inocência e a melhor maneira de convencê-la da injustiça de sua condenação era dirigir as acusações contra *ela*!

Dare olhou em volta, mas cameras que certamente haviam sido instaladas estavam bem escondidas. Então riu, de modo vazio e sem vida.

— Eu vou lhe dizer, de qualquer modo, porque por mais estúpida que a Frota Estelar tenha provado ser, certamente não é tão estúpida a ponto de esperar que eu vá como um cordeiro ao matadouro. A Frota Estelar sabe que sou um sobrevivente. Eles me ensinaram a sobreviver.

O sorriso de lobo apareceu novamente, e ele prosseguiu:

— Há uma lição que você ainda não aprendeu, do ponto de vista do captor, apesar de já conhecer bem o lado da vítima desde quando nos encontramos pela primeira vez. Desespero, Tasha. Sou o homem mais livre

da galáxia, neste momento. E sabe por que?

— Não - disse ela num sussurro, hipnotizada pelo olhar dele.

— Porque perdi tudo que tinha, tudo em que acreditava. A Frota Estelar. Você. Nenhuma regra me prende mais, a não as minhas próprias. A única coisa que me resta sou eu mesmo: e não vou deixar que me tirem isto. Nunca me forçarão a ir para uma colônia de reabilitação. Reabilitação! Lavagem cerebral... é isso que eles fazem naqueles buracos do inferno, não importa o quanto procurem disfarçar. Os pacientes podem *parecer* felizes, mas estão drogados ou hipnotizados para se tornarem submissos, até perderem toda a capacidade de decisão.

— Dare você *sabe* que não existe nada assim na Federação! Eles vão ajudá-lo - implorou "Var, detestando o ódio que se estampava no rosto dele, conhecendo a dor que se escondia por trás daquela expressão. Seu amor por Dare não havia desaparecido na sala do tribunal. Ela odiava o que ele havia feito... mas ainda amava aquele homem. - Deixem que eles o curem, Dare. Assim você poderá voltar para mim.

— Voltar! - rosnou ele. Então inclinou a cabeça de lado. - Oh, sim... eu voltarei, Tasha. Pode esperar, meu amor. Vou fugir... e depois, sua linda ordinária mentirosa, vou encontrá-la novamente. Tome cuidado, Tasha... porque um dia ainda nos encontraremos de novo.

Seis

A SENSACÃO DE *DÉJÀ VU* deixou a tenente Tasha Yar paralisada, ao fitar o rosto irado de seu captor.

Darryl Adin tinha cumprido a promessa de escapar antes de ser confinado a uma colônia de reabilitação, e desaparecera da face da galáxia. Seu nome, contudo, ainda constava nos arquivos criminais da Segurança da Frota Estelar, pois não havia limite de prescrição para crimes de traição e assassinato.

Estava, naquele momento, cumprindo a promessa de encontrá-la novamente. Quais seriam suas intenções?

A mente de Yar mergulhou num torvelinho de lembranças, recordando-se mais de seu primeiro encontro do que do último. Parecia estar novamente em New Paris, indefesa a seus pés, sem saber o que queria dela, sem confiar nele...

Então, exatamente como da primeira vez, ele se agachou ao lado dela, verificou se não estava ferida e a ajudou a se erguer.

Yar aceitou a mão estendida e ambos aproveitaram a ocasião para estudarem-se mutuamente.

Dare parecia diferente, apesar de suas características marcantes o tornarem inconfundível. Estava mais magro do que ela se lembrava, mas parecia mais alto e imponente. Percebeu que a altura extra vinha das botas de sola grossa. Ele vestia uma jaqueta preta, de estilo antigo, sobre uma camisa cinza e calças pretas. Ela se lembrava de ter lido em algum lugar que aquele tipo de vestuário fora criado no século dezenove, e variações do mesmo haviam sido usados por homens poderosos, por mais de dois séculos. Dare o tinha adotado e o traje lhe caía muito bem.

Mas a roupa era a menos importante das mudanças em sua aparência. O cabelo estava mais comprido, repartido e penteado para o lado, expondo a ampla testa. A austeridade do corte contrastava com o penteado mais natural que usava na Frota Estelar e acentuava as linhas verticais de seu rosto. Os olhos pareciam mais profundos, sombrios e misteriosos, mas, ao mesmo tempo, realçados pelo rosto mais magro, pareciam maiores e mais brilhantes.

A boca curva e os lábios carnudos não haviam mudado, mas a impressão de que iriam se abrir num sorriso ou numa risada a qualquer instante já não existia mais. O Darryl Adin que Yar tinha amado era um homem de emoções súbitas. Aquele homem parecia ter cortado o espectro de suas emoções ao meio, retendo apenas as negativas.

— Então, Tasha - disse Dare, por fim - você ainda está na Frota Estelar.

— E você ainda está vivo - foi a única resposta que conseguiu proferir.

— Sou um sobrevivente. Que está fazendo aqui? - perguntou ele, enquanto a conduzia para uma mesa de doze lugares, apesar de haver apenas quatro pessoas na sala, no momento.

— Você não costuma assistir o noticiário?

— Não vale a pena. A Frota enviou você e seu robô para nos fazer em pedacinhos? - Dare sentou-se à frente dela, estudando-a.

— *Você* é o suserano de quem Nalavia quer que a livremos? Seu riso foi desprovido de alegria.

— Não. Estou aqui para ajudar o povo de Treva a derrubar o governo opressor de Nalavia.

— Oh, - disse ela, com forte sarcasmo - é um defensor da liberdade. Ele ergueu as sobrancelhas e exibiu um sorriso sardônico.

— Pode-se dizer que sim. Se me pagarem bem.

— Pagarem?

— Sou um mercenário, Tasha. O melhor da galáxia. Adrian Dareau é o nome pelo qual sou conhecido atualmente.

— O Paladino Prateado? Você?

Ela tinha ouvido falar nele, mas nunca associara aquela figura, cada vez mais famosa entre os planetas mais afastados, ao homem que havia amado e perdido.

— Eu devia ter feito a associação, mas ninguém jamais viu Dareau. Então, agora você não é procurado apenas pela Federação, mas também pelos ferengis, pelos zertanianos e, segundo os rumores, até pelos romulanos.

— E mesmo? Sdan, nós fizemos alguma coisa para provocar os romulanos?

Pela primeira vez, Yar olhou para os outros dois homens que a haviam capturado tão sem cerimônia. Deviam ser os melhores homens de Dare. Tinham que ser bons para terem conseguido capturá-la com tanta facilidade.

O sujeito que Dare chamou de Sdan parecia meio vulcano, como seu nome e a câmbra no pescoço de Yar sugeriam, mas seu cabelo comprido e despenteado chegava à altura dos ombros, e ele deu um rápido sorriso ao responder:

— Aquele pequeno caso com os omanis, provavelmente. Os romulanos não ficaram muito felizes por eles terem decidido passar para o lado da Federação.

— Isso não é motivo para preocupação - disse o terceiro homem, um humano meio indefinido, de altura e constituição medianas e cabelos

castanhos ralos. Vestia roupas camufladas que se confundiam com o meio ambiente. Sua única característica marcante eram os óculos: uma armação com lentes acopladas. Yar nunca vira um adulto usar óculos como aqueles. Algumas crianças ainda os usavam até ter idade suficiente para se submeterem ao tratamento químico que lhes dava visão perfeita.

— Os romulanos raramente agem, eles preferem reagir - prosseguiu o sujeito, sentando-se na cadeira ao lado de Yar. Olhando através das lentes, ela percebeu que ele tinha outra característica marcante: olhos vivos, de um castanho ainda mais escuro que os de Dare, que brilhavam com uma inteligência que desfazia a impressão causada por sua aparência. - Só precisamos de um pouco de tensão, talvez um novo tratado ou mesmo uma guerra fria entre a Federação e os romulanos, para termos tanto trabalho que nem saberemos por onde começar. Ficaremos ricos. O dinheiro é a mola propulsora da guerra.

— Já não estamos ricos o bastante ainda, Poeta? - perguntou Dare. - Você podia comprar seu próprio planeta.

— Ouro que não pode ser gasto não torna ninguém rico - replicou o poeta com uma piscadela. - Contudo, linda dama, - continuou, voltando-se para Yar, - se tiver vontade de se tornar o brinquedinho de um homem rico, ou quiser ter um homem rico como brinquedo, ficarei contente em satisfazê-la.

Algo naquele olhar astuto sugeria que ele conhecia tantas "múltiplas técnicas de prazer" quanto Data, mas era igualmente inofensivo. Yar, porém, não estava com disposição para flertes.

— Não creio ter sido esse o motivo de terem me trazido para cá - disse ela, rispidamente.

— Não - disse Dare. - Nós a trouxemos para cá para lhe mostrar o que *realmente* está acontecendo em Treva.

— Por que? - perguntou ela, cheia de suspeitas.

— Porque Nalavia certamente não permitirá que você veja! - respondeu Dare com raiva. - Assistiu o noticiário?

— Sim... e concordo. Os ataques dos "inimigos do povo" aconteceram muito convenientemente na frente das cameras. Nalavia alega que instalou cameras de vigilância para localizar as atividades dos terroristas e enviar tropas para o local com maior rapidez.

— E não foram muito bem sucedidos nisso, não é? - foi o comentário de Sdan, que estava atrás de Dare, guardando-lhe as costas. Yar olhou para ele novamente, tentando adivinhar sua origem étnica. Tinha as sobrancelhas oblíquas e as orelhas pontudas das raças vulcanóides, e uma pele pálida que

sugeria haver sangue verde correndo por baixo dela. Mas, diferente da maioria dos vulcanos, era musculoso e forte, quase corpulento. Os olhos eram azuis, algo raro, porém não inaudito entre os vulcanos.

Mas os trajes e o comportamento de Sdan mostravam que ele não era vulcano, ou pelo menos não fora criado em Vulcano. Ele estava atrás de Dare na postura militar universalmente usada para "descansar", relaxado porém alerta, demonstrando abertamente no rosto sua reação a tudo quanto era dito. Ele sorria com facilidade, mas, apesar de menos freqüente e ameaçador que Dare, o sorriso de Sdan também era de um homem perigoso.

As roupas combinavam com o estilo descontraído de seu cabelo despenteado: uma larga camisa azul de tecido semelhante a seda, aberta no peito, calças pretas e botas de cano alto com protetores para os joelhos. Yar imaginou se ele as tinha escolhido como proteção para seu ponto fraco ou porque ela lhes davam aquela aparência de espadachim. Como Dare, na época em que Yar o conhecera na Academia da Frota Estelar, Sdan transbordava charme de modo bastante descontraído.

Dare, porém, estava emocionalmente contido, como se tivesse erguido barreiras para se proteger daquilo que ele e Yar haviam compartilhado no passado. Observando sua própria postura, as costas retas e os pés firmemente plantados no chão, Tasha percebeu que estava inconscientemente fazendo o mesmo. Ambos estavam decididos a não deixar que o relacionamento antigo atrapalhasse seu raciocínio.

Yar disse:

— Conte-me a sua versão da história.

— Não é a *nossa* versão - disse Poeta - é a versão dos trevanianos. Eles estão se rebelando contra a ditadura de Nalavia.

— Ditadura? - perguntou Yar. - Ela foi legitimamente eleita presidente.

— Assim como Adolf Hitler, - respondeu Dare - Baravis, o incomparável, e Immea de Kaveran. Nalavia usou o sistema democrático para ser eleita... Agora está destruindo-o sistematicamente. Haveria eleições gerais este ano, mas ela as cancelou devido ao "estado de emergência planetária". Os que estão conscientes do que ela está fazendo procuram impedi-la, mas Nalavia controla as forças armadas.

— Além disso - disse Poeta - a maioria está contente com Nalavia. A vida nunca foi melhor para os velhos, e os jovens têm seu pão e circo. Por isso, estão dispostos a se desfazerem de um pouco de liberdade.

— Uma história conhecida - disse Yar com um aceno de cabeça. - Mas onde você entra na história?

— Não somos a Frota Estelar - respondeu Dare. - Não nos importamos

com a Primeira Diretriz. Alguns trevanianos tentaram se rebelar contra Nalavia, mas ela os derrotou. Os capturados foram executados. Sem julgamento.

Yar sentiu que seu queixo se enrijecia, mas recitou o dogma da Frota Estelar:

— Este mundo ainda está em desenvolvimento. Pelos nossos padrões, seus costumes podem parecer primitivos e até mesmo selvagens, mas ainda assim são os costumes do povo de Treva. Podemos apenas esperar que algum dia se tornem mais civilizados, mas, por enquanto, não podemos interferir com a lei de Treva.

— É Nalavia que está interferindo com a lei de Treva - disse Poeta. - A nova constituição exige que um julgamento seja realizado antes de qualquer pessoa ser condenada ou punida. E o sistema já está em vigor há muitos anos. Nalavia o suspendeu, passando a agir como juiz, júri e carrasco.

— Nada disso constava nos relatórios enviados à Frota Estelar - disse Yar.

— Suponho - respondeu Dare - que foi por isso que vocês vieram para cá. *Nós* também fomos convidados - exibindo novamente o sorriso de lobo - mas pela facção oposta. Não é interessante notar que Nalavia se sentiu suficientemente ameaçada para pedir ajuda à Frota Estelar?

— Se o que diz é verdade - disse Yar - ela não obterá nossa ajuda. Dare, as ações de um cidadão não podem ser limitadas pela Primeira Diretriz, mas a política da Federação determina que seja permitido aos mundos não alinhados resolverem sozinhos os próprios conflitos internos.

— Então - disse Sdan - Nalavia vai fazer o maior escarcéu porque a Frota Estelar se recusou a ajudar seu povo ameaçado. Ela arrumou tudo para não perder.

— Se Nalavia é uma ditadora, como dizem - disse Yar - vai acabar passando dos limites e seu povo vai se rebelar.

— É pouco provável - disse Poeta. - Nalavia é inteligente demais para deixar a maioria insatisfeita, antes de tê-los todos sob seu domínio.

— Amanhã cedo - disse Dare - você conhecerá Rikan, o último dos suseranos de Treva. Talvez você acredite nele mais facilmente do que em nós. Enquanto isso, preparamos um quarto para você. - Ele deu a volta na mesa. - Vou ficar com sua insígnia.

Oh, que idiota sou eu! pensou Yar. Mas talvez tivesse sido melhor não ter tentado entrar em contato com Data antes. Ele poderia ainda estar com Nalavia.

Ao erguer a mão para tocar na insígnia, Yar percebeu duas coisas: a

insígnia não estava mais presa a seu uniforme e Dare não estava indo em sua direção, mas na de Poeta. Seu assecla derrubou a insígnia-comunicador na mão de Dare.

O outro homem podia ser um batedor de carteiras habilidoso, mas Dare não era. Agindo por reflexo, Yar agarrou a insígnia da mão dele e bateu nela com firmeza.

A insígnia emitiu um apito, mas ninguém respondeu. Antes que pudesse tentar de novo, uma mão de ferro a agarrou pelo punho. Não foi Dare, mas Poeta.

O sujeito aparentemente inofensivo tinha um aperto de mão tão forte quanto um raio trator.

— Que vergonha - disse ele, apanhando a insígnia com a outra a mão e jogando-a para Dare.

Dare a apanhou, carrancudo, obviamente pensando em ligá-la. Em vez disso, entregou-a a Sdan.

— O canal não se abriu quando ela a tocou. Teste-a, Sdan, mas cuidado para não ativá-la. O robô poderá localizá-la ainda que receba um único sinal.

— O Sr. Data é um andróide, não um robô - disse Yar. - É também um oficial da Frota Estelar, meu colega de trabalho e meu amigo.

— Você costumava escolher melhor seus amigos.

— Ao menos não preciso me preocupar com a lealdade dele! - vociferou ela em resposta, arrependendo-se em seguida. A frustração era seu grande inimigo. Sempre que se sentia indefesa ou vencida, agia sem pensar. Por que não fingira estar parcialmente convencida? Depois disso, não confiariam mais nela, diminuindo-lhe as chances de fuga.

Dare disse friamente:

— Entendo. Você ainda acredita que eu seja culpado. E seu dever como oficial da Frota Estelar é prender qualquer fugitivo da lei que lhe cair nas mãos durante o cumprimento de uma missão. - Ele expressava no rosto a mesma ira com que ouvira o veredicto de sua corte marcial. Até seus olhos estavam frios como o gelo. - Poeta - disse ele, - coloque-a no quarto azul e tranque a porta. -Então ergueu-se e saiu.

No Palácio Presidencial, o tenente-comandante Data usou todos os itens de sua programação de flertes para se livrar das garras de Nalavia.

Estava reagindo de modo incomum: não era apenas por ele e Tasha terem decidido que limitar suas ações ao flerte seria a melhor maneira de "amolecer" a Presidente... Data percebeu que não queria ter um relacionamento íntimo com Nalavia. Nunca tinha sentido tal antipatia antes.

Quando voltava para seu quarto, caminhando pelos corredores, teve chance de analisar sua reação.

Mesmo sabendo que Nalavia iria desafiar e talvez até mesmo expandir seus conhecimentos, por que havia desejado que aquilo não viesse a ser necessário?

Era curioso: sentia que havia mudado mais nos meses que passara na *Enterprise* do que em todos os anos que se passaram desde que se tornara consciente. Já tinha servido em outras naves estelares, visitado muitos mundos, coletado gigabytes de dados... mas, nas outras missões, os outros tripulantes sempre o consideravam apenas uma peça útil do equipamento e não um colega de trabalho. E quanto mais se sentia isolado, mais desejava tornar-se humano até ter sido designado para a *Enterprise* e ousado expressar tal desejo em palavras.

E não riram dele.

Nem mesmo Will Riker, que às vezes era insensível ao seu desejo de adquirir atributos humanos tais como a criatividade, tinha rido dele no dia em que se conheceram.

— *Prazer em conhecê-lo, Pinóquio.*

Ele teve que procurar nos bancos de memória da nave para encontrar a referência. Mas, ao encontrá-la e consultá-la, segundos mais tarde, ficou espantado ao ver que, apesar de Will Riker ter feito uma piada, estava sendo comparado ao personagem principal de uma estória que falava sobre o mágico poder do amor.

O amor era algo que Data nunca tivera a ousadia de analisar... mas, às vezes, ele se perguntava se não seria aquele o motivo de seu súbito progresso nas novas designações. O capitão Picard lhe concedia mais liberdade do que qualquer outro capitão com quem servira antes. E quando a usava para satisfazer seus próprios interesses, nunca era repreendido, a menos que sua voraz curiosidade interferisse na linha do dever. Estava envergonhado com o número de vezes que isso acontecia, mas como podia deixar de aproveitar uma oportunidade nunca antes encontrada?

Além da liberdade, recebera responsabilidades. Data ficara assombrado ao saber que não fora designado ao departamento de ciências ou ao posto de oficial de ciências da *Enterprise*, o mais alto que já aspirara. Ao receber suas ordens e ver que era o terceiro em comando, pensou a princípio tratar-se de um erro humano. Alguém sem dúvida tinha digitado o número de série errado.

Mas era verdade. Ele não apenas passara a fazer parte do quadro de comando, até então reservado estritamente a seres totalmente orgânicos, mas o capitão Picard também freqüentemente lhe passava o comando da nave,

com a mesma naturalidade que faria com Riker.

E ninguém protestou!

Num clima de tamanha aceitação, Data fez amigos. Amigos de verdade, que compartilhavam de seus problemas e realizações, em vez de apenas aproveitarem-se de sua força física ou capacidade de processamento de dados. Amigos como Geordi LaForge, que lhe contava piadas e o incentivava a experimentar qualquer atividade humana que lhe incitasse a curiosidade.

E amigos como Tasha Yar.

Quando foi seduzido, no início da missão, ficou contente por ela tê-lo escolhido, mesmo que sob influência de um vírus inebriante. Mais tarde, a ordem de que "nunca aconteceu" o tinha magoado e o incidente prejudicou o desenvolvimento da amizade entre os dois, por algum tempo, mas não atrapalhou seu relacionamento de trabalho. Mais recentemente, porém, Data havia aprendido a reconhecer a sensação de constrangimento, e esse entendimento, aliado à passagem do tempo, fizeram com que os dois reatassem a amizade.

Sua última designação juntos fora em Minos, o planeta cujos habitantes foram destruídos pelas armas que construíram. O lugar onde Data e *Yar* chegaram mais próximos de morrer juntos. A experiência havia quebrado as últimas barreiras.

Tasha fora a última mulher com quem Data exercera suas funções sexuais, percebeu, então, que estava comparando Nalavia a Tasha. E era por isso que preferia não ter que exercer essas funções com a Presidente, se pudesse evitar. Tasha podia ter estado sob a influência de um vírus inebriante, mas tinham compartilhado de um prazer mútuo. A principal motivação de Nalavia era obviamente a novidade da situação. Para ela, ele não era uma pessoa, mas um brinquedo, um tempero exótico para seu paladar entediado.

Aquele era um pensamento interessante. Um ano antes, Data não teria percebido que Nalavia estava entediada, nem se importado com isso. E um ano atrás ele não teria suspeitado que ela trataria qualquer macho orgânico do mesmo modo que tratava um andróide.

Ao aproximar-se do quarto, Data notou que não havia luz sob a porta de Tasha. Ela já devia estar dormindo. Era uma pena que os humanos tivessem que dormir para poder funcionar adequadamente. Ele teria apreciado conversar com Tasha a respeito da última auto-descoberta.

Contudo, era uma ocasião ideal para tentar entrar no computador de Nalavia. Ele não tinha nenhum compromisso até a manhã, quando Nalavia levaria os dois visitantes para um passeio pela capital.

Ao aproximar-se, o guarda postado próximo à porta ergueu os olhos, um pouco sonolento, franziu a testa, espreguiçou-se e levou um susto, passando a esfregar o ombro direito com a mão esquerda. O homem devia ter caído no sono sentado durante o serviço e ficara com torcicolo. Se havia dormido uma vez em serviço, provavelmente o faria de novo, facilitando a saída de Data para procurar um terminal de computador. Por isso, ao passar, ele disse:

— Boa noite.

E abriu a porta do quarto.

O guarda ficou olhando para ele.

— Você dorme? - perguntou o guarda.

— Não - respondeu Data, com sinceridade automática, depois teve vontade de "chutar-se a si mesmo", como costumam dizer. Ele sabia mentir perfeitamente quando a situação exigia. Mas simplesmente tinha mais dificuldade que um humano para identificar tais situações. - Mas... preciso recarregar, de vez em quando. - Queria que o homem pensasse que estaria fora de funcionamento por algum tempo.

— Ei, não vai queimar o sistema de força, vai? *Oh, mas que teia complicada estamos tecendo...*

— Não - assegurou Data, lembrando-se das instruções de Tasha aos oficiais que mais freqüentemente participavam de expedições: se tiverem que mentir, usem mentiras simples. - Eu trouxe comigo todo o necessário.

— Ah. Bem, então, boa noite.

Data deu um suspiro de alívio ao fechar a porta atrás de si.

Para dar tempo ao guarda para relaxar, trocou o uniforme de gala pelo uniforme padrão e apagou a luz. Ele ainda podia enxergar, não em tantas freqüências quanto Geordi, mas a simples luz infravermelha fazia o ambiente ficar tão claro quanto o dia e seus processadores internos interpretavam as mudanças de cor.

Depois de algum tempo, abriu a porta lentamente, e viu o guarda erguer a cabeça e perguntar:

— Precisa de algo, senhor?

— Não obrigado - respondeu Data. O guarda já não parecia nem um pouco sonolento. - Por favor, não deixe que ninguém me perturbe nas próximas quatro, vírgula, seis horas - disse de improviso.

— Sim, senhor - respondeu o guarda. - Avisarei meu substituto.

Data voltou para dentro do quarto e procurou outra saída. Seu tricorder já havia detectado sensores do sistema de alarme ligados às janelas. A suíte era composta de uma ante-sala, um quarto e um banheiro. A única porta além da de entrada dava para um armário, sem passagens ocultas. Não havia um

alçapão embaixo do tapete.

Aparentemente, os palácios só vinham equipados com passagens secretas nos livros de ficção.

O banheiro tinha água encanada, sem equipamentos sônicos. A pequena janela era de vidro fosco, mas também estava lacrada e equipada com sensores de alarme. Data perguntou-se se teriam sido instalados especialmente para ele e Tasha, ou Nalavia costumava hospedar "convidados" que tentavam fugir ou escapar. Se fosse interrogada, provavelmente alegaria que tinham sido instalados para evitar que alguém "entrasse" no quarto sorrateiramente.

Data examinou os acessórios, consultando todos os dados disponíveis em seus bancos de memória sobre encanamentos de água. Pressupondo que a cultura local utilizava encanamentos apropriados, que não rachavam, nem eliminavam venenos na água potável, o principal problema devia ser ralos entupidos. Produtos químicos de limpeza podiam ser usados para prevenir ou sanar tais problemas... mas haveria ocasiões em que os próprios canos precisariam ser trocados. Deveria então haver um painel de acesso, e...

Por fim, Data descobriu que todo o piso do banheiro podia ser erguido, expondo os canos que entravam e saíam do pequeno banheiro. Data entrou cuidadosamente no túnel de passagem, arrastando-se até estar sob a área do palácio onde Nalavia os havia recebido. O centro de comunicações e dados provavelmente ficava por perto.

Ele escutou atentamente aos sons que vinham de cima, para identificar o tipo de sala sob a qual estava engatinhando. Percebeu estar fora do setor de quartos, quando o padrão de uma tubulação de banheiro a cada poucos metros desapareceu.

Por fim, ergueu o piso de um pequeno lavatório, que dava para uma sala com três pequenos escritórios. Não havia terminais de computador à vista. Apesar de a porta para o corredor estar trancada, não havia sensores de alarme. Aqueles escritórios certamente não alojavam atividades de alta segurança.

Não precisou arrombar a fechadura, pois havia um botão na maçaneta que a destrancava por dentro. Como não havia botão do lado de fora, enfiou um estilete que encontrou numa das escrivaninhas entre a porta e o batente, para evitar ficar trancado do lado de fora. Esgueirou-se pelo corredor, com todos os sentidos em alerta.

Dois homens guardavam a entrada da sala de computadores e a porta exibia uma série de sensores que sua visão infravermelha podia captar a vinte metros de distância. Mas não pretendia entrar pela porta.

Sabendo onde estavam os computadores, Data voltou silenciosamente

para a sala dos escritórios. Entrou novamente no túnel de manutenção e recolocou cuidadosamente o piso no lugar. Engatinhou precisamente pelo espaço praticamente vazio até estar embaixo do computador. Podia sentir o calor de seus motores acima. Seguiu os canos até o lavatório mais próximo, torcendo para que ele desse acesso à sala do computador.

E dava. Mas havia uma pessoa usando o computador.

Ele conhecia muitas maneiras de fazê-la perder os sentidos sem feri-la... mas não quis se arriscar. Se ela se voltasse e o visse, mesmo que a silenciasse antes que soasse o alarme, ela jamais se convenceria de que tinha caído no sono durante o serviço. E Nalavia ficaria sabendo que Data havia entrado em seus computadores.

Data voltou para dentro do lavatório, e esperou por quase uma hora antes que a mulher gravasse seu trabalho, desligasse as luz e saísse. Logo em seguida, ele estava sentado na cadeira que ela deixara, estudando as rotinas do aparelho antiquado, até descobrir os códigos de segurança. Apagou depois todas as evidências de que os mesmos haviam sido consultados.

Como não sabia se outro usuário com insônia apareceria a qualquer momento, Data não permaneceu muito tempo na sala do computador. Verificou quais as frequências que o computador era capaz de emitir, escolheu uma que não estava sendo usada, adaptou o modem de seu tricorder àquela frequência e apagou todas as evidências do que fizera.

Então, voltou para a sua suíte do mesmo modo como saíra. Ao recolocar o piso, quase saiu imediatamente do banheiro... mas ocorreu-lhe verificar sua aparência. Acendeu a luz, ajustou a visão para o espectro humano e... descobriu que estava imundo.

Tinha um uniforme extra, naturalmente. Mas não podia deixar aquele pendurado no armário, nem pedir que os funcionários do palácio o lavassem, sem se arriscar a que lhe perguntassem como o deixara naquelas condições. Felizmente, os mais recentes uniformes da Frota Estelar eram praticamente indestrutíveis, podendo ser lavados de quase todas as formas conhecidas, incluindo água e sabão.

Data tirou a roupa, entrou no chuveiro e lavou o próprio corpo e o uniforme. Deixou o uniforme pendurado para secar no banheiro, o que provavelmente levaria uma ou duas horas.

Passou, então, a dedicar toda a atenção ao tricorder, sempre alerta para sistemas de proteção ou consultas de outros usuários ao computador. O computador de Nalavia era antiquado e tinha pouca memória. Data não podia coletar informações na velocidade usual, mas tinha que esperar que ele transmitisse as informações em sua própria velocidade. Em dado momento, alguém consultou o sistema para averiguar o sistema de segurança do

palácio. Data desligou sua pesquisa para que não tornar mais lenta, de modo perceptível a consulta do outro usuário.

A lentidão da transmissão de dados possibilitou-lhe analisar alguns à medida que apareciam. O suficiente para reconhecer um padrão. As ordens transmitidas ao exército de Nalavia pareciam indicar que os "terroristas" dos ataques mostrados não eram nem rebeldes, nem assecclas dos suseranos: as próprias tropas de Nalavia haviam cometido aquelas atrocidades.

Quando finalmente carregou toda a informação no tricorder, precisava de tempo para analisá-las. Esperava que um servente viesse "acordá-lo" pela manhã. Por isso, entrou sob as cobertas, para parecer o mais normal possível para alguém que não estivesse acostumado a lidar com andróides, dando maior credibilidade à mentira de que estivera "recarregando", caso fosse apanhado antes de terminar sua análise.

Pela manhã, Data havia chegado a uma conclusão importante: Nalavia estava mentindo em quase tudo. Longe de ser a presidente legitimamente eleita e benevolente que proclamava ser, Nalavia era uma ditadora cruel e sedenta de poder. Data não compreendia por que a população ainda não havia se revoltado em massa

Logo que começou a organizar os dados de modo compreensível a Tasha, a porta do quarto se abriu e um servente entrou com uma bandeja.

— A Presidente Nalavia irá recebê-lo em meia hora, senhor, na sala de recepções.

— Obrigado - respondeu Data, automaticamente.

O servente colocou a bandeja na mesa, tirou a tampa de vários pratos e saiu. Data ergueu-se, ignorou a comida, que não lhe era necessária, uma vez que tivera a curiosidade de experimentar vários pratos na noite passada, vestiu-se e foi bater à porta do quarto de Tasha.

O guarda no corredor disse:

— A jovem senhora já saiu, senhor.

Data sentiu a testa franzir. Ainda era cedo. Se Tasha havia acordado mais cedo, por que não entrara em contato com ele? Tocou a insígnia-comunicador. Ela emitiu um apito, mas o canal não se abriu. Mesmo que não estivesse funcionando, Tasha podia ter batido em sua porta.

— Será que ela se lembra... - disse ele, casualmente, enquanto entrava no quarto de Tasha.

Tudo estava tão arrumado como a própria Tasha. A cama estava feita, seus itens de higiene cuidadosamente dispostos sobre a penteadeira.

Ainda cheio de suspeita, Data abriu o armário. Encontrou o vestido de Tasha pendurado ao lado de dois uniformes comuns.

Estava faltando o uniforme de gala.

Por que estaria ela usando novamente o uniforme de gala naquela manhã?

Ou seria mais correto dizer "ainda" em vez de "novamente"? Será que Tasha havia voltado para o quarto na noite passada? Depois de passar a noite mergulhado nos registros da traição de Nalavia, Data considerava a presidente de Treva capaz de qualquer coisa.

Data fez uma leitura de todo o quarto, do armário, do banheiro, das gavetas da penteadeira. Não podia analisar todas as informações naquele momento, tinha que se concentrar em afastar as suspeitas de Nalavia de si mesmo.

Deixou o quarto, dizendo ao guarda:

— Ótimo. Ela não se esqueceu.

E rumou para a sala de recepções.

Nalavia o esperava, mas não havia sinal de Tasha.

A presidente vestia outra paródia de uniforme, desta vez azul. Sorriu sedutoramente para Data e disse:

— Bom dia. Espero que tenha descansado bem. De quanto sono você precisa, meu doce andróide? Menos do que nós criaturas inteiramente orgânicas, eu suponho?

— Consideravelmente menos - disse ele evasivamente.

— Ah. Isso torna algumas coisas muito interessantes.

Mas Data se recusou a consultar seus arquivos sobre flerte naquela manhã.

— Onde está a tenente Yar? - perguntou bruscamente.

— Levantou-se com o raiar do sol, para visitar alguns de nossos empreendimentos agrícolas. Ela mostrou interesse em laticínios, como bem se recorda.

Aceitar uma segunda porção de uma sobremesa espumosa feita com o leite de um certo animal local dificilmente poderia ser considerado como um pedido de visita às fazendas leiteiras, mas Data fingiu aceitar a explicação de Nalavia.

— Sim, eu me lembro. Mas é claro que sempre me lembro de tudo o que ocorre na minha presença.

O sorriso de Nalavia tornou-se discretamente mais frio. Sussurrou amorosamente então:

— Parece que preciso tomar cuidado com o que digo para você, não é mesmo? Certamente não gostaria de prometer algo que não estivesse disposta a cumprir.

Ela o estava testando. Deveria exigir que fosse levado até Tasha? Ela

podia ter sido aprisionada. E Nalavia conhecia muito bem a força de Data, por meio dos documentários da Frota Estelar. Se tentasse prendê-lo, providenciaria para que não conseguisse escapar. Se Tasha estava apenas sendo entretida, ele provocaria suspeitas em Nalavia se exigisse vê-la.

Até ter certeza de que Tasha estava realmente em perigo, seria melhor permanecer livre e descobrir o máximo possível a respeito de Treva.

— Você prometeu nos levar para conhecer a capital - disse ele. - Mesmo que a tenente Yar tenha escolhido um roteiro diferente, eu gostaria de ver a cidade. - *E talvez descobrir algumas pistas do que está acontecendo por aqui.* Ele exibiu sua expressão mais inocente e ingênua, que, se mantida por muito tempo, geralmente fazia as pessoas mais perspicazes gritarem com ele. Houve época em que aquele era o único modo de lidar com os humanóides.

Nalavia não gritou. Enquanto admiravam a paisagem de seu carro transparente, ela suportou sua curiosidade infantil a respeito da cidade e seu povo por quase uma hora. Por fim, ela se cansou do "interrogatório".

— Vamos parar de brincar, Sr. Data. Na noite passada, você era uma pessoa totalmente diferente. Pare de fingir que é um autômato falante. Você tem maneiras muito mais interessantes de interagir com as pessoas.

Talvez a coisa mais surpreendente em sua reação foi o agradável calor que sentiu quando ela o acusou de estar "fingindo" ser um autômato. Isso queria dizer que ela o considerava uma pessoa. Mas então, lembrou-se de quem e, em especial, o que era ela. Ele não lhe falara de seu desejo de tornar-se humano, mas ela podia ter tomado conhecimento disso através de Tasha.

— Não é totalmente incorreto - disse ele num tom de voz moderado - chamar-me de "autômato falante". Contudo, sou apenas parcialmente mecânico. Possuo um número considerável de componentes orgânicos...

— Corta essa! - disse ela num tom autoritário. Ele piscou os olhos:

— Corta... essa?

— Não estou interessado em vê-lo representar um vulcano, tampouco. Você era uma companhia muito interessante, ontem à noite. Quero saber por que mudou.

Por que eu? Por que não é Will Riker que está aqui? Ele é a pessoa indicada para ser enviado a uma mulher linda, inteligente e poderosa!

Mas o comandante Riker estava a muitos anos-luz de distância e Data tinha que fazer algo imediatamente. *O que Riker faria?* perguntou-se a si mesmo. O problema era que ele não sabia o que aconteceu atrás das portas do quarto de Beata, em Angel One, e em muitas outras ocasiões.

Não... espere. Ele sabia uma coisa: Riker sempre dava um presente às

mulheres, algo raro e belo.

Então disse:

— Eu me sinto... tão sem jeito. Você tem sido uma anfitriã tão maravilhosa, oferecendo-nos um quarto tão luxuoso, comida excelente... e eu não tenho nada para lhe dar em troca.

Ela sorriu com lascívia.

— Oh, você pode me dar algo em troca, Sr. Data... Esta noite, creio eu, depois de termos nos reunido com os membros de meu gabinete.

Desesperado, ele consultou seus arquivos de flertes:

— Ah, mas isso seria tão bom para mim quanto para você, madame presidente. Gostaria de lhe dar algo especial, algo tão belo quanto você, algo só para você...

— Ora, mas que coisa adorável - disse ela. - Mas eu tenho tudo de que poderia desejar em bens materiais. Sua intenção será o meu presente. - Então, para o alívio de Data, depois de uma pausa pensativa, Nalavia deliberadamente mudou de assunto.

Com um pequeno suspiro de tristeza, ela olhou para o outro lado, vendo a populosa cidade por onde o carro passava, e disse:

— Há um presente que pode me dar, como sabe. Você pode persuadir a Frota Estelar a ajudar o meu povo.

E, expressando-se daquela maneira, ela fez com que Data pudesse dizer com total sinceridade:

— Oh, sim, presidente Nalavia. Certamente é o que vou procurar fazer. Data era vigiado a todos os momentos. Apesar de poder fazer duas coisas ao mesmo tempo, somente uma delas podia ocupar sua atenção imediata. Assim, enquanto enfrentava Nalavia, ele podia simplesmente instruir seu processador de dados a por em ordem o material que tinha coletado durante a noite, a fim de poder consultá-lo de maneira mais organizada e analisar seu conteúdo.

Eles voltaram ao palácio para almoçar com os representantes das vítimas dos "ataques terroristas". Data sentia pena dos que tiveram amigos e parentes mortos ou feridos, apesar de Nalavia ter encenado os ataques. Era óbvio que aquelas pessoas não sabiam tratar-se de encenação.

Era a primeira vez que Data tinha chance de se encontrar com outros trevanianos além daqueles que trabalhavam no palácio, pois não saíram do carro durante toda a visita à cidade. Havia dois porta-vozes das vítimas dos terroristas e oito pessoas que ou haviam sido feridas ou tinham entes queridos mortos nos ataques. Data ficou intrigado com a ausência de raiva ou angústia nas vítimas. Estavam melancolicamente tristes e falavam com

carinho dos que morreram, mas não aparentavam qualquer interesse em culpar ninguém ou exigir vingança. Data desejava que a Dra. Crusher ou a Conselheira Troi estivessem ali, pois não conseguia determinar se aquela atitude era natural ou não entre os trevanianos.

Depois da refeição, Data conversou individualmente com alguns dos convidados, mas mesmo ao relatar suas penas, eles o faziam com uma tristeza distante. Era como se não conseguissem juntar suficiente energia emocional para se importarem realmente. Os porta-vozes eram um pouco melhores. Pareciam satisfeitos com a decisão de Nalavia de pagar uma indenização a seus clientes e confiavam que o governo seria capaz de evitar novas tragédias.

Data havia se preparado para uma reunião difícil, tentando explicar por que a Primeira Diretriz não permitiria que a Frota Estelar viesse e destruísse os que feriram aquele povo. Mas as perguntas difíceis nunca foram formuladas. Mais tarde, ele perguntou a Nalavia:

— Essas pessoas estão em estado de choque?

— Oh, não, Sr. Data. São apenas membros das antigas classes de camponeses. Mesmo depois de educá-los e oferecer-lhes uma vida muito melhor do que a que estavam acostumados, ainda levará gerações para conseguirmos sensibilizá-los. Enquanto isso, devemos protegê-los por serem criaturas tão infantis.

Ele fingiu aceitar a explicação e também estar interessado na visita que fariam a uma escola das redondezas, na tarde daquele dia, apesar de preferir ficar no palácio. Estava preocupado com a ausência de Tasha. Sua colega estaria realizando uma visita inútil, ou algo mais sinistro teria lhe ocorrido?

Ao menos Nalavia estaria se reunindo com seus conselheiros naquela tarde. Data poderia agir de modo pré-programado, enquanto sua mente estivesse concentrada na informação que ele mal começara a organizar ao cair da noite.

As crianças ficaram encantadas com Data e rapidamente venceram o medo e a timidez. Ele tinha uma representação bem-ensaiada, prestando somente a atenção suficiente para perceber que as crianças reagiam do modo esperado. Era possível que Nalavia estivesse dizendo a verdade. Talvez as atitudes de classe estivessem tão fortemente enraizadas na sociedade de Treva, que somente os jovens podiam ser educados para deixar de segui-las.

Por outro lado, apesar de as crianças gritarem e sorrirem, não houve nenhum acesso de raiva ou choro, mesmo entre os menores. Coincidência? Não havia dados suficientes.

Sendo assim, ele voltou sua atenção aos megabytes de dados que havia recolhido dos computadores de Nalavia. Muito podia ser descartado como os

horários de ônibus, dados meteorológicos, relatório de colheitas, quotas de produção. Mas espere... uma quantidade estranhamente grande de uma substância tóxica estava sendo produzida em Treva, e os registros indicavam que pouco estava sendo exportado. Lembrou-se das transmissões de vídeo que Tasha e ele haviam captado, cheias de propagandas de substâncias tóxicas como bebidas, inalantes e até mesmo cremes para serem aplicados na pele.

As substâncias tóxicas podiam ser a razão de os trevanianos estarem com as emoções embotadas. Prestou atenção, por um momento, na professora da classe que estava visitando, conduzindo a conversa de modo a poder perguntar:

— Está ensinando as crianças a evitarem o uso de substâncias tóxicas? A professora parecia completamente intrigada.

— Por que deveria fazer isso? As drogas dão alegria à vida. São um prazer merecido após um dia duro de trabalho. - Ela estava repetindo o que uma das propagandas dizia, aparentemente sem se dar conta disso.

O guia de Data agradeceu bruscamente a professora e seguiu para outra classe. Data voltou a fingir ser o andróide amigável, enquanto internamente se concentrava nos dados sobre os rendimentos das substâncias tóxicas e sua propaganda. Eram enormes... mas ao examinar os dados de produção, encontrou algo estranho. As substâncias químicas faziam parte de um gigantesco projeto industrial, mas o produto com maior taxa de fabricação era uma substância chamada "Riatina", que não trazia nenhum orçamento de propaganda associado. Entretanto, Data conseguiu descobrir quem eram os maiores acionistas das companhias que a fabricavam: Nalavia e diversos membros de seu gabinete.

Talvez a substância tivesse outro nome ao ser vendida ao público. Mas não... ela não estava sendo vendida, nem exportada. Os arquivos de fabricação apenas mostravam que a substância era produzida... e não havia mais dados.

A programação de Data, contudo, era mil vezes mais eficiente que os computadores de Nalavia. Procurou qualquer referência sobre riatina em qualquer dos arquivos. Encontrou-a nos registros públicos do governo: a riatina era um purificador distribuído a todos os sistemas de água da cidade.

Sem grandes mistérios. Então... procurou a fórmula química da riatina. Não estava nos arquivos públicos do governo. Nem nos registros de fabricação. Aparentemente, Treva não tinha nada que se assemelhasse a um escritório de patentes. Mas continuando a pesquisar o termo "riatina", ele o localizou em um arquivo secreto em código, de máxima segurança, ao qual somente Nalavia e dois de seus oficiais tinham acesso.

Data leu a fórmula e depois começou a procurar em seus próprios bancos de memória qual seria o efeito de tais produtos químicos nos humanóides com a constituição genética dos habitantes de Treva. Encontrou um arquivo que dizia que a droga "torna a pessoa susceptível ao comando hipnótico e suprime emoções negativas". "Não causa dependência. Usado como apoio medicamentoso à psicoterapia, para controlar raiva ou angústia excessiva. De uso comum no auxílio ao sono-aprendizado. Nenhum efeito colateral nocivo conhecido a curto prazo. Não é recomendado seu uso a longo prazo."

Os efeitos colaterais do uso crônico incluíam "embotamento emocional, perda da capacidade de decisão. Privado da válvula de escape emocional, o indivíduo perde a autoconfiança, tornando-se dependente de fatores externos para obter estímulo mental ou emocional. Se não for cuidadosamente acompanhado, o indivíduo pode começar a fazer uso de estimulantes químicos para induzir emoções. Os efeitos colaterais desaparecem assim que a riatina é suspensa".

Aí estava o motivo: o povo de Nalavia era passivo e indiferente porque estava drogado e hipnotizado. Voltaram-se para os entretenimentos no vídeo e entorpecentes para colocar alguma emoção em suas vidas mortas, enquanto os programas de vídeo lhe diziam no que deviam acreditar, mesmo que as afirmações de um dia contrariassem a do dia anterior.

Ele tinha que encontrar Tasha! Nalavia podia tê-la drogado. Por que não havia insistido para ser levado para encontrar-se com ela na suposto "roteiro agrícola" ?

Não. Enquanto Nalavia pensasse que ele não suspeitava de nada, Data permaneceria livre. Mas se a presidente não fizesse Tasha aparecer até a hora do jantar, Data não podia continuar fingindo estar sendo enganado. Antes disso, ele devia descobrir onde Tasha estava aprisionada e libertá-la.

Assim, ele continuou a tagarelar com seu guia a respeito do sistema escolar da Federação até voltarem ao Palácio Presidencial. Pediu, então, licença para "vestir-se para o jantar" e voltou apressadamente para seu quarto, verificando primeiro se Tasha já voltara ao seu.

Por fim, teve tempo de desmontar sua insígnia-comunicador. Não havia nenhum defeito... apenas não queria funcionar! O tricorder confirmou a presença de interferência externa aos sinais emitidos.

Em urna hora, quando precisasse se apresentar para o jantar, a farsa chegaria ao fim, pois Data não poderia fingir que aceitava as desculpas esfarrapadas que Nalavia dava para justificar a ausência prolongada de Tasha. Em desespero, consultou novamente o computador de Nalavia, mesmo estando em uso. Esperava que a pesquisa por meio do tricorder não fosse detectada e pudesse lhe dar uma pista do paradeiro de Tasha.

Havia negócios sendo realizados em um dos terminais e ordens militares sendo enviadas de outro. O terminal principal de comunicações não estava sendo utilizado quando ele começou a escutar as mensagens... mas, em pouco tempo, alguém o ligou para chamar alguém de nome "Droo". Quando Droo respondeu, a primeira pessoa disse:

— Ela está soltando fumaça, Droo. É melhor encontrar essa tal de Yar!

— Estou lhe dizendo. Ela não está em nenhum lugar das redondezas! - respondeu Droo. - Deve ter escapado... não há como saber onde encontrá-la agora.

— Droga... vai ser o meu...

— É a sua cabeça que vai rolar, Jokane - interrompeu Nalavia subitamente, de sua linha particular. - Apresente-se para serviço de patrulha. E Droo, tem minha autorização para mobilizar metade do exército, se for preciso. Não posso continuar enganando o andróide por muito tempo. Traga aquela mulher de volta até o pôr do sol ou vai acabar fazendo a guarda de uma mina de gelo num asteróide. Se vou lidar com a Frota Estelar, não posso ficar com um de meus reféns à solta!

Sete

Tasha Yar tinha sido treinada pela Frota Estelar. Assim que se certificou de que ninguém a atacaria durante a noite e que a porta estava mesmo bloqueada e não apenas trancada de modo que pudesse ser arrombada, investigou o quarto despojado, porém adequado, no qual Darryl Adin a prendera, descobrindo que não havia como fugir dele.

O edifício era de pedra, com assoalho de tacos feito a mão, do tipo somente encontrado em épocas nas quais a mão de obra é barata. Sem um tricorder, não podia ter certeza de onde estariam escondidos os sensores, mas não conseguia sequer imaginar onde poderiam ter sido instalados, a menos que parte da parede fosse falsa. As pedras pareciam reais e emitiam um ruído sólido ao ser percutidas. Os batentes de madeira da porta pareciam genuinamente antigos e não detectou qualquer alteração neles.

Não havia janelas. As únicas portas eram a do corredor e a que dava para um banheiro primitivo, porém funcional. O único espelho, pequeno mas de boa qualidade, estava no banheiro, pendurado sobre a pia. Mas não estava posicionado de modo a refletir o quarto, sendo um candidato improvável para um equipamento de espionagem.

A cama não passava de um colchão grosso sobre um estrado de madeira, coberto por lençóis macios e azuis. Yar a desmantelou por inteira, sentindo cada pedaço do colchão, e depois montou-a novamente. Não havia nenhum equipamento instalado debaixo dela.

O que esperavam descobrir espionando-a, afinal de contas? Dare ficara com sua insígnia-comunicador. Ela não poderia comunicar-se com Data. Dare sabia que ela faria exatamente o que estava fazendo naquele instante e depois, ao ver que não conseguiria escapar, descansaria para poder enfrentar seu futuro incerto pela manhã.

Não havia armários, apenas um trilho para cabides. Havia um roupão azul e macio pendurado e um par de chinelos macios no chão. Yar decidiu aceitar a oferta. Seu uniforme de gala já tinha sido bastante usado naquela noite, sem que ela precisasse dormir com ele.

O banheiro não tinha armário. Em cima da prateleira de madeira havia um pente, uma escova, uma escova de dentes, pasta dental, sabonete, toalhas e um frasco de xampu. Ela reconheceu o último item: o preferido de Dare, feito com ervas de Rigel Sete. Ela percebeu imediatamente que aquele ainda era o cheiro dele, sendo tomada por uma onda de nostalgia.

Mas não podia permitir que o passado a dominasse. Darryl Adin era um traidor e um assassino. Ele mesmo admitira ter se tornado também um mercenário. Era tão pouco digno de confiança quanto a presidente Nalavia.

Yar sentiu que ela e Data haviam se metido numa daquelas situações indefinidas, em que ninguém está com a razão.

Mas, como nada mais poderia fazer até amanhecer, afastou todos esses pensamentos da cabeça e dormiu.

Os oficiais da Frota Estelar e os navegantes estelares, de modo geral, não permitem que seu corpo se limite a um ritmo circadiano único, já que cada planeta que visitam tem dias e noites diferentes, podendo pousar ao meio-dia ou à meia-noite, no inverno ou no verão. Yar dormiu por cinco horas, levantou-se, exercitou-se, tomou um banho e vestiu-se, passando a esperar que alguém a viesse buscar.

Não demorou muito para que Poeta aparecesse, cheio de galanteios jocosos, a fim de acompanhá-la para o desjejum. Ele não estava de uniforme camuflado naquela manhã. Exibia uma túnica amarela e calças pretas, com um largo cinto grosso apertando a cintura. Não parecia estar armado. Pensando bem, ela não tinha visto nenhuma arma nos homens que encontrara na noite anterior. Mas as roupas eram *bastante* folgadas. Os uniformes da Frota Estelar tornavam quase impossível levar armas escondidas. As túnicas, camisas e jaquetas folgadas que ela vira poderiam esconder phasers, desintegradores, facas ou fundas. O treinamento da segurança da Frota Estelar tornara Dare, assim como ela, especialista em quase todas as armas conhecidas, e ela não tinha dúvidas de que os homens que ele escolhera como asseclas eram igualmente versáteis.

Devia tentar fugir? Já sabia que Poeta era mais forte e capaz do que aparentava, e ela não sabia que caminho tomar naquele... lugar. Estaria num... castelo? Decidiu perguntar a Poeta.

— Isso mesmo - disse ele. - É o castelo de Rikan, a sede do movimento de resistência contra Nalavia. Alguém irá lhe mostrar os arredores, mais tarde. - Ele se interrompeu, fazendo Yar estancar e voltar-se para ele. A luz refletia-se nos óculos, tornando seus olhos indecifráveis. Ela se perguntou se seria esse o motivo por que ele usava óculos. - É você, não é? - perguntou, desconfiado.

—Sou eu...?

— A mulher da vida de Dare. A razão porque ele sempre passa cantada em loiras magrelas e depois as deixa frustradas ou volta frustrado como o diabo no dia seguinte. Uma oficial da Frota Estelar! Eu sempre disse que o Dare era masoquista.

Ao ver seu olhar de espanto, ele acrescentou:

— Oh, sim. Todo mundo sabe que Dare era da Frota Estelar... e que ela ferrou com ele. E que você... - Ele a encarou com nítido desprezo. - A mulher sente maior prazer/quando faz o homem passar por idiota/do que

quando ele o seu coração lhe devota.

Então, Dare ainda me culpa pelo que aconteceu.

Eles caminharam o restante do percurso em silêncio.

O desjejum foi servido numa das salas mais bonitas que Yar já tinha visto. Era uma das muitas que davam de frente para a parte externa do edifício. As janelas se abriam para um grande abismo, cheio de árvores de cores brilhantes. O interior era decorado com lareiras e tapeçarias. A mesa de jantar tinha lugar para pelo menos vinte pessoas, e estava completamente posta, apesar de haver apenas três pessoas à mesa. Yar conhecia apenas um deles: Sdan.

Tapeçarias, móveis adamascados, uma mesa de madeira antiga e lindamente polida, porcelanas e talheres de ouro, cujo esplendor deixou Yar sem fôlego, competindo com a magnífica vista da janela. Yar imaginou o que seria morar ali em meio à beleza da natureza, em perfeita harmonia com as mais finas obras de artesãos e artistas. Por um momento, não conseguiu fazer nada mais do que deixar-se envolver pelo ambiente. Depois, com determinação, vestiu o manto de eficiência da Frota Estelar e aproximou-se da mesa.

As duas pessoas desconhecidas eram um homem e uma mulher. A mulher aparentava ser humana, tinha a pele azeitonada, cabelos pretos, lisos e grossos, tão curtos quanto os de Yar, presos à testa com um lenço. Não era bonita, mas emanava poder, mesmo ali sentada, comendo e conversando com os companheiros. Usava camisa sem mangas, exibindo braços mais musculosos que a maioria dos homens. Sem dúvida fazia parte do bando de mercenários de Dare.

Se a mulher chamava a atenção, o homem, por sua vez, era cativante. Era humano ou trevaniano e bastante idoso. Tinha cabelos grossos e brancos, pele enrugada e olhos castanhos claros. Yar não conhecia os padrões de envelhecimento dos trevanianos, mas, para um humano, devia ter bem mais de oitenta anos. Contudo, sentava-se ereto e com os olhos vivos. Assim que ela se aproximou, ele se ergueu, num gesto cortês à moda antiga, que lhe era tão natural quanto a cortesia de Poeta havia sido falsa.

— Você deve ser Natasha Yar - disse ele. - Sou Rikan. Seja bem-vinda ao Repouso do Guerreiro, Srta. Yar.

O tradutor escolheu o termo "Senhorita", que mesmo na Frota Estelar era considerado obsoleto, apesar de ter sobrevivido até um século atrás, para interpretar o termo trevaniano que ele havia usado ao cumprimentá-la. O tradutor universal era um item extremamente útil, fornecendo inclusive o estilo de linguagem utilizado, que aparentemente era arcaico até mesmo entre os trevanianos.

— Prazer em conhecê-lo, senhor - respondeu Yar, parando perto da mesa e assumindo a posição de sentido. - Mas estou sendo cumprimentada como se fosse uma convidada. Na verdade, sou sua prisioneira.

— Bobagem - respondeu o suserano. - Você é minha convidada. Por favor, sente-se. Os servos lhe servirão o desjejum.

Yar permaneceu onde estava.

— De onde eu venho, Lorde Rikan, os convidados não são trancafiados em seus aposentos.

Ele sorriu simpaticamente, revelando dentes gastos mas bem tratados.

— Então talvez você deva comer para recuperar as forças, caso queira tentar fugir.

Yar fitou aqueles olhos velhos e sábios e percebeu que ele sabia exatamente o que lhe passava pela cabeça. Ela concordou e deixou que Poeta a conduzisse a seu lugar à mesa. A comida tinha um aroma delicioso e um sabor ainda melhor. Se permanecesse muito tempo naquele planeta, a cozinha trevaniana podia acabar fazendo com que perdesse a Unha em seu uniforme justo.

Rikan apresentou a outra mulher, que se chamava Bárbara.

— Pode me chamar de Barb - corrigiu ela. - Ninguém me chama de Bárbara e, especialmente, ninguém me chama de Babs! - E lançou um olhar fulminante para Poeta.

— Que importa o nome? - respondeu ele. - Uma rosa sempre terá um doce aroma, mesmo que seja chamada por outro nome. Barb mostrou-lhe os dentes.

— *Esta* rosa tem espinhos!

— Natasha - Rikan começou a dizer.

Como todos estavam fazendo questão do nome certo:

— Tasha - corrigiu Yar. - Provavelmente vem de Natasha, e foi assim que me registraram, mas tanto minha mãe quanto a mulher que me criou chamavam-me apenas de Tasha.

Barb disse:

— Não adianta dizer isso para ele, Tasha. Nem sei por que *eu* continuo a me importar, já que não faz qualquer diferença.

Rikan ignorou a interrupção e continuou:

— Meu jovem amigo Adrian... - Poeta emitiu um grunhido, sabendo que Dare não gostava que ninguém o chamasse por outro nome além do apelido que escolhera para si mesmo. Bem, se nem mesmo Dare conseguia mudar os hábitos formais de Rikan, ninguém conseguiria - não acreditava que você viesse me visitar voluntariamente, mesmo que conseguíssemos fazer o

convite passar pela segurança de Nalavia.

— Ele se enganou - disse Yar com firmeza. - Se um suposto suserano terrorista nos convidasse, Data e eu certamente faríamos todo o possível para conhecê-lo.

— Data... o andróide?

Então Rikan compreendia o que Data era na verdade. Yar tinha certeza de que Dare também compreendia. Ele simplesmente fazia pouco caso de tudo que estivesse relacionado à Frota Estelar.

— Sim, Data é um andróide.

— Realmente? Gostaria de conhecê-lo.

— Se me mantiverem aqui por muito tempo, certamente terão a oportunidade - respondeu Yar, confiante.

Outra voz interrompeu o que Yar dizia.

— Tenho certeza de que seu computador ambulante poderá descobrir o seu paradeiro, mas jamais chegará a dez quilômetros deste lugar.

Yar voltou-se e observou Dare entrar e sentar-se à sua frente, enquanto ela dizia:

— *Ele* o fará, se decidir que é a melhor opção a ser tomada. - Não continuou porque sua atenção foi desviada para outra coisa. Dare não tinha chegado sozinho. Uma mulher o acompanhava, descontraidamente, sentando-se ao lado de Dare, aparentemente com permissão dele.

— Aurora - disse Dare, dirigindo-se à mulher. - Quero lhe apresentar a tenente Tasha Yar. Tasha, minha consultora tática, Aurora.

Aurora era uma mulher fascinante, que não parecia muito mais velha que Yar, mas fez a oficial de segurança sentir-se desajeitada e infantil, frente à confiança que transmitia. Observando melhor, não era bonita, nem mesmo atraente, mas tinha a atitude ativa de quem havia nascido na nobreza.

Tinha o cabelo castanho escuro, com reflexos ruivos causados pela exposição ao sol, o que também lhe fez surgir sardas na pele clara. Os olhos eram de um castanho cálido, quase vulcanos de tão profundos. Tirando isso, tinha uma aparência bem comum: maçãs do rosto um pouco redondas demais, um queixo um pouco quadrado demais, um corpo não obeso, mas nem tampouco magro o suficiente para ser chamado de esguio, nem curvilíneo o suficiente para ser considerado voluptuoso. Porém, com sua exótica jaqueta vermelho cereja sobre a blusa branca de cetim e calças compridas pretas, ela fez Yar se sentir... (ela imaginou Data encontrando a palavra "maltrapilha" em seus bancos de memória)... mesmo em seu uniforme de gala. *Especialmente* em seu uniforme de gala, que era totalmente inadequado para o desjejum. Aurora estudou Yar, dizendo:

— É um prazer conhecê-la, Tasha. Dare me disse que você é muito hábil no combate. Espero que consigamos convencê-la a nos ajudar.

Era a última coisa que Yar esperava ouvir. Franziu a testa, olhou para Dare e depois para Rikan.

— Ajudar *vocês*! Rikan disse:

— Sei o que Nalavia lhe contou. Também assistimos aquelas imagens horríveis de inocentes sendo atacados e crianças sendo assassinadas. Ela pôs a culpa em mim e naqueles que lutam contra sua ditadura.

— Data e eu já sabemos que os ataques eram falsos - disse Yar. - Ou pelo menos editados. Do mesmo modo como ela editou e distorceu os informes a nosso respeito, e os da própria Frota Estelar. Creio que Dare lhe disse que não somos uma frota de guerra.

Ela lançou um olhar para seu antigo amor, que estava sentado em sua cadeira, exibindo o esgar que sempre fazia quando alguém mencionava a Frota Estelar. Naquela manhã ele vestia um traje semelhante ao da noite passada, mas a camisa era de tecido preto e sedoso com detalhes prateados. No bolso do peito da jaqueta, que tinha um corte mais reto que a outra, havia um símbolo esculpido em prata. Era um elmo estilizado, percebeu Yar, como aqueles usados pelos cavaleiros medievais, na Terra. O Paladino Prateado.

Rikan respondeu à pergunta de Yar:

— Ele me disse que a Frota não faria aquilo que mais temo: aceitar o convite de Nalavia, destruir nossa resistência, depois voltar-se contra ela e assumir o controle do planeta em nome da Federação.

— Oh, não! Certamente deve saber que isso contraria as regras da Frota Estelar e as leis da Federação.

O velho assentiu com a cabeça.

— Era essa a minha opinião, segundo as pesquisas que realizei há muitos anos. Eu era membro do Conselho de Treva quando o planeta procurou unir-se à Federação. Mas, desde que Nalavia assumiu o poder, ela tem negado tudo o que sabíamos. Tem mostrado evidências sugerindo que a Federação conquista os planetas e os transforma em protetorados, iludindo-os com a falsa sensação de segurança, para poder anexá-los e cobrar impostos de seus produtos e reservas naturais. Então, quando não mais produzem o suficiente para satisfazer a ganância da Federação, esgotadas suas reservas naturais, são deixados à míngua, para morrer de fome.

Tasha ficou horrorizada. -Dare...

— Eu lhe disse que não é verdade - respondeu ele. - A Federação certamente tem suas faltas, mas no sentido oposto. Existe tanta fartura que as pessoas estão ficando moles e indolentes. Ninguém mais precisa lutar para

sobreviver... e sem luta não existe força.

— Dare, a sua própria força desmente essa declaração. Rikan disse:

— Isso corresponde melhor com o que observei quando visitei a Federação, há alguns anos... mas visitei apenas quatro planetas. Posso ter sido enganado.

Sdan ergueu a voz, pela primeira vez:

— Ela está dizendo a verdade. A Federação não tem más intenções. Ela somente tem problemas com pessoas que não se enquadram em seus respectivos nichos.

— O que você quer dizer? - perguntou Yar. - Há tantos mundos diferentes, tantas culturas diferentes... Como alguém pode ser tão diferente a ponto de não encontrar um lugar onde se enquadre?

Sdan sorriu sarcasticamente.

— Tente ser um mestiço de vulcano, humano, romulano, orion, com um pouco de sangue aldebarano, com aquela boca de ostra e tendência à teimosia! - respondeu ele. - E além disso, seja a ovelha negra da família para ver em que encrenca você se meteu.

Bem, pelo menos ela ficou sabendo por que ele não agia como o vulcano que parecia ser.

— Você quebrou alguma lei da Federação, Sdan?

— Só as leis da minha família. Detestava estudar, entende...? Não agüento ficar preso dentro de casa o tempo todo, vendo a vida passar numa tela de computador. Venho de uma família de matemáticos, cientistas, doutores, pesquisadores... mas puxei o meu avô, pelo que parece. Ele era um livre mercador, humano, casado com uma mulher orion. Foi ele que começou toda a miscigenação na família. - Ele riu. - Tinha muita fibra, pelo que parece. Ele me arrumou três irmãos, cinco irmãs e só o Grande Pássaro sabe quantos primos por aí. Todos se destacaram grandemente nos estudos, menos eu! Eu preciso de aventura ou acabo murchando e morrendo.

— Paz e tranquilidade é um inferno para um espírito agitado - expressou-se Poeta.

— Você pensou na Frota Estelar? - perguntou Yar a Sdan.

— Regras demais - respondeu ele. - As regras foram feitas para serem quebradas... mas a Frota Estelar não pensa assim.

— Então você se uniu a Dare, especializando-se em quebrar a regra mais importante de todas. - Ela olhava para seu antigo amor enquanto falava.

Dare estava simulando grande concentração no ato de descascar uma fruta, mas ao ouvir isso, largou o prato e lançou um olhar firme para Yar à sua frente.

— Para seu governo, nunca quebrei a Primeira Diretriz. Tudo o que fizemos foi estritamente a convite, e nunca em planetas primitivos onde nossa presença poderia perturbar a evolução de culturas nativas.

— Você quer dizer que nenhuma cultura primitiva teria com o que pagar o seu preço - disse Yar desdenhosamente.

Algo havia acontecido com o temperamento intempestivo de Dare. Ele parecia mais fumar do que inflamar-se, mas o resultado parecia gerar mais calor do que antes. Em vez de irar-se com Yar, ele sorriu, mas apenas com os lábios.

— É verdade. Sou extremamente bem pago... e mereço cada crédito que recebi. Mas existem coisas que jamais farei, não importa o quanto me paguem. -O sorriso tornou-se mais afetado. - Pense nisso, Tasha. Quem, em Treva, poderia me oferecer mais: Rikan ou Nalavia?

— Qual deles realmente lhe fez uma oferta? - contra-atacou ela.

Ele rosnou uma risada, mas seu humor tornara-se tão artificial quanto o de Data.

— Rikan - admitiu ele. Aurora manifestou-se.

— Poderíamos ter entrado em contato com Nalavia, pedindo uma contraproposta. Ou poderíamos ter recusado a oferta de Rikan, como fizemos com dúzias de outras, desde que estou com Dare. Mas, ficou claro para nós, assim que investigamos a situação, que Nalavia é uma ditadora implacável e deve ser detida enquanto há tempo.

Rikan sacudiu a cabeça tristemente.

— Talvez já seja tarde demais. Não sei o que aconteceu com o espírito independente do povo de Treva. Os camponeses ainda o possuem... mas aqueles que sucumbiram ao conforto da vida fácil da cidade não parecem se preocupar com nada, exceto comida fácil, colchões macios, cerveja forte e entretenimento. - Ele franziu a testa. - Nalavia tornou os entorpecentes baratos e as pessoas passam todo o tempo em que não estão trabalhando dopadas. Ninguém mais pratica esportes, com exceção dos atletas profissionais. As pessoas nem sequer vão mais aos jogos. Assistem tudo pelo vídeo. Natasha, essa mudança ocorreu em apenas três anos, depois que Nalavia consolidou seu poder. Quando ela suspendeu os direitos civis e em seguida as eleições livres, achei que o povo ia se rebelar. Mas somente os que moravam fora das cidades pareciam se *importar*. Por isso... pedi ajuda.

— Por que não pediu ajuda à Federação? - perguntou Yar.

— Não represento mais o governo de Treva. Perdi o meu cargo na última eleição, juntamente com todos os outros legisladores que se opuseram às maquinacões de Nalavia. Minhas tentativas pessoais de entrar em contato

com oficiais da Federação foram barradas por entraves burocráticos e recusas. Quando voltei para casa, fui acusado de interferir com os atos do governo legitimamente eleito e tive meu passaporte cassado.

Houve uma pausa. Então Barb disse:

— O que ele não vai lhe contar é que passou dois meses numa das prisões de Nalavia. Teria morrido lá, se alguns dos seus não o tirassem de lá. Estive em lugares como aquele... ratos vivem melhor que os prisioneiros. Libertamos vários prisioneiros políticos, naquele dia, e todos estão trabalhando conosco agora.

— "Nós"? - perguntou Yar. - Você é trevaniana? Pensei que fosse ... da equipe de Dare.

— Oh, Barb faz parte da minha... quadrilha. - Dare forneceu a palavra que Yar havia diplomaticamente evitado. - Ela assumiu a libertação dos prisioneiros como tarefa pessoal, entre uma missão e outra. De todos nós, Barb é a que menos tolera a inatividade. Não me importo com o serviço extra que ela arranja, contanto que seja breve e ela não saia ferida, nem morra, nem cause problemas para o restante de nós. Ela voltou com o pedido de ajuda de Rikan e um relatório do que tinha visto em Treva. Por isso, aqui estamos.

Yar não mais confiava em seus instintos a respeito de Darryl Adin, mas Rikan parecia sincero, e ela tinha visto as transmissões de vídeo e as propagandas de entorpecentes. Seus instintos certamente lhe diziam para não confiar em Nalavia.

— Estou começando a acreditar em vocês - disse ela. - Deixem-me voltar ao palácio de Nalavia... Fica a oeste daqui, não é? Devolvam-me a insígnia-comunicador, para que eu entre em contato com Data, e possivelmente poderei descobrir como voltar para lá. Ah! O guarda adormecido...

— Ele não estava dormindo - disse Sdan. - Eu lhe apertei o nervo do pescoço.

— Não importa. Direi que o guarda de plantão pela manhã estava dormindo quando saí para correr. Se puderem me emprestar trajes que possam passar por roupa de ginástica, poderei atravessar a linha de segurança, enquanto Data os distrai. Mas devemos nos apressar, ou será muito tarde para alegar que estava correndo. Data e eu entraremos nos computadores de Nalavia, se ele já não o fez, e descobriremos o que realmente está acontecendo. Se me derem uma frequência na qual possa me comunicar com vocês... - disse ela, empurrando a cadeira para longe da mesa.

— Sente-se, Tasha - disse Dare secamente.

— Mas não há tempo...

— *Sente-se*. Você não vai a lugar nenhum, nem vai entrar em contato com o andróide.

— Nem poderia, de qualquer forma - acrescentou Sdan. - Não há nada de errado com sua insígnia-comunicador. Há interferência em todas as frequências da Frota Estelar.

— *Se o que diz é verdade*, - disse Yar - Data cuidará disso. Isso faz com que seja mais importante que eu volte.

— Você não vai voltar - disse Dare. - Tenho um trabalho a cumprir aqui e não vou permitir que você e seu andróide informem meu paradeiro à Frota Estelar, forçando-me a abandoná-lo. Você não vai a lugar nenhum, Tasha, até que acredite no que estou dizendo e me ajude a dar auxílio a Rikan... ou até que eu tenha terminado o trabalho, sem a sua ajuda, e esteja longe de Treva e da jurisdição da Frota Estelar.

O tenente comandante Data ajustou novamente a frequência de sua insígnia-comunicador. Ouviu apenas estática. Apesar de ter quase certeza de que Nalavia estava interferindo nas frequências da Frota Estelar, *existia* a possibilidade de haver uma tempestade iônica inconveniente nas vizinhanças de Treva.

De qualquer forma, ele não podia entrar em contato com Tasha, nem alcançar o rádio mais potente da nave auxiliar para enviar uma mensagem para a *Enterprise*.

Concluiu que Nalavia os considerava reféns... e tinha perdido a pista da Tasha. Era a última coisa que Data esperava. Pensava que Nalavia tinha aprisionado Tasha. Enquanto trabalhava na insígnia-comunicador, Data manteve o tricorder ligado com o centro de comunicações de Nalavia, esperando descobrir uma pista do que havia acontecido com Tasha. Os funcionários mostravam muita preocupação e medo da punição que Nalavia iria lhes infligir, mas não havia qualquer pista do paradeiro da tenente da Frota Estelar.

Mas, para onde Tasha teria ido? E por que não lhe deixara uma mensagem? Ou... teria deixado?

Atravessou o corredor e bateu no quarto de Tasha, para enganar o guarda.

— Ainda não voltou - disse o homem.

— É estranho - disse Data. - Vamos jantar com os membros do gabinete em uma hora.

— Pode ser que seu carro tenha quebrado - sugeriu o guarda.

Outro turno, outro guarda. Data esperava que ele não suspeitasse ao

dizer:

— Tenho que pegar algo emprestado. A tenente Yar não vai se importar - e entrou no quarto dela.

O tricorder de Tasha não estava lá. Era evidente. O pessoal de Nalavia devia ter vasculhado o quarto, enquanto a presidente mantinha Data ocupado. Se Tasha tivesse deixado uma mensagem num lugar tão óbvio, provavelmente estaria em código, para que ninguém mais pudesse lê-la... nem mesmo ele, sem o instrumento adequado.

Mas ele estivera ali naquela manhã. Concluiu que entrara antes do quarto ser vasculhado, porém depois de alguém mais ter descoberto que ela desaparecera. Qualquer evidência que houvesse ali já devia ter sido varrida, revirada e desarrumada pelas pessoas que vasculharam o quarto, mesmo que tivessem colocado tudo de volta no lugar, com exceção do tricorder.

Data, contudo, tinha um registro perfeito, em seus bancos de memória, do aspecto do quarto naquela manhã. Lembrando que tinha dito ao guarda que entrara no quarto para pegar algo emprestado, apanhou a escova de sapatos de Tasha e voltou a seu próprio quarto, certificando-se de que o guarda o vira entrar... pois não pretendia ficar lá por muito tempo.

Rapidamente, repassou a imagem do quarto de Tasha, naquela manhã. Nada digno de nota no foco normal. Espere um instante... a cadeira junto à porta estava virada num ângulo esquisito. Ele focalizou o tapete e viu as impressões dos pés da cadeira em seu lugar de costume, que era onde novamente se encontrava naquela noite, e os rastros até o lugar para onde fora empurrada.

Um humano teria que se agachar e examinar o tapete com equipamento especial. Data podia ampliar e estudar cada centímetro quadrado de tudo o que visualizara, mesmo com a visão periférica. Havia marcas de três diferentes pares de sapatos. As botas da Frota Estelar de Tasha, um par pertencente a um humanóide de altura média ou uma fêmea muito grande, que passeou pelo quarto todo, e um par pertencente a alguém muito pesado para o tamanho dos pés, que ficou junto à porta, encostado na parede, por algum tempo.

Bem em frente da porta, Data viu que suas próprias pegadas pequenas cruzavam sinais de luta: várias pegadas, em diversos ângulos, e marcas causadas por outras partes do corpo que tocaram o chão.

O tapete preservava melhor as marcas, mas como Data já sabia o que estava procurando, encontrou marcas na porta e nas paredes. Tasha havia lutado contra dois oponentes que estiveram escondidos em seu quarto, esperando por ela. Por que o guarda nada ouvira?

Porque fazia parte da trama? Não. Não fora Nalavia que aprisionara

Tasha.

Porque fora subornado? Pouco provável. Cair no desagrado de Nalavia não compensava o risco.

Então, porque estava fora do posto ou inconsciente.

Data repassou sua própria volta ao quarto, na noite anterior. O guarda parecia estar acordando e esfregava o pescoço...

Se tivesse sido drogado, provavelmente permaneceria inconsciente. Se tivesse levado um golpe na cabeça, estaria sentindo dor. Mas uma câimbra na junção do pescoço com o ombro...

Um vulcano havia lhe apertado o nervo do pescoço. Isso explicava o indivíduo mais pesado que um humano no quarto de Tasha. Mas... um vulcano? Em Treva, sem o conhecimento da Federação? Oh, não... não podia ser um romulano, por favor!

Não havia tempo para especulações inúteis. Um ser vulcanóide e provavelmente um humano haviam raptado Tasha. Não eram seguidores de Nalavia, o que indicava que Tasha não estava no palácio. Ou estava escondida na cidade, ou tinha sido levada para outro lugar. Dependia de quem a havia raptado.

Havia apenas uma possibilidade provável: o inimigo de Nalavia, o suserano Rikan. Ele tinha uma fortaleza em algum lugar a leste dali. Data consultou as informações sobre Rikan que tinha retirado do computador de Nalavia. Era muito longe para que os raptadores a tivessem levado a pé. Portanto, devem ter usado um carro ou uma aeronave.

Data não dispunha de um carro, mas tinha uma nave... estacionada no campo de pouso da cidade.

Mesmo que tivesse se enganado a respeito dos raptadores de Tasha, precisava do rádio da nave para informar a *Enterprise* dos acontecimentos daquele dia. Não seria uma viagem perdida, mesmo que ao chegar lá, onde também poderia consultar os registros de controle de tráfego aéreo, não encontrasse nada que indicasse um voo na direção certa.

Tudo isso levou cinco minutos. Data era esperado para o jantar em quarenta e sete minutos. Logo depois disso, Nalavia enviaria alguém para buscá-lo. Mas a essa altura já pretendia estar bem longe do Palácio Presidencial, seguindo a pista de Tasha Yar.

Levando o phaser e o tricorder, Data entrou novamente sob o piso do banheiro, encaixando-o novamente com cuidado para manter em segredo a sua via de fuga. Arrastou-se até os fundos do palácio, sob a cozinha, onde, como esperava, encontrou uma saída do edifício. Estava anoitecendo. Era uma excelente ocasião para enganar os olhos humanóides. Sob a luz do dia ou na escuridão, apesar de seu uniforme camuflá-lo bem no meio do verde e

marrom da vegetação típica dos planetas classe M, seu rosto pálido sempre chamava mais atenção do que o dos humanos, mesmo que o sujasse para disfarçar.

Passando novamente a usar visão infravermelha, cruzou os jardins, escondendo-se atrás das plantas ornamentais e evitando as áreas descobertas. O perímetro de defesa era primitivo, pelos padrões da Frota Estelar. Data ficou observando os dois sensores visuais que o podiam detectar, até que ambos estavam voltados para o outro lado, então correu pelo meio deles. Para passar pela cerca sensível ao toque, teve apenas que saltar por cima dela. Então correu até o campo de pouso.

Data não podia correr muito mais rápido do que o mais veloz dos humanos, sendo limitado pelo formato de seu corpo. Sua vantagem estava na subestrutura inorgânica, que não se cansava, podendo seguir sem ter que diminuir a velocidade ou parar para descansar. Manteve a velocidade de um fundista até chegar ao campo de pouso, movendo-se até mais rápido do que o carro que os conduzira até o palácio quando chegaram. Seguiu por ruas secundárias para evitar áreas populosas, mas o mapa da cidade que tirara do computador de Nalavia mostrou-lhe uma rota mais curta do que a que foi mostrada aos visitantes da Frota Estelar. As únicas paradas em seu percurso aconteceram quando teve que se esconder de carros que passavam.

Teve que diminuir a velocidade ao chegar ao campo de pouso, pois havia pessoas por perto. Infelizmente, um andróide sujo se destacava na multidão tanto quanto um andróide limpo.

Por isso, rastejou-se pelas sombras, com todos os sentidos em alerta. Aparentemente, não haviam dado por sua falta ainda, pois certamente a nave auxiliar seria o primeiro lugar em que o procurariam. Encontrou o hangar desprotegido. Estava trancado, mas não havia necessidade de arriscar a chamar a atenção usando o phaser. A fechadura externa simplesmente se quebrou com a força do andróide.

A nave não estava lá.

Havia muitas ocasiões em que Data desejava ser humano, mas nunca tão intensamente quanto quando necessitava de uma válvula de escape para a frustração. Tão falsas quanto sua risada eram suas raras tentativas de usar um palavrão.

Ele devia ter *sabido!* Para onde quer que Nalavia tivesse levado a nave, com certeza não estava no campo de pouso.

O que era mais importante: encontrar a nave e enviar uma mensagem que a *Enterprise* somente receberia dali a vários dias ou localizar Tasha? Sua amiga e companheira de tripulação estava certamente em perigo. Seu primeiro dever era o de resgatá-la.

Contudo, ele tinha um... será que é isso que os humanos chamam de "pressentimento"?

Não. Tratava-se de uma dedução lógica. Nalavia e Rikan eram inimigos. Se Nalavia não estava com Tasha, então as leis da probabilidade diziam que ela estava quase que com certeza nas garras de Rikan.

Data examinou as aeronaves pousadas nas proximidades. Escolheu uma pequena, rápida e versátil, quebrou a fechadura externa, fez uma ligação direta na fonte de força com os instrumentos que encontrou ali, apesar de o proprietário provavelmente não ter idéia de que poderiam ser usados para esse fim, e ligou o computador de bordo. Em segundos, descobriu a identidade que deveria exibir. Em questão de minutos, apresentou um plano de vôo que aquela nave já havia executado diversas vezes, foi liberado pelo controle de vôo e recebeu um voto de boa viagem ao partir para dentro da noite. Voou de acordo com o plano de vôo, até estar fora do alcance do radar, então virou rapidamente para leste.

O sistema de sensores da aeronave não o avisaram dos sensores na fronteira do território de Rikan, mas eles apareceram em seu tricorder, que foi ajustado para analisar todas as faixas. Um sistema sofisticado, muito mais moderno que qualquer coisa que tinha visto no palácio de Nalavia. Mas todos esses sistemas tinham um ponto cego atrás dos projetores. Poucos pilotos humanos poderiam ter manobrado um aparelho desconhecido através da minúscula zona descoberta, mas Data passou facilmente por ela e continuou em direção ao seu alvo.

A fortaleza de Rikan ficava no alto de uma escarpa, de frente para um grande abismo. Data tentou obter acesso ao controle computadorizado do pequeno campo de pouso... mas não havia nenhum! Sua visão infravermelha lhe mostrou que, em vez disso, havia *pessoas* ali, prontas para derrubar qualquer aeronave que ultrapassasse as Unhas de defesa ou talvez orientar uma aeronave esperada com luzes.

Como conseguiam operar daquele jeito? Nem todas as noites eram tão claras assim. Aquele minúsculo campo de pouso seria inacessível à maioria dos pilotos, sem um sistema de orientação. Será que havia sensores ali que nem o equipamento da aeronave nem o seu conseguiam detectar? As pessoas estavam paradas ou andando tranqüilas, aparentemente sem darem-se conta de sua presença. Estavam muito longe para que mesmo um vulcano pudesse ouvir o suave sibilo dos antigravitadores da aeronave, e ele havia desligado as luzes de navegação assim que cruzara a Unha de defesa.

Manteve distância, estudando a disposição das construções e dos jardins... e viu a nave auxiliar da Frota Estelar dentro de um barracão de madeira, escondida da visão normal, mas não da visão infravermelha. Então

não foi Nalavia que transferiu a nave. Foram os raptos de Tasha.

Dando a impressão de que Tasha partira por livre e espontânea vontade.

Ou... seria mesmo só impressão?

Não... Data tinha visto os sinais de luta. Ela era uma oficial eficiente demais para partir sem avisá-lo. A presença da nave auxiliar confirmou o fato de que Data não estava na pista errada.

Além disso, havia pessoas perscrutando o céu e algumas armas antiaéreas de aparência bem agressiva em uma das construções externas. Data não se arriscou a sobrevoar o castelo de Rikan muito de perto. Teria que abandonar a aeronave e seguir a pé.

Subir a pé.

Data encontrou uma clareira na floresta e aterrissou a aeronave, escondendo o aparelho o melhor possível sob as árvores, amontoando galhos sobre as partes descobertas. Se ele e Tasha não conseguissem reaver a nave auxiliar, teriam outra opção.

Mas tinha que encontrar Tasha primeiro.

Era uma subida íngreme até o castelo de Rikan, difícil para os humanos, mas não para um andróide. Data ficou atento para detectar aparelhos de vigilância, mas nenhum brilho infravermelho acusou a presença de câmeras, feixes de luz ou outros sensores. Rikan provavelmente esperava um ataque pelo ar. Uma abordagem dificilmente adequada para um ataque de infantaria.

Data finalmente alcançou o topo do platô, avistando o castelo por entre as árvores. Arrastou-se para a frente, empunhando o phaser ao aproximar-se da clareira...

Subitamente, viu-se preso por todos os lados ao mesmo tempo, envolvido, enlaçado e erguido no ar, fazendo soar um sino barulhento de alarme.

Caía numa rede!

Data levou microssegundos para perceber que a rede era feita de fibras naturais, da mesma temperatura da terra que a cobria, tendo sido escondida embaixo de folhas e ramos. A armadilha disparava ao ser pisada. Havia sinos amarrados nas cordas, que faziam um barulho horrível quando sacudidos.

O peso de Data envergou as árvores, mas mesmo assim estava indefeso, balançando de um lado para o outro. Preso e sem saída, Data virou-se de costas e tentou agarrar com as mãos um pedaço da corda e rompê-la. Era incrivelmente forte, mas não podia resistir à força de um andróide.

Mas, quando se partiu, fez apenas um pequeno buraco na rede. Levaria tempo demais para arrebentar as cordas em número suficiente para abrir um buraco que lhe permitisse libertar-se. Teria que usar o phaser.

O phaser estava sobre o peito e a rede elástica lhe impedia de apanhá-lo.

A cada movimento os sinos soavam mais alto. Enquanto tentava escapar, foi cercado por pessoas que lhe apontaram armas.

Eram seis pessoas, homens e mulheres, armados com phasers, desintegradores e outras armas similares. Um deles, de raça vulcanóide, provavelmente o mesmo que havia ajudado a capturar Tasha, aproximou-se dele.

— Vou ficar com o seu phaser. E não banque o engraçadinho, Robô. Você pode me acertar, mas amarrado do jeito que está, não vai acertar mais ninguém antes que meus amigos acabem com você. Não sei do que você é feito, mas certamente não vai resistir a cinco armas disparadas ao mesmo tempo.

— Tem razão - admitiu Data, permitindo que o homem levasse seu phaser. Ele estava intensamente perturbado com sua incapacidade de evitar a armadilha... apesar de não ver como poderia ter detectado a rede. À luz do dia, talvez, se soubesse o que estava procurando...

Quatro de seus captores mantiveram as armas apontadas para ele, enquanto dois o livravam da rede. Estes últimos ficaram para rearmar a armadilha, enquanto os outros o escoltavam até o castelo. Ninguém parecia preocupar-se com a possibilidade de ele ter vindo acompanhado. Aparentemente, estava sendo esperado, sozinho.

Sua dedução foi confirmada quando entraram no castelo e uma das mulheres parou diante de uma grande tela em branco. Ela apertou um controle e os sensores e detectores foram ligados. Estavam realmente esperando por ele. E sabiam que podia enganar os meios usuais de vigilância. Em sua última missão, quase fora destruído pela mais sofisticada arma auto-aperfeiçoante jamais concebida. Ele conseguira iludi-la e ajudara a destruí-la... mas mostrara-se vulnerável a uma simples rede!

A ironia era um sentimento humano que Data estava compreendendo bem demais naquele momento.

Foi levado para dentro do castelo, passando por vários corredores, salões amplos e uma série de salas com vista para o abismo. Numa dessas salas, havia uma lareira acesa. Três pessoas estavam próximas da lareira, aparentemente conversando descontraidamente.

Uma delas era Tasha Yar.

Ela não tinha a aparência de quem estava sendo mantida em cativeiro. Em vez disso, estava sentada em um pequeno sofá de frente para a lareira, com as pernas encolhidas, olhando pensativamente para o fogo enquanto bebia algo em uma pequena e elegante taça. Estava usando um vestido longo e solto, de um tecido dourado, mais claro que seu uniforme... Era a primeira vez que Data a via de saia desde...

Tasha voltou-se quando o grupo entrou e arregalou os olhos, surpresa.

— Data! Você está bem?!

— Sim, estou bem - respondeu ele, percebendo que sua preocupação devia-se à aparência suja e desgrenhada. - Só envergonhado. Vim aqui para salvá-la.

— Sim. Bem, não estou bem certa se preciso ou não ser salva - disse ela. -Lorde Rikan - dirigindo-se ao velho sentado no outro lado da lareira, - este é meu colega, o tenente comandante Data.

O homem ergueu-se, alto e imponente, apesar da idade avançada.

— Tenho imenso interesse em conhecê-lo, Sr. Data. Espero que tenhamos a oportunidade de conversar. Nunca estive com um andróide antes.

— Prazer em conhecê-lo, senhor - respondeu Data educadamente, imitando a atitude de Tasha.

— E este - disse Tasha, voltando-se ao homem que estava atrás dela, encostado no consolo da lareira, com o rosto escondido nas sombras - é Adrian Dareau, mais conhecido como...

Mas quando Data focalizou o rosto do homem, suas pupilas imediatamente se dilataram para permitir-lhe uma visão mais nítida na luz fraca. Ele conhecia aquele rosto dos arquivos da Segurança da Frota Estelar: um arquivo não resolvido, uma mancha no que seria um registro impecável no auto-policimento da Frota Estelar.

Ignorando as quatro armas que lhe eram apontadas, Data deu um passo à frente, interrompendo Tasha, e assumiu imediatamente uma voz autoritária.

—... mais conhecido como o antigo comandante da Frota Estelar Darryl Adin - prosseguiu ele - o mais procurado criminoso da Federação.

Isso deu a Data um dever a cumprir, não importando quão improvável fosse a possibilidade de conseguir fazê-lo:

— Como representante autorizado da Frota Estelar, dou-lhe ordem de prisão, senhor, sob a acusação de fuga ilegal da cadeia, após ter sido considerado culpado em corte marcial devidamente convocada e conduzida, de vinte e um assassinatos, duas acusações de conspiração e três de traição contra a Federação Unida dos Planetas.

— Data! - exclamou Tasha.

Mas Data não lhe deu atenção, concentrando-se fixamente no homem extremamente perigoso que tinha à sua frente.

Darryl Adin simplesmente o encarou, atônito, por um momento... então seus lábios se curvaram. Mediu Data de alto a baixo, sorrindo, até que o riso lhe escapou do controle e acabou jogando a cabeça para trás numa sonora gargalhada.

Oito

Tasha Yar não tinha a mínima idéia do que Data fizera durante o dia em que ficara prisioneira, mas sabia que Nalavia não poderia esconder dele o fato de que Yar tinha desaparecido. Ela decidiu procurar conhecer melhor sua situação antes de decidir qual seria o próximo passo.

Depois daquele desjejum extremamente constrangedor, Rikan se ofereceu para mostrar seu lar a Yar, explicando, enquanto a levava de uma sala magnífica para outra, como as coisas haviam mudado em Treva desde que nascera naquele mesmo castelo.

— Depois que fizemos contato com outros planetas, se quiséssemos os avanços na área de medicina, a tecnologia e confortos materiais que eles possuíam, precisávamos dar algo em troca. Não imaginávamos que isso mudaria totalmente nosso modo de vida.

Ele descreveu um padrão que Yar havia aprendido em seus estudos de história e sociologia, que se repetira por diversas vezes em toda a galáxia. Alguns governos foram sábios o suficiente, como havia sido o conselho dos suseranos, para perceber que exportar os recursos naturais seria um suicídio planetário. A única alternativa seria a industrialização.

Mas à medida que o nível de tecnologia do planeta subia, o nível educacional de seus trabalhadores tinha que acompanhá-lo ou não haveria ninguém capacitado a desenhar o equipamento necessário para o trabalho. Com a educação, rapidamente seguiu-se o descontentamento e as reivindicações de participação nos lucros produzidos.

Assim que o povo adquiriu poder econômico, passou rapidamente a aspirar o poder político. Os governos mudaram de tiranias, monarquias, oligarquias para os diversos modelos de governo democrático. Em Treva, disse Rikan, confuso:

— As famílias dominantes descobriram, surpresas, que seu estilo de vida não era pior que antes. Ao menos para aquelas que se curvavam ao inevitável. Meu pai não mais governava por direito hereditário, mas foi eleito para o novo Conselho Legislativo. Quando ele morreu, eu tomei o seu lugar. O mesmo aconteceu com todas as outras grandes famílias. O poder da espada foi substituído pelo poder do voto, mas continuava sendo poder.

Mostrou-se triste ao prosseguir:

— Houve alguns que não quiseram abandonar os velhos costumes. Eles realmente fizeram aquilo de que Nalavia está me acusando: formaram exércitos e tentaram vencer por meio da força aqueles que aceitavam os

novos costumes. -Ele suspirou. - Meu pai me dizia: "não se pode lutar contra o futuro". Ele foi forçado a pegar em armas contra alguns de seus amigos mais antigos. Eles o chamaram de fraco e covarde, mas estavam errados.

A essa altura, estavam em uma sacada que dava vista para o abismo que constituía uma defesa natural do castelo.

— Estavam errados - repetiu Rikan... mas Yar percebeu algo em sua voz.

— O senhor duvida disso? - perguntou ela.

— Eles diziam que o povo simples não era de confiança, que eram fracos, preguiçosos e estúpidos. Os suseranos morreram lutando, como homens... e amaldiçoando aqueles que, como meu pai, diziam eles, haviam se voltado contra os seus amigos. - Contraí os lábios. - Éramos quatro, quatro que olharam para o futuro e confiaram no povo. Agora todos os outros se foram.

Yar lembrou-se repentinamente:

— Três membros do Conselho Legislativo foram assassinados. Não...? Rikan fez que sim com a cabeça.

— Sim... os outros suseranos. E a suspeita caiu sobre mim, apesar de não haver qualquer prova. Sou o último e não tenho filhos. Quando eu morrer, não haverá mais suseranos em Treva... e eu sobrevivi para ver o cumprimento da profecia: o povo elegeu Nalavia e agora que ela toma o poder para si mesma, eles nem parecem se *importar*] Contanto que tenham o necessário para a vida e os entorpecentes, não se importam com o futuro. Fracos, preguiçosos e estúpidos.

— Então por que o senhor continua lutando? - perguntou Yar.

— Eu mesmo me faço essa pergunta, às vezes, - respondeu Rikan - e não encontro resposta. Mas então visito meu próprio povo, aqui no campo. Eles trabalham com entusiasmo, dão duro, vivem bem... então digo não, Nalavia não vai fazer deles seus escravos! Não enquanto eu tiver forças e estiver respirando, ou tiver recursos para procurar ajuda nessa luta.

— Daí o senhor contratou Dare.

— Ele tem a reputação de conseguir organizar um número pequeno de pessoas com a eficiência de um exército.

Oh, sim... o treinamento da Frota Estelar certamente lhe tinha ensinado isso.

— E foi o que ele fez?

— Sim. Seu pessoal nos treinou... então começaram os supostos ataques terroristas e puseram a culpa em mim. Com isso perdi muitos dos que me apoiavam. - Ele pousou os jovens e francos olhos castanhos, tão incompatíveis com aquele rosto enrugado, em Yar. - Natasha... não fui eu,

nem Adrian, que organizou aqueles ataques. Acreditamos que a própria Nalavia os tenha executado, para fazer com que o povo nos odiasse, mas não temos provas.

— Se isso for verdade - disse Yar, - Data vai descobrir.

— Data? O andróide tem tais poderes?

Ela lhe contou a respeito de seu amigo e colega. Era fácil conversar com Rikan... mas Dare, na situação atual, a deixava muito pouco à vontade. Ele a evitou durante toda a manhã e Yar começou a planejar sua fuga assim que teve uma visão geral do castelo.

Poeta juntou-se aos dois após algum tempo, e depois Barb... Yar percebeu que assim que aprendeu a se mover pelo castelo, não a deixaram mais sozinha com o velho. Droga. Dare sabia que ela precisava tentar escapar e, apesar de Rikan estar em ótima forma, com seu treinamento ela facilmente o sobrepujaria. O que seu captor não podia desconfiar era que até o pessoal de Dare começar a protegê-lo, não lhe passara pela cabeça a idéia de atacar o idoso suserano... apesar de que depois disso, ela percebeu que perdera a melhor chance de escapar dali.

Não podia perder nenhuma outra... mesmo que para isso precisasse atacar Rikan. O treinamento da segurança lhe ensinara diversas maneiras de deixar o oponente inconsciente, sem lhe causar dano sério.

Diferente do uniforme comum, o uniforme de gala incluía bolsos nas calças, escondidos pela longa jaqueta: um lugar para se levar um pente ou um cartão de crédito numa ocasião formal. Ela sabia que não poderia tentar apanhar nada enquanto Poeta estivesse por perto. Mas nem Barb, nem Rikan notaram quando ela apanhou uma pequena mas pesada estatueta de pedra e a escondeu no bolso. Seu peso a deixou confiante: não tinha nenhuma ponta que pudesse causar uma lesão grave, mas usada com precisão científica, podia ser uma arma muito eficaz.

Mas para conseguir fugir do castelo, precisaria esperar até estar sozinha com outra pessoa.

Pouco antes do meio-dia, Rikan e Barb a levaram até Dare. Ele a levou para a sala onde haviam se encontrado pela primeira vez na noite anterior. A mesa estava no mesmo lugar, limpa e vazia. Mas Yar percebeu que os armários na parede e duas superfícies brilhantes poderiam ser monitores, apesar de tal tecnologia parecer deslocada naquele castelo antigo.

— Esta é nossa sala de planejamento - disse Dare. - Gostaria de poder confiar em você o suficiente para mostrar-lhe tudo, Tasha... mas como poderia?

— *Você* é que gostaria de poder confiar em *mim*! - disse Yar, sarcasticamente.

— Olhe só para você! - respondeu ele, deixando escapar um pouco de raiva antes de controlá-la até se tornar em calmo rancor. - Chefe de segurança de uma nave estelar da classe Galaxy, na sua idade. Estou surpreso que ainda não seja tenente comandante.

— Não tenho ainda tempo de serviço suficiente para isso - respondeu automaticamente, fazendo com que ele emitisse uma risada ácida.

— Então você é um sucesso - disse ele. - Sempre soube que seria.

— Você me incentivou - lembrou ela.

— Oh, sim, eu a incentivei mesmo, não foi? Olhe só o que eu ganhei: quando veio o tranco, você preferiu sua carreira em vez de mim.

— Dare! - exclamou ela, surpresa.

— Pode parar de fingir estar indignada - disse ele. - Pelo menos você é coerente... nisso eu posso confiar, não é? Tasha Yar sempre fará o melhor para garantir sua carreira. Até mesmo trair alguém que ela fez que amava.

Ela virou-lhe as costas.

— Então você ainda acha que eu lhe traí.

— E você ainda acredita que não vou lhe atirar ou esfaquear pelas costas - respondeu ele. - Se eu traí tudo em que acreditava, como pode ainda confiar que - ele aproximou-se e colocou as mãos em volta do pescoço dela - eu não vou simplesmente quebrar-lhe o pescoço?

Ela conhecia meia dúzia de maneiras de livrar-se das mãos dele, mas não usou nenhuma. Suas defesas reflexas estavam bloqueadas pela lembrança do que o toque das mãos dele costumavam significar e pelo seu aroma que a envolveu quando ele se inclinou por cima do ombro dela para observar-lhe a expressão.

— Creio que você sabe que eu disse apenas a verdade quando estava no banco das testemunhas - respondeu ela, calmamente.

Ele deixou cair as mãos e afastou-se dela.

— Infelizmente, eu acredito no que diz - disse ele. - Sou mesmo um tolo.

— É a verdade - disse ela, voltando-se e vendo que ele estava a menos de dois metros, de costas para ela.

Era sua chance de escapar... mas era muito óbvia. Ele a alcançaria antes que chegasse até a porta.

Em vez disso, ela se aproximou dele, torcendo para que continuasse de costas enquanto tirava a estatueta do bolso e a segurava de modo a expor o lado saliente. Disse:

— Eu o amava, mas tinha um dever maior a cumprir. Um dever que você mesmo me ensinou. Não se tratava de meu próprio sucesso, mas o da Frota Estelar.

Quando ele se voltou, ela estava tão perto que o fez olhar diretamente para o rosto dela e não para a mão, que ela cuidadosamente manteve fora do campo de visão dele.

— Houve época - prosseguiu ela, mantendo os olhos fixos nos dele - em que, para mim, a Frota Estelar era sinônimo de Darryl Adin. Quando você traiu a Frota Estelar, que mais esperava que eu fizesse? Fugir com você e me tornar uma fora-da-lei? Ou definhar e morrer de amores como a heroína de uma ópera?

Ao proferir essas últimas palavras, ela atacou. Ele não estava esperando por isso... não como sequência da série de perguntas que ela lhe fazia. Até mesmo os reflexos de Dare não eram rápidos o bastante para desviar um golpe inesperado como aquele.

Os anos de experiência ensinaram a Yar como deixá-lo inconsciente sem causar-lhe uma lesão grave.

Antes que ele caísse no chão, ela já tinha fugido.

Yar seguiu como uma flecha pelo corredor, retornando pelo caminho que viera, mas em vez de subir a escada de volta para o corredor das suítes, ela disparou em direção aos fundos do castelo. Não havia meio de escapar pelo penhasco que ficava à frente do castelo, a menos que tivesse equipamento de alpinismo.

Ela não ouviu nenhum alarme soando, nem passos que a seguissem.

Não questionou a própria boa sorte, mas atravessou correndo a cozinha, de onde vinham deliciosos aromas, e depois subiu uma rampa que fazia várias curvas. Aparentemente tratava-se da rampa por onde os carrinhos de mantimentos eram levados até a cozinha. Isso provavelmente indicava que a rampa terminava no pátio externo.

Quando chegou ao alto da rampa, Yar estava ofegante. As pesadas portas duplas estavam bloqueadas por uma trave pelo lado de dentro. Ela desejou ter a força de Data ao empurrar a trave, machucando o ombro ao usá-lo como alavanca para tirar a poria do lugar.

Espiando para fora, ela perscrutou o pátio iluminado pelo sol... e não viu ninguém.

Ainda não se ouviam alarmes. Droga. Ela *conhecia bem* o serviço de segurança! Dare não devia ter ficado mais do que trinta segundos inconsciente e talvez um minuto atordoado depois disso. Já devia haver pessoas procurando por ela a essa altura.

Ela ficou tentada a voltar e ver se o ferira mais do que pretendia. Ou se ele tinha se machucado ao cair no chão de pedra...

Mas seu dever era escapar. A Frota Estelar não a havia enviado para Treva a fim de capturar criminosos! Data já devia estar desconfiando de seu

desaparecimento e provavelmente uma boa parte do exército de Nalavia devia estar procurando por ela.

Escondendo-se nas sombras, ela saiu para o pátio. Não havia absolutamente ninguém ali.

Sentiu calafrios na espinha. Algo estava errado.

Não havia mais nada a fazer senão prosseguir até encontrar a armadilha que com certeza esperava por ela, esperando escapar quando pisasse nela.

Ela correu de uma sombra para outra até chegar a um prédio que mostrava marcas de pneus no chão. Carros, talvez aeronaves. Ela certamente faria disparar um alarme se tentasse roubar um veículo, talvez até mesmo por abrir a porta. A solução era ser rápida.

Era uma fechadura simples que qualquer novato da segurança da Frota Estelar poderia abrir. Yar ergueu-se de um salto e correu para dentro...

Havia três veículos: um carro, uma aeronave... e a nave auxiliar da Frota Estelar na qual ela e Data haviam viajado para Treva!

Dare sempre fora exibido. Seu pessoal não apenas a tinha raptado, como também a levaram em sua própria nave auxiliar.

Ela não parou para pensar nas implicações. A porta se abriu em resposta ao seu código de identificação. Ela entrou e acendeu as luzes.

— Por que demorou tanto, Tasha?

No banco do piloto estava Darryl Adin.

Furiosa demais consigo mesma para conseguir responder, ela sentou-se no banco do co-piloto, voltando a cadeira na direção dele enquanto tentava se recompor.

Ele torceu os lábios no seu característico sorriso irônico que havia substituído seu antigo sorriso meigo.

— Você já não pode mais competir comigo, docinho.

— O quê?

— Você já se esqueceu o que significa ter que contar apenas consigo mesma, enquanto se vê cercada de perigos por todos os lados. Não pode confiar em ninguém.

— Dare...

— Não se desculpe.

— Não era isso que eu ia fazer. Meu dever era escapar, Dare.

— Eu sei. Foi por isso que tive que lhe mostrar que isso era impossível.

— Você armou tudo isso!

Ele inclinou a cabeça, como se aceitasse um cumprimento.

— Se é algum consolo, você me pegou desprevenido. Eu estava me preparando para armar a situação alguns momentos mais tarde. Ninguém a

viu apanhar a estatueta, mas não me causou nenhuma lesão irreversível. - Exibiu novamente o seu sorriso cáustico. - Talvez, se pudesse fazer tudo de novo, você devesse rever esse último passo.

— Houve época - disse ela - em que você me emitiria uma advertência por essa tentativa estúpida de recapturar um fugitivo sozinho, sem reforços.

Como se fosse combinado, ouviu-se um leve somido e Dare tocou a insígnia de paladino no peito do casaco. Yar percebeu tratar-se de uma insígnia-comunicador. A voz de Poeta soou clara e metálica através do minúsculo alto-falante.

— Dare? Você está bem? Já a encontrou? Yar cerrou os dentes.

— Agora que me fez sentir como uma completa idiota, o que pretende fazer comigo?

— Tentar persuadi-la a esperar, descobrir a verdade e relatá-la à Frota Estelar. O que, por sinal, é algo que não conseguirá fazer com o rádio subespacial da nave auxiliar. Sdan passou toda a manhã tentando furar a interferência. Se ele não conseguiu, é porque é impossível.

— Tudo que preciso fazer - disse Yar - é colocar a nave em órbita, fora do alcance da interferência causada por Nalavia.

— E depois continuar em frente - respondeu ele - forçando-me a abandonar meu trabalho antes que um esquadrão da Frota Estelar apareça por aqui. Não, Tasha, não posso permitir que leve a nave auxiliar.

— Eu não abandonaria Data - protestou ela.

— Ele é um equipamento caro, mas pode ser substituído.

— Como já lhe disse antes - respondeu ela, irritada - ele é um amigo e um colega, e não menos descartável que qualquer membro de uma equipe de exploração. E definitivamente não é *substituível*. Se conseguirmos algum dia recuperar a tecnologia que criou andróides como Data, cada um deles terá uma personalidade única, resultante de sua própria experiência de vida. Como um ser humano, Dare. Data é mais humano do que muitos seres de carne e ossos que eu conheço.

Ela percebeu a raiva contida em seus olhos quando ele falou:

— Existem algumas coisas que a carne e ossos pode fazer que nenhuma máquina vai conseguir aprender. - Ele inclinou-se para a frente, trouxe-a para perto de si e a beijou.

Não foi um beijo agradável. Era mais uma demonstração de força do que um gesto de afeto. Yar não resistiu, mas também não reagiu. Quando Dare a largou, ela deliberadamente limpou a boca com a mão e disse com raiva:

— Não aposte nisso!

Ele abriu a boca, surpreso, numa expressão que somente Dare e Data, de

todos os homens que ela conhecia, tinham em comum.

Então sua boca se torceu num esgar que Data jamais tentaria imitar, e disse, com desprezo:

— Eu devia saber. Acho que nenhum *homem* vai ser bom o suficiente para você.

— Ao menos Data jamais faria o que você acabou de fazer. Houve época, Dare, em que você me protegia desse tipo de assédio indesejado.

Ele empalideceu... e depois disse:

— Sinto muito.

Por um instante, ele se tornou aquele homem que ela havia conhecido, angustiado por ver no que se transformara. Mas Adrian Dareau não podia exibir nenhum tipo de fraqueza. Vestiu a máscara novamente.

— Nem assim eu posso deixar que leve a nave auxiliar.

— Você poderia vir comigo, para certificar-se de que voltarei.

— Não. As defesas de Nalavia devem estar procurando este veículo, Tasha. Seria perigoso utilizá-lo até mesmo na atmosfera. Mas, se você tentar colocá-lo em órbita, ela certamente o abaterá.

— Pode ser que tenha razão - aceitou ela. - Por que não disse logo?

— Seria possível escapar utilizando uma decolagem vertical. Mas, em órbita, você seria um alvo fácil.

— Então... como vou mandar uma mensagem? Se Data e eu não enviarmos um relatório, em alguns dias a Frota Estelar irá iniciar uma investigação. Eles podem enviar outra nave auxiliar ou mesmo uma nave estelar. Mas se o capitão Picard achar que podemos resolver a situação sozinho, ele não vai enviar a cavalaria.

— Estamos jogando com o tempo, então - disse Dare. - De uma maneira ou de outra, a Frota Estelar vai acabar mandando alguém para Treva. O melhor que posso esperar é conseguir terminar o que vim fazer aqui e partir, antes que eles cheguem. Muito bem, Tasha. Se puder calcular em que posição a *Enterprise* estará quando o sinal de rádio a alcançar, podemos enviar sua mensagem por frequências não pertencentes à Frota Estelar. Nossos canais de comunicação estão livres da interferência de Nalavia.

— Data pode fazer esse cálculo - disse Yar. - Eu não.

— Você pode pedir ao Sdan.

— Passar-lhe uma informação secreta a respeito da rota de uma nave da Frota Estelar? Francamente, Dare.

Ele sorriu.

— Eu sou bom, mas não *tão* bom assim! Nem mesmo o Paladino Prateado poderia tomar uma nave estelar da classe Galaxy com apenas nove

pessoas e quatro naves, sendo que a melhor delas só alcança dobra 3,7 num dia favorável. Além disso, a *Enterprise* é uma nave conhecida demais para os meus propósitos.

Não se você tomasse a ponte de batalha e abandonasse o disco. Yar não podia evitar que seus instintos guerreiros a alertassem. Mas depois de ter cuidadosamente permanecido fora do caminho da Frota Estelar por tantos anos, ela imaginava que dificilmente ele se arriscaria a atrair tanta atenção sobre si mesmo fazendo algo tão ousado. Além disso, se o que disse era verdade:

— Nove pessoas? Só há *nove* de vocês?

Ela imaginava haver um exército de centenas de pessoas, a julgar por todas as coisas que supostamente ele havia conseguido realizar.

— Se os habitantes locais não estiverem dispostos a lutar suas próprias batalhas, eu não aceito o serviço - respondeu ele. - O que lhes ofereço é liderança, planejamento, tecnologia e técnica.

— Alguém mais da sua quadrilha recebeu treinamento da Frota Estelar?

— Barb... mas ela deixou a academia depois de dois anos pois era uma guerreira, não uma estudante. Foi ela que me fez começar esse negócio. Ela estava por acaso em um bar em Nornius Beta quando alguns valentões acharam que eu era uma presa fácil. Quando eu os deixei pendurados no candelabro, ela me convidou a unir-me a ela no resgate de uma pessoa que havia sido raptada. Eu não tinha nada melhor a fazer... e o resto é história.

— Dare... tudo que ouvi a respeito do trabalho do Paladino Prateado era positivo. Se eu soubesse que era você, teria prestado mais atenção...

— Para me prender?

— Sou uma oficial da Frota Estelar, não uma caçadora de recompensas. Não tenho a obrigação de correr atrás de criminosos. - Ela o fitou dentro dos olhos. - *Será* que você me permitiria enviar uma mensagem para a *Enterprise* se o seu homem conseguir calcular para onde enviá-la?

— Sim... desde que eu possa controlar o que você estiver transmitindo.

— Você não confia em mim e acha que vou denunciar a sua presença aqui.

— Esse seria seu dever, se tivesse a oportunidade.

Ele a conhecia bem demais... talvez melhor do que antes.

— Então vou lhe fornecer a rota de vôo. Você já foi membro da Frota Estelar o tempo suficiente para saber que raramente uma nave estelar permanece na rota planejada por mais de alguns dias. Podemos estar enviando a mensagem para o meio do nada.

— Mas você tem que tentar - disse ele. - Eu compreendo. Vou deixar que

o faça, com duas condições.

— Não vou dizer que você está aqui - disse ela. - Qual é a outra?

— Quero sua palavra de que não vai tentar fugir de novo.

— Dare...

— Nalavia não vai conseguir enganar aquele andróide por muito tempo.

Assim que ele souber que você desapareceu, virá procurá-la. Se ele descobrir este lugar...

— Ele vai descobrir.

— Vamos deixar... que entre.

— Então terá dois reféns. Mas não vai conseguir apanhar Data tão facilmente como me apanhou. Ele tem sensores eletrônicos embutidos. Não vai conseguir detê-lo apenas tirando-lhe o tricorder.

— Essa é uma informação útil - disse Dare. - Obrigado. Agora, dê-me a sua palavra. Tasha, prometo que se o que você ver aqui não a convencer de que Rikan e não Nalavia representa o melhor para Treva, eu a deixarei ir.

— Não é função da Frota Estelar decidir o que é certo ou errado para Treva. A Primeira Diretriz...

— ... deixou de valer quando Nalavia pediu socorro. Mas a Frota Estelar pode se recusar a ajudar.

— Deixando o caminho livre para que você ajude Rikan.

— Sim - disse ele, eliminando o cinismo da voz. - Rikan representa o melhor para Treva. Você pode dizer que não tenho o direito de julgar, mas é o que Nalavia está lhe pedindo para fazer. Por favor, prometa que vai ficar o suficiente para comparar o povo de Nalavia com o de Rikan.

Ele parecia franco e honesto naquele momento, fazendo com que ela quase se esquecesse dos crimes de que era acusado. Sendo sua prisioneira, dificilmente poderia prendê-lo. Se ela fugisse, também teria fugido desse dever. Quanto mais permanecesse perto de Dare, maior seria a possibilidade de aparecer uma ocasião em que seria forçada a prendê-lo.

Não era o que ela queria. A cada vez que via um pouco do homem que ela conhecera e amara aparecer através da armadura, aumentava o temor de ter que cumprir aquele dever.

Se ela lhe desse a palavra, teria que cumpri-la. Se não desse, ele não teria alternativa senão prendê-la novamente. Se ela desse a palavra, teria permissão de enviar uma mensagem para a *Enterprise*. Seu dever...

— Dou-lhe minha palavra - disse ela, abafando a dor que sentia no peito.

Ele sorriu. Um sorriso discreto e rápido, mas trouxe à tona um pouco da beleza que se escondia por baixo daquele rosto austero. Então tirou a insígnia-comunicador dela de dentro do bolso.

— Ele ainda não vai transmitir na frequência da Frota Estelar, mas se decidir trabalhar conosco, nós o ajustaremos à frequência que utilizamos. Agora, vamos procurar Sdan e ver se ele consegue calcular a posição da *Enterprise*.

Na sala de planejamento, Sdan abriu um dos armários fazendo aparecer um terminal de computador muito mais moderno do que tudo que Yar tinha visto no castelo de Nalavia. Como os computadores da nave, ele não tinha botões ou controles, mas respondia à voz ou ao toque.

Sdan podia dizer que não tinha frequentado a escola, mas certamente conhecia a matemática do espaço-tempo, para poder calcular as possíveis posições da nave ao longo do continuum e compará-las com a emissão de rádio subespacial viajando a uma velocidade constante. A *Enterprise* geralmente monitorizava todas as mensagens enviadas nas frequências da Frota Estelar, mas o computador ignoraria todas as outras frequências, a menos que houvesse algo estranho na mensagem. Como, por exemplo, se ela fosse enviada especificamente na direção da nave.

Dare deixou Sdan com seus cálculos e mostrou a sala de planejamento para Yar. Tudo era computadorizado, inclusive uma representação esquemática completa do castelo, com a posição de cada pessoa dentro dele. Yar sentiu que contraía os lábios ao perceber:

— Vocês podiam controlar cada um de meus passos, sem sair desta sala.

— Na verdade - disse Dare - Sdan ficou vigiando as telas, Barb a seguiu, Poeta estava ao lado do penhasco e eu rumei para a nave auxiliar pelo caminho mais curto... que tomamos o cuidado de não lhe mostrar antes. - Ele apontou no mapa que se ela tivesse voltado a subir as escadas, havia um corredor que saía diretamente no pátio. Pelo caminho que havia seguido, ela teve que descer até o nível da cozinha e depois subir a rampa, chegando no pátio bem depois de Dare, apesar de ele ter saído mais de um minuto depois dela.

Ela se lembrou subitamente.

— Esqueci-me de perguntar se o feri muito!

— Você fez exatamente o que tinha em mente. Eu apaguei... mas Sdan estava lá para me reanimar, por isso pude seguir para a nave auxiliar antes do que você esperava.

— Você tomou um estimulante? Depois de uma pancada na cabeça? Dare...

— Não. Apenas um analgésico. Não foi nada, Tasha... Foi só um dia normal de trabalho em nossa profissão.

Ela conseguiu conter uma resposta automática lembrando-o que não

estavam mais na mesma profissão.

Eles se reuniram com Rikan para uma breve refeição, depois do que Aurora levou Yar de volta à sala de planejamento. Ali, mostrou a ela o que sabiam das atividades de Nalavia, as posições de seus exércitos, os armamentos e os transportadores.

Sdan estava de volta ao painel, consultando probabilidades e xingando baixinho quando elas não lhe davam os dados que esperava.

As duas mulheres trabalharam numa das telas grandes. Yar estava começando a ficar fascinada, apreciando a habilidade de Aurora e esquecendo por um momento que aquela mulher havia aparentemente tomado o seu lugar ao lado de Dare. *Não é mais o meu lugar*, lembrou-se a si mesma quando o pensamento lhe ocorreu. *Eu saí de campo há muitos anos*. Animada com a estratégia, como se estivesse num jogo, Yar sugeriu posições que as tropas de Rikan deveriam tomar, se quisessem conquistar o palácio de Nalavia.

— Derrubem a rainha - disse Aurora - e ganhamos o jogo.

— É o que parece - concordou Yar. - Nalavia parece fazer tudo sozinha. Esse é o tipo de ditador mais perigoso, e também o mais vulnerável.

— Você está certa - disse Aurora. - Ela não criou no povo nenhum interesse em mantê-la no poder. Eles desejam somente as coisas que estão associadas com ela. O conselho, contudo, é outra questão.

— O povo é que tem o verdadeiro poder - disse Yar. - É uma estratégia antiga, mas sempre funciona. Eles votam naquilo que Nalavia deseja e ela lhes dá riqueza e poder.

— Pessoas assim não têm uma lealdade real - disse Aurora. - Pensamos na possibilidade de nos infiltrarmos no conselho de algum modo e persuadir um conselheiro ou dois de que ele é quem deveria ser Presidente, ou pelo menos não confiar na atual presidente.

— Boa idéia, mas como vocês fariam isso? - perguntou Yar.

— Não é algo fácil numa sociedade tão fechada como esta. Tentei fazer me passar por uma rica livre mercadora e usei um pouco de charme discreto. Infelizmente, como são as mercadorias de Nalavia que estão sendo comercializadas, ela imediatamente criou restrições que faziam com que me fosse impossível negociar de modo rentável em Treva. Tive que me retirar para proteger o disfarce.

Yar franziu a testa.

— Dare deixou que você...?

— Oh, não era nada muito perigoso. Mas ele se recusa a fazer o que *realmente* iria funcionar.

— E o que seria isso? - perguntou Yar.

— Ir pessoalmente. Ele consegue ser extremamente sexy quando... - Ela interrompeu o que dizia. Depois acrescentou: - Mas é claro que você já sabe disso - disse ela brandamente. - Mas ele não vai usar esse poder, por mais cínico que possa ser com tudo o mais.

— Aurora - disse Yar. - Você está me dizendo que sugeriu que Dare...

— Que ele entrasse escondido, usasse seu charme em Nalavia e nas duas mulheres mais poderosas do conselho... e deixassem que as três descobrissem sobre as outras... depois que Dare já estivesse seguro fora do planeta, é claro. Pelo tipo de pessoa que Nalavia é, a briga seria ouvida até na Terra! Dividir e conquistar os aliados de Nalavia e fazer a madame Presidente parecer um pouco mais do que ridícula. Mas você conhece Dare. *Conheço? Será que ainda o conheço?* Yar ficou olhando para Aurora.

— Não compreendo. Como você pode sugerir tal coisa, sendo que você e Dare...?

— Dare e eu? - Aurora riu. - Oh, não, Tasha... eu não suporto homens mal-humorados e taciturnos! Eu adoro Dare como amigo e colega, mas a idéia de um amor romântico me parece séria e solene demais. Vou ficar com Poeta, algum dia... ele sabe como me fazer rir.

— Oh - disse Yar, tentando esconder a surpresa. As lembranças do amor que sentia por Dare estavam girando risonhas e alegres em sua cabeça.

Por fim, Sdan disse:

— Se a *Enterprise* mantiver o curso que você nos forneceu, deverá estar aproximando-se de seu destino quando uma mensagem enviada daqui a 37 minutos interceptará sua rota. Por quanto tempo ficarão em órbita de Brentis VI?

— Provavelmente por pelo menos um dia.

— Então eu sugiro que você grave sua mensagem agora e a transmita a cada duas horas durante todo o dia.

— Nalavia irá captar a transmissão - lembrou Aurora.

— Sem o meu tricorder, - disse Yar - não vou conseguir codificá-la.

— Não importa - disse Sdan. - Codificada ou não, uma mensagem enviada daqui através do subespaço denunciará sua posição.

— Mesmo assim, se eu pudesse codificá-la, Nalavia não saberia exatamente o que foi transmitido. - Ela pensou por um instante e de repente lembrou-se de algo que poderia usar. - Sdan, você poderia fazer com que o computador traduzisse a mensagem para o código binário?

— Bem... é claro. Mas pode ser facilmente lido por qualquer computador.

— Se você souber do que se trata. O capitão Picard e o comandante Riker reconhecerão imediatamente... eles tiveram recentemente que aprender como soa o código binário e certamente vão se lembrar.

— Ah - disse Sdan. - Vamos enviá-la acelerada ao máximo. É provável que Nalavia nunca tenha ouvido nada parecido. Podemos torcer para que seus especialistas em código levem algum tempo para decifrá-la.

Yar, então, escreveu sua mensagem:

— "Chegamos em Treva. O relatório de Nalavia não é confiável. Há interferência na frequência padrão subespacial. Estamos estudando a situação. Enviaremos novo relatório. Yar."

— Não vai pedir ajuda? - perguntou Aurora.

— Não se tira uma nave estelar do curso a menos que se tenha certeza de que isso é necessário - respondeu Yar. - É possível que Data e eu possamos resolver a situação e voltarmos à *Enterprise* como tínhamos programado inicialmente.

— Para uma oficial de segurança experiente, - disse Aurora - você está surpreendentemente otimista. - Mas Yar percebeu nos olhos da outra mulher que ela compreendia, e notou, envergonhada, que guardava no coração a esperança de poder, de fato, resolver tudo ali e ainda permitir que Dare escapasse.

Antes do jantar, Aurora levou Yar ao seu alojamento e lhe emprestou algumas roupas. Como os homens, Aurora vestia roupas folgadas. E como era mais alta que Yar, tudo ficou grande demais. Mas, usando um cinto e arregaçando um pouco, Yar deixou de parecer uma menininha usando as roupas da mãe e tornou-se perturbadoramente glamourosa.

Mas ao usar o vestido dourado no jantar e ver que Dare mostrava apreciação no olhar, sentiu um calor perigoso no peito. *Não posso deixar que as emoções distorçam meu julgamento*, lembrou-se a si mesma. *Ainda sou prisioneira de Dare, mesmo que tenha concordado em não tentar fugir.*

Não obstante, o jantar foi excelente e a conversa fascinante. Depois do jantar, Dare e Yar reuniram-se com Rikan em um dos salões.

Nem bem haviam se acomodado quando os alarmes começaram a soar.

Dare tocou sua insígnia-cornunicador.

— O que está acontecendo?

— Uma aeronave se aproxima, sem sinal de identificação - soou a voz de Barb. - Conseguiu passar pelas defesas externas sem ativá-las.

— Data - disse Yar. - Só pode ser ele.

Dare lançou seu sorriso de lobo para ela e depois disse para a insígnia-cornunicador.

— É o andróide. Desliguem o sistema de vigilância eletrônica e sigam o procedimento que discutimos ontem.

— Certo!

— O que estão fazendo? - perguntou Yar, quando Dare voltou-se para fitar o fogo, como se não tivesse nada com que se preocupar.

— Seu andróide espera encontrar dispositivos eletrônicos. Portanto, iremos apanhá-lo com métodos não-eletrônicos.

Yar não pôde fazer nada senão esperar, sabendo que Data não estaria esperando encontrar armadilhas físicas, contando com sua força e agilidade para livrar-se delas.

Mas o pessoal de Dare era bom demais. Em menos de meia hora, trouxeram o andróide para o salão. E quando Yar tentou aliviar a tensão fazendo as apresentações, seu muitas vezes incrivelmente ingênuo colega deu um passo à frente e tentou prender seu captor!

Yar ficou alternando o olhar entre a figura suja do tenente comandante Data e a escura sombra de Darryl Adin. As luzes do salão tinham sido diminuídas, para que a luz da lareira pudesse ser apreciada. Apesar da sujeira, o rosto pálido de Data estava iluminado o suficiente para que ela pudesse ver que enrugava a testa em perplexidade.

Ela teve que se virar conseguir ver Dare, apesar de ter ouvido sua tentativa de abafar o riso. Assim que ela enxergou sua silhueta, ele já não conseguia dissimular e estava rindo à vontade. Era a primeira vez que ele mostrava realmente achar graça de algo desde que ela chegara. Ele levou algum tempo para conter o riso. Então, andou até perto de Data, deu a volta nele, ainda com um sorriso nos lábios, enquanto avaliava o andróide.

Ao mesmo tempo, Rikan tocou o braço de sua poltrona e o salão foi lentamente ficando mais iluminado.

Yar queria pular para defender Data, mas a situação já estava suficientemente tensa sem isso. O andróide já estava, infelizmente, acostumado a ser tratado à primeira vista como uma fascinante peça de equipamento. Ele ficou quieto, permitindo que fosse examinado. Atrás dele, Sdan, Barb e dois dos homens de Rikan montavam guarda, com as armas apontadas para ele. Data os ignorou.

Dare completou a volta, parando para fitar o rosto de Dare. Data o olhou com brandura, tendo visto o sinal que Yar lhe fizera, indicando que devia aguardar. Ela estava surpresa com sua própria calma. Talvez as violentas emoções do dia tivessem deixado seu sistema nervoso simplesmente incapaz de responder a um alerta vermelho novamente.

Dare finalmente falou, mas para Yar em vez de Data.

— Foi um ato de coragem ou mera programação?

— Foi imprudência - respondeu ela. - Essa seria a minha obrigação, Data. Quantas vezes tenho que lembrar-lhe que não é indestrutível?

— Nem invencível - respondeu ele, verdadeiramente desapontado. - Vim para resgatá-la, tenente, mas como vê... - Ele inclinou um pouco a cabeça, num gesto equivalente a dar de ombros, e exibiu seu discreto sorriso de auto-desprezo.

Dare ficou olhando para Data.

— Você é *mesmo* mais do que uma máquina - disse ele.

— Sim, senhor. Parte de minha estrutura é orgânica.

— Não, não fisicamente falando. Tasha, você me disse que seu colega tinha personalidade... mas não esperava encontrar senso de humor.

Yar viu os olhos de Data se arregalarem. Dare não tinha como saber o que tal comentário vindo de um estranho significava para o andróide. Dare voltou-se para Data.

— Dê-me sua palavra como oficial da Frota Estelar de que não vai tentar escapar... nem tentar me prender de novo... e eu dispensarei estas pessoas. Eles têm mais coisas que fazer do que tomar conta de você a noite inteira.

— Tasha? - perguntou Data.

— Dei a minha palavra a Dare... até que eu obtenha todas as informações que ele e Rikan podem me dar. Eles sabem o outro lado da história sobre o que acontece aqui, Data. Acho que devíamos ouvir o que eles têm a dizer e comparar suas evidências com o que Nalavia nos contou e o que descobrimos por conta própria, e só então decidir o que fazer.

— De modo condicional, então - concordou Data. - Tem a minha palavra de que não tentarei escapar enquanto estivermos investigando. - Ele nada disse a respeito de prender Dare e Yar sabia que a omissão não passaria despercebida. Yar teria que dizer a Data, mais tarde, que ela própria não tinha feito tal promessa.

Ao menos ela tivera o bom senso de não tentar prendê-lo estando indefesa e sob a mira de armas. Então por que Data havia...?

Por causa de Rikan, era óbvio. O suserano ficara então sabendo que tipo de pessoa havia contratado. Mas naquele lugar, longe do espaço da Federação, a reputação que Dare havia formado como Paladino Prateado superava de longe qualquer motivo que o tivesse feito deixar a Federação. Data provavelmente não compreenderia que, para um mundo que tentava derrubar um ditador cruel, um criminoso impiedoso com a boa reputação que "Adrian Darreau" tinha poderia parecer exatamente o tipo de mercenário de que eles precisavam.

Mesmo assim, o fato de Data ter achado que Rikan deveria ser

informado sugeria que o andróide devia ter descoberto algo depois que Yar fora raptada... algo que o fazia confiar no suserano. Interessante.

— Muito bem - dizia Dare. - Aceito sua palavra... condicional. Quer se unir ao grupo, então? Ou prefere se limpar primeiro?

Sob a luz mais forte, Data parecia ainda mais sujo, com diferentes tipos de sujeira e barro na pele e uniforme, com folhas e ramos nos cabelos. Obviamente sua jornada até aquele lugar havia sido uma experiência interessante. Data deu uma olhada em seu uniforme imundo e depois nos móveis forrados de seda.

— Acho que deveria me limpar primeiro. Há muito o que contar. Rikan disse:

— Trell, providencie um quarto para este homem e algo para ele vestir. - Depois, dirigindo-se a Data: - Por favor, volte o mais breve possível. Estamos reunindo as informações para provar-lhes que Nalavia não lhes contou a verdade.

— Nós já sabemos disso - disse Data. - Tasha, há mais do que tínhamos percebido. Vou me apressar, pois isso é muito importante.

Yar permaneceu encolhida no sofá, de repente sentindo-se muito pouco à vontade sem o seu uniforme. Data tinha diligentemente continuado a cumprir seu dever, enquanto ela...

Por que estava se sentindo culpada? Na verdade, ela também tinha continuado a cumprir os seus deveres, colocando-se em posição de ouvir todos os planos de Rikan. Tinha enviado um relatório à *Enterprise*. Até que fora um dia proveitoso, para dizer a verdade.

Data voltou a reunir-se com eles, limpo e vestindo calças um pouco largas, enfiadas nas botas, e uma das camisas largas que um dos homens de Dare havia cuidadosamente amarrado em volta da cintura esguia do andróide. Parecia que estava novamente representando um personagem, pensou Yar. Tudo que precisava era um lenço, um tapa-olho e um brinco de ouro!

Assim como Rikan era sempre Rikan, Data era sempre ele mesmo, cheirando e depois provando o vinho e comentando:

— Excelente safra, envelhecido em tonéis de madeira e decantado...

— Data! - interrompeu Yar. - Você tem informações importantes para nós.

— Sim - respondeu ele, colocando a taça de lado e voltando a falar de negócios.

— Um momento - disse Rikan. - Não sei quais são suas necessidades, Sr. Data. Precisa de alimento ou qualquer outro meio de sustento?

— Não, obrigado, senhor. Já fui devidamente nutrido hoje. E a tenente Yar está certa ao dizer que tenho informações importantes para relatar. - Ele franziu a testa. - Tasha, posso falar livremente aqui?

— Estas pessoas estão trabalhando para derrubar Nalavia, mas alegam não serem responsáveis pelos ataques terroristas contra o povo dela.

— E não são - disse Data. - Copiei todos os dados dos computadores de Nalavia, incluindo os arquivos militares. Todos os ataques foram realizados pelo próprio exército de Nalavia, para fazer Rikan cair em descrédito. Dare pareceu ficar atordoado, depois satisfeito.

— Sr. Data, apesar do modo desagradável com que fomos apresentados, acho que vou acabar gostando de você! O que mais descobriu?

— Muita coisa. De particular significado para nossa presente situação está o fato de que Nalavia chama seus visitantes da Frota Estelar... de reféns. Ela ficou consideravelmente perturbada quando descobriu que Tasha desaparecera. E imagino que já deva saber que eu não me encontro mais no palácio.

— Reféns - murmurou Yar. - Então esse era seu plano: se não conseguisse nos persuadir a chamar a Frota Estelar para fazer o que ela queria, tentaria forçá-los a agir ameaçando-nos.

— Não daria certo - disse Data.

— Ela não sabe disso - disse Dare. - Daqui, a Federação parece muito pouco agressiva ou ameaçadora.

Com sua característica entonação semi-inquiridora, Data disse:

— Realmente. Considera Nalavia pouco ameaçadora?

— Não, não considero. - disse Dare.

— Ela se mostrou muito bem sucedida - colocou Rikan. - Mas seus esforços visavam fortalecer seu próprio poder e não beneficiar o povo de Treva.

— Está ciente de como ela conseguiu isso? - Data perguntou ao suserano.

— Ela os incentivou a ficarem indolentes - respondeu ele. - Não compreendo... devia haver alguém que percebesse o que ela está fazendo. Mas somente fora das cidades é que as pessoas se rebelaram contra ela.

— Imagino que no campo a maior parte das fontes de água potável não sejam tratadas.

— Poços e riachos, na maioria. Sr. Data, esta sugerindo que Nalavia tem posto drogas no abastecimento de água das cidades? - deduziu Rikan, imediatamente.

— Não é uma sugestão. É um fato. Dare enrugou a testa.

— As pessoas não agem como se estivessem drogadas - disse ele. - Elas

usam entorpecentes nas horas vagas, mas não vimos aumentar as taxas de acidentes de trabalho, nem diminuição da produção... nada que indicasse que os trabalhadores estejam dependentes de substâncias químicas.

— Não se trata desse tipo de droga - disse Data. - Nalavia está usando uma substância química que abre a mente das pessoas e facilita a sugestão hipnótica. Então ela usa as transmissões de vídeo para... programá-las. A droga também suprime as emoções negativas mais fortes. Não prejudica o raciocínio ou a coordenação. De fato, torna as pessoas mais eficientes no trabalho, porque elas não são distraídas pela raiva, medo ou tristeza.

— Ou amor - murmurou Yar. Data olhou para ela com um discreto franzir de testa, indicando que estava registrando uma resposta que não tinha entendido para analisar mais tarde.

Data prosseguiu:

— Os entorpecentes são vendidos sem restrições, mas sob estrito controle governamental. Parecem ser usados para proporcionar um substituto para as emoções suprimidas.

— Sim - disse Yar. - É muito fácil procurar encontrar alegria nas drogas, quando ela não existe de nenhuma outra forma na vida da pessoa.

Rikan estava sentado ereto.

— Mas como lutamos contra isso? - perguntou ele. - Como podemos parar tudo isso? Sr. Data, você revelou o segredo de Nalavia, pelo que eu lhe agradeço de coração. Mas como podemos detê-la?

Dare exibiu seu sorriso de lobo.

— Tudo que precisamos fazer - disse ele - é substituir o supressor de Nalavia por algo inócuo! Assim que as pessoas estiverem livres da influência da droga...

Data ficou olhando para o vazio, acenando afirmativamente com a cabeça e sorrindo discretamente enquanto consultava as informações necessárias.

— ... terão um súbito recrudescimento das emoções. Tudo que sentiram enquanto as emoções estavam suprimidas virá à tona de uma só vez.

— E então - disse Rikan com firmeza - nós atacaremos.

Nove

O Tenente Comandante Data ficou intrigado com Rikan e seu castelo. A estrutura era genuinamente antiga, mas equipada com a mais moderna tecnologia, tanto para o conforto quanto para a defesa. O sistema de vigilância computadorizado era novo, parte do serviço fornecido por Darryl Adin, ou melhor, Adrian Darreau, vulgo, o Paladino Prateado.

Data se viu confuso (uma emoção que não podia ser considerada nova ao conviver com os humanos) com o fato de ser prisioneiro, mas ser tratado como colega, até como amigo. Por meio de consulta a todos os arquivos da segurança da *Enterprise*, com exceção dos altamente secretos aos quais somente Tasha e o pessoal da segurança tinha acesso, ele conhecia tudo a respeito de Darryl Adin. Ou melhor, conhecia os fatos. O homem parecia não combinar com os fatos.

Alguém capaz de trair a Federação por dinheiro, planejar um ataque que poria em perigo a vida de novatos e oficiais da Frota Estelar e, de fato, causou a morte de vários deles, devia parecer-se mais com um criminoso de coração endurecido. Não que Data tivesse uma experiência muito grande com criminosos sem coração. Afinal de contas, Cyrus Redblock e Felix Leech haviam sido criados pelo programa do holodeck, baseados em personagens de histórias de ficção.

Contudo, Data tinha passado nos cursos requeridos de psicologia na Academia. As atividades do Paladino Prateado não correspondiam com o perfil de um criminoso. Na verdade, com exceção do fato de cobrar pelo serviço que prestava, Dare parecia mais próximo das atitudes do lendário Robin Hood. Um homem falsamente acusado e condenado, como dizia a história, desse mesmo crime de traição.

Havia, porém, outra possibilidade: Se, num momento de fraqueza, o sempre honesto Adin tivesse sucumbido à tentação das riquezas e, como as evidências de seu julgamento sugeriam, tivesse sido levado a acreditar que a *Starbound* poderia ser tomada sem perdas de vidas, então, seu estilo de vida atual era uma combinação de remorso e o mesmo tipo de ambição que o levou a fazer um acordo com os orions.

E as evidências no julgamento de Adin haviam sido conclusivas.

As especulações de Data não tinham qualquer influência em suas ações. Adin era um fugitivo tanto da Frota Estelar quanto da Federação, e Data tinha o dever de prendê-lo. Da próxima vez, de preferência, quando tivesse alguma chance de fazê-lo.

Ele estava incomodado com o fato de não ter conseguido fazer com que

Tasha pensasse que havia agido por pura ingenuidade, especialmente depois de não ter conseguido fazer Rikan mudar de idéia a respeito do homem que havia contratado. Ou o suserano já conhecia o passado de Adin, ou não se importava, dando mais importância à reputação de "Adrian Darreau".

Data estava preocupado com Tasha Yar. Ela era a perfeita oficial da Frota Estelar. Sua prioridade principal era a segurança da *Enterprise* e sua tripulação. Seu dever maior era para com a Frota Estelar. Mesmo que, às vezes, fosse excessivamente zelosa, isto era preferível à negligência. Mas ela havia dado sua palavra de que não tentaria fugir.

Mas eu fiz o mesmo, Data lembrou-se a si mesmo. Os homens de Adin haviam, afinal de contas, entrado no palácio de Nalavia para capturar Tasha e a levaram em sua própria nave auxiliar. Eles eram implacavelmente eficientes e Data não tinha dúvida que conseguiriam providenciar uma cela da qual nem mesmo ele poderia escapar, ou então o incapacitariam de alguma forma. O vulcanóide, Sdan, tinha expressado o desejo de "examinar" Data, deixando bem claro que tinha intenções de desmontá-lo para ver como funcionava. Liberdade limitada era certamente melhor do que ficar trancado numa cela ou incapacitado.

Além disso, aquelas pessoas estavam lutando contra Nalavia. Data não tinha dúvida de que Rikan e Adin representavam o lado menos mau. Mas era simplesmente perturbador ver que Tasha havia aparentemente chegado a essa conclusão antes de ser informada das evidências importantes.

Provisoriamente, Data iria colaborar com o plano de remover a droga do suprimento de água. Sdan, assim que deixou de imaginar que Data era um brinquedo para ser desmontado, trabalhou com o andróide por toda a noite, transferindo os dados de fabricação e distribuição dos bancos de memória de Data para o sofisticado sistema de computadores da sala de planejamento.

— Não sei por que Nalavia usa um equipamento tão ultrapassado - comentou Data.

— Serve para o que ela precisa - respondeu Sdan. - E foi construído em Treva. Veio junto com o palácio. Além disso, ela não pode comprar uma máquina como esta aqui legalmente. Trata-se da mais moderna tecnologia da Federação, somente comercializada nos planetas da Federação, não sendo fornecida nem mesmo aos aliados.

— Então, como foi que vocês a conseguiram? - perguntou Data. - Ou será que não devia fazer essa pergunta?

— Nós mesmo a construímos! - respondeu Sdan. - Eu e Poeta temos ficha limpa na Federação. Barb e Pris também, para dizer a verdade. Mas, elas não se interessam por nada que não possa ser usado para estourar a cabeça de alguém. Sendo assim, eu e Poeta visitamos as exposições de

tecnologia da Federação, voltamos e construímos nossa própria versão das últimas novidades que a Federação tiver para oferecer.

— Isso seria ilegal, dentro da Federação - disse Data.

— Não estamos dentro da Federação, estamos?

— Vocês poderiam ganhar muito dinheiro se vendessem essa tecnologia aos ferengis, aos orions, aos...

— Escuta aqui, seu cérebro de computador, se quiséssemos apenas juntar dinheiro, nós simplesmente roubaríamos! Seria mil vezes mais fácil e seguro. Ainda não se convenceu de que não somos uma mera quadrilha de criminosos comuns?

— E se vocês vendessem a tecnologia - lembrou Data - já não seria exclusivamente sua, para oferecer a seus clientes.

Sdan sorriu.

— É verdade. Sabe, Data, parece que você tem uma mente muito astuta construída aí dentro. Fique conosco o tempo suficiente e pode ser que o convidemos a se unir a nós.

— Acho que você está esperando que eu fique o tempo suficiente para encontrar uma desculpa para me desmontar.

Sdan mediu Data de alto a baixo de modo solene.

— É. Sempre existe essa opção.

Tasha Yar passou outra noite no "quarto azul", mas a porta não foi trancada desta vez. Pela manhã, vestindo uma túnica e calças confortáveis, encontrou a mesma descontração à mesa, durante o desjejum. As pessoas chegavam quando queriam e saíam quando acabavam de comer. Apenas Rikan permaneceu à mesa durante todo o tempo.

O suserano apareceu na sala de planejamento, algum tempo depois de Yar ter se unido ao grupo que observava as telas. Ela já conhecia Data, Dare, Sdan, Poeta, Barb e Aurora. Foi apresentada a Tuuk e Gerva, um casal de telaritas, Jevsithian Drominiger, um vidente grokariano, e Pris Shenkley, uma mulher humana que desenhava excelentes armamentos. Era o restante da "quadrilha" de Dare.

Jevsithian era um tipo arquétipo: tinha a mesma altura de Yar, mas era tão velho e enrugado que, à primeira vista, era impossível identificar sua espécie. Como tinha quase todo o corpo escondido por uma túnica cinza com capuz, apenas as mãos de oito dedos, que apareciam na extremidade das mangas, mais parecendo aranhas, sugeriam qual era sua espécie.

Yar já ouvira falar dos grokarianos, mas nunca encontrara um até então. Alguns deles, segundo diziam, tinham o dom da profecia, mas ela se

lembrava de ter lido no manual da Frota Estelar, no verbete sobre as espécies com os assim chamados psi-poderes, que tal dom podia ser explicado como um "talento natural para calcular probabilidades dentro do continuum espaço/tempo."

Jevsithian voltou-se para ela, com os olhos quase escondidos pelas dobras da roupa, e declarou:

— Você é aquela que fará tudo mudar.

— Hmmm? - Yar ficou perturbada com a impressão de estar olhando para buracos escuros.

— Sua presença faz com que todos os futuros possíveis se tornem um só. O Paladino Prateado vencerá todos eles, mas perderá. O brilhante cavaleiro das sombras se tornará lenda.

— Ei, pare com essas profecias de mau agouro! - protestou Sdan.

— Trata-se apenas do destino - respondeu Jevsithian - e o destino de todos os seres vivos estão entrelaçados. - Ele se afastou para uma cadeira no canto da sala, aparentemente pouco se importando com os planos que os outros traçavam. *Ou*, pensou Yar, *talvez já saiba tudo o que iremos fazer*.

— Tasha - a voz de Data tirou Tasha da meditação sobre o grokariano. - Precisamos conversar.

— Hmmm? Sobre o que? - perguntou ela, seguindo-o para longe do grupo de pessoas que rodeava o computador.

— Sobre o quanto sabemos a respeito destas pessoas... se é que sabemos alguma coisa.

Era óbvio que Data não tomaria uma atitude final sem pensar cuidadosamente. Yar sentiu-se subitamente deprimida.

— Priam IV - disse ela.

— Exatamente.

Ela ficou olhando para ele.

— Você também foi submetido a esse teste? Como conseguiram iludi-lo, se você consegue enxergar as paredes do holodeck, não importando como ele tenha sido programado?

— Importa-se se eu não lhe contar como um andróide pode ser enganado por especialistas em computadores? A questão é que, no momento, enfrentamos um paradoxo semelhante. Sabemos que Nalavia está tão determinada a manter sua ditadura a ponto de drogar seu povo. Mas este não é um planeta da Federação. Não temos o dever de ajudar o povo de Treva a obter sua liberdade de volta.

— Mas nosso dever nos *impede* de ajudar? - perguntou Yar. - Imagine que não façamos nada. Nalavia continuará a governar... a menos que Rikan e

Dare a impeçam, sem nossa ajuda.

— *Minha* ajuda - disse Data. - Eu tenho dados do computador de Nalavia que lhes permitirão retirar a droga do abastecimento de água.

— E isso permitirá que o povo decida por si mesmo se deseja ou não derrubar Nalavia - disse Yar. - Isso não lhe parece mais próximo do espírito da Primeira Diretriz do que deixá-los incapazes de decidirem por si mesmos?

— Não é o espírito, mas a letra da lei que juramos obedecer - lembrou Data. - Se interferirmos, não sabemos que efeito isso terá na cultura de Treva.

— Não, sabemos apenas o que acontecerá se *não* interferirmos. As coisas vão piorar. Você nos contou quais são os efeitos a longo prazo da riatina. Data, ontem à noite, estava disposto a ajudar Rikan e Dare. Que aconteceu?

— Lembrei-me de qual será o efeito a curto prazo da remoção da droga: guerra.

Yar lembrou-se de que Rikan havia dito: "E então, nós atacaremos!"

— Guerra ou passividade causada por drogas - disse ela. - Trata-se realmente de Priam IV. Mas Data... se eu fosse trevaniana, sei qual das opções escolheria. Você não sabe o que é passar a vida drogado, sem qualquer outra alegria além da falsa felicidade criada pelas substâncias químicas.

— Sua mãe? - sussurrou ele.

— E eu mesma.

— O quê? - perguntou ele, bruscamente.

— Não me lembro de nada a não ser da dor - admitiu ela. - Mas nasci viciada em pó-de-alegria, Data, porque minha mãe era. Ela me fornecia a droga para me manter quieta, quando eu era bebê, mas, depois de algum tempo, ficou sem recursos para comprar para nós duas. Parou de me dar a droga. As primeiras recordações que tenho são das dores da abstinência.

— Tasha, eu nem imaginava...

— Por favor, não conte para ninguém. Nem mesmo Dare sabe disso. A mulher que cuidou de mim, depois que minha mãe acabou me abandonando, manteve-me afastada da droga até que eu crescesse o suficiente para compreender que uma mente livre vale todo o sofrimento da vida, mesmo em New Paris. Data, você disse que a riatina não provoca sintomas de abstinência. Estou dizendo: liberte a mente dos habitantes de Treva. Deixe que eles pensem por si mesmos e decidam por conta própria o que querem fazer com Nalavia. Data ficou fitando-a por alguns momentos. Então, concordou com a cabeça.

— Vou fornecer os dados que Rikan e Adin estão pedindo. Rikan é

trevaniano. Ele tem o direito de decidir o que fazer com eles.

Data forneceu os registros de fabricação e distribuição da riatina.

— Será mais simples substituir a droga no local onde ela é armazenada, antes de ser usada - explicou ele. - Não há guardas... por que alguém desejaria roubar um purificador de água? Se tivéssemos um teletransportador, seria fácil substituir a riatina por um placebo. Levaria apenas uma hora para substituir o estoque da capital e das três cidades mais importantes.

— Mas não temos um transportador - disse Dare, pondo a mão no ombro de Data, enquanto se inclinava para observar a tela. Yar viu que Data lançou um olhar para a mão. A bordo da *Enterprise*, apenas Geordi o tocava daquela maneira, como se ele fosse outra pessoa. Ela sentiu os lábios se curvarem ao ver o quanto a atitude de Dare com relação ao andróide havia mudado desde que se conheceram. Obviamente, ele já havia esquecido que Data era uma máquina.

— Suponha - dizia Dare - que armemos uma emboscada para o carregamento de droga a caminho das instalações de purificação.

— Certo! - disse Barb.

— Funcionaria se quiséssemos apenas roubá-la - disse Aurora. - Mas temos que substituí-la por outra coisa. Os entregadores provavelmente são conhecidos e certamente sua ausência seria notada antes que conseguíssemos usar o placebo.

— Mmmmm - pensou Dare. - Eu estava pensando em agir *rapidamente*. E atacar todas as três entregas em uma única noite.

— Podemos fazer isso - concordou Barb, com impaciência. - Se roubarmos a riatina, eles não vão conseguir colocá-la na água.

Poeta respondeu:

— Quem se importa se é pela estratégia ou pela bravura que o inimigo é vencido?

— Eu me importo! - disse Barb com os olhos brilhando. - Estamos todos ficando gordos e preguiçosos sentados aqui.

— O melhor da bravura está na discrição - disse-lhe Poeta.

— Droga, Poeta - disse a guerreira - Você fala como um covarde. Se não o tivesse visto em batalha, acharia que não passa de um verme rastejante.

Data interrompeu a discussão.

— Assim que derem pela falta da riatina, Nalavia saberá quem a roubou. Se vocês a substituírem, o placebo pode não ser utilizado imediatamente. Se a droga deixar de agir em apenas uma das cidades, Nalavia testará tanto a água quanto a substância estocada.

— Você tem razão - disse Dare. - O plano só vai funcionar se a droga deixar de agir em todos os lugares ao mesmo tempo, antes que Nalavia perceba o que aconteceu.

— E temos que estar prontos para tirar vantagem disso - acrescentou Aurora. - Uns poucos levantes não surtirão efeito. Nalavia enviará seu exército para debelá-los e substituirá a droga. Assim que o povo readquirir sua liberdade de escolha, eles devem ser informados dos atos traiçoeiros de Nalavia.

— Se tomarmos as estações de rádio e televisão - disse Sdan - poderemos espalhar a notícia rapidamente.

— E as pessoas acreditarão em nós - disse Aurora - porque todos sentirão a diferença em si mesmos.

— Por que simplesmente não destruímos as fábricas de riatina? - perguntou Yar. - Nalavia saberia imediatamente, mas certamente não seria capaz de fabricar veneno suficiente para todo o suprimento de água das cidades antes que todos acordassem.

— É isso aí! - concordou Barb. Rikan disse:

— Muitos operários trevanianos trabalham nessas fábricas. Estou certo de que muitos acreditam estar fabricando purificador de água. Existe uma maneira de destruir as fábricas sem matar nem ferir pessoas inocentes?

— Duvido muito - respondeu Dare.

— Mesmo que conseguíssemos, imaginem qual seria a reação de Nalavia -disse Aurora. - Ela não esperaria pelo início dos levantes. Decretaria lei marcial assim que percebesse o risco de perder o controle.

— Devemos surpreendê-la - concordou Rikan. - O plano de substituir a riatina por uma substância inofensiva parece ser o melhor de todos, se conseguirmos implementá-lo.

— É para isso que está nos pagando - respondeu Dare. - Data, você tem qualquer outra informação além das rotas entre as fábricas e as instalações de purificação de água?

Yar viu Data erguer a cabeça e meio que acená-la, indicando possuir tal informação.

— Tenho os horários de entrega, incluindo os locais onde os motoristas são substituídos e onde eles param para comer e abastecer seus veículos ao longo do caminho. Todavia... - ficou olhando para o vazio enquanto correlacionava os dados - ...possivelmente sem o conhecimento dos motoristas, os veículos são sempre seguidos por unidades do exército de Nalavia.

"Todavia"? Yar divertiu-se vendo que Data estava bancando novamente

o camaleão e usando alguns dos termos preferidos de Dare ao se expressar.

— Seguidos? - perguntou Dare. - Como?

— Existem sinalizadores nos caminhões, por meio dos quais um pequeno contingente armado pode ter certeza de que os veículos seguem a rota e o horário determinados. Onde não existem estradas paralelas, o exército segue discretamente à distância ou usa aeronaves. Há variações no padrão seguido... - o andróide enrugou a testa por um instante. - Ah, já sei por que. Eles cruzam as zonas rurais, onde cidadãos livres do efeito da droga podem se perguntar por que haveria uma escolta militar para o que supostamente deveria ser um purificador de água. É por isso que a escolta muda freqüentemente de padrão: às vezes seguindo por uma estrada paralela, atrás ou na frente dos veículos, usando caminhões, veículos individuais, aeronaves... Aparentemente Nalavia espera que nenhum padrão seja identificado.

— E funciona - disse Aurora. - Não tivemos notícia de qualquer suspeita. Mas agora que sabemos ...

— Tenho os horários dos próximos quatro dias - disse Data. - Não havia nada depois disso nos computadores de Nalavia.

Dare sorriu para Data, sem sarcasmo desta vez.

— É o suficiente. Dê-nos os horários e vamos imaginar um jeito de fazer a substituição. Sr. Data, que acharia de trocar a Frota Estelar por uma vida de perigo e emoção no extremo da galáxia?

Yar sabia que isso havia sido dito em tom de brincadeira, mas Data respondeu solenemente:

— Sinto dizer que... isso não me atrai nem um pouco.

Uma das vantagens de ser andróide é possuir a capacidade de manter várias idéias na mente ao mesmo tempo, e muitas outras prontamente acessíveis. Nas horas que se seguiram, Data descobriu que isso também podia ser uma desvantagem.

Tasha parecia cativada pela idéia de libertar os habitantes das cidades de Treva da hipnose química, esquecendo-se de que, apesar de estarem gozando da condição de consultores, ela e Data ainda eram prisioneiros ali. Data não conseguia se esquecer de quem Darryl Adin era na verdade, e isso resultou num outro problema não previsto: começou a gostar do sujeito.

Adin era o cimento que unia aquele pequeno núcleo social, assim como Jean-Luc Picard o era com relação à tripulação da *Enterprise*. O papel de Adin era mais complicado que o de Picard. Apesar de ter poucos seguidores, eles eram ainda mais diferentes entre si que a heterogênea tripulação da

ponte onde Data servia, pois não tinham lealdade a um único ideal que os unisse, como acontecia na Frota Estelar. Durante aquele primeiro dia, Data presenciou discussões sem fim, mas viu que todos trabalhavam para uma meta comum.

E com tudo isso, nada do que Adin fez sugeria que ele considerava Data menos que uma pessoa. Somente Geordi LaForge, de todas as pessoas que Data conhecia, o havia aceitado de modo tão sem reservas, ao primeiro encontro.

Não, lembrou-se subitamente, o suserano havia feito exatamente o mesmo. Mas Data tivera pouco contato com Rikan, naquele dia, ao passo que ele e Adin trabalharam lado a lado por horas a fio.

Antes da hora do jantar, elaboraram um plano. Sdan e Poeta saíram com alguns homens de Rikan para tomar emprestado alguns veículos das companhias de transporte pesado do território de Rikan. Barb e os telaritas saíram com uma "lista de compras", que incluía recipientes, tintas e copiadores. Jevsithian tinha saído havia tempo e outras pessoas entraram e saíram durante todo o dia. Aurora estava junto de Data no computador, juntamente com Pris Shenkley, a desenhista de armas, e repassavam o plano passo a passo para identificar possíveis perigos.

Data não podia deixar de perceber que Adin e Tasha haviam parado de participar e saíram silenciosamente da sala de planejamento.

Mas ele os viu novamente no jantar, sua primeira refeição desde o lanche servido por Nalavia no dia anterior. A essa altura, seus componentes orgânicos estavam preparados para um reforço nutricional e sua curiosidade fez com que experimentasse todos os pratos servidos. A mesa de Rikan era tão farta quanto a de Nalavia. Se não tivesse outras coisas na mente, Data poderia ter passado o tempo analisando alegremente os ingredientes responsáveis por aqueles diversos sabores.

Entretanto, sua mente estava ocupada com a conversa à mesa de jantar, com o aperfeiçoamento do plano de sabotagem contra Nalavia e com Tasha e Adin.

Tasha estava usando o vestido longo dourado novamente. Aurora estava resplandecente em seu vestido vermelho e Pris vestia um traje azul claro. Rikan usava uma túnica ricamente bordada e um casaco sobre uma camisa ornada com uma elegante cascata de laços brancos. Adin estava com seu traje preto de costume, com uma camisa branca e o emblema prateado. Data pensara na possibilidade de vestir novamente o seu uniforme, quando todos saíram para "vestir-se para o jantar". Ele o encontrou limpo e cuidadosamente pendurado num cabide, no quarto que lhe fora designado.

Mas, lembrando-se das roupas que vira na noite anterior, decidiu vestir o

que parecia ser o mais formal dos trajes que Trell lhe dera: uma jaqueta e calças verde escuro acinzentado com uma camisa dourada quase da cor de seus olhos. Tasha sorriu-lhe e disse, assim que o viu:

— Você está magnífico.

Mas Data teria se sentido mais à vontade em seu uniforme de gala. Ele ficou se perguntando o que teria acontecido ao uniforme de gala de Tasha.

Todo o pequeno grupo reuniu-se na sala de visitas de Rikan, depois do jantar. Pris Shenkley sentou-se ao lado de Data e puxou conversa.

— Por que você não trabalha para a Federação? - perguntou ele.

— Por que ela me tiraria o controle de meu trabalho - respondeu ela. - É verdade que Federação agora só constrói armas defensivas e evita a agressão. Porém, prefiro usar meu talento onde possa controlar quem utiliza minhas armas.

Data contou-lhe a respeito da recente visita da *Enterprise* ao planeta Minos e sobre a arma que perdera o controle e destruíra os que a criaram.

— Sim - disse ela. - É exatamente esse tipo de mentalidade que eu temo. É muito fácil construir armas cada vez melhores, simplesmente porque é possível fazê-lo. Para Dare, eu construo exatamente o que é necessário para determinada missão, e não máquinas do juízo final que competem apenas consigo mesmas.

— E você construirá algo para o plano de substituição da riatina?

— Não. Todos já estão equipados com armas que já lhe são conhecidas. Mas fui eu que desenhei as defesas do castelo de Rikan.

Ele inclinou a cabeça.

— Você desenhou a rede em que fui capturado? Ela enrubesceu um pouco.

— Não desenhei, propriamente dizendo... eu sugeri que provavelmente você não estaria esperando algo tão... primitivo. A rede é na verdade uma armadilha para um grande animal de Treva. Achei que seria forte o suficiente para prendê-lo. - Ela sorriu. - Eu o subestimei. Não pensei que fosse possível arrebentar fibras de quoghart com a mão. Se nosso pessoal não tivesse chegado logo, você teria escapado.

Ela tomou-lhe uma das mãos e a virou de um lado para o outro para examinar a palma e o dorso.

— Você é tão forte... mas também tão gentil. Tem idéia de quanto isso é atraente?

Ele quase disse sim, pois parecia que toda mulher com quem tivera alguma intimidade fizera a mesma observação, mas ao ouvi-la, lembrou-se de consultar seus arquivos de flertes, bem a tempo.

— Faz parte... da minha natureza.

— Mmmmm. - Ela estudou-lhe a palma da mão. - Você tem impressões digitais.

— Sim. E não existem outras iguais, ou pelo menos não foram copiadas de nenhum registro da Federação.

— É assim que deve ser - disse ela suavemente. - Não há ninguém igual a você.

Data se surpreendeu ao ver que Pris flertava com ele, mas só precisou consultar o catálogo principal de seus arquivos de flertes para poder corresponder. Ela obviamente não tinha qualquer intenção de passar de um agradável bate papo, o que não era de se estranhar já que haviam se conhecido naquele dia.

Além disso, percebeu Data, ele também não queria passar disso. Ficou meditando sobre isso. Compreendia por que tinha desejado interagir com Nalavia do modo mais impessoal e distante possível: a mulher era má. Mas Pris, como todo o restante da quadrilha de Adin, não tinha qualquer registro criminal de que ele tivesse notícia. Por que estaria relutante em manter um relacionamento íntimo com ela, caso ela o desejasse? Pois, afinal de contas, ele fora desenhado para desempenhar uma grande variedade de funções. Pris não era como Nalavia. Não demonstrava qualquer perfídia ou cinismo.

Ao pensar nisso, sua atenção foi distraída por Darryl Adin, que sentara-se ao lado de Tasha no sofá, naquela noite. O sujeito estava obviamente tentando reacender os sentimentos que Tasha tivera por ele no passado, tentando vencer-lhe a razão e a devoção ao dever com lembranças de um passado que jamais poderia retornar.

Adin inclinou-se para perto de Tasha e Data voltou-lhes seu microfone direcional, ouvindo-o dizer:

— Vamos até o balcão.

Eles pediram licença a Rikan e saíram para a noite enluarada. Data ainda podia vê-los, através das portas de vidro, encostados na balaustrada, fitando o abismo envolto pela escuridão da noite. Adin colocou o braço em volta dos ombros descobertos de Tasha e ela se encostou nele. Foi tudo.

Enquanto isso, Data deixou que seu arquivo de flertes entretivesse Pris, até que ela caiu na risada.

— Você é o homem com a conversa fiada mais inteligente que já conheci. Onde aprendeu tudo isso?

Data verificou o arquivo que estivera consultando.

— Uma adaptação moderna das técnicas detalhadas na obra de Jane Austen - respondeu ele com sinceridade.

Pris deu uma risada.

— Bem, é extremamente romântico. Se não tivesse que acordar cedo amanhã, bem que gostaria de descobrir que outras técnicas você conhece. Espero que tenhamos a chance de nos conhecer melhor.

— Isso também me seria muito agradável - respondeu ele, mas não se voluntariou a responder a pergunta que ela não chegou a lhe fazer.

A sala de visitas estava ficando vazia, aparentemente em respeito a Rikan. Data percebeu que o velho suserano estava se esforçando para manter a postura ereta.

Quando Data voltou a olhar para o balcão, Tasha e Adin não estavam mais lá. Logo, ele estaria sozinho com Rikan... esquecido.

Data não tinha nada para fazer naquela noite. Não havia um computador biblioteca nem um laboratório científico para visitar e satisfazer sua voraz curiosidade.

Decidiu descer para a sala de planejamento. Devia haver alguém ali que talvez o deixasse examinar que outras coisas continha aquele ótimo computador.

Porém, quando foi desejar boa noite a Rikan, o ancião perguntou:

— Você dorme, Sr. Data?

— Não, senhor.

— Então, pode me fazer um favor?

— Certamente, senhor. Se estiver a meu alcance.

— Sou um homem velho. Acho que o peso da idade é algo que você jamais experimentará... mas também não terá o privilégio de ver as pessoas lhe perdoarem algumas extravagâncias apenas por ser idoso. - Rikan ergueu os olhos, ainda claros e decididos. - Quantos anos tem, Sr. Data?

— Vinte e seis anos da Federação, senhor. O suserano arregalou os olhos.

— Tão jovem! Então, está apenas começando as experiências da vida. Mas, já estive em muitos lugares nas estrelas, e fez mais, nesses vinte e seis anos, do que eu, em toda minha longa vida.

— Pode ser verdade, senhor,... em especial, por ter sido... criado... como adulto. Por outro lado, nunca tive a experiência de ser criança.

— Isso é triste - disse Rikan. - A infância é o período mais feliz de toda a vida... ou deveria ser. Mas, estou me esquecendo. O favor que eu ia lhe pedir é que venha a meu quarto, depois que Trell me ajudar a deitar. Apesar de meu corpo estar cansado, a idade me tira a capacidade de adormecer rapidamente e de dormir bem. Poderia vir e conversar comigo?

— Com muito prazer, senhor.

Assim, quando Trell informou que Rikan estava pronto, Data entrou no quarto do suserano, tendo em mente o conselho do servo:

— Por favor, não fique até tarde. Meu senhor precisa descansar, pois estará de pé com o raiar do sol, não importando quantas horas tenha dormido.

Abrigado na enorme cama, Rikan parecia menor e mais frágil do que quando vestia suas roupas formais. Ele estava encostado em alguns travesseiros.

— Mais vinho? - perguntou ele, enchendo um copo para si mesmo e oferecendo outro para Data.

— Não, obrigado, senhor. O álcool não tem efeito em meu metabolismo. Experimentei o vinho apenas para aumentar meu arquivo de bouquets e sabores. O suserano sorriu.

— Você passa a vida recolhendo dados?

— É para isso que fui desenhado.

— Não só isso, estou certo - disse Rikan. - Você mencionou *experiência*, há pouco. Posso ver que tem sentimentos, que se preocupa com sua colega Natasha e com seu dever para com a organização que serve.

— O senhor consegue perceber minhas preocupações muito bem - admitiu Data.

— Tenho muitos anos de experiência a mais que você - disse Rikan. - Estou surpreso por saber há quanto pouco tempo está... vivo?

Data forneceu-lhe a palavra que procurava.

— Consciente.

— Não é sua parte orgânica que faz com que esteja vivo?

— De certo modo. Ela requer nutrientes e precisa ser abastecida. Mas, essa parte de mim existiu em estado de suspensão por um período desconhecido de tempo, antes que minha consciência fosse despertada.

— Ah - disse Rikan. - Que coisa fascinante. Pode se lembrar de quando foi trazido à consciência? Ou você é como as pessoas e não se lembra do momento de seu nascimento?

Nascimento. Este fora o termo usado por Tasha. "Então, foi aqui que você nasceu" disse ela, quando viu seu lar.

— É o primeiro evento de que me lembro. Minha mente não era uma *tabula rasa*. Já tinha sido programado com linguagem, uma quantidade considerável de conhecimentos básicos e com os dados coletados por quatrocentos colonizadores de meu planeta natal.

— Fico imaginando - murmurou Rikan - se seria um choque maior ou menor que um parto. Suponho que ninguém jamais saberá a resposta, pois

ninguém pode experimentar as duas coisas.

— Não, senhor - respondeu Data automaticamente, só depois percebendo a pergunta implícita. - Não, no nível atual de tecnologia. Se algum dia for possível transferir a consciência humana para o corpo de um andróide... não sei se, tendo sido humana uma vez, a pessoa conseguiria se adaptar.

Rikan ficou olhando para ele.

— Você se considera inferior aos humanos, Data?

— Sou... *diferente* dos humanos. Sou mais forte e mais veloz do que qualquer humanóide totalmente orgânico. Disponho de mais informações imediatamente acessíveis e posso utilizá-las de modo mais eficiente. Além disso, ainda sou capaz de aprender e progredir... e não somente aumentar as informações contidas em meus arquivos.

— É óbvio - disse Rikan, com um sorriso. - Eu nunca me sentiria compelido a conversar deste modo com o excelente computador que Adrian instalou aqui. Você é realmente uma pessoa, Data.

— Sim. Ainda assim, gostaria de ser humano, se isso fosse possível. Eu olho para o senhor, por exemplo, e apesar de saber que com a experiência poderei aprender a julgar melhor, fico imaginando se me será possível obter sabedoria.

O sorriso de Rikan expandiu-se.

— Ah, Data... não percebe que sua pergunta contém a própria resposta? Data não compreendeu.

— Senhor? - perguntou ele, com uma expressão perplexa.

— Não importa - disse Rikan. - Você vai resolver essa dúvida... e descobrir outras. Você fica fisicamente mais velho com o passar do tempo?

— Aparentemente não, senhor. Mas existo há muito pouco tempo para concluir uma estimativa de quanto tempo continuarei existindo. Como Tasha sempre me lembra, não sou indestrutível. Mas a menos que sofra um dano irreparável, os cientistas da Frota Estelar acreditam que este corpo durará por muitos séculos.

— Você pode não sofrer o aviltamento da idade, mas a vida longa reserva outras crueldades, bem piores que a perda das forças e do enfraquecimento dos sentidos. Os sobreviventes são considerados bem afortunados, Data... mas a ironia é que aqueles que invejam nossa longevidade ou não vivem o suficiente para conhecer a cruel sina que nos aguarda... ou vivem e a compartilham conosco.

— Senhor?

Rikan ficou olhando para o vazio, além de Data.

— Eu já tive uma esposa e uma linda filha. Tive bons amigos e colegas,

com quem compartilhei as mesmas experiências. Eles já se foram... incluindo muitos que eram mais jovens que eu. Minha filha faleceu antes de mim. Minha esposa, um ano depois. Meus amigos, meus companheiros de juventude, todos se foram.

Os olhos do suserano voltaram a focalizar-se em Data.

— Será que aqueles que o desenharam sabiam o que lhe reservaram quando lhe deram tanto sapiência quanto senciência e depois o condenaram a viver mais que todos os que ama?

— Não sei se sou capaz de amar, senhor.

— Como é possível que não saiba, se eu sei disso, conhecendo-o há apenas um dia?

— Não posso procriar - explicou Data. - Não há motivo para terem me desenhado com a capacidade de ...

Rikan riu.

— Ah, Data. Quão jovem é você... e quão humano... neste aspecto! Confundir o desejo de acasalar-se com o amor que se desenvolve a partir do companheirismo é algo típico dos jovens. Não, não estou falando do amor por amigos e colegas, que você demonstra abundantemente. - O riso calou-se novamente numa tristeza inefável. - E o motivo das maiores alegrias também é a fonte das maiores dores.

— Compreendo - disse Data. Rikan sorriu-lhe de modo triste.

— Não, não compreende, mas compreenderá... e talvez mais cedo do que pensa. Data, você foi criado para ser o que Adrian chama de "sobrevivente". Jevsithian diz que Adrian é um sobrevivente, quer por destino ou sina, ou simplesmente por pura força de vontade. Você ouviu a profecia do vidente?

— Tais profecias não podem ser comprovadas cientificamente - lembrou Data.

— Mas se elas se cumprirem, o que acha que significam?

— Vencer mas ainda assim perder? Vencer a batalha, mas morrer, creio eu.

— É possível - disse Rikan. - Nós, seres orgânicos, também sabemos usar a lógica, Data. Na primeira vez que você viu Adrian, tentou prendê-lo. Não creio que possa se eximir desse dever. E as acusações que mencionou: assassinato, conspiração e traição, certamente são passíveis da pena de morte.

— Não há pena de morte na Federação - explicou Data. Rikan fechou os olhos e estremeceu.

— Era o que eu temia. Encarceramento, então, pelo resto da vida.

— Confinamento a uma colônia de reabilitação - disse Data. - Somente

assim ele poderá ser curado de seu desvio.

— O nome não faz diferença. Você não conhece Adrian tão bem quanto eu. Perder a liberdade é muito pior que a morte para alguém como ele. E este, creio eu, é o motivo por que o vidente disse que ele venceria a todos, o que traz bons augúrios para Treva, mas depois perderia.

Os velhos olhos brilhantes se abriram novamente, olhando para Data com uma pergunta dentro deles.

— Lorde Rikan - disse o andróide, - por favor, não me peça isso. Apesar de todo o bem que fez desde então, Darryl Adin traiu, um dia, tudo aquilo que dizia acreditar. Se eu negligenciar a oportunidade de levá-lo à justiça da Federação... estarei fazendo exatamente o mesmo que ele.

Tasha Yar passou os dois dias que se seguiram em companhia de Darryl Adin, com o velho companheirismo novamente despertado, enquanto planejavam como substituir a tia na transportada para as cidades de Treva por barris de placebo. Com as rotas e horários fornecidos por Data, era uma operação simples: quando cada caminhão parasse e o motorista o deixasse para comer uma refeição, ele seria cercado por vários veículos semelhantes, que o esconderiam daqueles que o vigiavam, enquanto a carga seria rapidamente removida e substituída por placebo contido em recipientes idênticos. Os motoristas dos outros veículos, todos trevanianos do território de Rikan, distrairiam seus companheiros de estrada, enquanto a troca era feita. Sdan, Poeta, Aurora e Pris providenciariam os meios para enganar ou incapacitar os radares dos veículos. Seria brincadeira de criança, como Data havia dito, com os dados, equipamento e perícia que eles tinham.

Por volta da hora do jantar do segundo dia, tudo fora cumprido sem incidentes, todos estavam de volta ao castelo de Rikan e havia um bom humor reinante.

Yar e Data, naturalmente, não puderam participar da ação. Enquanto Yar esperava pela volta de Dare, sabia que havia tomado uma decisão. Dare devia ter previsto o que Data e ela fariam, e certamente já elaborara um plano para sua fuga, assim que a missão em Treva fosse cumprida. Apesar de não poder, em sua consciência, deixar que ele escapasse, ela nada faria para antecipar sua fuga. Simplesmente confiaria em sua capacidade de planejar algo tão excepcional quanto a armadilha que armara para Data.

O andróide, enquanto isso, estava muito mais quieto que de costume. Com a sala de planejamento praticamente vazia, ela sentia falta da conversa amigável que tiveram no caminho até o planeta. *Ele suspeita*, pensou ela, sombriamente. *Será que acha que vou até mesmo ajudar Dare a fugir?* Mas ela não podia perguntar. Era melhor deixar que Data se preocupasse com a

lealdade dela, do que planejar um ardil para evitar que Dare escapasse.

Depois do jantar, a sala de visitas de Rikan ficou cheia de gente para continuar a comemoração. Isso fez com que ficasse mais fácil para Dare e Yar escaparem para o balcão, e dali para longe do barulho, até a sala de musica de Rikan, onde já tinham estado juntos uma vez. Como o resto do castelo, a sala preservava a atmosfera e os móveis antigos, enquanto a tecnologia moderna fornecia a excelente aparelhagem de som, que era ligada com o toque de botões escondidos dentro de uma pequena caixa laqueada sobre uma das mesas.

Dare programou uma musica suave e tranqüila, e os dois ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Por fim, Dare disse:

— Quero que venha comigo, Tasha.

— O quê? - perguntou ela, assustada, temendo que Dare lhe estivesse pedindo para fugir com ele.

— Quando atacarmos, daqui a três dias... quando o efeito da droga se dissipar e organizarmos o levante contra Nalavia. Quero que esteja a meu lado.

— Não posso - disse ela, secamente. - A Primeira Diretriz...

— Tasha, este planeta pediu a ajuda da Frota Estelar! Dê a ajuda que eles precisam!

— Nós fomos chamados para combater *você*.

— Isso vai mudar, assim que a mente das pessoas estiver funcionando claramente de novo. Se ficarmos aqui apenas observando, você virá comigo assim que o povo se rebelar contra Nalavia?

— Acha realmente que uma pessoa vai fazer tanta diferença, Dare? Ele pôs as mãos nos ombros dela e fitou-a dentro dos olhos.

— Você fará muita diferença para mim - disse ele suavemente... e a beijou, desta vez de modo muito gentil e terno, esperando pela reação dela.

Ela não conseguiu se conter. Sofregamente, pôs os braços em torno de seu corpo forte e o abraçou.

— Isto não vai durar, Dare - sussurrou ela, com firmeza.

— Eu sei - respondeu ele brandamente, alisando-lhe os cabelos. - Tasha, eu conheço você. Estaria errado se lhe pedisse para abandonar a vida que você construiu em troca de uma existência do tipo mate-ou-morra de um fora-da-lei. Não vou lhe pedir isso, eu prometo. Mas vou lhe fazer uma única pergunta: ainda acha que sou culpado? Ainda acha que eu a traí?

— Não - respondeu ela. - Nunca acreditei completamente nisso, Dare. Não sei como pôde haver tantas evidências contra você... mas sempre soube que o homem que eu amava não podia ter feito aquilo.

Ela sentiu que ele relaxava sob seus braços. Então, Dare a beijou de novo, ternamente, e murmurou:

— Pode ser que nunca nos vejamos de novo.

— Sei disso. Mas não vamos pensar nisso agora. Temos três dias, Dare... algumas pessoas nunca tiveram tanto tempo.

Ele sorriu, daquele modo maravilhoso, cálido e doce que ela lembrava tão bem, e estendeu-lhe a mão. Ela a tomou, decidida a aproveitar bem o que tinha no momento, deixando que o futuro cuidasse de si mesmo.

Se para Tasha Yar a vida era maravilhosa, mesmo que temporariamente, para o tenente comandante Data ela estava sendo dolorosamente confusa. Sua conversa com o suserano Rikan fizera-lhe questionar se possuía os sentimentos que o ancião lhe atribuía. Será que sua preocupação com o comportamento de Tasha provinha daquele nobre tipo de amor fraternal que Rikan lhe tinha atribuído?

Ou será que em, sua busca pela compreensão do espírito humano, ele tinha tropeçado na baixa e degradante emoção da inveja?

Data sabia como os livros definiam todos esses termos, mas isso pouco o ajudava, quando encarava a realidade humana. Ele percebeu que Tasha desaparecera com Adin, na segunda noite... e que apareceram juntos para o desjejum, bem arrumados e muito descontraídos... e um pouco contentes demais.

A dúvida com relação a seus próprios sentimentos fez com que Data ficasse calado pela maior parte do dia. Além disso, Tasha estava constantemente ao lado de Adin e o que queria dizer a ela devia ser dito em particular.

Por fim, quando as pessoas começaram a sair a fim de se vestirem para o jantar, Data conseguiu dizer:

— Tasha, posso falar com você?

— Claro, Data. Venha até o meu quarto.

Quando eles entraram, Tasha fechou a porta e tirou a jaqueta leve do traje que estava usando, pendurando-a no cabide.

Por um momento aterrorizante, Data pensou que ela iria trocar-se na sua frente. Seria uma maneira de dizer: " Você não passa de uma peça de maquinário que eu poderia ter em meu quarto." Mas ela não o fez. Em vez disso, apontou-lhe a única cadeira do quarto e sentou-se na cama.

— Acho que sei o que lhe preocupa, Data... e digo que não é necessário. Não vou deixar que meus sentimentos por Dare interfiram com meu dever.

— Era realmente essa a minha preocupação - disse ele, agradecido por ela ter abordado naquele assunto desagradável. - Contudo, em seus planos de

observar a revolta esperada contra Nalavia, pergunto-me se levou em consideração o que acontecerá quando a rebelião terminar e a paz for restaurada.

— Data - disse ela, no seu modo característico de demonstrar total racionalidade. - Não tenho quaisquer planos de me tornar uma fora-da-lei e me juntar ao bando do Paladino Prateado.

— Não achei que tivesse - respondeu ele. - Estava me referindo ao dever que precisará cumprir, assim que restabelecermos contato com a Frota Estelar.

Ela riu.

— Se você acha que conseguirá prender Dare, pode tentar. Data nunca se deparara com uma situação como aquela.

— Está me dizendo que não vai nem tentar?

— Estou dizendo que não acho que nem eu nem você teremos sequer a chance de tentar, Data. Dare não vai se deixar ficar tanto tempo por aqui.

— Mas, se ficar? - insistiu Data.

— Ele não vai ficar - disse Tasha com firmeza e levantou-se, como se quisesse dar por encerrada a conversa.

Data também pôs-se de pé.

— Eu quero fatos e não a sua opinião, tenente. Se tiver a oportunidade de prender Darryl Adin e levá-lo de volta para a Federação, você o fará?

Os olhos de Tasha faiscaram e ela enrijeceu o queixo.

— Está usando sua superioridade hierárquica para me coagir... *comandante!*

— Será que preciso fazer isso... Tasha?

Ela o encarou com firmeza por um instante. Então, seus lábios tremeram e Data viu uma lágrima no canto dos olhos de Tasha.

— Não precisava me perguntar, Data. Sim, maldito seja você... se chegarmos a isso, eu cumprirei o meu dever. Mas sei que isso não vai acontecer... Dare nunca vai deixar que isso aconteça.

Data a deixou, então, sentindo-se aliviado. A palavra de Tasha valia. Por que, então, ele se sentia particularmente culpado por certificar-se de que o homem que ela amava seria preso?

O dia foi ocupado com o planejamento da tomada das estações de rádio e vídeo, que seria realizada assim que o povo de Nalavia se libertasse da droga hipnótica, para evitar que Nalavia institísse a lei marcial. Yar começou a se maquiar, preparando-se para vestir um diáfano vestido azul e lavanda que Pris havia lhe emprestado para usar em lugar do vestido dourado, naquela

noite.

Ela considerava os jantares formais de Rikan um costume pitorescamente antigo, um agradável contraste com o trabalho altamente tecnológico do dia. Escovou o cabelo curto, inclinando-se para afofá-lo. O cabelo de Dare estava mais comprido que o seu, mas ele nunca se importou com o corte curto que ela usava. Desde a infância, ela tinha sempre mantido o cabelo curto para evitar que alguém que a atacasse tivesse muito o que agarrar. E Dare, felizmente, nunca ficou "imaginando como ela ficaria se..." como todos os outros homens que ela havia conhecido. Com exceção de Data, naturalmente.

Pobre Data. Ele estava realmente preocupado com a possibilidade de ela estragar toda a vida por causa de Dare. Não que ela não se sentisse tentada, mas sabia que seu amado aceitava sua decisão.

Se apenas houvesse um meio de provar a inocência dele. Mas não havia. Ela se lembrava da corte marcial, como se tivesse acontecido no dia anterior. Havia evidências inequívocas demais para serem refutadas, especialmente depois de passado tanto tempo.

Portanto, ela faria o que tanto a vida quanto a sua carreira na segurança da Frota Estelar lhe haviam ensinado: planejar o futuro e viver o presente. Naquela noite, ela e Dare poderiam escapar para o quarto dele novamente e fingir que nada mais existia além do amor e dos risos.

Yar olhou para o espelho e ficou satisfeita com o que viu. Ela não conseguia definir exatamente. Ela *se sentia* bonita, não importando como o restante do mundo a visse. Teria apenas que vestir aquele vestido novo e...

— *Alerta! Alerta! Aeronaves se aproximando! Todos para os postos de combate!*

Com o alerta soando pelos corredores, Yar largou o vestido azul e lavanda e vestiu novamente a túnica simples e as calças que tinha usado o dia inteiro. Somente quando se viu no corredor é que se lembrou que ela *não tinha* um posto de combate.

Algumas portas adiante, Data saiu de seu quarto, vestindo o uniforme da Frota Estelar.

— A sala de planejamento - disse ele. Desceram correndo para o meio de um caos altamente organizado.

Armários que tinham estado fechados até então estavam abertos. Poeta e Pris entregavam armas de aspecto formidável aos criados de Rikan. Sdan estava no painel do computador e a tela mostrava uma representação esquemática do castelo e de seus arredores.

Dois campos de força brilhavam suavemente, um em volta do próprio castelo e outro a várias milhas dali.

— Escudos? - perguntou Yar. Era impossível que tivessem qualquer coisa parecida com os escudos de uma nave estelar, a menos que tivessem um gerador de matéria/anti-matéria escondido debaixo do penhasco.

— O interno, sim - respondeu Sdan. - O externo é um gerador de estática que vai desarranjar completamente os controles das aeronaves. Bons pilotos conseguirão voar usando apenas o controle visual, mas o computador de bordo não irá funcionar. Eles terão que disparar as armas manualmente.

— Mas, vocês têm mesmo um escudo em volta do castelo? Pris entregou a última das armas e aproximou-se.

— Um escudo de baixa intensidade - respondeu ela. - É alimentado por baterias e durará cerca de meia hora contra o tipo de armas que essas aeronaves possuem. Tentaremos repeli-los antes disso.

Ela entregou um potente rifle phaser para Yar e outro para Data.

— Se as defesas externas funcionarem, não precisam se envolver. Mas se elas falharem e algumas aeronaves de Nalavia conseguirem passar pelo escudo, é melhor estarem preparados para se defender!

Dez

O Tenente Comandante Data viu que Pris Shenkley estava com a razão.

— Onde podemos ajudar? - perguntou ele.

— Junte-se a Dare na muralha superior - respondeu ela. - Aqueles canhões podem derrubar uma aeronave militar padrão, se ela não o acertar primeiro.

— O sabotador de sensores está funcionando em todos os lugares dentro do perímetro de defesa externo? - perguntou Tasha.

— Sim. Nosso próprio computador está protegido, naturalmente. Nossas armas antiaéreas devem derrubar a maioria das aeronaves...

— Pris! - gritou Sdan.

Todos se voltaram para a tela, que mostrava algo que definitivamente não se tratava de uma aeronave, cruzando o céu através das defesas externas.

— Um míssil ! - exclamou Pris. - Lançar contra-ataque.

— Já foi lançado - respondeu Sdan, assim que outro ponto de luz foi disparado do abismo ao lado do castelo, indo de encontro ao míssil que se aproximava. Segundos depois, a tela mostrou a explosão causada pelo impacto dos dois projéteis. O castelo foi abalado pelo estrondo.

— Nalavia nos enganou - disse Poeta. - Nossos melhores planos...

— Vocês não levaram em consideração a possibilidade de um ataque? - interrompeu Data.

— Um ataque, sim - disse Pris. - Mas se ela está usando mísseis, então não se importa de destruir a todos no castelo. Isso inclui a equipe de investigação da Frota Estelar!

Aurora juntou-se a eles.

— Mísseis! Nalavia ficou louca. Como podemos planejar uma estratégia contra uma mulher insana?

— Mas vocês *têm* armas para contra-atacar - lembrou Tasha.

— É claro. Estamos preparados para uma guerra total. Mas não esperávamos que acontecesse com vocês aqui - disse Aurora. - Pensávamos que Nalavia tentaria resgatá-los, não destruí-los.

— Foi a minha mensagem para a *Enterprise* - disse Tasha. - Dare disse que ela acusaria nosso paradeiro. Mas era óbvio que se a estávamos enviando tão repetidamente, precisávamos da sua colaboração. Nalavia deve ter pensado que passamos para o seu lado. - Apertou a arma até ficar com os nós dos dedos brancos. - Droga! Devíamos ter enviado a mensagem apenas uma vez.... Ela poderia ter passado despercebida.

— É muito tarde para se lamentar - disse Sdan. - Assim que aquele escudo cair, estaremos a um braço de distância das tropas de Nalavia. - Isso queria dizer que o escudo do castelo não resistiria a um ataque total.

— Nalavia entrou em contato com vocês? - perguntou Data. - Ela fez qualquer exigência para uma rendição?

Sdan golpeou o painel de comunicações.

— Nenhuma. Mas... ela parou de interferir com a frequência de comunicações da Frota Estelar. É claro... ela precisa de toda a energia para enviar suas próprias comunicações através da interferência que *nós* estamos causando.

Tasha deu um salto. Inclinando-se sobre Sdan, rapidamente programou o painel na frequência de emergência da Frota Estelar. O vulcanóide não fez nenhuma tentativa de impedi-la.

— Aqui fala a tenente Tasha Yar, de Treva, para qualquer nave da Frota Estelar. O tenente comandante Data e eu estamos sob ataque, nestas coordenadas. Prioridade de emergência... repito, equipe de investigação da Frota Estelar sob ataque. Qualquer nave da Frota Estelar, por favor, responda!

Não houve resposta... mas poderia levar de minutos a horas até que a mensagem alcançasse a nave da Frota Estelar mais próxima de Treva.

Houve mais explosões de mísseis chocando-se contra antimísseis. Uma clarão de sobrecarga da tela iluminou a sala de operações, quando um míssil conseguiu passar e destruiu o escudo.

— Temos que subir para a muralha superior - disse Data. - Vão precisar de todos nós, lá.

— E se houver uma resposta da Frota Estelar, não ficaremos sabendo - disse Tasha, desligando a estática que passou a chiar, assim que a interferência voltou a bloquear as frequências da Frota Estelar.

Adin, Barb e os telaritas já se encontravam na muralha, portando armas semelhantes às que Pris havia entregado a Data e Tasha. A primeira aeronave se aproximou, disparando as armas.

O fogo antiaéreo iluminou o crepúsculo e as primeiras aeronaves foram derrubadas antes de alcançarem as defesas internas.

Então, uma nave conseguiu passar. Adin fez mira... Com uma rápida rajada, ele a fez explodir em chamas e cair no abismo.

Mas outras vieram em seguida, em sucessivas leva, localizando os canhões no abismo pelo rastro de luz, bombardeando-os e castigando-os.

Os seis que se encontravam na muralha estavam deitados de braços, protegidos de todo fogo vindo de baixo. Esperavam conseguir derrubar todas

as aeronaves, antes que elas sobrevoassem o castelo.

Um porta-tropas subitamente emergiu do meio de uma nuvem de aeronaves, disparando as armas enquanto tropas blindadas desciam na muralha inferior!

— Estamos em inferioridade numérica - disse Data, sem parar de atirar, derrubando dois soldados enquanto falava.

— Não, se os cidadãos forem mobilizados! - disse-lhe Barb, derrubando mais três com igual eficiência.

Adin tocou sua insígnia.

— Sinalize a retirada! Voltem para dentro até que...

— Dare! - gritou Barb.

Adin rolou pelo chão, bem a tempo de juntar seus disparos aos de Barb contra uma silenciosa nave antigravitacional que havia dado a volta, enquanto estavam ocupados com o porta-tropas. Ela passou por cima deles, disparando suas armas.

Todas as seis armas dispararam contra a sombra ameaçadora. Ela soltou fagulhas, mas continuou avançando!

— Corram! - gritou Barb.

Eles haviam destruído os controles de navegação da nave.

Data viu o rosto em pânico do piloto através do pára-brisa enquanto a nave seguia, fora de controle, em rota de colisão com a muralha do castelo!

Os telaritas arrastaram-se para a estreita escada. Data estendeu o braço e agarrou Tasha que, sem reclamar, deixou-se ser lançada na direção da escada, aterrissando perfeitamente no degrau superior.

Data voltou-se a tempo de ver Adin derrubar sua arma e agarrar Barb pela cintura, tirando o corpo dela da linha de fogo dos canhões de bombordo da nave, que continuavam disparando impassíveis em sua rota para a morte.

Mas havia outro som além daqueles canhões...

Data voltou-se rapidamente, atirando contra outra aeronave que atacava os três que ainda estavam nas muralhas!

Pulou para o lado, deu um giro no ar e mergulhou em direção dos outros dois para desviá-los da linha de fogo que vinha sendo desenhada no telhado.

Atingindo-o com todo o seu peso, Data tirou o fôlego de Adin, mas não havia tempo para boas maneiras. Ao cair, Adin arrastou Barb para baixo. Ela rolou no chão e ergueu-se atirando...

A nave danificada chocou-se atrás dela.

O mundo explodiu em chamas. Data arrastou o semi-consciente Adin para a escada e voltou-se para Barb...

Ela foi arremessada contra os seus braços, espirrando-lhe sangue, ao ser feita em pedaços por estilhaços da nave.

A muralha começou a ruir quando o fogo da nave cedeu.

Data voltou-se, encontrando Adin lutando para erguer-se de joelhos, e viu Tasha subindo os degraus para ajudá-lo.

— Tasha! Volte! - gritou Data, deixando cair o corpo de Barb e agarrando Adin pelo braço enquanto corria em direção da escada, arrastando-o consigo. Empurrou-o na direção de Tasha, que agarrou-lhe o outro braço. Os três correram pela estreita e sinuosa escada, perseguidos pelo estrondo da explosão da nave.

A escada tremeu. Poeira e escombros caíram sobre eles. Os dois humanos estavam tossindo e engasgando ao entrarem no corredor de pedra. Turuk e Gerva estavam esperando.

— Onde está Barb? - perguntou Gerva.

— Morta - disse Tasha. - Depressa, o teto está ruindo!

Com o sinal de retirada soando-lhes nos ouvidos, encontraram outro lance de escadas que os levaram mais para baixo. Encontraram cinco soldados de Nalavia com armadura no final da escada. Somente os telaritas estavam armados, mas não precisaram de ajuda. Armas desenhadas para perfurar o casco de uma nave podiam cortar a armadura de soldados como manteiga. Sem querer, acabaram destruindo uma pesada mesa de madeira que estava atrás dos soldados e fizeram um grande rombo na parede. Felizmente, nenhuma estrutura de sustentação foi danificada.

Data e Tasha seguiram os telaritas, pois os dois membros da Frota Estelar não sabiam onde ficava a área destinada à retirada no castelo de Rikan. Darryl Adin não disse nada, apenas seguiu ao lado de Tasha, deixando que Data cobrisse a retaguarda.

Mas, na sala de planejamento, Adin foi direto para a tela, onde Aurora estudava uma representação esquemática.

— Relatório - disse ele.

Pris veio de outra direção, olhou para Data e exclamou:

— Você está ferido!

Ele olhou para si mesmo e viu o verde dourado de seu uniforme manchado de sangue humano.

— Não - disse ele e lembrou-se de que o pessoal de Adin era tão unido quanto a tripulação da ponte da *Enterprise*. - Sinto dizer-lhe que este é o sangue de Barb. Ela foi morta nas muralhas.

Adin voltou-se.

— Eu também teria morrido, se não fosse por você. - Disse ainda: - Barb morreu lutando. Era o que sempre quis. Vamos fazer tudo para que sua morte não tenha sido em vão. Onde está Rikan?

— Aqui - ouviu-se a voz do suserano. Como todos, ele tinha sido apanhado pelo ataque quando estava se vestindo para o jantar. Vestia uma elegante camisa rendada e calças com vinco perfeito, sem túnica ou casaco. Um dos ombros da camisa estava rasgado, com gotas de sangue manchando o branco impecável, e havia uma equimose no rosto do suserano. Mas, como Data, ele estava manchado com o sangue de outra pessoa. A faca que trazia ao cinto fora limpada, mas ainda apresentava nódoas, testificando de onde viera o sangue.

— Jevsithian - chamou Adin.

— Estou aqui. - O vidente estava sentado num canto distante, sem se deixar perturbar pela atividade.

— Poeta.

— Ensangüentado, mas ainda de pé. - Ele estava sentado em uma mesa preta, limpando os óculos enquanto alguém tratava do corte em sua testa.

Depois de ver quantos restaram de seu pessoal e suas condições, Adin pediu que Rikan verificasse seus homens, voltando-se, então, para a tela. De repente, Sdan disse:

— Aí vem eles!

Todos correram para perto da tela enquanto a representação esquemática do castelo encolhia para visualizar os arredores do castelo.

De três direções diferentes, os homens de Rikan avançavam a pé, em carros de combate e em aeronaves. Eles podiam morar no campo, mas não eram fazendeiros primitivos armados com foices e forcados. Pequenos pontos de luz indicavam a presença de phasers, desintegradores e armas de percussão.

— Onde conseguiram todas essas armas? - perguntou Tasha.

— Eles apenas conseguiram mantê-las - respondeu Rikan. - Nalavia tentou desarmar todos os cidadãos de Treva, mas os habitantes do campo se recusaram a entregar as armas. O motivo por haverem demorado tanto foi terem guardado as armas desmontadas, para que não fossem descobertas pelos soldados de Nalavia, misturando as peças com o maquinário e as ferramentas agrícolas.

— Idéia sua, Dare? - perguntou Tasha.

— Não - respondeu Adin. - Uma das razões por que me dispus a aceitar esta tarefa foi que essas pessoas estavam dispostas a lutar suas próprias batalhas. Tudo que precisavam era a orientação de alguém experiente.

— Mas não podemos lhes dar muita orientação, agora - disse Aurora. Data percebeu frustração em sua voz.

— Ainda podemos liderá-los - disse Rikan, caminhando para a porta.

— Aonde pensa que vai? - perguntou Adin. - Você nos contratou para protegê-lo.

O suserano parou, voltou-se e encarou o homem do alto de sua imponente estatura.

— Não, senhor. Eu os contratei para que nos ajudassem a lutar contra Nalavia. - Rikan podia ser idoso, mas não tinha perdido nada de sua nobreza. - Um suserano trevaniano não se esconde enquanto outros lutam as suas batalhas.

— E se Nalavia conseguir matá-lo, quem reunirá o povo para opor-se a ela? -disse Adin, em tom de desafio.

— Não será um covarde, pode estar certo disso - respondeu Rikan com dignidade.

— Rikan está certo - disse Jevsithian, de súbito. - Ele é o último dos suseranos de Treva, e o seu brasão será adotado como símbolo da verdadeira liberdade de Treva.

Um dos homens de Rikan, Trell, voltou-se para o vidente.

— Que está dizendo? Que meu senhor irá vencer? Ou que se tornará um mártir?

Mas o grokariano respondeu apenas:

— Vejo o que vejo: o brasão de Rikan como emblema da liberdade, ao lado do símbolo do Paladino Prateado.

Rikan colocou a mão no ombro de Trell.

— Devo liderar meu povo. Trell, se eu morrer, é porque minha hora chegou. Lutei em minha juventude nos campos de batalha. Mas, recentemente, tenho lutado apenas nos salões da política. Esta é minha última batalha. Sinto isto em meu sangue!

Rikan foi apanhar armas, enquanto Sdan relatava:

— As aeronaves rebeldes estão atacando as de Nalavia. E a infantaria de Nalavia está sendo desviada para lutar contra os soldados de Rikan. Estão se retirando do castelo. É hora de retomá-lo.

Assim, a quadrilha de Adin, Data, Tasha e os homens de Rikan começaram a abrir caminho para cima, até o castelo, passando pelos soldados de Nalavia. A insígnia de Tasha foi ajustada para a frequência de comunicação usada por Adin. Data parou e ajustou o seu comunicador, para acompanhar o desenrolar da batalha em outros locais, não apenas onde estava lutando.

Sdan deixou Aurora nas comunicações e uniu-se à luta pela retomada do castelo. Era um trabalho moroso, mesmo com a ajuda do sistema de segurança, pois era preciso identificar cada forma de vida antes de atacar, ou

acabariam lutando entre si.

Mas, finalmente, o castelo foi tomado. Uma torre e parte do andar superior estavam em ruínas, no local onde a nave antigravitacional explodiu, mas a maior parte da enorme e antiga estrutura permanecia de pé, aos primeiros raios da alvorada.

Quarenta e cinco soldados de Nalavia conseguiram entrar no castelo. Dezesseis deles estavam mortos, um deles pela faca de Rikan, no início da luta, os demais encarcerados nas celas que Data tinha suspeitado existirem ali: salas antigas, escavadas na rocha do penhasco, protegidas por campos de força que poderiam, na verdade, conter até mesmo um prisioneiro andróide.

Barb foi a única baixa na quadrilha de Adin, mas vários homens de Rikan morreram lutando, e outros estavam por demais feridos para prosseguir.

Todos os demais reuniram-se no pátio ao raiar do sol e Rikan preparou-se para sair em batalha.

O suserano resplandecia em sua armadura leve, usando o elmo que levava o seu brasão. O seu povo ergueu brados de júbilo ao verem-no entrar em sua aeronave, também decorada com símbolos de sua antiga linhagem. Não haveria dúvidas a respeito de quem aquela nave levava... nem para o povo de Rikan, nem para Nalavia.

A batalha prosseguia do outro lado do abismo, com soldados e aeronaves empenhadas em uma luta até a morte.

Mas como podiam Rikan e Adin esperar vencer, perguntou-se Data. Nalavia poderia enviar novas tropas contra eles até bem depois de suas tropas estarem exaustas.

Ele não vira nenhuma arma no depósito de Adin que pudesse destruir uma cidade inteira. Não que tais armas fossem de livre acesso ao público, mas ele não tinha dúvida que fora apenas por escrúpulos morais que aquele estranho grupo de mercenários deixara de construí-las.

Não havia como vencer Nalavia pela força. Isso deveria ser feito com habilidade, esperteza e com o desespero do povo de Rikan, que lutava por suas próprias vidas, lares e famílias.

Quando Rikan partiu, Adin e Poeta subiram em uma pequena e elegante aeronave de combate, os telaritas em outra, e Sdan e Pris em uma terceira, alçando vôo para escoltá-lo. Data voltou-se para Tasha, que ficou olhando-os partir com uma expressão de anseio.

Naturalmente, mesmo tendo adotado a filosofia da Frota Estelar de que ser forçada a lutar era em si mesmo uma derrota, toda batalha era um apelo a seu sangue. Data observou as aeronaves voando em direção à frente de batalha.

— Não há mais nenhum veículo.

— Temos a nossa nave auxiliar - disse Tasha.

— Ela não foi feita para combates - disse ele. A nave não dispunha de armas e como fora construída para navegar no espaço profundo, era impossível abrir as vigias para disparar com armas convencionais.

Mas, então, Data lembrou-se.

— Temos a aeronave que roubei para chegar até aqui. Deve estar ainda no lugar onde a escondi.

Tasha olhou para ele, divertidamente surpresa.

— Você *roubou* uma aeronave?

— Era muito longe para vir andando - disse ele com sinceridade, e ficou ainda mais perplexo ao ver que algo que dissera com toda a seriedade provocara gargalhadas em um ser humano.

Mas Tasha não lhe deu tempo para ponderar as esquisitices do humor.

— Vamos procurá-la! - disse ela, mas correu para os fundos do castelo, ao invés da estrada.

— Aonde...?

— Armas!

Os leves rifles phaser que haviam recebido para vasculhar o castelo eram inadequados para um combate aéreo.

As armas pesadas estavam dentro do castelo, limpas e recarregadas, depois das atividades da noite. Cada um deles apanhou uma, além de munição extra. Ninguém os questionou quando partiram a pé pela estrada.

Data não podia pedir a Tasha para descer o penhasco do modo como ele o havia escalado, portanto, tiveram que fazer uma longa caminhada até a aeronave escondida. Quase duas horas mais tarde, sobrevoaram o abismo rumo a uma batalha que não dava sinais de diminuir de intensidade.

Tasha Yar deixou que Data pilotasse, confiando em seus sentidos de andróide para evitar as árvores, montanhas e outras aeronaves, quando mergulharam sob uma nave militar para que Tasha pudesse atingir seus vulneráveis motores de empuxo.

Ela atingiu o motor esquerdo, fazendo com que a nave girasse violentamente.

— Acertei! - exclamou ela, enquanto Data os levava para cima e para longe da explosão.

Sobrevoaram rapidamente um lerdo porta-tropas e voaram ao lado de um caça brilhante. Data conseguiu de alguma forma manter a desajeitada nave civil emparelhada, enquanto Tasha acertava o surpreso piloto e o canhoneiro.

Quando voaram para longe, sentindo a força da gravidade pressionando-

a contra o assento, Yar riu bem alto.

— Data, você nasceu para isso! É o único homem que quero ter como meu piloto em um combate aéreo. Nunca pensei que participaria de um combate, fora dos simuladores de treinamento! Veja! Lá está Rikan. Dê a volta a estibordo... acerte as aeronaves que estão se aproximando dele!

— Tasha, você está bem? - perguntou Data.

— É claro que estou bem. Estamos nos saindo muito bem! Vamos pegar aquele grandão ali... Não estou gostando daqueles canhões lançadores de torpedos.

— Mire nos motores ou no leme, por favor - disse o andróide. - Não há por que tirarmos vidas se...

— Droga, Data, eles estão atirando em *nós!* - disse-lhe Tasha, incomodada com a falta de entusiasmo. Fazia muito tempo que não entrava em ação e, como as forças de Nalavia haviam atacado primeiro, estava apenas agindo em defesa própria. Mas a Frota Estelar consideraria uma derrota ela ter sido obrigada a lutar. Ora, eles haviam *tentado* deixar que os trevanianos decidissem por si mesmos. Não era culpa dela que Nalavia tivesse lançado um ataque antes da droga ser eliminada do corpo dos trevanianos.

A grande aeronave apontava um foguete explosivo contra a nave de Rikan. Se acertasse, seria o fim do suserano.

Dois dos caças de Dare estavam se posicionando para interceptá-la... Yar não podia saber qual deles levava o próprio Paladino Prateado.

Ela e Data fizeram uma curva para estibordo. Um grito de triunfo partiu da garganta de Yar quando a habilidade sobre-humana de Data fez com que a nave se comportasse perfeitamente como um aparelho construído para o combate.

A nave não tinha controle inercial. Yar foi jogada contra o encosto, quando a nave se elevou e rodopiou, ficando ainda mais excitada. Fazia muito tempo que não sentia a adrenalina tão alta. Disparou contra o aparelho que tentava alcançar a nave capitania de Rikan.

Rikan estava atirando também, assim como as naves de Dare, e manobrava em ziguezague, mantendo ocupados os canhoneiros que tentavam seguir os movimentos de sua nave. O piloto do suserano era bom, observou Yar com a visão periférica, enquanto mudava de curso para não se tornar um alvo.

As comunicações estavam abertas, mas Yar prestava pouca atenção, até que lentamente uma série de exclamações entusiasmadas começou a pontuar as tensas transmissões das ordens.

— Estão batendo em retirada! *Quem* estava batendo em retirada?

O pensamento se perdeu na explosão de um foguete que quase destruiu-lhes o pára-brisa.

Data inclinou a aeronave, fazendo-a ranger, desviando-se de um foguete que passou raspando, lançado de outro aparelho.

O rádio grasnou:

— As tropas de solo estão recuando!

Mas a atenção de Yar estava voltada para a segunda nave pesadamente armada que tentava derrubar o pequeno caça que perseguia sua companheira, para que ambas pudessem ir atrás de Rikan.

— Rikan, recue! - soou a voz de Dare.

Data deu a volta velozmente e rumou direto para o meio do combate, mas...

— Estamos perdendo o controle do leme - disse ele.

No mesmo instante, uma das grandes naves lançou um foguete contra Rikan, que rumava diretamente para o alvo!

Yar e Data estavam perto o suficiente para ver o empuxo dos motores, quando o piloto tentou sair da linha de fogo, mas a nave capitania não tinha a velocidade das naves menores.

O foguete acertou a nave capitania a bombordo, abrindo um rombo na fuselagem e fazendo-a a cair em espiral.

— Rikan foi atingido! - soou a voz de Poeta no rádio.

Imediatamente, as naves convergiram e teve início um vale-tudo. As naves de Nalavia tentavam acertar o tiro de misericórdia e as de Rikan tentavam proteger a nave que caía.

— Tasha - disse Data, com voz alta o suficiente para se sobrepor ao barulho da batalha, mas sem ser afetada pela tensão. - Forcei demais esta nave... os sistemas vão entrar em colapso dentro de dois minutos.

— Siga Rikan para baixo! - instruiu ela e bateu no rádio: - Aqui fala Yar. Data e eu vamos seguir Rikan e protegê-lo no solo. Nossa nave está danificada.

— Tasha?! - soou a voz de Dare.

— Sim. Não estamos feridos.

Data lutou com os controles enquanto a nave dava guinadas e corcoveava, mas conseguiu de alguma forma seguir a nave capitania que caía em espiral. Esta, por fim, atingiu o solo, virou de lado e chocou-se contra uma fileira de árvores, terminando por parar com um estremecimento. Ele apontou a nave para a clareira formada pela outra nave e com sua força de andróide manteve-a no curso até que aterrissaram, de modo rude porém

seguro.

Desataram os cintos de segurança, apanharam as armas e correram até a nave capitania.

Uma nave militar mergulhou atirando.

Yar e Data jogaram-se no chão e atiraram. Um de seus disparos provavelmente atingiu o gerador de potência, pois a nave explodiu, fazendo uma chuva de destroços cair sobre eles.

Data jogou-se sobre Yar.

Uma peça flamejante atingiu as costas do andróide, fazendo-o cair com todo o peso sobre Yar. A julgar pelo modo como Data se movia, Yar só se lembrava de quanto ele pesava em situações como aquela, quando pensou que suas costelas fossem se quebrar. E bem que poderiam, se ele não tivesse se erguido imediatamente, empurrando os destroços para o lado.

O uniforme de Data pegou fogo!

— Role no chão! - disse Yar, antes que ele se apercebesse da situação.

Ele não questionou a ordem, pois já devia estar sentindo o calor, e em segundos o fogo estava apagado. Yar o tocou. O material estava chamuscado mas:

— Minha pele não foi lesada - disse ele.

— Você não se importa se eu verificar por mim mesma, mais tarde?

— Não. Mas agora precisamos alcançar Rikan.

Acima deles, a batalha prosseguia. Yar deixou Data ajudá-la a subir nas árvores quebradas. Data, Worf e os vulcanos com quem trabalhava eram todos fisicamente tão mais fortes que ela, que era absurdo fazer objeções a tais auxílios. Mas, seus colegas humanos do sexo masculino tinham aprendido a não lhe oferecer ajuda, a menos que ela pedisse.

Quando chegaram à nave capitania abatida, dois de seus ocupantes se arrastaram para fora. Nenhum deles era Rikan.

— Onde está Rikan? - perguntou Yar.

— Lá dentro - disse um dos homens. - Está ferido, mas não mortalmente. Trell pode cuidar dele.

— Vou entrar - disse ela.

A nave tinha aterrissado de lado, deixando uma porta inacessível e outra no alto. Yar escalou a escorregadia asa aerodinâmica, que não fora desenhada para se caminhar sobre ela, e escorregou para dentro da cabine inclinada.

As luzes funcionavam, mas o painel de controle estava amassado e inoperante.

Rikan estava deitado no que tinha sido a parede lateral da nave, mas que

passara ser o piso. Trell estava agachado a seu lado.

— Rikan? - perguntou Yar. - Está muito ferido?

O elmo havia sido removido e seu companheiro estava tirando a armadura da perna esquerda. Apesar de pálido, o suserano esboçou um sorriso.

— Natasha. Não é nada. Apenas uma perna quebrada. Quantas vezes um guerreiro tem seus ossos quebrados, em sua longa vida? Vai sarar. Trell rasgou a calça de Rikan. Yar não viu sangue. Mas seria difícil tirá-lo dali.

Soaram tiros fora da nave. A sombra de outro atacante passou por cima deles.

Yar voltou-se, tocando a insígnia-comunicador.

—Data?

— Uma aeronave pequena. Não acho que voltará para enfrentar quatro armas. Mas haverá outras.

— Temos que tirar Rikan da nave - disse ela. - É um alvo muito fácil.

— Vou ajudá-la.

Não foi difícil para Data entrar na nave, mas percebeu o problema imediatamente.

— Posso carregá-lo para fora, senhor - disse para Rikan - mas não sem correr o risco de piorar a fratura. Parece uma fratura limpa. Fui programado com todas as técnicas padrão de primeiros socorros e tenho força suficiente para reduzir a fratura, mas a dor...

— Posso suportar a dor. Faça-o, Data. Depois poderá imobilizá-la amarrando-a na armadura.

Trell e Tasha seguraram os ombros do ancião. Não havia como aliviar-lhe as dores, mas pelo menos Data podia fazer com que o procedimento fosse rápido. Rikan gemeu e suou frio, mas logo deitou-se respirando fundo. O abaulamento anormal desaparecera e a perna estava alinhada.

— Bom trabalho, Data - disse Tasha.

Trell e Data puseram a armadura em volta da perna machucada, amarrando-a com as tiras do cinto de segurança.

Rikan era tão mais alto que Data, que o andróide não conseguiu carregá-lo sem que a perna ficasse dolorosamente pendente. Trell e Tasha ajudaram a carregá-lo e esforçaram-se para erguê-lo até a porta.

A insígnia-comunicador de Tasha emitiu um trinado e ela a tocou.

— Que está acontecendo aí embaixo? - soou a voz de Adin.

— Rikan está ferido. Estamos tentando removê-lo - respondeu ela.

— Vou mandar uma das naves grandes descer. Nós a escoltaremos.

Deixando as comunicações abertas, ouviram exclamações de raiva quando mais naves de Nalavia convergiram sobre a nave capitania abatida de Rikan, prontas para destruí-la. Mas os homens de Rikan também estavam lá para proteger seu líder abatido. Houve grande batalha acima deles. Data disse:

— Vou sair e depois puxarei Rikan. Conseguem segurá-lo?

Trell fez que sim com a cabeça. Ele e Tasha seguraram o suserano enquanto Data subiu, equilibrou-se cuidadosamente sobre o convés escorregadio, esticou os braços para baixo, agarrou o suserano por debaixo dos braços, ergueu-o e deitou-o gentilmente sobre o casco. Voltou-se e deu a mão para Trell, enquanto Tasha arrastava-se para fora sozinha.

Outra aeronave mergulhou sobre eles. Data empurrou Rikan para a leve proteção fornecida pela porta aberta, enquanto Tasha jogava-se no chão, apanhava as armas caídas, jogando uma na direção de Data. Ela disparou contra a aeronave... mas o contra-ataque foi queimando o chão numa linha reta que estava indo bem na sua direção!

Uma das pequenas naves de Adin estava bem atrás da nave atacante, crivando-a de tiros. Fazendo fumaça, ela se manteve no curso, atirando no pequeno grupo que se encontrava na nave capitania.

Tasha pulou para cima da nave capitania. Data a agarrou pela mão e a puxou para a pequena cobertura de que dispunham, dando mais alguns disparos na nave kamikaze que se aproximava. Não havia como detê-la. Mesmo que todos os motores falhassem, a própria inércia faria com que caísse bem em cima da nave capitania.

— Tasha! Proteja-se! - soou a voz de Adin em ambas insígnias-comunicadores. Mas Tasha não era do tipo que abandona um homem que ferido sob sua proteção. Ela e Data continuaram protegendo Rikan da nave que se aproximava. Trell apanhou uma arma e se uniu a eles.

A porta os protegeu por alguns segundos. Os disparos ricochetearam sem penetrar. A aeronave passou por cima deles e o canhoneiro da popa os viu e começou a disparar...

Trell caiu bruscamente, empurrando Tasha na direção de Data.

Tasha deu um grito quando seus pés perderam o apoio no casco escorregadio. Data a agarrou antes que caísse da beirada.

A aeronave continuou seu rumo inevitável e chocou-se com as árvores numa terrível explosão.

— Tasha? Tasha... estou indo em sua ajuda! - soou a voz de Adin.

A nave de Adin fez um pouso difícil, num trecho onde as árvores haviam sido cortadas, ao mesmo tempo em que Tasha dizia:

— Estou bem. Foi Trell.

Não havia naves se aproximando deles naquele momento. Data voltou-se... e viu Trell caído sobre o peito de Rikan. O ancião procurou o pulso no pescoço de Trell, mas as manchas de sangue nos lugares onde os projéteis saíram das costas do servo indicavam claramente que não podia haver pulso. Gentilmente, Data ergueu o corpo.

Rikan ergueu os olhos. Ele não era um homem que chorava, mas sua voz estava rouca quando disse:

— Trell trabalhou para mim por vinte anos e o pai dele já trabalhava para mim antes disso. Bons homens, leais e fiéis. E eu vivi mais do que ambos.

Adin e Poeta já estavam subindo na nave capitania. Pela primeira vez, Poeta não tinha uma citação na ponta da língua. Talvez ele reconhecesse que todos os clichês a respeito da morte tornam-se insignificantes diante da morte propriamente dita.

— Dare! - ouviu-se a voz de Sdan nos comunicadores.

— Estamos bem. Mande para cá uma aeronave que seja capaz de carregar um homem ferido.

— Uma das aeronaves de Rikan está tentando descer... mas o terreno aí é muito ruim.

— Dê um jeito!

A grande aeronave apareceu, escoltada pelo belo caça. Ela deu uma volta e finalmente conseguiu pousar não muito longe de onde Data e Tasha tinham aterrissado. Data, Adin e Poeta desceram Rikan da nave capitania e começaram a tortuosa jornada por entre as árvores quebradas, tentando não sacudir o ancião.

Tasha e os dois homens de Rikan restantes os escoltaram, com as armas prontas, mas...

— Que está acontecendo? - perguntou Tasha, desconfiadamente. - Por que não há mais naves vindo atrás de nós?

Adin tocou sua insígnia-comunicador.

— Gerva, Tuuk, relatório! Que está acontecendo?

Enquanto falavam, várias naves de guerra passaram sobre suas cabeças movendo-se a toda velocidade em direção da capital.

— Nalavia os chamou de volta! - ouviu-se a voz de Gerva. - Primeiro a infantaria e agora as aeronaves.

— Dare! - disse Tasha entusiasmada. - Isso quer dizer que ela está com problemas em seu próprio território. Nosso plano funcionou: a droga hipnótica perdeu o efeito e o seu próprio povo está se rebelando contra Nalavia!

Adin sorriu.

— Deve ser isso. Rikan... nós vamos vencer! O suserano sorriu de volta.

— Acho que tem razão, Adin. Por favor, leve-me de volta para casa para que...

— Comandante Data! Tenente Yar!

A voz que soou nos comunicadores era totalmente familiar, porém inteiramente inesperada: era Jean-Luc Picard.

— Estamos aqui, capitão. Sãos e salvos - respondeu Data. - Onde está o senhor?

— Em órbita padrão. Preparem-se para serem teleportados.

— Temos um dos líderes de Treva conosco. Ele está ferido - disse Tasha. - Não é nada sério, mas ele poderia sarar muito mais rapidamente na enfermaria do que aqui.

— Aceito sua avaliação, tenente. Transportador... - ele passou a comunicação para o operador.

— Três para subir - disse Tasha - nestas coor...

— *Quatro* para subir - corrigiu Data.

Tasha olhou para ele, perplexa, então ficou pálida como se fosse desmaiar. Mas Tasha Yar não era uma mulher que desmaiava.

— Oh, meu Deus - murmurou ela, olhando para Adin, que estava com o rosto totalmente inexpressivo.

— São três ou quatro para subir? - queria saber o operador do transportador. Engolindo em seco, Tasha apontou a arma para Adin.

Poeta fez um movimento, tentando sacar sua arma, mas Adin fez um sinal ordenando que se afastasse.

Ele continuou a olhar calmamente para Tasha. Data não se imaginava capaz de ter intuições, mas estava praticamente certo de que Adin esperava que ela o deixasse partir.

Mas, apesar de estar com os lábios pálidos e o rosto em brasa, Tasha gaguejou as palavras:

— Darryl Adin, com a autoridade de oficial da segurança da Frota Estelar, eu o prendo sob a acusação de fuga ilegal da prisão, traição e assassinato.

Onze

Atordoada demais para sequer amaldiçoar a própria sorte, Tasha Yar apontou a arma para o homem que amava. A conhecida sensação causada pelo transportador os envolveu e materializaram-se na mesma posição, a bordo da nave.

A Dra. Crusher, que acabava de entrar na sala de transporte, parou subitamente ao lado da mesa de controle.

Yar não se moveu. Dare permaneceu inexpressivo, enquanto ela ordenava:

— Equipe de segurança para a sala de transporte, acelerado. Temos um perigoso fugitivo sob custódia.

A Dra. Crusher disse para os auxiliares médicos que a seguissem:

— Levem o paciente. - Os auxiliares cuidadosamente contornaram Yar e seu prisioneiro e colocaram Rikan numa maca. Com o canto dos olhos, Yar viu que Data se inclinava para ajudar e Crusher fitava espantada a figura suja de sangue e desganhada do andróide.

— Estou bem, doutora - assegurou Data.

— Deixe que eu decida isso. Vou encaminhá-lo à enfermaria, também.

Então, saíram. As portas mal haviam se fechado, quando abriram-se novamente com um sibilo para dar passagem a Worf e outro membro da equipe de segurança, o tenente Carl Anderson.

Sem tirar os olhos de Dare, sempre com a arma apontada, Yar disse:

— Este é Darryl Adin, um fugitivo condenado por assassinato e traição. Eu o conheço e sei que é extremamente perigoso.

— Podemos cuidar dele - disse Worf com sua voz tonitruante. Worf e Anderson deram um passo adiante, com os phasers na mão. Dare subitamente pareceu pequeno e vulnerável diante do gigantesco klingon.

— Levem-no para a prisão - ordenou Yar. Então, lembrando-se da recente quebra de segurança com os klingons renegados, acrescentou: - Ele provavelmente tem armas escondidas... e foi treinado pela Frota Estelar. - O que significava que era capaz de transformar quase qualquer coisa em uma arma.

Pela primeira vez, Dare deixou uma expressão cruzar-lhe o rosto: seus lábios se retorceram num discreto esgar. Tornara-se novamente aquele homem amargo e perigoso que ela havia encontrado alguns dias atrás em Treva.

Quando Worf e Anderson escoltaram o prisioneiro para fora da sala, Yar sentiu os joelhos tremerem. Tudo que queria era sentar-se na beirada da

plataforma de transporte e chorar.

Mas aquele não era um comportamento digno de uma oficial da Frota Estelar. Endireitou os ombros, ergueu a cabeça e seguiu para a ponte, a fim de apresentar relatório ao capitão.

O tenente comandante Data foi liberado da enfermaria assim que o pessoal médico o examinou. Naquele ambiente asséptico, ele percebeu o quanto eslava sujo e mal-cheiroso. Mas, alguns segundos no chuveiro sônico da enfermaria deixaram seu corpo e uniforme em perfeitas condições, excetuando-se a marca chamuscada nas costas. Data decidiu que era mais importante apresentar relatório ao capitão Picard do que voltar ao alojamento para trocar de roupa.

Tasha tinha decidido o mesmo. Ela estava com Picard e Riker na sala do capitão, vestindo as mesmas roupas civis com que havia sido teleportada a bordo.

Até aquele momento, Data tinha evitado perguntar a si mesmo se Tasha estaria zangada com ele. Ela não parecia zangada. Em vez disso, estava pálida e um pouco rígida. Data já tinha visto humanos naquelas condições. Significava que estavam enfraquecidos por doença, choque ou ferimentos, mas decididos a seguir em frente.

Ele sabia que jamais compreenderia o impacto emocional que Tasha sofrera por ter que prender o homem que amava, mas a reação que ela exibiu deu-lhe mais dados para enriquecer seu estudo do comportamento humano.

Algo que ele preferia não ter observado.

Por um lado, admirava Tasha por ter cumprido seu dever. Por outro, apesar de ser ilógico que ela o culpasse por sua dor, ele temia que ela o fizesse.

Data acrescentou seu relatório ao de Tasha. Depois de descrever a batalha daquela manhã e a chegada inesperada da *Enterprise*, ele concluiu:

— Achamos que Nalavia ordenou a retirada de suas tropas porque precisava delas para deter a revolta dos moradores das cidades. A droga que inibe a capacidade de tomar decisões deve ter perdido o efeito.

— Creio que você está certo - disse Riker. - Parece estar havendo uma guerra civil lá embaixo. Vocês não foram enviados a Treva para desencadear uma guerra, mas para prevenir que ela ocorresse.

Tasha não disse nada. Data pensou antes de falar.

— O auxílio da Frota Estelar foi solicitado pelo que aparentava ser o governo legítimo. Contudo, descobrimos que os procedimentos legais foram corrompidos. Nalavia tem ignorado a constituição de Treva e fortalecido seu poder por meio do terrorismo. Obtive essas evidências no próprio

computador dela.

— E portanto, decidiram se unir aos rebeldes para derrubá-la do poder - disse Picard.

Data abriu a boca para protestar e a fechou novamente. A partir do momento em que as tropas de Nalavia atacaram o castelo de Rikan, não havia como negar que fora exatamente isso que ele e Tasha haviam feito. Por isso, disse simplesmente:

— Sim, senhor.

— Tenente Yar? - perguntou o capitão.

— Sim, senhor. Nalavia queria nos usar como reféns para forçá-los a destruir a fortaleza de Rikan.

— Ela devia saber que a Frota Estelar jamais agiria dessa maneira - disse Picard.

Tasha olhou para Data, então voltou-se para o capitão.

— Suponha que o plano dela surtisse efeito, senhor. Suponha que Dare... Adin... não tivesse me raptado e Data não tivesse escapado. O que aconteceria, se ela tivesse nos aprisionado e tentasse forçá-lo a agir?

— Teríamos feito tudo que estivesse ao nosso alcance para resgatá-los - respondeu Riker, sem esperar pela resposta de Picard.

— Tudo? - perguntou Tasha. Riker começou a dizer:

— Você não pensa que abandonaríamos...

— Um momento - interrompeu o capitão. - Tenente, está sugerindo...?

— Não acho que Nalavia se contentaria com um único planeta, especialmente tratando-se de um planeta com uma população tão pequena quanto Treva. Acho que ela está procurando obter poder nesta região de fronteira da Federação fazendo-nos parecer hipócritas, para que os planetas hesitem em tornarem-se membros da Federação.

Data assentiu, compreendendo subitamente.

— Nalavia arranhou a situação de modo a tirar vantagem de qualquer maneira. Se tivessem usado as armas da nave para destruir Rikan, ou se atacassem Nalavia para nos resgatar, ambas atitudes poderiam ser interpretadas como uma violação da Primeira Diretriz.

— Mas ela não contava com a capacidade de Data de entrar em seus computadores, nem com a sua fuga - disse Tasha. - E certamente não esperava que seus inimigos me raptassem.

— Se isso não tivesse acontecido, - concordou Data - eu teria demorado mais tempo para começar a suspeitar. Como pensava que Nalavia era quem tentava manter Tasha afastada de mim, não me senti impedido de violar seu sistema de segurança. Era meu dever, em favor de uma colega em perigo.

— Tudo isso será incluído no relatório final - disse Picard. - Vocês seguiram as normas de procedimento padrão... até se verem envolvidos na luta.

— Estávamos sob ataque, capitão - disse Tasha.

— É verdade - concordou Data. - Nalavia atacou Rikan porque sabia que estávamos no castelo.

— Sabíamos demais - disse Tasha. - Estou convencida de que ela pretendia que nos tornássemos vítimas de uma rebelião armada.

— Mmm - disse Picard, cocando o queixo. - Provavelmente estão certos. Mas como podemos provar? Há uma peça faltando no quebra-cabeças de Treva. E até que a encontremos, pretendo permanecer em órbita.

— Por que vieram para cá? - perguntou Tasha. - Enviamos um sinal de socorro, mas o que a *Enterprise* fazia nas proximidades?

Riker riu.

— Quando recebemos repetidas vezes sua primeira mensagem, numa frequência não pertencente à Frota Estelar, não soubemos o que pensar.

— Wesley achou que seria um código, mas não conseguiu decifrá-lo - disse Picard. - Worf achou que fora enviada por outra pessoa, para fazer-nos pensar que estavam em segurança, quando na verdade estavam correndo perigo. E Deanna... simplesmente teve um mau pressentimento. - Ele ergueu os ombros - Eu estava em minoria. Como, no final, vocês estavam mesmo em apuros, fiz bem em confiar nos pressentimentos do meu pessoal da ponte.

— O que vai fazer agora, capitão? - perguntou Tasha.

— Data - disse Picard. - Quero que você procure nos arquivos todas as atividades registradas neste setor nos últimos... desde quando Nalavia está no poder?

— Cinco anos de Treva, senhor.

— Muito bem. Desde essa época e mais sete anos antes disso. Procure qualquer coisa estranha.

—... estranha, senhor? Picard suspirou.

— Data, não sei exatamente o que pedir-lhe para procurar. Um padrão inesperado... ou talvez algo que não se encaixe no lugar esperado. É uma intuição. Você é o único que pode me ajudar a resolver essa questão.

Apesar de novamente confuso com os sentimentos humanos, Data sentou-se junto ao terminal do computador de seu alojamento e começou a procurar. A pesquisa levou uma hora.

Quando Data chamou o capitão para apresentar seu relatório, Picard disse:

— Encontre-me em minha sala.

Riker já estava lá e em poucos instantes Tasha veio juntar-se a eles. Ela não tinha dito nada a Data, desde que foram teleportados de Treva, e não disse nada naquele momento tampouco. Ela estava novamente em seu uniforme e recomposta, mas ainda um pouco pálida.

— Dê-nos o seu relatório, Sr. Data - ordenou Picard, quando todos estavam reunidos.

— O que encontrei neste setor nos últimos dez anos foi um número sempre crescente de referências aos orions.

Tasha arregalou os olhos.

— Orions? Por que os orions?

— Não sei - respondeu Data. - Descobri transações bancárias envolvendo grandes conversões de moeda orion; naves mercantes orions atracando em portos de sistemas vizinhos; comunicações e tecnologia de processamento de dados orions espalhando-se por diversos planetas deste setor. Aí está seu padrão inesperado, capitão. Quanto a algo que não se encaixa no padrão esperado: apesar de toda a atividade orion, *não* encontrei qualquer menção a tráfico de escravos.

— Interessante - disse Picard. - A única coisa que atrairia o interesse da Federação. Algo mais?

— Sim, senhor. No centro de toda essa atividade orion encontra-se Treva. Sem que haja qualquer menção à compra de uma única aeronave ou arma dos orions pelo planeta.

Riker franziu a testa.

— Pelo que nos contou, Nalavia não parece ser do tipo que se importa com quem está lidando. Se todos neste setor estão fazendo comércio com os orions, por que ela não está?

De repente, Tasha disse:

— Capitão! Lembra-se de como escolheu a equipe de exploração para esta missão? Uma mulher e um andróide?

Um discreto sorriso surgiu nos lábios de Picard.

— Então você percebeu, não foi?

Riker, tentando esconder a inquietação, perguntou:

— Percebeu o quê? Data respondeu.

— O capitão enviou uma equipe de exploração que era imune à sensualidade de Nalavia.

Riker respondeu com seu sorriso de congratulações.

— Claro. Muito apropriado, capitão. Picard começou a dizer:

— Mas o que a sensualidade de Nalavia tem a ver com... - Então teve "uma luz", como diz o provérbio. - Tasha, acha que Nalavia é na verdade

uma orion?

Data franziu a testa, consultando as informações que retirara do computador da presidente de Treva.

— Os registros de Nalavia indicam que ela nasceu em Treva... numa fazenda de uma área remota, quase no limite do território colonizado. Há nove anos, foi eleita ao Conselho Legislativo, onde logo se tornou uma líder popular, chegando a ser eleita presidente.

— Esses registros antigos - disse Picard - poderiam ter sido falsificados?

Data pensou.

— Não há como saber por meio das informações que disponho em meus bancos de memória. Contudo, posso consultar o computador do palácio por meio do computador da nave, já que instalei um código de frequência e um sinal de reconhecimento na sua programação a fim de poder transferir informações sem estar fisicamente presente na sala do computador. Eu corria... o risco de ser apanhado - explicou ele, quando Picard o encarou, surpreso.

— Você me disse que consultou o computador. Não me disse que andou bisbilhotando no palácio presidencial...

— Sim, capitão - respondeu Data. - Eu... bisbilhotei, espreeitei, andei furtivamente. Curioso. Parece que errei ao dizer que esse era um comportamento humano que não podia imitar. Quando a ocasião exigiu, consegui fazê-lo extremamente bem.

— Mas se você já tem toda a informação contida nos computadores de Nalavia em seus bancos de memória, - perguntou Riker - que mais podemos encontrar lá?

— Eu tenho uma *cópia* dos dados. Não há como saber se algum desses dados foi alterado. Mas aquele computador já tem nove anos e usa um sistema de processamento de dados muito ultrapassado. Ele tem uma memória física e não virtual e por isso guarda todos os dados originais, mesmo que tenham sido alterados ou apagados. Se os registros de Nalavia foram falsificados, nós descobriremos.

Picard disse:

— Sr. Data, teve a oportunidade de observar Nalavia de perto. Acha que ela poderia ser uma orion?

— Sim, senhor - respondeu ele, com sinceridade. - Certamente há orions agindo neste setor, mas evitam fazer tráfico de escravos para não atrair a atenção da Federação. É provável que Nalavia não seja uma trevaniana. Já vimos orions cirurgicamente alterados para parecerem pertencer a outras espécies, com o intuito de se infiltrarem na Federação. Nalavia está tentado

impedir que Treva se una à Federação, enquanto os orions tomam posse deste setor. O padrão se encaixa... e explica tanto a sensualidade de Nalavia quanto a aparência artificial de seus olhos. Mesmo camuflando a coloração esverdeada natural de sua pele, os olhos intensamente azuis das fêmeas de orion poderiam levantar suspeitas. Mas ao serem coloridos, eles adquirem uma aparência artificial.

— Sim - disse Tasha. - Data está certo. Estou certa de que Nalavia é uma orion.

Data acrescentou:

— Ela não queria que ninguém em Treva, nem os visitantes de Federação tivessem qualquer pista de sua origem. Por isso não fez comércio com os orions, nem atualizou seus equipamentos, como no caso do computador do palácio, que parece ser um velho modelo ferengi.

— Se Nalavia é orion, - disse Picard - certamente teremos liberdade de ação para evitar que um planeta que solicitou ingresso na Federação seja tomado por inimigos da Federação! Sr. Data, quero provas. Use o meu terminal e obtenha-as. Temos que parar essa guerra!

— Sim, senhor - respondeu Data, sentando-se ao terminal do capitão, enquanto os outros deixavam a sala.

Mas Tasha ficou, depois que Picard e Riker partiram para a ponte.

— Data? - disse ela suavemente. Ele ergueu o olhar.

— Eu devia ter dito antes. Quero... lhe agradecer - disse ela.

— Agradecer?

— Por me forçar a prender Dare. Você estava certo. Era meu dever, não o seu, apesar de saber que você o teria feito se eu não o fizesse.

— Não foi na... - Ele cortou a resposta automática no meio. - Não, não posso dizer que toda a dor que lhe causei não tenha sido nada. Tasha, espero nunca mais ter que infligir tal dor a uma amiga, mas estou contente que você tenha compreendido que eu não tinha escolha.

— Eu compreendo - respondeu ela e deixou a sala.

Data encontrou facilmente os dados falsificados. A inserção de uma certidão de nascimento requeria que todos os registros de nascimento daquele dia fossem alterados. Falsificar os registros escolares exigia que os nomes fossem reordenados para inserir o nome de Nalavia. Assim que Data recuperou os arquivos originais, que não mostravam qualquer indício da existência de Nalavia, o comando da Frota Estelar rapidamente concedeu permissão para que todas as transmissões de Treva fossem interrompidas. Daquele momento em diante, tudo que aconteceu em Treva poderia ser descrito como uma "operação de limpeza".

A princípio, o povo não quis acreditar que haviam eleito uma alienígena a seu posto mais alto, mas como já pensavam por si mesmos, não levou muito para aceitarem que a crescente crueldade de Nalavia poderia ser explicado pelo fato de ela não ser um deles. Ela se entregou à Frota Estelar, quando o povo de Treva invadiu o palácio presidencial. Na enfermaria, sua identidade orion foi rapidamente confirmada.

Tudo indicava, quando a tempestade passou, que os trevanianos estavam dispostos a nomear Rikan como seu novo presidente, até mesmo torná-lo rei, mas ele insistiu que cumprissem a constituição e convocassem eleições. Ele deixou a *Enterprise* cheio de saúde e disposição. Data tinha certeza de que Rikan seria eleito presidente e faria um bom serviço em Treva, quando o planeta formalizasse o pedido de ingresso na Federação.

Data e Tasha teleportaram-se juntamente com Rikan para seu castelo, onde ele aceitou a aclamação de seu povo diante das cameras. Não fez um discurso longo. Terminou dizendo:

— Não poderia ter enfrentado Nalavia sozinho. Treva deve sua liberdade não somente à Frota Estelar, mas ao homem conhecido como o Paladino Prateado. Ele será lembrado e honrado para sempre neste planeta.

Data ouviu Tasha engolir em seco, enrijecer o corpo e conter as lágrimas. Viu também que o pessoal de Adin os observava de um canto do pátio, com uma acusação silenciosa. Quando a entrevista terminou, Rikan tentou conduzir Data e Tasha até eles, mas os sete voltaram as costas ao mesmo tempo e foram embora.

— Deixe-os ir - disse Tasha. - E não espere que me perdoem. Eu mesma não posso me perdoar.

— Sempre achei impossível que Adrian fosse culpado das acusações que pesam sobre ele - disse Rikan.

— Eu tenho certeza de sua inocência- respondeu Tasha. - Mas não há como provar.

— Nem mesmo com a ajuda de seus amigos tão inteligentes e talentosos? -perguntou Rikan, olhando para Data.

Data começou a protestar, mas mudou de idéia. Era melhor não dizer nada, já que não havia nada que pudesse fazer por Darryl Adin.

O estranho era que, apesar da lógica dizer que Adin tinha sido considerado culpado diante de todas as evidências, fosse isso razoável ou não, Data estava experimentando o que somente podia ser descrito como... um sentimento... de que o homem era inocente.

Com aquele comentário perturbador, despediram-se de Rikan e foram teleportados de volta para a *Enterprise*.

Data voltou à ponte, mas durante todo o seu turno, não fez nada além de

verificações de rotina. Sua atenção principal estava voltada aos dois prisioneiros a bordo da *Enterprise*. Eles estavam sendo levados para a base estelar 68, onde tanto Nalavia quando Darryl Adin seriam deixados sob a custódia da Frota Estelar.

Nalavia seria provavelmente confinada a uma cela confortável, se não luxuosa, até que os orions acertassem algum tipo de permuta, provavelmente com cidadãos da Federação levados como escravos. É claro que ele não tinha idéia de que tipo de punição esperaria aquela mulher quando retornasse a seu povo por ter falhado em sua missão. Esperava que fosse severa.

Data ficou espantado com tal pensamento. Vingança? Tão logo depois do ciúme? O que estava acontecendo com ele? Quando desejou ser humano, nunca havia pensado nessas emoções. Diferente da raiva, que eleja tinha observado dar forças a uma pessoa para mudar o curso da própria vida, essas emoções tinham somente valor negativo. Decidiu eliminá-las de sua programação.

Mas ... não conseguiu.

Elas estavam entrelaçadas com muitos outros bits de memória; não podia eliminar o ciúme que tinha de Darryl Adin por causa de Tasha, sem também remover parte do respeito e amizade que sentia por ela, assim como diversos fatos concretos a respeito da missão em Treva. O mesmo ocorria com a antipatia que nutria por Nalavia.

Não tinha escolha senão fazer o mesmo que os humanos faziam com seus sentimentos negativos: contê-los, recusar-se a pensar neles o tempo todo e, mais importante, não deixar que eles controlassem suas ações.

Nem deixar... que eles o impedissem de agir.

Subitamente, Data compreendeu que vinha reprimindo uma de suas áreas de programação, desde que Rikan deu a sugestão de que ele poderia fazer algo para provar a inocência de Darryl Adin. Ele não tinha certeza de que aquilo era impossível... Ao perceber que poderia haver ainda que a mais remota possibilidade, soube que devia tentar.

Data não sabia por que razão achava que tais evidências existiam. Ele já tinha examinado os registros. Não havia discrepâncias nos horários e nos dados. Mas,... um especialista em computadores saberia como evitá-las. Ele saberia.

Ele era um andróide. Não era capaz de ter intuições ou pressentimentos. Mas, apesar de todas as evidências em contrário, estava certo de que Adin não podia ter cometido os crimes pelos quais fora condenado.

Ele consultou os dados que tinha a respeito de intuição e pressentimento. Sua ocorrência era explicada pelo fato de a mente orgânica conseguir determinar um padrão a partir de vários dados desconexos, alguns dos quais

não podiam ser conscientemente lembrados.

Mas Data lembrava-se de tudo. Não podia estar reagindo a informações esquecidas.

Ainda assim, ... era algo parecido com seus programas de antecipação, opinião e gestalt. Conscientemente, deixou sua mente procurar os dados que formaram a opinião de que Adin era inocente. As ações do homem. Suas atividades como Paladino Prateado. Seu registro na Frota Estelar, antes do incidente na *Starbound*...

Em sua última missão, antes da viagem de treinamento da *Starbound*, a derrota dos orions em Conquistador tinha sido coordenada por Darryl Adin, assistente do chefe de segurança da U.S.S. *Seeker*. Em reconhecimento, ele tinha sido promovido a comandante e enviado à Academia para atualizar seu conhecimento, antes de ser designado a uma das grandes naves estelares.

Quando a *Starbound* foi encarregada de transportar o dilúvio, como os orions poderiam deixar passar a oportunidade de roubar esse tesouro e ao mesmo tempo destruir o homem que lhes infligira tão grande derrota em seus planos de conquista? A promotoria alegou que os orions não perderam essa oportunidade. Aproveitaram-se da ganância de Darryl Adin para convencê-lo a conspirar com eles, permitindo então que ele fosse descoberto.

Mas o que teria acontecido se *não* tivessem encontrado uma fraqueza em seu caráter? E se as tênues evidências que ligavam Adin aos orions tivessem sido forçadas? Se o homem era inocente, deveria ser libertado.

Mesmo que ele levasse Tasha embora consigo, quando deixasse a *Enterprise*.

Assim que terminou o turno, Data foi direto para seu alojamento e instruiu o computador da nave a estabelecer contato com o computador principal da base estelar 36.

— Não será necessário. Tenho todos os dados que está procurando - disse-lhe uma voz. - Toda a informação daqueles arquivos encontra-se no computador da nave.

— Preciso ter acesso à memória onde tais dados foram arquivados originalmente.

— Você está sobrecarregando desnecessariamente as comunicações da nave - objetou o computador.

— Faça o que digo - disse Data. - É uma ordem.

Como já esperava, o computador principal da base estelar 36 tinha uma memória padrão virtual ilimitada. Nesse caso, era impossível fazer o que tinha feito com o computador de Nalavia, pois não havia nenhum arquivo físico que guardava informações descartadas.

Contudo... o próprio cérebro de Data era uma adaptação altamente

avançada do mesmo conceito e ele podia lembrar-se de todas as experiências vividas. Mesmo quando recebeu a instrução "isso nunca aconteceu", ele não se esqueceu. Simplesmente inseriu o novo comando, ordenando seu cérebro a não permitir que aquela informação interferisse em suas ações. Ele colocava um filtro semelhante nas informações que necessitavam de uma liberação da segurança, para que não as divulgasse nas solicitações rotineiras de informação, nem falasse ou agisse de modo a revelar que tal informação existia.

Data tinha usado computadores com memória virtual ilimitada durante toda a vida, mas nunca tinha se perguntado o que acontecia com a informação que era eliminada deles. Seria realmente apagada, ou simplesmente tornava-se inacessível? Supostamente não havia modo de recuperá-la.

Nenhum modo humano.

Mas e se ele tivesse acesso direto à memória do computador principal da base estelar 36 e usasse sua própria mente para gerenciar as informações? Quer ele conseguisse atingir seu objetivo ou não, seria uma experiência sem igual...

... e potencialmente perigosa. Estava quase certo de que poderia fazer a conexão. Mas... seria capaz de desconectar-se? Sua consciência pessoal era forte o suficiente, diferente o suficiente de um computador sofisticado a ponto de manter sua identidade?

Somente havia uma maneira de descobrir. Cuidadosamente, Data tateou a conexão que o computador da nave tinha fornecido, tentando manter a consciência de seu próprio corpo sentado junto ao terminal, enquanto sua mente se expandia...

O computador da base estelar não tinha personalidade, não tinha consciência própria para rejeitar tal intromissão. Ele descobriu que podia impor sua própria ordem à caótica massa de informações. Só precisava pensar nas datas estelares desejadas e tinha acesso aos dados da rede de comunicações, registros de hotel, tudo. E tudo confirmava as evidências que foram mostradas na corte marcial de Darryl Adin.

Mas haveriam sido alteradas ou modificadas de alguma maneira?

Assim que Data formulou a pergunta,... sentiu algo. Em seu mecanismo de processamento de informações, o cérebro do computador tinha algumas semelhanças com seu próprio cérebro. E percebeu padrões familiares associados com aquele conjunto de informações, em particular. Padrões assustadores.

Assustadores?

O computador da base estelar não podia ser assustador. O medo era de

Data... uma lembrança de seu passado.

Priam IV!

Foi a coisa mais aterradora que tivera que fazer para tornar-se candidato à graduação na Academia da Frota Estelar. Todos os cadetes tinham que passar pelo teste, mas não havia meio de enganar um andróide e fazê-lo pensar que a situação era real... a menos que sua percepção fosse alterada.

Não houve projeções em um holodeck para Data, não houve pessoas da Frota Estelar participando de seu psicodrama. Em vez disso, ele permitiu, ou melhor auxiliou, os melhores especialistas em computação da Frota Estelar a bloquearem sua percepção do real, colocando o cenário de Priam IV diretamente em sua consciência pessoal. As lembranças mais vividas que tinha do teste não vinham da situação propriamente dita, apesar de ela ter sido suficientemente frustrante. Não, a parte mais horrível veio antes e depois do teste, quando ele sentiu que seu controle mental lhe fora tirado, apesar de sua permissão e cooperação, e mais tarde, inesperadamente restaurado.

Passaram-se dias até conseguir reconciliar as lembranças falsas com as verdadeiras que ocupavam o mesmo espaço e tempo em sua memória. Não era apenas ilógico, era totalmente impossível, algo que sua mente senciente de andróide não fora programada para aceitar. Ele sabia *por que* havia dois conjuntos diferentes de lembranças em sua mente: ele, deitado inerte no laboratório da Frota Estelar, enquanto técnicos verificavam seu corpo para ver se nada estava funcionando mal. E ele próprio, em Priam IV, tentando lidar com a Primeira Diretriz, numa situação sem saída. Entretanto, saber o por que não tornou a sensação de paradoxo mais fácil de ser vivenciada.

Como precisava vivenciar a situação em Priam IV, ele inseriu um comando negando acesso à sua real condição naquele momento, e parou de ser influenciado por ela. Ainda assim, como tudo o mais que já havia experimentado até então, as lembranças novamente se tornariam disponíveis, assim que o bloqueio fosse retirado.

O que sentiu dentro do computador da base estelar 36 foi algo semelhante: dois conjuntos conflitantes de memória ocupando o mesmo espaço/tempo, um residente e outro bloqueado por um comando negando seu acesso. O computador da base estelar não tinha uma consciência que ficaria perturbada com o paradoxo. Era também incapaz de remover o comando, apesar de tê-lo criado quando o usuário que mudou os arquivos "eliminou" os dados originais.

Data tentou usar diversos utilitários, mas quem quer que tivesse feito aquela programação conhecia todos os métodos de se apagar evidências. Não era de se surpreender que o andróide não conseguisse retirar a proibição por

qualquer meio acessível a programadores puramente orgânicos. Ele tinha que criar uma interface direta com a própria memória do computador da base estelar.

Decidido, Data deixou sua consciência mesclar-se com a memória do computador e procurou consultar os arquivos escondidos. O paradoxo provocou-lhe medo, mas ele colocou-o de lado, procurando sempre...

A proibição permanecia no lugar. Ele foi percebido como uma força externa como qualquer usuário do computador. O que havia sido eliminado não lhe era acessível.

A menos que conseguisse persuadir o computador de que fazia parte dele.

Tinha começado aquela pesquisa por causa de Tasha, mas sua própria curiosidade havia sido despertada. Ele *sabia* que a informação havia sido alterada. Se pudesse manter a própria consciência, conseguiria consultar a informação e sair ileso. Teria de desligar-se de todo contato com seu corpo a bordo da *Enterprise*. Data tornou-se um com a massa não-senciente de...

Informações conflitantes!

Começou a ser bombardeado não apenas pelas informações que procurava, mas por tudo que fora alimentado ou eliminado do computador da base 36. Sem um poder de decisão para definir as prioridades, os arquivos da memória virtual estabeleciam uma enorme quantidade de associações livres, subjugando a própria memória de Data e agredindo sua própria consciência! Afogando-se no paradoxo, lutou para obter controle, esforçou-se para impor a ordem de sua consciência ao caos indiferente que o arrastava para a aniquilação.

Com os joelhos bambos e lutando contra as lágrimas, Tasha Yar aproximou-se da prisão, pela primeira vez desde que fora forçada a trazer Darryl Adin a bordo.

Ele estava vestindo um uniforme dourado padrão. O campo de força brilhava em frente de sua cela e dois guardas armados estavam em posição de sentido diante dela.

O som atravessava perfeitamente o campo de força. Ao ouvir seus passos, Dare, que estava sentado na plataforma que lhe servia de banco e leito, ergueu o rosto e fitou-a completamente inexpressivo.

Yar levava um pacote de roupa. Ela parou, encarando Dare, e disse:

— Guardas, estão dispensados.

— Podemos nos afastar para que possam ter uma conversa particular - sugeriu Anderson.

— Eu *disse* que estão dispensados - repetiu ela, com firmeza. Os dois

homens se entreolharam, porém voltaram-se e saíram.

Yar esperou até que tivessem virado a curva do corredor antes de colocar a mão no controle e desligar o campo de força.

Dare ainda a fitava, sem se mover nem falar.

Ela deu um passo adiante, segurando o pacote de roupas, com o casaco preto que ele usava ao ser teleportado a bordo em cima, exibindo a insígnia-comunicador do Paladino Prateado.

— Está livre, Dare - disse ela. - Aqui está... pode chamar seus amigos. Estou certa de que estão seguindo a *Enterprise*, mesmo que não possam igualar nossa velocidade.

Por fim, ele falou.

— Tasha, - era um sussurro ríspido. - O que você está fazendo? As lágrimas rolaram quando ela falou:

— Eu lhe disse... Você está livre. Dare,... você foi inocentado! Ele abriu a boca com descrença.

— O quê?

— É verdade! Eles tramaram tudo para incriminá-lo. Os orions planejaram o ataque à *Starbound* para tomar posse do carregamento de dilítio e fazê-lo cair em descrédito ao mesmo tempo. Eles alteraram os registros no computador da base estelar 36. Você nunca foi informado sobre a reunião de segurança, mas eles mudaram os registros, fazendo parecer que você estava presente. A evidência das alterações estava no computador, quando Data as procurou.

— Data!

— Sim - explicou ela. - Ninguém mais teria conseguido fazê-lo. Nenhum humano poderia entrar num moderno computador de uma base estelar e localizar arquivos eliminados há tanto tempo, mas Data teve essa idéia depois de fazer algo parecido com o velho computador de Nalavia, para descobrir quem era ela na verdade.

— Outra maldita orion - rosnou Dare.

— Sim. Mas Dare... foi isso que fez com que Data tivesse a idéia. Você derrotou os orions em Conquistador e depois supostamente conspirou com eles na base estelar 36. Todos sabemos que isso não fazia sentido, mas somente Data pôde prová-lo, arriscando a própria vida.

— O quê? - disse ele, ríspidamente.

— Geordi, o tenente LaForge, encontrou-o inconsciente. Data não desmaia, você sabe. Eu não compreendo bem, na verdade, não acho que nenhum de nós possa compreender, mas Data de alguma forma conectou-se ao computador da base estelar 36 e entrou em sua memória para localizar as

alterações. Ele quase não conseguiu sair de lá.

— Ele está bem? - perguntou Dare, sinceramente preocupado.

— Sim. Aparentemente, Geordi conseguiu trazê-lo de volta. Eles são bons amigos.

— Acho que o seu Sr. Data tem um grande número de bons amigos, incluindo eu. Mas, afinal de contas, será que a Frota Estelar aceitará uma evidência que não passa de sua palavra?

— Já aceitaram! - disse ela com alegria. - Dare, não se questiona uma evidência fornecida por Data. E, além do mais, ela foi confirmada. O capitão Picard enviou a informação ao Comando da Frota Estelar e eles ordenaram uma investigação na base estelar 36. Encontraram o espião orion ainda trabalhando lá. Ele é o proprietário de um clube freqüentado pelo pessoal da Frota Estelar em licença.

— Outro orion? - perguntou Dare.

— Sim. Alterado para parecer humano. Não sendo membro da Frota Estelar, os exames médicos não lhe eram obrigatórios. Mas quando as autoridades ordenaram uma investigação dos civis, ele se denunciou ao tentar fugir.

— O dono de um bar - disse Dare. - Quem pode dizer o que um espião esperto conseguia deduzir do palavreado desconexo de tripulantes bêbados? Mas, isso é tudo, Tasha? Mesmo que eu tenha sido inocentado das acusações iniciais, ainda sou culpado de ter fugido da prisão...

— Em vista das circunstâncias, as acusações foram retiradas, já que você não matou nem feriu ninguém ao fugir. E - ela sorriu - aparentemente deixou alguns seguranças experientes muito embaraçados.

— Eu tinha tanta experiência quanto eles e estava lutando pela minha vida, Tasha. Acho difícil acreditar que tenho uma nova chance. Mesmo com a evidência de que tramaram meu envolvimento na base estelar... e quanto à sabotagem na *Starbound*? Sei que não fui eu, mas quem foi?

— Parece que foi Nichols - disse Yar.

— O engenheiro-chefe? Mas, por que, Tasha? Ele estava prestes a se aposentar de uma carreira honrosa. Por que ele faria isso? - perguntou Dare.

— Seus registros mostram que não tinha qualquer outra renda além de sua aposentadoria e nenhum plano para o restante de sua vida. Ele estava se aposentando porque não podia continuar em seu serviço. Nenhuma companhia o aceitaria com essas recomendações. Dare, não sei todos os detalhes, mas Data descobriu comunicações entre ele e os agentes orions. Não creio que soubesse que o estavam usando para incriminar você. Ele provavelmente imaginou que apenas desejassem o diltio. E... ele usou o

computador da base estelar 36 para pesquisar empresas à venda. Não havia como abrir seu próprio negócio somente com o que receberia de aposentadoria.

Dare concordou com a cabeça.

— Como engenheiro-chefe, Nichols tinha livre acesso a toda a nave. Facilmente poderia ter instalado aqueles disjuntores. - Ele sacudiu a cabeça. - Nem mesmo consigo sentir raiva dele. Foi usado pelos orions e depois o mataram. Era apenas um homem tolo que tinha um único talento. E não sabia o que fazer depois que o perdeu.

Yar sorriu, aliviado por ver que Dare não era vingativo.

— Pelo menos está tudo terminado, agora.

— Nem tudo - disse Dare. - Não creio que possa suportar uma audiência...

— Não será necessário - explicou ela. - O capitão Picard tem bons amigos no almirantado. O comando da Frota Estelar convocou uma junta de inquérito de emergência e o veredicto foi dado em cinco minutos. Você é um homem livre... e - ela entregou-lhe a pilha de roupas que levava, mostrando a roupa que estava embaixo das outras - se desejar, será reintegrado à segurança da Frota Estelar, no posto de comandante.

Ele estendeu a mão, como se fosse tocar o uniforme dourado esverdeado e preto que ela lhe oferecia. Então, estendeu as duas mãos, apanhou a pilha inteira de roupas das mãos dela e jogou-a sobre o banco.

— Obrigado! Oh, Deus... obrigado, Tasha! - E a beijou. Afastando-se apenas para perguntar: - Por que você não me avisou que tudo isso estava acontecendo?

— Por que eu não sabia. Data contou apenas ao capitão e ele entrou em contato com a Frota Estelar. - Ela suspirou. - Eles não sabiam se seria o suficiente para libertá-lo e assim decidiram não me dar esperanças. Quando a Frota Estelar prendeu o espião... ele disse que era seu contato. Era a evidência de Data contra a palavra dele. Mas, no final, a Frota Estelar acreditou em Data. Está tudo terminado, Dare.

— Graças a você - disse ele. Então mostrou seu lindo sorriso. - E a Data. O que se faz a um andróide que acabou de lhe salvar a vida?

— Seu agradecimento será o suficiente - assegurou-lhe ela. Ela foi até a pilha de roupas e apanhou a insígnia-comunicador prateada. - Acho que você deveria informar seus seguidores imediatamente, antes que façam algo estúpido. Eles nos seguiram quando deixamos Treva. Nós os detectamos em nossos sensores até que nossa velocidade os deixou para trás. Devem saber que estamos rumando para a base estelar 68. Por que você não lhes diz que

apenas Nalavia será deixada ali? Não creio que tenham a intenção de planejar um ataque à prisão para resgatá-la.

— Tasha - disse Dare reprovadamente - não pode estar pensando que minha quadrilha tentaria me libertar de um Campo de Reabilitação da Federação.

— Pensando? Eu *sei* que eles fariam isso. E não ficaria surpresa se conseguissem. Estou feliz que isso não seja necessário.

Ela o deixou para que ele pudesse fazer a chamada e trocar de roupa, aceitando sua palavra de que podia achar sozinho o caminho da ponte de uma nave estelar.

Mas quando encontraram-se mais tarde, não muito depois de sua comunicação não-padronizada ter acendido uma luz de alerta no painel de Yar, ele vestia suas roupas civis e não o uniforme que ela lhe oferecera. Ele agradeceu Picard e Data, depois pediu:

— Poderia providenciar para que eu fique esperando em uma área não restrita da base estelar 68? Meu pessoal irá me apanhar lá.

Picard franziu a testa.

— Naturalmente, se é o que deseja. Mas certamente Tasha deve ter-lhe dito...

— Que a Frota Estelar me aceitaria de volta. Sim, ela me disse e eu agradeço muito. Mas tenho outras obrigações agora. E... acho que perdi meu entusiasmo por regras e regulamentos. - Voltou-se para Yar, que segurava firme a beirada de seu painel, tentando conter seu desapontamento. - Tasha, quando tivermos oportunidade, precisamos conversar.

— Pode ir - disse Picard. - Mas, Sr. Adin, - advertiu ele quando Dare e Yar caminhavam para o turboelevador - compreenda que não tenho intenção de perder minha chefe de segurança.

O sorriso de Dare parecia o de um lobo, novamente, mas não tão sinistro, desta vez.

— Isso, creio eu, depende de Tasha.

Eles foram para o alojamento de Tasha, onde ela descobriu que o capitão previra corretamente o que Dare iria lhe propor.

— Sempre quisemos trabalhar juntos. Eu respeito o fato de você ter que completar sua missão. Mas depois... - Ele pôs os braços em seus ombros, fitando-a nos olhos e sacudindo a cabeça com um sorriso. - Que bom saber que poderemos manter contato! Deixarei que você saiba onde estou e nunca é difícil saber por onde anda a *Enterprise*, com toda a fofoca que corre solta pelo espaço.

— Você sempre soube o que eu fazia? - perguntou ela.

— Nem sempre, mas tinha informações de vez em quando. Assim que você entrou na *Enterprise* tudo ficou mais fácil. Mas não a quero a anos-luz de distância de mim. Quero que fique a meu lado.

— Então, por que não aceita a oferta da Frota Estelar? Dare, depois de terem admitido seu erro, o comando da Frota Estelar provavelmente lhe concederá qualquer posto que você solicitar. Você poderia servir aqui! A bordo da *Enterprise*!

— Onde *você*, meu benzinho, é a chefe de segurança. Eu amo você, Tasha, mas não estou preparado para receber ordens suas.

— Especialmente porque você estaria bem acima de mim hierarquicamente falando - concordou ela. - Mas eu não poderia...

— Nem fale nisso! Tasha, eu nunca iria sugerir que você fizesse isso. Você trabalhou muito tempo e se esforçou muito para chegar onde está. Não, meu amor, a única maneira de você e eu podermos trabalhar juntos é estando ambos no mesmo nível. Encare a realidade, isso nunca vai acontecer na Frota Estelar. Junte-se a mim e descubra o que significa não estar sujeita a nenhuma regra a não ser as de sua própria consciência.

— Dare, não posso...

— Não diga isso - repetiu ele, colocando um dedo em seus lábios. - Não precisa decidir hoje, Tasha. Acredite em mim, eu compreendo quão importante a Frota Estelar é para você. Mas também acredito que você possa superar isso. Sempre estarei lá, meu amor. Somos sobreviventes, você e eu. - Ele trocou o dedo por seus lábios e Yar relaxou em seus braços.

Ele estava certo. Ela não precisava decidir naquele dia. Na verdade nem poderia fazê-lo. Sua missão atual ainda tinha muito tempo pela frente... e Dare compreendia que ela devia cumpri-la até o fim. Mas ele estava livre. Eles poderiam ver um ao outro, sempre que possível.

E um dia, talvez...

Doze

A *Enterprise* seguia em vôo de rotina. Nada sugeria que aquele seria o dia mais difícil que o tenente comandante Data teria de enfrentar até então.

Ele estava em seu posto costumeiro. Worf, na ponte superior, relatou não haver naves ou obstáculos à frente e, em seguida, voltou-se para Tasha e começou a conversar a respeito da competição de artes marciais da nave. Data percebeu um tom prazeroso na voz de Tasha ao saber que Worf havia apostado nela.

Tasha parecia feliz, apesar de Darryl Adin não ter aceitado a oferta de reintegração que a Frota lhe propusera. Data estava contente por ter descoberto a evidência que inocentou Adin, pois já ficara claro que o reencontro de Tasha com o homem que ela amava não alterara em nada sua amizade com Data, Worf, Deanna e os outros.

Rikan estava certo; Data tinha confundido dois tipos diferentes de ... amor. Ele ainda se sentia pouco à vontade ao empregar aquela palavra, pois, como o suserano havia sugerido, os humanos também ficavam confusos com o significado dessa palavra. Possivelmente, Data havia feito a confusão por ter sido programado por humanos. De qualquer forma, estava certo, então, de que as amizades que formara na *Enterprise* somente se fortaleceriam com a inclusão de outras pessoas.

A atenção de Data foi desviada de sua meditação pessoal quando a missão subitamente deixou de ser rotineira. A nave auxiliar de Deanna Troi caiu em Vagra II e Data, Riker, Tasha e a Dra. Crusher foram teleportados para resgatar Deanna e seu piloto. Mas a equipe de resgate foi impedida de alcançar a nave por uma estranha criatura chamada Armus.

Ainda assim, não houve qualquer aviso, nenhuma preocupação. Apesar de formas de vida estranhas não serem novidade para a tripulação da *Enterprise*, nenhum deles conseguiu levar aquela poça de piche muito a sério. Ninguém tentou impedir Tasha, quando ela tentou passar pela criatura, preocupada com a amiga que estava presa na nave auxiliar.

Como haviam subestimado Armus!

Quando a coisa atacou Tasha, Data e Riker dispararam seus phasers e a Dra. Crusher correu para junto da chefe de segurança caída. A atenção dos homens estava voltada para a ineficácia de suas armas; nenhum deles percebeu que Tasha estava seriamente ferida e muito menos...

— Está morta - informou a Dra. Crusher ao capitão. Data não notou surpresa, apenas total incredulidade em sua voz, percebendo o mesmo no rosto de Riker.

Foram teleportados a bordo e a Dra. Crusher colocou o corpo inerte de Tasha nos braços de Data. Seguindo o procedimento padrão, eles a levaram para a enfermaria e a colocaram na maça de tratamento, seguindo então para a ponte, a fim de apresentarem relatório ao capitão Picard.

Mas o capitão estava saindo do turboelevador no corredor da enfermaria.

— Como está ela?

— Não sei - respondeu Data. - Certamente a Dra. Crusher conseguirá revivê-la. - Não era uma mentira bondosa. Ele imaginava que Tasha tivesse sofrido uma parada cardíaca, em consequência de um choque elétrico, que era uma condição facilmente reversível.

— Venha, então, Data - disse Picard. Ao ver a sobrançelha erguida do andróide, acrescentou: - Talvez não haja nada que possamos fazer, mas não pretendo ficar na ponte esperando pelo relatório.

Assim, Data seguiu Picard de volta para a enfermaria, percebendo que ele próprio também queria saber do destino de Tasha em primeira mão.

Data postou-se ao lado de Riker, sentindo-se desamparado. Quando as tentativas de reviver Tasha falharam, uma após a outra, Picard juntou-se a eles, sabendo tão bem quanto Data que a Dra. Crusher continuara tentando até bem depois de terem se extinguido todas as esperanças. Data olhou de um para o outro, percebendo na expressão sofrida de ambos uma recusa em aceitar a morte da amiga, até que a Dra. Crusher declarou, por fim:

— Ela se foi.

— Morta? - perguntou Picard, como se ainda não pudesse acreditar, forçando a Dra. Crusher a dar maiores explicações, com a voz tensa pelas lágrimas contidas.

Data não disse nada. Ele se sentia constrangido frente à dor dos humanos... e seus próprios sentimentos estavam tumultuados, como nunca havia vivenciado até então. Permaneceu naquele estado até a reunião de planejamento estratégico convocada pelo capitão Picard.

Data permaneceu calado, enquanto os humanos falavam todos ao mesmo tempo. Sentia-se um estranho entre eles... até que Picard interrompeu a balbúrdia.

— A morte da tenente Yar é bastante dolorosa para todos nós. Por enquanto, precisamos enfrentar esse fato da melhor maneira possível. Até que a tripulação da nave auxiliar tenha sido teleportada em segurança para esta nave, nossos sentimentos terão que esperar. Estou sendo claro?

Fez-se silêncio. Então, quando Picard começou a pedir sugestões, Data ficou reconfortado ao ver seus colegas de tripulação fazerem o mesmo que ele: deixarem tudo o mais de lado, e concentrarem-se na tentativa de trazer

Deanna Troi e seu piloto de volta para a *Enterprise*. Ele não era mais autômato do que eles; todos compreendiam que a dor pelos mortos devia esperar, enquanto procuravam salvar os vivos.

Quando voltaram ao planeta, Data teve sua primeira experiência com o sadismo. Armus era um caso como os descritos nos livros, mas por dispor de poder e reféns, era invulnerável às soluções sugeridas nos livros.

E parecia fascinado por Data. Apesar de exercer malevolamente seu poder contra a Dra. Crusher, Geordi e Riker, todas as vezes incluía Data na tortura. Então o capitão Picard juntou-se a eles e encontrou a solução.

— Quero ver o meu pessoal da nave auxiliar - exigiu Picard.

— Divirta-me - respondeu Armus.

Picard simplesmente fez que não com a cabeça e murmurou uma resposta negativa. Daquele momento em diante, Data descobriu como lidar com Armus, assim como a Dra. Crusher. Armus podia controlá-los fisicamente, mas não precisavam permitir que ele controlasse suas emoções.

A criatura provavelmente percebeu que encontrara um adversário à altura, ao deparar-se pela primeira vez com o capitão, pois, após testar Data e a Dra. Crusher, ignorou Geordi e libertou Riker, permitindo que os quatro se teleportassem para a *Enterprise*, ficando sozinho para enfrentar o capitão, um contra um.

Mas, ao ouvir, mais tarde, a descrição que o capitão fez do confronto no relatório final, Data percebeu que mais uma vez deixava de compreender.

— Senhor, - disse ele, - parece-me que o senhor fez com Armus o que ele tentou fazer conosco: o senhor o controlou, frustrando-o. Deu a entender que o ajudaria a deixar o planeta, depois recusou-se a fazê-lo. A raiva inútil da criatura a enfraqueceu o suficiente para que pudéssemos teleportá-lo, juntamente com os passageiros da nave auxiliar, para a *Enterprise*.

— Está certo, Data - disse Picard. Data enrugou a testa.

— Não compreendo. Se tal manipulação emocional era algo errado no caso de Armus...

— Data! - exclamou Geordi.

Ao mesmo tempo, a Dra. Crusher disse, furiosa:

— Você não pode estar acusando o capitão de...

— Deixem-no falar! - disse Picard, interrompendo os protestos. - É uma questão cabível, Sr. Data.

Data explicou:

— Não é o fato de deixarmos Armus no planeta que estou questionando, é o método utilizado. Um ato não tem qualquer valor moral em si mesmo, seja positivo ou negativo. Todos nós já disparamos um phaser para matar ou

ferir, por exemplo. Em defesa própria ou em defesa de nossos companheiros, tais atos são justificados.

Quando Data fez uma pausa, procurando as palavras certas para explicar sua inquietação, Picard antecipou o que ele iria dizer:

— O que você está perguntando, Data, é se eu agi vingativamente, com o mesmo sadismo demonstrado por Armus.

Data sentiu que os outros o encaravam, mas apesar de que não usaria palavras tão duras para expressar-se, era essa a essência de sua pergunta:

— Sim, senhor - admitiu. Picard exibiu um discreto sorriso.

— Não posso responder a essa pergunta, Data.

— O que? - surpreendeu-se Riker. - Senhor, todos sabemos que o senhor jamais...!

— Não, número um - disse Picard, calmamente - você não sabe disso, porque eu mesmo não sei se isso é verdade. Esse é o grande perigo de confrontarmos o mal: ele é contagioso. Não tenho dúvida de que fiz o que era necessário. Mas os *meus motivos*: se eu consegui o feito sobre-humano de não ter qualquer sentimento de vingança pela morte de Tasha ou pelo sofrimento que Armus infligiu ao restante de vocês, provavelmente será uma dúvida que me afligirá pelo resto de minha vida.

— Sinto muito, senhor - disse Data. - Não devia ter perguntado.

— Oh, sim, Data - replicou o capitão - devia, sim. Tenho anos de experiência a mais do que vocês, mas isso não torna tais decisões mais fáceis. Mais cedo ou mais tarde, todos nós nos deparamos com situações sem saída. Uma das lições mais difíceis da vida é descobrir que existem ocasiões em que só podemos esperar pela sorte. E o mais difícil é quando batalhamos com nossa própria consciência.

Com isto, a reunião foi encerrada. Mas o longo e tenso dia ainda não havia terminado. Por fim, teriam tempo de enfrentar a dor pela morte de Tasha. O serviço fúnebre público foi aberto a todos da nave que quisessem participar. Data já havia participado de muitos serviços dessa natureza em seus anos na Frota Estelar. Naquele dia, ouviu palavras conhecidas de conforto e consolo, mas não se sentiu consolado nem reconfortado.

Ele já perdera companheiros antes. Era a primeira vez que perdia uma amiga.

Terminado seu turno, Data voltou ao alojamento, depois do serviço. Sua introspecção foi interrompida após alguns minutos por um chamado do capitão pelo intercomunicador.

— Por favor, venha até o holodeck, Sr. Data.

— O holodeck, senhor?

— Você é uma das pessoas para quem Tasha deixou uma mensagem de despedida.

— Sim, senhor - respondeu Data automaticamente. Mas nada havia de automático em sua resposta interior. É claro que ele conhecia aquela tradição da Frota Estelar... mas jamais teve seu nome incluído numa mensagem de despedida.

Toda a tripulação da ponte estava lá, inclusive Wesley Crusher. A Dra. Beverly Crusher também estava presente.

Data afastou-se dos demais, ficando um pouco para trás, sem saber o que esperar. Quando a imagem de Tasha apareceu, ele viu Wesley olhar para a mãe e sentiu afinidade pelo garoto.

Quando Tasha fez a gravação, ela previu corretamente que morreria rapidamente no cumprimento do dever. Ela falou de seu amor pelos amigos, da gratidão que sentia pela Frota Estelar e de seus sentimentos pessoais por cada um dos presentes.

Quando chegou a vez de Data, ela o chamou de amigo, acrescentando:

— Você vê as coisas, maravilhando-se como uma criança, e isso o torna mais humano que qualquer um de nós.

Quando a imagem de Tasha desapareceu, somente o capitão Picard respondeu:

— *Au revoir*, Natasha. - Então disse: - A reunião está encerrada - e as pessoas começaram a sair em fila do holodeck.

Data, contudo, deu um passo adiante, olhando para a imagem das nuvens, tentando compreender o que havia se passado. Novamente sentiu-se isolado. Picard ficou a seu lado, mas esperou que Data falasse primeiro.

— Senhor, - disse Data - o propósito desta reunião... estou confuso.

— É mesmo? Como assim?

— Meus pensamentos não estão voltados para Tasha - explicou Data - mas para mim mesmo. Não paro de pensar em como a vida será vazia sem ela. Será que deixei passar algo?

— Não. Não deixou, Data - assegurou-lhe o capitão. - Você entendeu corretamente - e deixou o andróide em sua contemplação.

Por algum tempo, Data ficou ali parado, desejando... desejando poder conversar com Tasha só mais uma vez, desejando compreender de que modo os humanos superavam tais perdas.

Como a imagem de Tasha havia dito, ele tinha suas lembranças. Ele supunha que alguns o consideravam afortunado por poder se lembrar com detalhes de cada momento que havia passado com Tasha e ter uma memória não se apagaria com o tempo, como acontecia com os humanos.

Provavelmente não conseguiam compreender que isto somente fazia com que ele se lembrasse mais claramente do que exatamente havia perdido. '

Então, lembrou-se de algo que o suserano Rikan havia dito.

— Os sobreviventes são considerados afortunados, Data. E a ironia disso está no fato de que aqueles que invejam nossa longevidade não vivem o bastante para conhecer a cruel sina que nos está reservada... ou vivem e partilham dela conosco.

Então era isso o que o suserano queria dizer. Data desejou poder conversar com Rikan. Na verdade, até pensou na possibilidade de utilizar seu tempo acumulado de uso pessoal do rádio subespacial para isso.

Então, lembrou-se do que o capitão Picard dissera em seu relatório:

— Tenho muitos anos de experiência a mais que vocês.

Jean-Luc Picard também era um sobrevivente. Mas, como o lendário capitão James T. Kirk, Picard também apresentava melhor desempenho entre as estrelas do que atrás de uma escrivaninha. E por ter aprendido a lição com aquele mesmo capitão Kirk, a Frota Estelar permitiria que Picard continuasse entre as estrelas, enquanto estivesse capaz e disposto.

Depois de um dia longo e difícil, toda a tripulação da ponte estava fora de turno. O capitão, sem dúvida, devia estar querendo descansar.

Mas quando Data voltou a seu alojamento, encontrou uma mensagem em seu painel, pedindo-lhe que entrasse em contato com Picard.

— Oh, sim, Data... Há mais uma coisa referente a Tasha sobre a qual preciso de seu conselho. Poderia vir até meu alojamento?

— Estarei aí em seguida, senhor.

O "assunto" era uma última mensagem holográfica. Picard estava sentado à escrivaninha, com o cartucho de mensagem nas mãos, girando-o de um lado para o outro. Data sabia com certeza a quem ela se destinava.

Picard ergueu o olhar.

— Sente-se, Data. Acho que sabe o que é isto.

— É a mensagem de despedida de Tasha para Darryl Adin. O capitão olhou novamente para o cartucho.

— Certo. Sabe onde podemos encontrá-lo?

Picard podia ter consultado o computador. Data não mencionou esse fato.

— Ele ainda está em Treva, senhor, ajudando o presidente Rikan a estabelecer seu novo governo.

— Acha que devemos transmitir a mensagem para lá?

— Sim, sen... - Data cortou a frase. - Não, senhor. Se me permite, capitão, tenho bastante tempo de licença acumulado. Com a sua permissão,

levarei a mensagem de Tasha ao Sr. Adin. Não creio que ela deva ser enviada por um... - Data surpreendeu-se com o que estava prestes a dizer.

Picard ergueu o olhar para ele, com um pequeno sorriso.

— Por alguém que não conhecesse Tasha - sugeriu ele. - Permissão concedida. - Entregou o cartucho. - É a primeira vez que você terá que fazer isso, Data, mas não será a última.

Data estava quase certo de que Picard estava se lembrando da ocasião em que teve de levar para a Dra. Crusher a notícia da morte do marido, num cartucho de mensagem muito semelhante àquele. Ou talvez fossem os acontecimentos recentes que tivessem deixado o olhar do capitão sombrio.

— É o preço que temos de pagar - disse Data - por sermos sobreviventes. Picard piscou os olhos, surpreso. Depois concordou com a cabeça.

— Não havia pensado nisso nesses termos, mas está certo, Data. E obrigado por se apresentar como voluntário. Você conhece Darryl Adin melhor do que eu, mas eu teria ido pessoalmente, em vez de transmitir friamente a mensagem.

— As normas da Frota Estelar determinam que seja feito todo o possível para enviar tais mensagens através de alguém que conheça ambas as pessoas - disse Data.

— Mas as normas da Frota Estelar nada têm a ver com a sua oferta - disse-lhe o capitão.

— Não, senhor - admitiu Data.

— Bem, então vá e providencie para que o rodízio de turnos permita a sua ausência. E, Sr. Data. - disse ele, quando o andróide se virou para sair.

Data voltou-se.

— Sim, senhor?

— Eu disse anteriormente que você havia compreendido o propósito da mensagem de despedida da Frota Estelar. Entretanto, observei que você ainda não tem uma mensagem de despedida gravada.

Data baixou o olhar para a mesa, franzindo discretamente a testa. Olhou novamente para Picard e disse:

— Tem razão, senhor. Vou corrigir essa situação imediatamente. Nunca me pareceu ... apropriado antes.

— E agora parece?

— Sim, senhor.

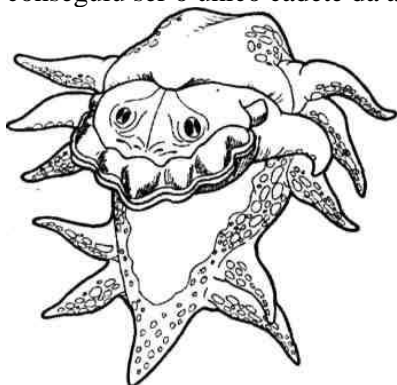
Picard assentiu com a cabeça.

— Eu estava certo, então. Sr. Data, você realmente compreendeu.

Glossário Star Trek

Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que têm alguma importância na trama e os termos técnicos mais freqüentemente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste Glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, serem confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.

ACADEMIA: Centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar. Um dos seus testes mais conhecidos é o *Kobayashi Maru*, um exame prático que testa a capacidade de comando e o caráter daqueles que almejam o posto de capitão de nave estelar. Durante a missão de cinco anos da *Enterprise* a direção da Academia ficou a cargo do almirante Heihashiro Nogura. No livro *Kobayashi Maru* de Julia Ecklar (volume 07 da Coleção Star Trek da Editora Aleph) o capitão Kirk conta a seus tripulantes como conseguiu ser o único cadete da academia que conseguiu passar no teste!



ALDEBARAN: Aldebaran é o terceiro de 4 planetas que orbitam uma gigante laranja em um sistema solar binário. Uma pequena população humanóide de 1 milhão de pessoas concentra-se em Nova Aberdeen. A vida nativa de Aldebaran é bastante simples sendo famoso o molusco " boca-de-concha" bastante procurado pelos restaurantes locais. Rara maiores informações leia **MUNDOS DA FEDERAÇÃO** publicado pela Aleph.

CHUVEIRO SÔNICO: "Chuveiro" que não utiliza água, removendo a sujeira por vibrações sonoras de alta frequência.



FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS: Organização política, econômica e social fundamentada no conceito da diversidade com diferentes mundos, espécies e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação, o direito de escolher e seguir seu próprio destino. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura. Os planetas fundadores da Federação são: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri. O Conselho da Federação de Planetas é o seu órgão de maior autoridade e constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.



FROTA ESTELAR: Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação que controla a navegação espacial. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de braço militar da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a Primeira Diretriz, que proíbe a interferência física, política ou ideológica em outras civilizações.

HIPO: Contração de hipospray, a seringa para aplicação de injeções subcutâneas.

HOLODECK: Local onde um computador cria e controla cenários e situações à escolha do usuário. Utilizado como área de lazer das naves, o holodeck cria e modela imagens holográficas com o auxílio dos bancos de memória do computador central, tornando possível aos tripulantes criarem desde florestas até cidades com prédios, carros, e mesmo pessoas que são personagens da aventura escolhida. O holodeck utiliza dois subsistemas principais: o *subsistema de imagem holográfica* (que cria um cenário ambiental realístico) e o *subsistema de conversão de matéria* (que cria

objetos físicos a partir dos suprimentos de matéria-prima da nave). Em condições normais, o participante numa simulação no holodeck não é capaz de perceber diferenças entre um objeto real e um simulado. O holodeck produz recriações extraordinárias de humanóides e outras formas de vida. Tais personagens animados são compostos de matéria sólida organizada pelos replicadores básicos do transportador e manipulados por raios tratores dirigidos por computadores altamente articulados. O resultado são bonecos excepcionalmente realistas que exibem comportamentos quase idênticos aos seres vivos, dependendo dos limites do *software*. A replicação de matéria pelo transportador _é incapaz de duplicar um ser vivo real. Os objetos criados, que são imagens holográficas puras, não podem ser removidos do holodeck, mesmo parecendo possuir realidade física, porque a imagem é dirigida pelo raio-trator em ação. Objetos criados pelo conversor de matéria têm realidade física e podem, de fato, ser removidos do holodeck mesmo já não estando sob controle do computador.



LORE: "Irmão" mais velho do tenente comandante Data. Quando o Dr. Norrian Soon criou o andróide Lore com emoções e sentimentos, foi extremamente criticado pelo habitantes de Omicron Theta. Foi obrigado a desativar sua primeira criação e, usando o mesmo molde, construiu Data, desprovido, aparentemente, de emoções e ambições humanas.



SAREK: Embaixador de Vulcano e diretor da Academia Vulcana de Ciências. Pertence a uma das mais importantes famílias de Vulcano. É casado com a professora terrestre Amanda Grayson, com quem teve um filho, Spock. Por anos não falou com seu filho, depois que ele decidiu entrar e seguir carreira na Frota Estelar. A total reconciliação só ocorreu recentemente



GLOSSÁRIO CULTURAL

Este Glossário contém verbetes sobre diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não apenas uma compreensão de alguns termos usados neste livro, mas procura também servir de alicerce, estímulo e motivação para a ampliação e busca de novos conhecimentos.

AUSTEN: Jane Austen (1775-1817) foi autora de muitos romances famosos entre os quais podemos citar *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816).

CAMELDT Corte do lendário Rei Arthur onde ele se reunia com os cavaleiros da Tavola Redonda.

GESTÃO: Textualmente, "boa forma". Uma das muitas linhas da psicologia, a *gestalt* baseia-se na suposição de que a mente humana (e, mais extensamente, a primata) organiza as percepções como um "todo", como, por exemplo, ouvindo uma sinfonia ao invés de um conjunto de notas isoladas.



HITLER: Adolf Hitler, nascido na Áustria em 1889, foi um dos mais populares políticos da Alemanha no período que precedeu a 2ª Guerra Mundial. Foi o líder do Partido Nacional Socialista (nazista) responsável pela deflagração da 2ª Guerra Mundial e pelo extermínio de minorias étnicas e ideológicas. Cometeu suicídio quando Berlim foi tomada pelas tropas soviéticas em 1945.

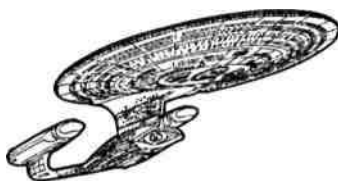


LAUTREC: Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), pintor e litógrafo francês que retratou a vida noturna parisiense de sua época. Ficou famoso pelos cartazes de shows noturnos e por retratar bailarinas e prostitutas. Ao lado pode-se ver uma reprodução de parte de sua obra "Jane Avril".

LORRAH, JEAN: (1942-) Escritora Norte-americana e professora de Inglês na *Murray State University* de Kentucky. Sua produção literária, em FC, pode ser dividida em 3 áreas distintas. Na primeira destacam-se os trabalhos realizados em parceria com Jacqueline Lichtenberg: *First Channel* (1980), *Chanel's Destin* (1982), *Zelerod's Doom* (1986) e *Ambrov Keon* (esse, publicado em *solo* em 1986). Na segunda ela tem vasta produção no gênero mágico: *Savage Empire* (1981), *Dragon Lord of the Savage Empire* (1982), *Captives of the Savage Empire* (1984), *Flight to the Savage Empire* (1986 em parceria com W. A. Howlett), *Sorcerers of the Frozen Isles* (1986), *Wulfston's Odyssey: A Tale of the Savage Empire* (1987 com Howlett) e *Empress Unborn* (1988). A terceira área de interesse da Prof^a Lorrh, e talvez aquela com a qual mais se identifique, é a que se realiza no universo ficcional de Star Trek, tanto da Série Clássica, quanto da Nova Geração. Nesta produção podemos destacar alguma novelas curtas como *Full Moon Rising* (1976), *The Night of the Twin Moons* (1976), *Epilogue, partes 1 e 2* (1979), uma coletânea, *Jean Lorrh's Sarek Collection* (1980) e os romances *The Vulcan Academy Murders* (1984, traduzida como CRIME EM VULCANO, volume 8 da Coleção Star Trek, Editora ALEPH), *The IDIC Epidemic* (1988, traduzida como I.D.I.C., volume 11 da Coleção Star Trek, Editora ALEPH), *Survivors* (1989) e *Metamorphosis* (1990), estes dois últimos, da Nova Geração.

PINÓQUIO: Personagem criado em 1881 pelo escritor e jornalista florentino Carlo Lorenzini que usava o pseudônimo de Carlo Collodi (1826-1890). A história narrava as aventuras de um boneco de madeira que adquire vida e, depois de várias atribulações, transforma-se em um menino de carne e osso.

SENCIENTE Ser que sente, que tem sensações



*O Glossário Cultural e o de Jornada nas Estrelas
foram preparados com a colaboração de:
Claudia Freitas, Paolo F. Pugno, Ivo Luiz Heinz,
Lilia Leal de Oliveira, Luiz A. Navarro,
Pierluigi Piazzi, Renato da Silva Oliveira,
Christiana Nunes e Silvio Alexandre.*

